

ESTUDOS DAS ESCRITURAS

“A vereda dos justos é como a luz da aurora
que vai brilhando mais e mais
até ser dia perfeito.”

SÉRIE I

O Plano das Eras

Em vindicação do caráter e governo de Deus, ao aceitar as Escrituras em sua totalidade, estabelecendo sua harmonia, demonstrando também que a permissão do mal, tanto no passado como no presente, tem um objetivo educativo e de preparação para que toda a humanidade seja conduzida à PROFÉTICA ERA DE OURO durante a qual todas as famílias da Terra serão abençoadas com um pleno conhecimento de Deus e plena oportunidade de alcançar a Vida Eterna por meio do Redentor, que será então o Grande Restaurador e Doador de Vida.

– Atos 3:19-21

**ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DA BÍBLIA AURORA
DAWN BIBLE STUDENTS ASSOCIATION**

O PLANO DIVINO DAS ERAS

Publicado em inglês em 1886
Primeira edição em português em 1985
Segunda edição em 2003
Terceira edição em 2009

ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DA BÍBLIA AURORA DAWN BIBLE STUDENTS ASSOCIATION

199 Railroad Avenue, East Rutherford, NJ 07073, USA

Abreviaturas das traduções bíblicas citadas ou mencionadas neste livro:

- AL21 – Bíblia Sagrada, Almeida Século 21, 2008, Edições Vida Nova.
ARA – A Bíblia Sagrada, traduzida por João Ferreira de Almeida,
Edição Revista e Atualizada no Brasil, 2ª edição, 1993, SBB.
ARC – A Bíblia Sagrada, traduzida por João Ferreira de Almeida,
Edição Revista e Corrigida de 1995, SBB.
BH – Bíblia Hebraica, 2006, Editora e Livraria Sêfer.
CNBB – Bíblia Sagrada, Tradução da CNBB, 2007, Edições CNBB.
ECA – Almeida, Edição Contemporânea, 1990, Editora Vida.
IBB – A Bíblia Sagrada, Versão Revisada da tradução de João Ferreira de Almeida,
1967, Imprensa Bíblica Brasileira.
KJA – Bíblia King James Atualizada, em português, 2002, Abba Press.
NTJ – Novo Testamento Judaico, 2007, Editora Vida.
NVI – Nova Versão Internacional, 2001, SBI.
TB – A Bíblia Sagrada, Tradução Brasileira, 1917, 2001,
CD-ROM, Bíblia Online, SBB.
VR – Os Evangelhos, Versão Restauração, 1999,
Editora Árvore da Vida.

As citações bíblicas não seguidas de uma abreviatura específica são da versão
Almeida, Corrigida, Fiel (ACF), 2007, SBTB.

Outras abreviaturas:

a. C. - Antes de Cristo / d. C. - Depois de Cristo

Onde houver a indicação “Nota” se refere às notas que foram inseridas nesta
edição em português para maior esclarecimento.

Esta edição está em conformidade com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
que entrou em vigor a partir de Janeiro de 2009.

The Divine Plan of the Ages
Portuguese Language
Printed in the USA

Ao Rei dos Reis e Senhor dos Senhores

NO INTERESSE

— DE —

SEUS SANTOS CONSAGRADOS

QUE ESPERAM A ADOÇÃO,

— DE —

“TODOS OS QUE NO MUNDO

INVOCAM AO SENHOR”,

“A FAMÍLIA DA FÉ”,

— E —

DA CRIAÇÃO QUE GEME, A ESPERA

DA MANIFESTAÇÃO DOS

FILHOS DE DEUS,

DEDICA-SE ESTA OBRA

“Para demonstrar a todos qual seja a dispensação do Mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus.” “Segundo as riquezas da sua graça, que ele derramou profundamente sobre nós em toda a sabedoria e entendimento; e desvendou-nos o mistério (segredo) da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera de fazer convergir em Cristo, todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos.”

Efésios 3:4, 5, 9; 1:8-10 – *ECA*

PREFÁCIO DOS PUBLICADORES

É motivo de grande satisfação que, pela providência divina, foi possível republicar em português esta inestimável chave para a Bíblia, O PLANO DIVINO DAS ERAS. Neste aspecto em especial é pouco o que podemos dizer como representantes do livro a não ser o que ainda não tenha sido dito por muitos de seus apreciadores. Na realidade, aqueles que o conheceram melhor, amaram muitíssimo este livro. O livro tem resistido ao teste do tempo. Primeiramente foi publicado pelo seu Autor há mais de um século, e ainda assim tornou-se num instrumento eficaz para harmonizar as Escrituras. Ele permanece até agora, na opinião de milhares de pessoas no mundo, como o supremo manual de auxílio ao estudo da Bíblia.

Nós o difundimos para o público com uma oração para que o Senhor possa continuar abençoando a sua mensagem - que é a Sua mensagem - ao trazer conforto e alegria para muitos que ainda não possam ter ouvido as alegres novas do Reino Vindouro.

OS PUBLICADORES

PREFÁCIO DO AUTOR

TANTO o Autor como os editores deste livro desejam reconhecer publicamente o favor de Deus por permitir-lhes que sejam identificados com a sua circulação e com os seus resultados — luz, alegria, paz e comunhão com Deus, para muitas almas famintas, sedentas e confusas. A primeira edição desta obra em inglês, em forma de livro, apareceu no ano de 1886. Desde então, em rápida sucessão, tem sido reimpresso no idioma original (inglês) e também em outros 20 idiomas*, até ao nível em que hoje (1916) se encontram cerca de cinco milhões de exemplares nas mãos do público do mundo inteiro.

Não abrigamos a esperança de que todos estes exemplares tenham sido lidos. Não obstante, continuamente recebemos cartas que demonstram a poderosa influência exercida no coração de seus leitores. Milhares nos informam da mudança operada neles; entre os números estão contados alguns que não consideravam a Bíblia como a Revelação Divina para a humanidade. Outros nos escrevem dizendo que eram ateus, ou pouco menos, porque nunca antes haviam conhecido o verdadeiro Deus, nem o seu verdadeiro Plano das Eras, e não podiam aceitar, apreciar, nem adorar as qualidades que, como regra geral, os credos atribuem ao Eterno.

Por mais de cinco anos antes da primeira publicação deste volume, tínhamos praticamente a essência do mesmo, com outro título, e numa forma diferente. Este livro intitulava-se: *Alimento para Cristãos Refletivos* (“*Food for Thinking Christians*”). Seu estilo também diferia, enquanto que primeiramente atacava o erro, e depois de demoli-lo, edificava a Verdade em seu lugar. Logo nos convencemos de que esta não é a melhor maneira, porque alguns se alarmavam ao ver seus erros derrubados, e não prosseguiram na sua leitura o suficiente para poderem observar a

* Até 2008 estava disponível em 32 idiomas.

belíssima estrutura da Verdade que suplantava os erros demolidos.

Então introduzimos este volume, que foi escrito sob um ponto de vista diferenciado. Primeiro apresenta a Verdade, demonstrando seu poder e beleza, e em seguida insinuando a remoção do erro, não somente por ser absolutamente desnecessário, mas, além disso, por ser inútil e nocivo e desta maneira, o leitor de O PLANO DIVINO DAS ERAS encontra a cada passo algo com o qual fortalece sua fé, sentindo maior proximidade com o Senhor, e, por conseguinte, tendo confiança de que marcha pelo caminho reto. Uma vez que a Verdade é discernida, torna-se mais e mais evidente o absurdo dos erros, e quão prejudiciais e sem valor estes são, sendo prazerosamente abandonados em seguida.

Sem dúvida que o grande Adversário não simpatiza com nada que abra os olhos do povo de Deus, que lhes aumente a reverência para com o Livro Divino, e que faça cessar sua dependência dos credos humanos. Portanto, como seria de se esperar, ele se opõe fortemente a este livro. Muito poucos percebem o poder e a sagacidade de Satanás. Muito poucos conseguem compreender o significado das palavras do Apóstolo com respeito a este Príncipe das Trevas, que, para combater a Verdade e destruir sua influência, se transforma em anjo de luz. Muito poucos percebem que nosso astuto Adversário busca maneiras de utilizar os melhores, os mais enérgicos e os mais influentes dentre o povo de Deus, com o propósito de impedir que a luz brilhe e que se mantenha fora do alcance do público O PLANO DIVINO DAS ERAS.

Muitos ignoram que desde o tempo em que se iniciou a elaboração dos Credos, no ano 325 a.C., praticamente não se fazia estudo da Bíblia por um período de 1.260 anos. Poucos têm se inteirado de que durante esse tempo os credos foram enraizados nas mentes de muitos milhões de pessoas atando-os a terríveis erros e cegando-os de tal maneira que não podiam ver o glorioso Divino caráter de Amor, Justiça, Sabedoria e Poder. São poucos os que têm conhecimento que desde a Reforma — quando a

Bíblia começou a voltar às mãos do público — alguns reformadores com muitas boas intenções, mas solenemente enganados, cegados e algemados pelos erros do passado, têm servido por sua vez para manter o povo nas trevas. Poucos sabem que o verdadeiro estudo da Bíblia, tal como era praticado pela Igreja primitiva, nos dias dos apóstolos, está sendo posto novamente em prática apenas pelos Estudantes da Bíblia.

Nas primeiras edições deste livro usávamos o título “*A Aurora do Milênio*” (“MILLENNIAL DAWN”). Quando notamos que alguns se enganaram ao tomá-lo por uma novela ou conto, e para evitar que sob tal impressão alguns o adquirissem, adotamos para a série de volumes o título que agora utilizamos: “ESTUDOS DAS ESCRITURAS”, que não dá margem a enganar.

Foi-nos perguntado por que não se encontra esta obra à venda nas livrarias. A isso respondemos que embora os donos delas com prazer teriam estes livros, não obstante, são ameaçados de boicote por certa classe de fanáticos religiosos, que têm tentado impedir a sua circulação. Isto, à primeira vista, pareceria ser um grande desastre, como se fosse permitido ao Adversário impedir a disseminação da Verdade. Entretanto, Deus de tal maneira maneja o assunto, que hoje em dia, provavelmente, não se encontra outro livro que tenha alcançado uma circulação tão grande e duradoura, como este volume. Os que por causa de seus preconceitos se negavam a lê-lo, e lutavam contra, faziam-no por estar dando crédito às falsidades e às más informações.

Muitos exemplares têm sido queimados por pessoas que, mesmo sem lê-los, cederam a muito do que se diz contra o livro. O mesmo se sucedeu aos seguidores de Jesus que foram martirizados durante a Idade Média. O próprio Jesus sofreu nas mãos daqueles que nem a Ele, nem às suas doutrinas, souberam compreender. Em prova disso, o apóstolo Pedro enfaticamente declara: “Ora, irmãos, eu sei que o fizestes por ignorância, como também as vossas autoridades” (Atos 3:17, ECA); e Paulo acrescenta: “porque, se a conhecessem, nunca crucificariam ao Senhor da glória.” — 1 Coríntios 2:8

Mas, se os inimigos deste livro foram injustos, ferozes e desprovidos da verdade, em contraste, seus defensores são proporcionalmente ardorosos, cheios de zelo e infatigáveis. Os milhões de exemplares que se acham nas mãos do público têm passado quase todos pelas mãos de seus amigos, os quais, por amor à Verdade, dedicam tempo e energia para disseminar sua circulação. É fato conhecido para nós que ao escrevermos estas linhas, aproximadamente seiscentos verdadeiros cristãos de todas as classes sociais, têm ‘deixado para trás’ negócios, carreira e ambições terrestres, com o objetivo de glorificar o nome do Senhor e abençoar aos santos famintos por colocarem este livro em suas mãos. Entre estes estão incluídos doutores, professores de escola, enfermeiras, ministros, mecânicos, barbeiros, enfim, pessoas de todas as classes sociais, cujos corações movidos pelo amor a Deus, estão ansiosos em transmitir a bênção a outros corações e mentes.

Este livro é vendido por um preço tão reduzido, que os colportores encarregados de apresentá-lo ao público podem prover muito pouco para os seus gastos. Não obstante, maior é a sua alegria quando algumas vezes surge a oportunidade de experimentarem privações, sendo deste modo contados dignos de sofrerem inconveniências e necessidades por causa do Senhor, da Verdade e de seus irmãos. A boa obra segue progredindo. A mensagem da Vida em Cristo passa de mão em mão. A atual circulação do livro é enorme. É nosso forte desejo que suas bênçãos no futuro sejam proporcionais às recebidas no passado. O autor e os editores não poderiam pedir mais.

Desejando a verdadeira felicidade a todos os leitores,

Vosso servo no Senhor,

CHARLES TAZE RUSSELL

Brooklyn, New York
1º de Outubro de 1916

CONTEÚDO

Estudo I

A NOITE DO PECADO NA TERRA TERMINARÁ COM UMA MANHÃ DE ALEGRIA

Uma noite de choro e uma manhã de alegria — Dois métodos para se buscar a verdade — O método aqui apresentado — O objetivo desta obra — A diferença entre o estudo reverente das Escrituras e o perigoso costume de especular — O objetivo das profecias — A condição religiosa atual do mundo considerada sob dois pontos de vista — A obscuridade egípcia — O arco-íris da promessa — A vereda dos justos é progressiva — A causa da Grande Apostasia — A Reforma — A mesma causa novamente impede o progresso real — A perfeição do conhecimento não é uma coisa do passado, mas do futuro.....9

Estudo II

ESTABELECIDA A EXISTÊNCIA DE UM CRIADOR SUPREMO E INTELIGENTE

A evidência além da Bíblia, examinada à luz da razão — Uma teoria insustentável — Uma teoria razoável — O caráter de Deus torna-se evidente — Deduções lógicas.....29

Estudo III

A BÍBLIA QUAL REVELAÇÃO DIVINA CONSIDERADA À LUZ DA RAZÃO

As afirmações da Bíblia e suas evidências externas de credibilidade — A sua antiguidade e preservação — A sua influência moral — Os motivos dos escritores — O caráter geral de seus escritos — Os livros de Moisés — A Lei de Moisés — As particularidades do governo instituído por Moisés — Não foi um sistema de embuste sacerdotal — As instruções dadas aos governantes civis — A igualdade dos ricos e dos pobres diante da Lei — Uma salvaguarda para impedir desordens contra os direitos do povo — O Sacerdócio não era uma classe favorecida — A maneira como se sustentava — Os estrangeiros, as viúvas, os órfãos, e os servos protegidos contra a opressão — Os Profetas da Bíblia — Existe um vínculo comum de união entre os livros da Lei, os Profetas e o Novo Testamento? — A razoabilidade dos milagres — A conclusão lógica.....37

Estudo IV

ÉPOCAS E DISPENSAÇÕES MARCADAS NO DESENVOLVIMENTO DO PLANO DIVINO

O Plano de Deus definido e sistematizado — As três grandes Épocas na história do mundo — Os seus aspectos distintivos — “A terra permanece para sempre” — O Mundo Vindouro, os Novos Céus e uma Nova Terra — As subdivisões destas grandes Épocas — Aspectos importantes do Plano de Deus trazidos à atenção — A ordem, uma vez reconhecida, revela a harmonia — Manejando bem a Palavra da verdade.....65

Estudo V

“O MISTÉRIO QUE ESTEVE OCULTO DESDE TODOS OS SÉCULOS, E EM TODAS AS GERAÇÕES, E QUE AGORA FOI MANIFESTO AOS SEUS SANTOS”

- COL. 1:26

A tênue luz da Primeira Promessa — A Promessa feita a Abraão — A esperança adiada — O Mistério começa a revelar-se desde Pentecostes — O que é este Mistério? — Por que foi um Mistério por tanto tempo? — Ainda é um Mistério para o mundo — A seu tempo será manifesto a todos — Cumprir-se-à, então, o Mistério de Deus.....77

Estudo VI

A VOLTA DE NOSSO SENHOR — SEU OBJETIVO, A RESTAURAÇÃO DE TODAS AS COISAS

O segundo advento pessoal e pré-milenar de Nosso Senhor — Sua relação com a primeira vinda — A seleção da Igreja e a conversão do mundo — A eleição e a graça livre — Prisioneiros da esperança — O testemunho profético concernente à restauração — A volta do Senhor é a evidente esperança da Igreja e do mundo.....89

Estudo VII

A PERMISSÃO DO MAL E SUA RELAÇÃO COM O PLANO DE DEUS

Por que foi permitido o Mal? — O bem e o mal como princípios — O sentido moral — Deus permite o mal, e fará com que resulte em bem — Deus não é o autor do pecado — A prova de Adão não foi uma farsa — Sua severa tentação — Ele pecou voluntariamente — A pena do pecado não é injusta e nem demasiado severa — A Sabedoria, o Amor e a Justiça demonstrados ao se condenar todos em Adão — A Lei de Deus é universal.....117

Estudo VIII

O DIA DO JUÍZO

A opinião geral acerca do Dia do Juízo — É bíblica? — Definição dos termos Juízo e Dia — Vários Dias de Juízo mencionados nas Escrituras — O primeiro Dia do Juízo e seus resultados — Outro dia decretado — O Juiz — O caráter do Juízo vindouro — Pontos de semelhança, e diferenças entre o primeiro Juízo e o segundo — A responsabilidade atual do mundo — Dois Juízos intercorrentes e seu objetivo — Opiniões muito diferentes acerca do Juízo vindouro — Como o consideravam os Apóstolos e os Profetas.....137

Estudo IX

O RESGATE E A RESTITUIÇÃO

O Resgate garante a restituição — O que se ganha com o resgate não é a vida eterna, mas a oportunidade de obtê-la — As condições e vantagens desta prova — A necessidade do sacrifício de Jesus — Como a raça humana podia ser e foi redimida pela morte de só uma pessoa — A fé e as obras ainda são necessárias — O salário do pecado voluntário é iniludível — Haverá lugar na terra para os milhões de ressuscitados? — A Restituição versus a Evolução.....149

Estudo X

AS NATUREZAS HUMANA E ESPIRITUAL, SEPARADAS E DISTINTAS

Falsos conceitos comuns — A natureza terrestre ou humana e a celestial ou espiritual — A glória terrestre e a glória celestial — O testemunho da Bíblia referente aos seres espirituais — A mortalidade e a imortalidade — Podem os seres mortais ter vida eterna? — A justiça na concessão dos favores — Um suposto princípio examinado — A variedade na perfeição — Os direitos soberanos de Deus — A provisão de Deus para o homem é satisfatória — A eleição do corpo de Cristo — Como será efetuada a transformação da natureza deles.....173

Estudo XI

OS TRÊS CAMINHOS — O ESPAÇOSO, O APERTADO E O SANTO

O Caminho Espaçoso que conduz à destruição — O Caminho Apertado que conduz à vida — O que é a vida? — A natureza divina — A relação que existe entre a natureza divina e a humana — O prêmio que se encontra no final do Caminho Apertado — A vocação celestial é limitada à Era Evangélica — As dificuldades e perigos do Caminho Apertado — O Caminho Santo.....205

Estudo XII

EXPLICAÇÃO DA TABELA QUE REPRESENTA O PLANO DAS ERAS

As Eras — As Colheitas — Os planos de justificação imputada e efetiva — O proceder do Nosso Senhor Jesus Cristo — O proceder dos seus seguidores — As três classes na igreja nominal — A separação no tempo da colheita — A glorificação da classe unguida — A classe da grande tribulação — A queima do joio — O mundo abençoado — O glorioso resultado.....219

Estudo XIII

OS REINOS DESTE MUNDO

O primeiro domínio — A perda do direito a ele — Sua redenção e restauração — O Reino típico de Deus — O usurpador — As duas fases do domínio atual — Os poderes existentes são ordenados por Deus — A visão de Nabucodonosor acerca deles — A visão de Daniel e sua interpretação — Os Reinos do mundo apresentados sob outro ponto de vista — A relação apropriada da Igreja para com os governos do tempo atual — Um breve exame do Direito Divino dos Reis — As falsas pretensões da Cristandade — O Quinto Império Universal proporciona melhor esperança.....245

Estudo XIV

O REINO DE DEUS

A proeminência do tema — O caráter do Reino — O Reino durante a Era Evangélica — Ideias falsas corrigidas por Paulo — O resultado das falsas ideias acerca do Reino — As duas fases do Reino de Deus — A fase espiritual e sua obra — A fase terrestre e sua obra — A harmonia de suas operações — A glória da fase terrestre — A glória da fase celestial — A Aliança original da qual brotam estas ramificações — A fase terrestre do Reino será israelítica — As tribos perdidas — A Jerusalém Celestial — Israel, um povo típico — A perda e recuperação de Israel — As classes escolhidas — Os herdeiros do Reino — O regime de ferro — Uma ilustração do objetivo do Reino Milenar — Entregue o Reino ao Pai — O plano original de Deus concluído em sua totalidade.....273

Estudo XV

O DIA DE JEOVÁ

“O Dia de Jeová”, o “Dia da Vingança”, o “Dia da Ira” — Um tempo de grande tribulação — Sua causa — O testemunho da Bíblia referente a esse tempo — Evidências de que seu fogo, e o furacão, assim como os abalos e o derretimento, são simbólicos — O testemunho de Davi — O testemunho do Revelador — A situação atual e o prospectivo futuro sob o ponto de vista dos partidos opostos do Capital e do Trabalho — Um remédio que não será eficaz — O erguimento do véu e a difusão de luz precisamente nos tempos oportunos — As provas disto — A condição dos Santos durante a Tribulação, e sua própria atitude a este respeito.....307

Estudo XVI

PENSAMENTOS FINAIS

Nosso dever para com a verdade — Seu preço — Seu valor — Seu proveito.....343

ESTUDOS DAS ESCRITURAS

Estudo I

A NOITE DO PECADO NA TERRA TERMINARÁ COM UMA MANHÃ DE ALEGRIA

Uma noite de choro e uma manhã de alegria — Dois métodos para se buscar a verdade — O método aqui apresentado — O objetivo desta obra — A diferença entre o estudo reverente das Escrituras e o perigoso costume de especular — O objetivo das profecias — A condição religiosa atual do mundo considerada sob dois pontos de vista — A obscuridade egípcia — O arco-íris da promessa — A vereda dos justos é progressiva — A causa da Grande Apostasia — A Reforma — A mesma causa novamente impede o progresso real — A perfeição do conhecimento não é uma coisa do passado, mas do futuro.

O TÍTULO desta série de Estudos - “O Plano Divino das Eras”, sugere uma progressão no arranjo divino, prevista por nosso Deus e ordeira. Cremos que se pode ver que os ensinamentos da revelação divina são tanto belos como harmoniosos, deste ponto de vista e não de qualquer outro. O período no qual o pecado é permitido tem sido para a humanidade uma noite escura que jamais cairá no esquecimento, mas o glorioso dia da justiça e do favor Divino que será inaugurado pelo Messias, o qual como o Sol da Justiça há de se levantar para brilhar plena e claramente em tudo e sobre todos, trazendo saúde e bênção, fará mais que contrabalançar a horrível noite de choro, suspiros, dor, enfermidades e morte, sob a qual por tanto tempo tem gemido a humanidade. “O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã.” — Salmo 30:5

O Plano das Eras

Enquanto geme e está cheia de dores, como que por instinto, toda a criação aguarda, deseja e espera por um tempo melhor, chamando-o de a Era de Ouro. Entretanto, os homens andam às cegas, porque nada sabem dos benéficos propósitos do grande Jeová, e de suas mais elevadas concepções com respeito ao que essa era há de ser e nem sequer se aproximam da realidade. Ele, o grande Criador, prepara “um banquete de coisas gordurosas” que encherá de assombro as suas criaturas, e será excessiva e abundantemente superior a tudo o quanto pudessem de modo razoável pedir ou esperar. Para as suas criaturas, que extasiadas contemplam as grandiosas dimensões do seu amor: a largura, o comprimento, a altura e a profundidade (Efésios 3:18), que excede a toda expectativa, Ele dá a seguinte explicação: “Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, ... Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos.” — Isaías 55:8, 9

Ainda que nesta obra tenhamos por objetivo, e esperamos com êxito, apresentar aos leitores interessados e imparciais o Plano de Deus relacionado com o passado, o presente e o futuro do Seu proceder; e apesar de tentarmos explicá-lo da maneira mais harmoniosa, bela e razoável, segundo o entendimento comum, não obstante, negamos terminantemente que isto seja o resultado de uma sabedoria ou capacidade extraordinária da parte do autor. A luz do Sol da Justiça nesta AURORA DO MILÊNIO é a que revela como “verdade presente” as coisas que aqui são tratadas, e que no momento atual devem ser apreciadas pelos sinceros e puros de coração.

Desde a prevalência do ceticismo, que o mesmo fundamento da verdadeira religião e da verdade com frequência ainda é posto em dúvida pelos sinceros. Temos nos empenhado em destacar a plenitude do fundamento no qual toda a fé deve basear-se - a Palavra de Deus - para que até mesmo o incrédulo tenha confiança e segurança em seu testemunho. Temos procurado fazer isto de tal modo que a própria razão a dite, e aceite como fundamento. Em

Uma Manhã de Alegria

seguida temos nos esforçado a edificar sobre este fundamento, os ensinamentos contidos nas Escrituras, de tal modo, que até onde seja possível, o raciocínio humano se ache em condições de provar os seus fundamentos e ângulos por meio das mais estritas regras de justiça que possa empregar.

Na certeza de que as Escrituras revelam um plano consistente e harmonioso, o qual ao compreendê-lo, recomenda-se por si mesmo a toda consciência santificada, temos empreendido a tarefa de publicar esta obra com a esperança de ajudar aos estudantes da Palavra Divina, apresentando-lhes grupos de ideias que concordam entre si, e igualmente com a Palavra inspirada. Os que reconhecem a Bíblia como a revelação do plano de Deus - e a estes especialmente nos dirigimos - sem dúvida alguma irão concordar que se é inspirada por Deus, os seus ensinamentos tomados em conjunto, devem revelar um plano harmonioso e consistente consigo mesmo e com o caráter do seu Divino Autor. Como pesquisadores da verdade, deveríamos anelar saber tudo, de modo harmonioso e completo, acerca do plano revelado por Deus. E como filhos Seus temos razão para esperar por isso, visto que nos é feita a promessa de que o espírito da verdade nos guiará a toda a verdade. — João 16:13

Dois métodos nos são apresentados ao tratarmos de investigar. Um é o de examinar as opiniões apresentadas pelas várias seitas, e tomar de cada uma delas aqueles princípios que consideramos verdadeiros. Tal tarefa seria interminável. Ao prosseguirmos neste método, nos confrontaríamos com a dificuldade de que se o nosso julgamento estiver um tanto quanto viciado ou torcido, ou se abrigamos certos preconceitos - e quem não os tem? - tais obstáculos nos impediriam de fazer uma seleção correta, e bem poderia ser que escolhêssemos o erro para em troca rejeitarmos a verdade. Além disso, se adotássemos este método perderíamos muito, porque a verdade é progressiva, brilhando mais e mais até ser dia perfeito, para aqueles que a procuram e andam iluminados por ela, enquanto que os diferentes credos das várias seitas são fixos e estacionários, e desde que se formaram, há séculos têm tal caráter. Por adição, cada uma dessas opiniões deve conter uma grande

O Plano das Eras

quantidade de erros, visto que, em alguns pontos importantes, mutuamente se contradizem. Este método não faria outra coisa senão conduzir a um labirinto de perplexidade e confusão. O outro método consiste em despojar nossa mente de toda predisposição, lembrando que do Plano Divino ninguém pode saber mais do que é revelado por Deus em Sua Palavra e que esta tem sido dada aos mansos e humildes de coração. Logo, sentindo-nos desta maneira, e se sincera e ardentemente desejarmos ser guiados somente por ela, seremos ajudados por Seu grande Autor a compreendê-la com maior clareza na proporção em que fizermos uso das várias ajudas providas por Ele (Efésios 4:11-16) e à medida que chegue o tempo designado para entender alguns de seus detalhes.

Com o propósito de ajudar a tal classe de estudantes, esta obra é especialmente preparada. Notar-se-á que suas referências são unicamente das Escrituras, excetuando certos casos em que o testemunho da história universal pode servir para comprovar o cumprimento das coisas preditas nelas. Não tem sido dado valor algum ao testemunho dos teólogos modernos, e têm sido dispensados os assim chamados “Pais da Igreja”. Muitos deles deram testemunho em harmonia com os pensamentos aqui apresentados, mas cremos que é um erro comum deste tempo, assim como em tempos anteriores, aceitar certas doutrinas porque as adotaram outros nos quais temos confiança. Esta é manifestamente uma causa de erro, porque com toda a sinceridade muita gente boa tem acreditado e ensinado erros. (Atos 26:9) Os que se acham em busca da verdade devem esvaziar por completo de seus vasos as águas turvas da tradição para enchê-los na fonte da verdade — a Palavra de Deus. Nenhum ensino religioso deveria ser estimado como tendo algum valor a menos que não guie a essa fonte os sedentos da verdade.

Para um exame geral e breve da Bíblia inteira e de seus ensinamentos, esta obra é demasiado reduzida. No entanto, em vista do espírito de rapidez dos nossos dias, temos procurado ser tão breves conforme a importância do tema parece permitir.

Ao estudante interessado, queremos insinuar-lhe que será inútil recorrer ligeiramente às páginas deste livro, esperando assim formar

Uma Manhã de Alegria

uma ideia correta de quão convincente e harmonioso é o plano sugerido, e das evidências bíblicas aqui apresentadas. Em todo caso temos procurado expor os vários fragmentos da verdade de uma maneira e ordem tais, que toda classe de leitores se ache em condições de discernir claramente o tema e o plano geral. Para que possam ser apreciadas devidamente quaisquer das ciências, se requer um estudo minucioso e ordenado, e este requisito jamais deveria ser passado por alto no que diz respeito ao estudo da ciência da revelação Divina. Nesta obra tal necessidade se duplica devido ao fato de que além de se tratarem de verdades divinamente reveladas, o tema é examinado a partir de um ponto de vista totalmente diferente ao de qualquer outra obra que conhecemos. Não vamos nos desculpar por tratarmos de muitos assuntos geralmente descuidados pela maioria dos cristãos, entre outros a Vinda de nosso Senhor e as profecias e simbolismos, tanto do Antigo como do Novo Testamento. Nenhum sistema teológico que ignore ou omita os mais proeminentes aspectos dos ensinamentos bíblicos, jamais deveria ser apresentado ou aceito. Apesar de tudo, abrigamos a esperança de que nossos leitores se darão conta de que existe uma vasta diferença entre o estudo sincero, sóbrio e reverente das profecias e demais Escrituras, à luz dos fatos históricos cumpridos, e com o objetivo de alcançar conclusões que o sentido comum santificado possa aprovar, em contraste com a prática demasiado comum de especular em toda matéria, a qual quando se aplica à profecia divina, é muito propensa a dar rédeas soltas a teorias extravagantes e fantasias fúteis. As pessoas que adquirem este perigoso costume geralmente se tornam profetas (?) em vez de estudantes dos profetas.

Não há tarefa tão nobre e que enobreça tanto como o estudo reverente dos propósitos revelados por Deus — “coisas [que] os anjos desejam bem atentar”. (1 Pedro 1:12) O fato de que a Divina sabedoria nos fornece profecias acerca do futuro, declarando também certas coisas acerca do presente e do passado, em si mesmo, é uma reprovação da parte de Jeová para a necessidade que alguns de Seus filhos sentem de se desculpar de sua ignorância e descuido da Palavra dizendo: “Há o suficiente no capítulo cinco de

O Plano das Eras

Mateus para salvar a qualquer homem.” Não devemos supor que as profecias foram unicamente dadas para satisfazer a curiosidade acerca do futuro. Seu objetivo evidentemente é o de dar ao filho consagrado de Deus o conhecimento dos planos de Seu Pai, e assim assegurar seu interesse e simpatia em tais planos, pondo-o também em condições de entrever, tanto o presente como o futuro, a partir do ponto de vista Divino. Ao estar desta forma interessado na obra de Deus, poderá servir com o espírito e com o entendimento, e não simplesmente como servo, mas antes, como filho e herdeiro. A este, a revelação do que há de ser, lhe ajudará a contrabalançar a influência do que agora é. Um estudo cuidadoso, de modo imprescindível, se reverterá em confirmação da fé e servirá de estímulo à santidade.

Ignorando o plano de Deus para recuperar o mundo do pecado e de suas consequências, e sob a falsa impressão de que a igreja nominal, em sua condição presente, é o único agente apto para cumprir tal tarefa, depois de ter sido pregado o Evangelho por cerca de dezenove séculos, a condição do mundo hoje em dia não poderia despertar nada menos do que sérias dúvidas na mente de toda pessoa ponderada tão erroneamente informada. E tais dúvidas não são fáceis de serem dissipadas com algo menos do que a verdade. Para todo observador pensativo, um dos dois motivos tem que ser evidente: Ou a igreja tem cometido um grande erro ao supor que na era presente e em sua condição atual tem sido comissionada para converter o mundo, ou o Plano de Deus tem sido um terrível fracasso. Então, que termo deste dilema aceitará? Muitos têm aceitado, e sem dúvida muitos mais, optarão pelo último, e como consequência passarão, secreta ou abertamente, a engrossar as fileiras da incredulidade. Um dos objetivos deste livro é o de ajudar aos que sinceramente tropeçam desta maneira.

Na página dezesseis apresentamos um diagrama, publicado pela “Sociedade Missionária de Londres”, e mais tarde nos Estados Unidos por uma junta missionária com o título “Um chamamento mudo em favor das missões estrangeiras”. Triste história se descreve ali da obscuridade na qual o mundo vive, e da absoluta

ignorância em que se encontra do único nome debaixo do céu, dado entre os homens, no qual devamos ser salvos.

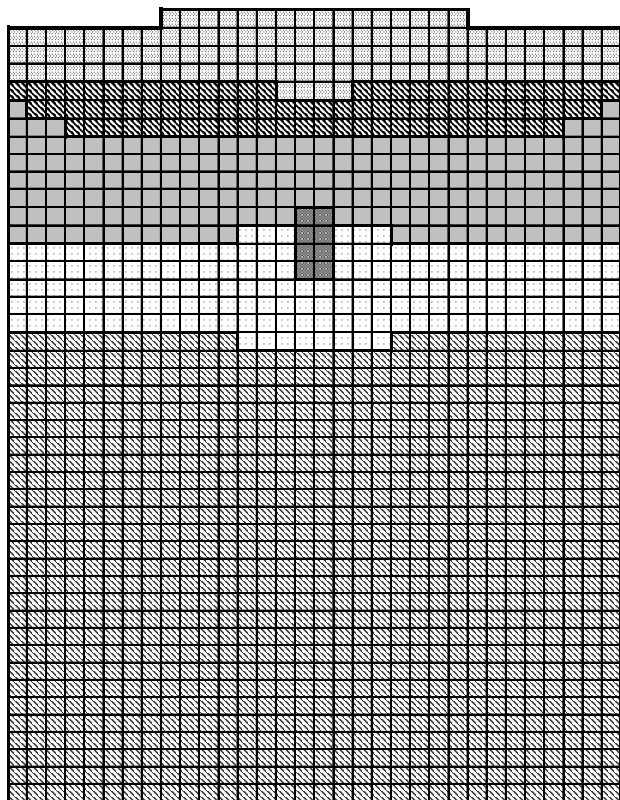
“The Watchman” — um periódico de Chicago, EUA, editado pela “Y. M. C. A.”, publicou este mesmo diagrama e comentou:

“Muito confusas e indefinidas são as ideias de alguns com respeito à condição espiritual do mundo. Ouvimos falar de gloriosos avivamentos em nossa pátria e no estrangeiro; de novos esforços missionários em várias direções; de um país após outro que abre suas portas ao Evangelho, e de grandes somas dedicadas à sua difusão; assim chegamos a crer que estão sendo feitos os esforços necessários para se conseguir a evangelização das nações da Terra. A população do mundo hoje é calculada [no ano de 1886] em 1.424.000.000 de habitantes [veja nota na página 16]. Ao estudarmos o diagrama veremos que muito mais da metade deste número, quase dois terços, todavia, são *pagãos na sua totalidade*; de resto a maior parte são seguidores de Maomé, ou membros dessas grandes igrejas apóstatas, cuja religião praticamente é uma idolatria cristianizada e das quais, a duras penas, pode se dizer que têm e ensinam o Evangelho de Cristo. Ainda quanto aos 116 milhões de protestantes nominais, devemos lembrar que uma grande parte na Alemanha, Inglaterra e nos Estados Unidos tem caído na infidelidade — uma obscuridade talvez mais profunda que a do próprio paganismo — e muitos se encontram cegados pela superstição, e outros sepultados na mais extrema ignorância. Vemos, pois que enquanto oito milhões de judeus rejeitam continuamente a Jesus de Nazaré, mais de trezentos milhões que levam o seu nome têm apostatado de sua fé; outros se inclinam reverentes diante de Maomé, e o grande restante da humanidade até hoje são adoradores de efigies de pedra, de estátuas, de seus antepassados, de heróis mortos e até do próprio Diabo! Todos de uma maneira ou de outra adoram e servem à criatura em lugar do Criador, o qual é Deus sobre todos, bendito eternamente! Não é isto tudo o suficiente para afligir o coração de todo cristão refletivo?”

Certamente, este é um quadro triste! Ainda que as partes sombreadas do diagrama representem as diferenças entre pagãos, maometanos e judeus, todos estes são igualmente ignorantes acerca

DIAGRAMA (Publicado com o livro em 1886)

Mostrando o número total de habitantes do mundo e sua proporção ao classificá-los de acordo com a religião.



Pagãos	Maometanos	Judeus	Católicos Romanos	Católicos Gregos	Protestantes
856	170	8	190	84	116
Milhões	Milhões	Milhões	Milhões	Milhões	Milhões

Nota: A obra *Almanaque Abril 2009* comenta que no ano de 2008, a população da Terra atingiu 7,6 bilhões de habitantes, e que deste número cerca de 1.314.000.000 eram muçulmanos, 1.119.000.000 eram católicos romanos, 870.100.000 eram hindus, 378.800.000 eram budistas, 358.000.000 eram protestantes, 219.500.000 eram ortodoxos e 15.100.000 eram judeus. (pp. 274, 334, Editora Abril, 2009)

Uma Manhã de Alegria

do conhecimento de Cristo. O primeiro impulso de muitos será o de imaginar que este quadro com referência à proporção de cristãos é demasiado sombrio e por demais exagerado, mas pensamos o contrário disto. Este quadro mostra o cristianismo nominal nas melhores cores possíveis. O número de 116.000.000 representados como sendo protestantes, supera em muito a realidade. Ao nosso modo de ver 16.000.000 expressariam com mais exatidão o número de membros *adultos* declarados que compõem as suas igrejas, e tememos que um milhão seja um cálculo demasiado liberal do “pequeno rebanho”, dos “santificados em Cristo Jesus”, que “não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito”. Deve-se também ter em mente que uma grande parte dos membros das igrejas incluídos nas estatísticas são jovens e menores de idade. Este é especialmente o caso nos países europeus, em muitos dos quais os jovens, desde sua mais tenra infância, são contados como membros da Igreja.

Mas ainda que este quadro pareça sombrio, não é mais angustiante do que o apresentado pela humanidade caída. O diagrama trata apenas das gerações agora vivas. Quão tenebrosa parece a cena ao considerarmos que seis mil anos passados, século após século, tem presenciado o desfile de grandes multidões que, quase em sua totalidade, se achavam na mesma ignorância e pecado! Vendo as coisas sob o ponto de vista geral, o quadro é verdadeiramente funesto.

Os vários credos atuais ensinam que todos estes bilhões de seres humanos estão marchando rapidamente para os “tormentos eternos”, pelo fato de não terem conhecido o único nome debaixo do céu, dado entre os homens, no qual devamos ser salvos; e isto não é tudo, mas também ensinam, que desses 116.000.000 de protestantes, com a exceção de uns poucos santos, alguns com certeza terão o mesmo destino. Não é de admirar, pois, que aqueles que creem em tais coisas tão terríveis acerca dos planos e propósitos de Jeová tenham tanto zelo em promover empreendimentos missionários; o que admira é que seu zelo não chegue a frenesi. Crer em semelhantes doutrinas e realmente

O Plano das Eras

apreciar tais conclusões seria privar a vida de todo prazer e trocar pela amargura toda brilhante perspectiva da natureza!

Para demonstrar que não exageramos a opinião “ortodoxa” com respeito à sorte dos pagãos, citaremos as últimas palavras do panfleto intitulado “Um chamamento mudo em favor das missões estrangeiras” no qual foi publicado o diagrama: “Evangelizai as enormes gerações, estes milhões de almas, que nos países pagãos, cerca de 100.000 por dia morrem com o desespero de quem não conhece a Cristo.”

Mas ainda que sob o ponto de vista dos credos humanos esta seja uma perspectiva funesta, as Escrituras indicam uma mais brilhante, que estas páginas têm o propósito de apresentar. Instruídos pela Palavra, nos negamos a crer que o glorioso plano de Salvação idealizado pelo Criador tenha sido ou possa ser um fracasso. Um grande alívio será para o filho perplexo de Deus ao dar-se conta de que o profeta Isaías predisse este mesmo estado de coisas junto com o seu remédio, pois ele disse: “Porque eis que as trevas cobriram a terra, e a escuridão os povos; mas sobre ti o SENHOR [Jeová] virá surgindo, e a sua glória se verá sobre ti. E os gentios [as nações da terra em geral] caminharão à tua luz”. (Isaías 60:2, 3) Nesta profecia, as trevas que agora cobrem a terra, são contrabalançadas pelo arco-íris da promessa: “E os gentios [as nações da terra em geral] caminharão à tua luz”.

A contínua escuridão e miséria do mundo, e o lento progresso da verdade, tem sido não somente um mistério para a Igreja, mas também o mundo tem sentido e se tem dado conta de sua condição. Como a escuridão que envolveu o Egito, esta pode ser apalpada. Em evidência disso, note o espírito das seguintes linhas copiadas de um periódico de Filadélfia [EUA], as quais deixam transparecer que os raios da luz da verdade divina, emanando da Palavra de Deus, não haviam ainda dissipado da mente do escritor a dúvida e a obscuridade intensificadas pelos diferentes e divergentes credos das várias escolas [teológicas]:

“A Vida! Grande mistério! Quem dirá
Que necessidade tem Deus deste pobre barro?
Formado por sua mão com grande habilidade —
Mente, matéria, alma e tenaz vontade;

Uma Manhã de Alegria

Nascido apenas para morrer: destino certo — a morte.
Então aonde, oh! Para onde vai este alento fugaz?
Ninguém de todas as incontáveis multidões,
Que viveu, sofreu por longo tempo e morreu,
Ninguém de todas as incontáveis multidões,
Que viveu, sofreu por longo tempo e morreu,
Voltou para contar o grande desígnio —
Esse futuro, que é o Vosso e o meu.
Pedimos-te, oh Deus! Por algum novo raio
Dê-nos luz para nossa orientação no caminho;
Não baseada na fé, mas na mais clara visão,
Dispersando desta noite as nuvens escuras;
Esta dúvida, este medo, este trêmulo receio;
Este conceito que frustra nossas bênçãos aqui.
Esta mente intranquila, com audácia muda de opinião,
Rejeitando os dogmas do dia
Ensinados por discordantes seitas e escolas,
Aprisionando a razão com suas regras.
Procuramos conhecer-Te como Tu és —
O nosso lugar Contigo — e então a parte
Que desempenhamos neste estupendo plano:
Infinito Criador, e o homem.
Tire esta venda que obscurece a vista;
Ordene de novo: 'Haja luz!'
Revele este mistério do Teu trono:
Na escuridão procuramos o desconhecido.”

A isto replicamos:

Decifrado o mistério pronto dirá
Que alegria tem Deus neste pobre barro,
Formado por sua mão com grande habilidade,
Selado com Sua imagem — mente e vontade;
Nasceu não para morrer — não, um segundo nascimento
Sucede a sentença — “ao pó tornarás”.
Porque Um de toda a imensa multidão
Que viveu, muito sofreu e morreu,
Ressurgiu, e comprovou o grande desígnio de Deus —
Esse futuro, portanto, o Vosso e meu.
Sua palavra revela este novo raio
De luz, para nossa orientação no caminho;
Baseado agora na fé, mas como *visão certa*,
Dispersando desta noite as nuvens escuras:

O Plano das Eras

A dúvida, o medo, o trêmulo receio,
Este conceito que frustra nossas bênçãos aqui.
Agora, Senhor, estas mentes,
Que com audácia mudam de opinião
Rejeitando os dogmas do dia,
Ensinados por discordantes seitas e escolas,
Aprisionando a razão com suas regras,
Possam buscar-Te, e conhecer-Te como Tu és.
O nosso lugar Contigo, e então a parte
Que desempenhamos neste estupendo plano:
Infinito Criador, e o homem.
Afastada a venda, esclarece totalmente
Àqueles que andam na luz do céu
O glorioso mistério do Seu trono
Escondido das Eras, agora então conhecido.

Tal bênção vem agora ao mundo por meio da manifestação dos propósitos divinos e do claro entendimento da Palavra Divina. Confiamos que este livro seja parte dessa bênção e revelação.

Os que querem deixar as meras especulações humanas para, em troca, dedicar tempo ao estudo das Escrituras, não excluindo a razão, a qual Deus nos convida a usar (Isaías 1:18), verão como de uma extremidade à outra dos céus está reluzindo um bendito “arco-íris” da promessa. É um erro supor que indivíduos carecendo de fé e, por conseguinte da justificação, possam compreender claramente a verdade: Esta não é para eles. O salmista disse: “A luz (verdade) difunde-se para o justo”. (Salmo 97:11, ARA) Para o filho de Deus é fornecida uma lâmpada cuja luz, em grande parte, dissipa a escuridão do seu caminho. “Lâmpada para os meus pés é tua palavra, e luz para o meu caminho.” (Salmo 119:105) “Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito.” (Provérbios 4:18) Na realidade, ninguém é justo, porque conforme está escrito: “Não há justo, nem um sequer.” (Romanos 3:10) A classe a qual esse texto se refere é a dos “justificados pela fé”. É unicamente desta classe o privilégio de andar no caminho cuja luz vai brilhando mais e mais - para ver não somente o desenvolvimento atual do Plano de Deus, como também as coisas vindouras. Ainda que seja certo que o caminho de cada crente é luminoso, contudo, a aplicação especial desta expressão é

Uma Manhã de Alegria

aos justos (justificados) como classe. Os patriarcas, os profetas, os apóstolos e os santos do passado e do presente, têm andado nesta luz crescente. E esta luz continuará aumentando além do tempo atual - “até ser dia perfeito”. O caminho é sem interrupção, e sua crescente e contínua luz é o Registro Divino, que ilumina mais e mais à medida que chega o tempo oportuno para o cumprimento das coisas nele escritas.

Portanto, “Regozijai-vos no SENHOR, vós justos”, esperando o cumprimento da Sua promessa. Tão pouca é a fé da grande maioria, que não busca mais luz, que por causa de sua infidelidade e desinteresse é permitido que se assentem nas trevas quando poderiam estar andando em crescente luz.

VEM A MANHÃ

O Espírito de Deus, que tem sido dado para guiar a Igreja à verdade, tomará algumas das coisas que foram escritas para nos fazer compreendê-las. Algo além do que está escrito não necessitamos, porque as Escrituras Sagradas podem nos fazer sábios para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus. — 2 Timóteo 3:15

Ainda que seja uma verdade imutável que, “as trevas cobrem a terra, e a escuridão os povos”, o mundo não há de permanecer para sempre nessa condição. Estamos seguros de que “vem a manhã”. (Isaías 21:12) Assim como Deus agora faz com que o sol natural brilhe sobre justos e injustos, da mesma maneira no Dia Milenar, o “Sol da Justiça” resplandecerá para o proveito de todo o mundo e “trará à luz as coisas ocultas das trevas”. (1 Coríntios 4:5) Dissipará os nocivos agentes do mal para em troca trazer vida, saúde, paz e alegria.

Se examinarmos o passado, veremos então que a luz brilhou de modo muito fraco. As promessas feitas em tempos anteriores eram pouco claras e confusas. Tanto as promessas feitas a Abraão como a outros, que tipicamente foram representados na Lei e nas cerimônias ordenadas ao Israel carnal, foram somente sombras e não deram mais do que uma vaga ideia dos benignos e maravilhosos propósitos do Criador. Ao nos aproximarmos dos dias de Jesus, vemos a luz aumentar. Até então, o auge da

O Plano das Eras

expectativa havia sido de que Jeová levantaria um libertador que salvaria Israel de seus inimigos, exaltando-a sobre todas as demais nações, e que esse povo, na sua condição de influência e poder, seria o instrumento ou canal nas mãos de Deus para abençoar todas as famílias da Terra. A oferta que lhes foi oferecida de serem co-herdeiros no Reino de Deus, no que diz respeito às condições requeridas, foi tão diferente de suas expectativas e tão superficialmente considerado do ponto de vista humano, e tão improváveis as perspectivas de que a classe escolhida conseguisse obter semelhante grandeza, que todos, com a exceção de uns poucos, foram ofuscados quanto à mensagem. Sua obsessão e hostilidade para com ele, naturalmente aumentaram quando, no processo do plano de Deus, chegou o tempo oportuno de divulgá-lo, fazendo-se extensivo convite, para a participação no Reino prometido, a toda criatura debaixo do céu, que por meio do exercício da fé chegasse a ser contada como sendo dos filhos do fiel Abraão, os herdeiros da promessa com ele pactuada.

Quando depois de Pentecostes o Evangelho que Jesus ensinou veio a ser compreendido, a Igreja se deu conta de que as bênçãos para o mundo seriam de caráter permanente, e que para o cumprimento deste propósito o Reino seria espiritual, composto de verdadeiros israelitas, “um pequeno rebanho”, escolhido dentre os judeus e também dentre os gentios, que seria exaltado à natureza e poder espirituais. Esta é a razão pela qual lemos que Jesus “trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o Evangelho”. (2 Timóteo 1:10, ARA) Maior luz ainda tem brilhado desde os dias de Jesus segundo ele mesmo a anunciou dizendo: “Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade; ... e vos anunciará o que há de vir.” — João 16:12, 13

Entretanto, depois que os apóstolos dormiram no Senhor, chegou um tempo no qual a maioria dos membros da Igreja começou a desatender a luz recebida e a buscar a direção de mestres humanos, os quais inflados de orgulho, assumiram títulos e ofícios, começando a exercer o domínio sobre a herança de Deus. Logo, gradualmente surgiu uma classe especial chamada “clero”, que a si

Uma Manhã de Alegria

mesmos se distinguiram e eram tidos como os únicos guias para a fé e prática, à parte da Palavra de Deus, sem contar, porém, com as Escrituras para nada. Desta maneira, por causa do respeito indevido aos ensinamentos de homens falíveis, e pelo descuido da Palavra infalível de Deus, com o tempo se desenvolveu o grande sistema Papal.

Sérios na realidade têm sido os maus resultados produzidos por semelhante negligência da verdade. Como todos sabem, tanto a Igreja como o mundo civilizado, quase que por completo, vieram a ser escravos desse sistema, sendo induzidos a render culto aos credos e tradições humanas. Fora desta escravidão, audaz e bendito esforço pela liberdade da Bíblia foi realizado pelo movimento chamado Reforma. Deus levantou, em defesa de Sua Palavra, valorosos lutadores que foram: Lutero, Zwingli, Melanchthon, Wycliffe, Knox e outros. Todos eles chamaram a atenção ao fato de que o Papado, por meio de seus decretos e dogmas, foi substituindo e deixando de lado a Bíblia. Também apontaram para alguns de seus ensinamentos e práticas errôneos, demonstrando que estes se baseavam em tradições, contrárias à verdade, em oposição à Palavra de Deus. Estes reformadores e seus aderentes eram chamados de protestantes, porque protestavam contra o papismo e sustentaram que a Palavra de Deus era a única norma correta de fé e prática. Durante os dias em que esses movimentos da Reforma tiveram lugar, muitas almas fiéis andaram na luz até ao ponto que então brilhou. Mas desde aquele tempo os protestantes muito pouco têm progredido, devido ao fato de que ao invés de andarem na luz que avança, estacionaram em torno de seus líderes favoritos, dispostos a ver apenas o quanto eles viram e nada mais. Estes têm colocado limites ao seu progresso no caminho da verdade, e dentro deste cerco, junto com a pouca verdade que seus líderes tiveram, tem deixado permanecer uma grande quantidade de erros herdados da Igreja “mãe”. A maioria dos cristãos tem uma supersticiosa reverência por estes credos formulados tantos anos atrás, e supõem que dos planos de Deus não podemos saber mais agora do que souberam os Reformadores.

O Plano das Eras

Este equívoco tem custado caro, visto que à parte do fato de que apenas alguns princípios da verdade foram então recuperados dentre os escombros do erro, constantemente chega o tempo oportuno para o cumprimento e a compreensão de certos aspectos especiais da verdade, cujo conhecimento, por causa das barreiras de seus credos, muitos cristãos têm sido privados. Daremos um exemplo para ilustrar o ponto: Nos dias de Noé foi verdade (e uma que demandava fé da parte dos que então desejavam andar na luz) que chegaria um dilúvio, embora Adão e muitos outros nada souberam acerca dele. A pregação de um vindouro dilúvio estaria agora fora de seu lugar. Não obstante, existem muitas outras verdades que constantemente e a seu tempo se manifestam, e das quais teremos conhecimento, se andarmos na luz da lâmpada. Por conseguinte, podemos dizer que se hoje em dia tivéssemos a luz que brilhou nos séculos passados, e apenas essa, estaríamos comparativamente andando nas trevas.

A PALAVRA DE DEUS COMO UMA DESPENSA

A Palavra de Deus pode ser comparada a uma grande despensa na qual os famintos peregrinos, que transitam pela senda luminosa, encontram sustento em abundância. Ali se encontra leite para as crianças, e alimento sólido para os adultos. (1 Pedro 2:2, Hebreus 5:14) E não só isso, mas, além disso, contém alimento adaptável aos diferentes tempos e condições. Jesus disse também que o servo fiel daria sustento *a seu tempo* para a família da fé - “coisas novas e velhas” do tesouro. (Lucas 12:42; Mateus 13:52) Seria impossível extrair tais coisas de algum credo ou depósito sectário. De cada um deles poderíamos tirar algumas coisas velhas e boas, mas seria impossível extrair algo novo. Tão coberta e misturada com o erro se encontra a verdade nos credos das várias seitas, que sua beleza inata e valor real são bem pouco discerníveis. Os vários credos estão em contínuo conflito e oposição, e como cada um deles pretende basear-se na Bíblia, sua confusão de ideias e evidentes contradições são atribuídas à Palavra Divina. Tal coisa tem dado origem ao provérbio popular de que “a Bíblia é um velho violino no qual pode ser tocada qualquer música”.

Uma Manhã de Alegria

Quão expressivo é o que foi predito a respeito da infidelidade dos nossos dias ocasionada pela interpretação adulterada da Palavra e do caráter de Deus devido às influências das tradições humanas, junto com o desenvolvimento intelectual, que impede muitos de se curvarem em reverência cega e supersticiosa diante das opiniões dos homens, e que demanda uma razão ou prova da esperança que abrigamos. O estudante fiel da Palavra deveria estar sempre pronto para dar a razão da sua esperança. Somente a Palavra de Deus é suficiente para fazer o homem sábio, é proveitosa para ensinar, para repreender, etc., para que “o homem de Deus seja perfeito e *plenamente preparado* para toda a boa obra”. (1 Pedro 3:15; 2 Timóteo 3:15-17, TB) Só esta dispensa contém uma provisão inesgotável de coisas tanto novas como velhas que é “sustento a seu tempo (em tempo oportuno) para a família da fé”. Certamente que ninguém ao crer na declaração das Escrituras de que “a vereda dos justos vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito”, alegará que o dia perfeito veio nos dias de Lutero; e se não tem chegado, todavia, fazemos bem em estar atentos, à nossa lâmpada “como a uma luz que alumia *em lugar escuro*, ATÉ QUE O DIA AMANHEÇA”. — 2 Pedro 1:19

Mas não é suficiente que estejamos no caminho da luz; é absolutamente necessário “*andarmos na luz*”, continuarmos avançando com ela, para que não aconteça que esta, a qual não se detém, passe e nos deixe nas trevas. Com muitos, a grande dificuldade consiste em que estacionam e não avançam na vereda da luz. Boa coisa seria que o leitor tomasse uma Concordância ou Chave Bíblica, e examinasse os textos sob as palavras, *sentar-se* e *deter-se* fazendo o mesmo quanto às suas variantes, e em seguida contrastasse seu significado com o das palavras *andar* e *correr*, notando a grande diferença que há entre elas. Dentre os homens, há os que “jazem em trevas” e se assentam com os “escarnecedores”, andando (ou detendo-se) entre os ímpios, e há outros que andam “na luz” e correm para alcançar o prêmio. — Isaías 42:7; Salmo 1:1; Hebreus 12:1

A perfeição do conhecimento não é uma coisa do passado, mas do futuro - de um futuro muito próximo, segundo cremos; e

O Plano das Eras

enquanto não reconhecermos este fato, não estaremos em condições de apreciar nem de esperar novas manifestações dos projetos ocultos do plano de nosso Pai. É certo que ainda iremos à busca do conhecimento, tanto do presente como do futuro, das palavras dos profetas e dos apóstolos, mas isto não se deve ao fato de que eles entenderam sempre melhor do que nós os planos e propósitos divinos, mas antes pelo fato de que estes foram usados por Deus como instrumentos para - tanto para nós mesmos, como para toda a Igreja durante a Era Cristã - *comunicar* certas verdades com respeito aos Seus planos, tão logo chegava o cumprimento destas verdades. Tal fato é bem comprovado pelos apóstolos. Paulo nos disse que Deus tem dado a conhecer à Igreja Cristã o mistério (segredo) da Sua vontade, segundo o beneplácito, que Nele propôs, mas nunca antes revelado de maneira clara, mas por meio de parábolas obscuras que não puderam ser entendidas até que viesse o tempo oportuno para isto, com o objetivo de que os olhos do nosso entendimento se abrissem para a apreciação da "*vocação celestial*" designada exclusivamente para os crentes da Era Cristã. (Efésios 1:9, 10, 17, 18; 3:4-6) Isto comprova que nem os profetas nem os anjos entenderam o significado das profecias anunciadas. Pedro nos faz saber que quando ansiosamente inquiriam por seu significado, Deus lhes indicou que as verdades encobertas em Suas profecias, não eram para eles, senão para nós, os da Era Cristã. Ele exorta a Igreja a esperar ainda maior graça (favor, bênção) neste sentido, e um maior conhecimento dos planos de Deus. — 1 Pedro 1:10-13

Ainda quando Jesus prometeu à Igreja que esta seria guiada a toda à verdade, é evidente que esta promessa deveria se cumprir de maneira gradual. Apesar de que a Igreja nos dias dos apóstolos estava livre de muitos dos erros que se desenvolveram sob o papado, não podemos crer que tivera um conhecimento tão profundo e claro do Plano de Deus como é possível tê-lo hoje. É também evidente que os vários apóstolos tiveram diferentes graus de perspicácia acerca do Plano de Deus, e, não obstante, *todos os seus escritos* foram dirigidos e inspirados pelo Supremo Criador, sendo este fato tão certo como foram as palavras dos profetas. Para demonstrar suas diferenças quanto ao conhecimento não temos

Uma Manhã de Alegria

mais do que nos lembrar das vacilações de Pedro e dos demais apóstolos, exceto Paulo, quando o Evangelho começou a ser pregado aos Gentios. (Atos 10:28; 11:1-3; Gálatas 2:11-14) A incerteza de Pedro está em notável contraste com a segurança de Paulo, inspirado pelas palavras dos profetas, quanto ao proceder de Deus no passado, e às revelações diretas, recebidas por ele.

Sem dúvida alguma que Paulo recebeu uma quantidade maior de revelações do que qualquer outro dos apóstolos. Acerca destas revelações, não lhe foi permitido dá-las a conhecer à Igreja, como tampouco de maneira clara e completa aos demais apóstolos (2 Coríntios 12:4; Gálatas 2:2). Apesar de tudo isso, podemos apreciar o bem usufruído por toda a Igreja, das visões e revelações dadas a Paulo. Embora não lhe tenha sido permitido que dissesse o que havia visto e nem algo acerca dos detalhes das coisas que sabia com respeito aos mistérios de Deus quanto “aos séculos vindouros”, entretanto, o que viu lhe fez dar às suas palavras força, proteção e profundidade de sentido de tal modo, que à luz dos fatos subsequentes, do cumprimento das profecias, e sob a direção do Espírito, podemos apreciá-las hoje muito melhor do que a Igreja primitiva.

Em confirmação deste ponto de vista correto temos apenas que nos lembrar do último livro da Bíblia - Apocalipse (a Revelação), escrito aproximadamente no ano 96 da Era Cristã. As palavras introdutórias o anunciam como uma revelação especial das coisas antes não entendidas. Isto prova de maneira concludente que, ao menos até então, o Plano de Deus não havia sido plenamente revelado. Ainda hoje em dia esse livro não tem chegado a ser tudo o que seu título implica - uma manifestação, uma REVELAÇÃO. Dos membros da Igreja primitiva é provável que nenhum deles tenha compreendido parte alguma deste livro. Nem mesmo João, que recebeu as visões, provavelmente não se deu conta do sentido das coisas que viu. Ele foi profeta e apóstolo ao mesmo tempo, e como apóstolo entendeu e ensinou o que nesse tempo foi “sustento a seu tempo”. Como profeta expressou coisas que em tempos posteriores haviam de ser “sustento” para o povo de Deus.

O Plano das Eras

Por meio deste livro simbólico, alguns dos santos durante a Era Cristã buscaram conhecer o futuro da Igreja, e sem dúvida alguma que, segundo a promessa (Apocalipse 1:3), grandes foram as bênçãos recebidas pelos que ainda sem poder compreender mais do que uma pequena parte de seus ensinamentos, porém, o liam esforçando-se para entendê-lo. Gradualmente o livro continuou abrindo-se a tais pessoas, e nos dias da Reforma foi uma importante ajuda para Lutero na decisão de que o Papado, do qual ele tinha sido um ministro consciencioso, era realmente o “Anticristo” mencionado pelo Apóstolo, uma história da qual, segundo se pode ver agora, ocupa uma parte bastante proeminente dessa profecia.

Desta maneira, pouco a pouco, Deus manifesta sua verdade e revela as supremas riquezas da Sua graça, e, por conseguinte, maior é a luz que corresponde ao tempo atual do que em qualquer outra época anterior na história da Igreja. “E ainda novas belezas verão, e ainda a luz aumentará”.

A Aurora se Aproxima

Persevera em teu caminho, pobre e débil peregrino,
Fatigado estás agora, mas a aurora se aproxima...
Não vês além, no oriente, belo raio matutino?
Nunca cesses no Teu empenho! A vitória te anima
Dolorosa, da vida, é a noite, mas escuta:
A aurora se aproxima! Já as sombras se desmancham!
Nunca cesses em teu empenho! Nunca cedas na luta!
Pronto chegas ao apogeu; já as alegrias se antecipam.

Pobre e frágil peregrino: Do mal não sejas vencido!
A aurora se aproxima! Já termina esta luta!
Um grande prêmio te espera: Trabalharás com prazer,
Restaurando a terra, dando ao homem a vida.
“Alegria, na esperança”, sempre leve por teu lema;
A aurora se aproxima! Não te arredes, persevera!
“Boas novas de grande alegria”, de teus lábios seja o tema,
Que doce é o repouso, e a sorte que te espera.

Estudo II

ESTABELECID A EXISTÊNCIA DE UM CRIADOR SUPREMO E INTELIGENTE

A evidência além da Bíblia, examinada à luz da razão — Uma teoria insustentável — Uma teoria razoável — O caráter de Deus torna-se evidente — Deduções lógicas.

MESMO do ponto de vista céptico, uma investigação razoável e imparcial do desconhecido à luz do que é conhecido, conduzirá à verdade o raciocinador inteligente e sincero. É evidente que sem uma revelação direta acerca dos planos e propósitos divinos, os homens poderiam apenas aproximar-se da verdade, chegando a conclusões sem fim. Não obstante, deixemos de lado a Bíblia por um momento, e analisemos as coisas sob o ponto de vista único da razão.

Quem a olho nu ou com um telescópio dirige sua visão ao firmamento para nele contemplar a imensidão da criação, sua simetria, beleza, ordem, harmonia e diversidade, e, contudo, ainda duvidar que o Criador de tudo seja infinitamente seu superior tanto em sabedoria como em poder, ou quem sequer por um momento suponha que tudo isto se deve à casualidade, das duas uma: Ou tem perdido a faculdade de raciocínio, ou a desconhece até a ponto de, segundo a opinião da Bíblia, ser considerado como um insensato, (isto é, aquele que não tem raciocínio, ou que não faz uso dele.) “Diz o insensato no seu coração: Não há Deus.” De todas as maneiras, e como deve convir a toda pessoa de inteligência e raciocínio, visto que é verídica a declaração da Bíblia acima, é uma verdade indiscutível que os efeitos devem ser produzidos por causas apropriadas. Sem ir muito longe, vemos que cada planta e cada flor apresenta volumes de testemunho sobre o assunto. Sua

O Plano das Eras

intrincada construção, sua forma e textura tão infinitamente belas, tudo isso nos fala de uma sabedoria e habilidade superiores às humanas. Quão míope é a visão do indivíduo que se jacta de possuir talento e habilidade, e que, todavia admite o absurdo de atribuir simplesmente ao acaso a regularidade, a uniformidade e a harmonia da natureza. Embora reconheça as leis da natureza ao mesmo tempo nega a existência do Autor de tais leis!

Alguns dos que negam a existência de um Criador inteligente alegam que a natureza é o único Deus, e que dela procedem todos os desenvolvimentos das formas animais e vegetais, por meio de um processo de evolução, sem ser ordenado pela inteligência, mas antes, segundo eles, governado pela “lei da sobrevivência do mais apto”.

Tal teoria carece de provas, porque olhando ao nosso redor nos damos conta de que toda criatura é de natureza fixa e que não evolui para uma forma mais elevada. Mesmo aqueles que sustentam tal teoria nunca lograram êxito ao combinar diferentes espécies, e nem produziram uma nova variedade fixa, embora façam repetidos esforços neste sentido. Não pode ser apresentado um só exemplo de uma classe que tenha sido modificada em outra.* Ainda que haja peixes que podem servir-se de suas barbatanas para voar por um momento fora da água, e rãs que cantam, não se tem conhecimento de que se converteram em pássaros. E apesar de que entre algumas criaturas irracionais haja alguma ligeira semelhança com o homem, falta totalmente a evidência de que o homem tenha evoluído de tais criaturas. Mas, ao contrário, as investigações provam que podem ser produzidas diferentes variedades da mesma espécie, mas é impossível combinar as espécies ou fazer com que uma evolua de outra. Pela mesma razão, ainda que o asno e o cavalo sejam parecidos, não podemos dizer que são da mesma família, porque é bem sabido que o produto de seu cruzamento é imperfeito e não pode propagar nenhuma das duas espécies.

* Em benefício de alguns leitores notamos que mudanças tais como a transformação das lagartas em borboletas, não são mudanças de natureza; a lagarta é a larva desabrochada do ovo da borboleta.

Um Criador Inteligente

Seguramente que se uma natureza desprovida de inteligência foi a potência criadora ou evolucionista, o processo seria contínuo e não haveria tal coisa como espécies fixas, pois sem inteligência para dirigir as coisas, nada poderia chegar a ter condições estáveis. A evolução seria hoje um fato, e contemplaríamos os peixes tornando-se pássaros e os macacos tornando-se homens. Se semelhante teoria alega que os seres inteligentes foram criados por um poder desprovido de inteligência, chegamos à conclusão de que é contrária tanto à razão humana quanto à Bíblia.

Uma teoria que apresenta a criação (excetuando o homem) realizada como que através de um processo de evolução, sobre a qual não vemos, em substância, sérias objeções, é a seguinte: Ela afirma que as diferentes espécies atuais são fixas e inalteráveis no que diz respeito à sua natureza e à sua classe, e ainda que a natureza atual possa ser desenvolvida a um grau mais elevado, até à perfeição, as espécies ou naturezas sempre serão as mesmas. Tal teoria assume que nenhuma das espécies fixas foi criada desta forma, mas antes que, em tempos remotos, se desenvolveram na Terra, e por meio de um processo gradual de evolução, foram transformando-se de uma forma em outra. Estas evoluções, sob leis divinamente estabelecidas e nas quais as mudanças de alimento e de clima contribuíram com uma parte importante, continuaram progredindo até que se formaram as espécies fixas que vemos hoje. Mas é impossível que surja alguma mudança nestas espécies porque, segundo todas as aparências, tem sido alcançado o propósito final do Criador a este respeito. Ainda que cada uma das diferentes famílias de plantas e de animais esteja em condições de melhorar, ou de degenerar, nenhuma delas é suscetível de mudança e nem pode produzir outras famílias ou classes. É certo que cada uma delas pode alcançar a perfeição de sua própria natureza fixa, mas depois que o desígnio divino quanto à sua natureza tenha sido cumprido, outras mudanças neste respeito são impossíveis.

Alguns afirmam que as plantas e os animais originais, dos quais procedem as atuais variedades fixas foram extintos antes da criação do homem. Alguns esqueletos e fósseis de animais já desaparecidos e que foram encontrados nas profundezas da superfície terrestre,

favorecem tal ideia. Esta teoria não põe de lado e nem rejeita o que a Bíblia ensina sobre o homem ter sido uma perfeita e direta criação, segundo a imagem mental e moral de seu Criador, não tendo sido desenvolvido por meio de um processo de evolução, provavelmente comum aos demais seres da criação. O ponto de vista anterior não invalida, mas antes, fortalece a afirmação da Bíblia, de que a Natureza, tal qual existe hoje, tem sido ordenada por um Ser Inteligente, que foi a sua causa primária. Concordamos que a razão humana faça seus melhores esforços com o objetivo de trazer à luz os fatos conhecidos quanto às causas efetivas prováveis, e em todo caso dando o devido crédito às leis da natureza, mas jamais deve negar que por trás do mecanismo intrincado desta, se encontra a mão do Seu grande Autor, o sábio e onipotente Deus.

Afirmamos que a existência de um Criador inteligente é uma verdade claramente comprovada. As provas se encontram ao nosso redor, e ainda dentro de nós mesmos. Somos feitura Sua na qual cada faculdade mental e física fala-nos de uma surpreendente habilidade que excede em muito a nossa capacidade de compreensão. Este Ser é também o Inventor e Criador do que chamamos natureza. Afirmamos que Ele ordenou e estabeleceu as leis da natureza, cuja harmonia e ordem de operação, contemplamos e admiramos. O Ser cuja sabedoria forjou o Universo e cujo poder o sustenta e guia, é de fato possuidor de uma sabedoria e poder que incomensuravelmente excedem aos nossos, e é justamente este Ser, que instintivamente honramos e adoramos.

Se Ele não possuísse as qualidades da benevolência e bondade equilibradas com o Seu poder, ao dar-nos conta da existência de tal Deus, Sua onipotência poderia amedrontar-nos. Que Ele possui estas qualidades, é manifesto pelas mesmas evidências comprovadoras de Sua existência, poder e sabedoria. Não somente vemo-nos forçados a chegar à conclusão de que existe um Deus, e que num grau supremo Seu poder e sabedoria superam os nossos, mas, além disso, e exercendo o raciocínio, devemos admitir que a mais grandiosa criação não pode suplantar ao Seu Criador. Assim, concluímos que a maior manifestação de benevolência e justiça da parte do homem, é inferior à do Criador, do mesmo modo que o é a

Um Criador Inteligente

sua sabedoria e poder. Agora, pois, temos diante de nossa visão mental o caráter e os atributos do Grande Criador: Ele é sábio e justo, amoroso e poderoso, e não cabe dúvida que quanto à magnitude, todos os Seus atributos sobrepujam aos de Sua criação mais admirável.

Havendo chegado à conclusão razoável referente à existência e ao caráter de nosso Criador, perguntamos: O que se pode esperar de tal Ser? Ocorre-nos então a resposta de que a posse de tais atributos necessariamente implica em seu exercício e uso. O poder divino precisa pôr-se em ação, e isto, naturalmente em harmonia com a Sua própria natureza: De maneira sábia, justa e benevolente. Independente do modo em que o poder de Deus atue, os resultados finais sempre serão compatíveis com a Sua natureza e caráter, e cada um de Seus passos será aprovado pela Sua infinita sabedoria.

Pode ser concebido um exercício mais razoável do poder do que aquele manifestado na criação de inumeráveis mundos ao nosso redor e na maravilhosa variedade existente na Terra? O que poderia ser mais razoável do que a criação do homem, um ser dotado de raciocínio e juízo, apto para apreciar as obras de Seu Criador e julgar Sua habilidade, Sua sabedoria, Seu poder e Seu amor? Tudo isto é muito razoável, e está em perfeito acordo com os fatos conhecidos por todos nós.

E agora vem a nossa proposição final: Não é razoável supor que esse Ser, infinitamente sábio e bom, havendo feito uma criatura capaz de compreender e apreciar tanto a Ele como ao Seu plano, movido por Seu amor e Sua justiça, satisfizesse os desejos dessa criatura dando-lhe *alguma* REVELAÇÃO? Não seria razoável supor que Deus daria ao homem alguma informação concernente ao objetivo de sua existência e dos planos para o seu futuro? E analisando ao contrário, não seria desarrazoado supor que esse Criador depois de formar criaturas tais como o homem, dotando-o com a faculdade de raciocínio, e desejoso de indagar sobre o futuro, se abstivesse de fazer-lhe alguma revelação com respeito aos Seus planos, desprezando assim seus desejos? Tal conduta seria irracional por não estar de acordo com o caráter que

fundamentalmente atribuímos a Deus. Seria contrário ao proceder de um Ser que se governa pela justiça e pelo amor.

Podemos raciocinar que se a Divina Sabedoria, ao criar o homem, houvesse considerado inadequado conceder-lhe algum conhecimento com respeito ao seu destino futuro e à sua parte nos planos de seu Criador, certamente a Justiça e o Amor Divinos haveriam insistido para que as capacidades deste ser fossem tão limitadas, quanto fosse necessário, para que não estivesse continuamente perplexo e atormentado pelas suas dúvidas, temores e ignorância. Em tal caso, o poder Divino teria efetuado a criação do homem sob tais limitações. O fato de que o homem é capaz de apreciar uma revelação dos planos divinos, tomando em conjunto o caráter que atribuímos ao Criador, é razão suficiente para esperarmos que Deus conceda tal revelação, no tempo certo, e da maneira que sua sabedoria aprove. E considerando o que dissemos anteriormente, se ignorássemos a existência da Bíblia, o senso comum nos induziria a esperar e a estar prontos para receber uma revelação tal qual esta alega ser. Ademais, ao notarmos a ordem e a harmonia da criação em geral, tal como se manifestam na grande procissão de esferas e sistemas planetários, todos estando no seu devido tempo e lugar, isso nos leva a admitir que as irregularidades de ordem secundária, tais como os terremotos, ciclones, etc., são somente indicações de que o conjunto dos diferentes elementos neste planeta ainda não chegou ao seu estado de perfeição. A garantia de que tudo chegará a ser perfeito e harmonioso, tanto na terra como no céu, junto com a explicação do porque não é assim atualmente, não é algo injusto para que o homem as peça e nem para que as conceda o Criador, cuja sabedoria, poder e benevolência tem sido demonstrada. Portanto, devemos esperar que a procurada revelação contenha tal garantia e explicação.

Havendo estabelecido o ponto de vista razoável, de que devemos esperar que haja uma revelação da vontade e do plano divinos no que diz respeito à nossa raça, no estudo seguinte examinaremos o caráter da Bíblia, a qual reivindica ser positivamente tal revelação. De acordo com o que já foi considerado mais acima, se ali é apresentado o caráter de Deus em perfeita harmonia com os

Um Criador Inteligente

ditames do raciocínio, devemos chegar à conclusão de que ela mesma tenha provado ser a revelação de Deus que necessitamos e esperamos, e, deste modo devemos aceitar seu testemunho como tal. Se seus ensinamentos procedem de Deus, ao entendê-los de modo mais pleno, haveremos de encontrá-los em absoluto acordo com o Seu caráter, o qual segundo nos assegura a razão, é perfeito em sabedoria, justiça, amor e poder.

“Curiosas mentes, veem bem distante
E traçam as maravilhas desta criação,
De Deus os passos conhecei,
E dobrai-vos ante Ele, e adoreis.

Estrelas brilham, ó Deus, o saber Teu;
Os céus declaram a glória Tua, ó Senhor!
Palavra Tua vemos e,
Em mais alta glória lemos o Nome Teu.”

Salmo 104:1-24 - TB

Bendize, minha alma, a Jeová.
Ó Jeová, Deus meu, tu és mui grande;
Estás vestido de honra e de majestade,
Tu que te cobres de luz como dum manto,
Que estendes o céu como uma cortina,
És quem põe nas águas as vigas das suas câmaras,
Quem faz das nuvens o seu carro,
Quem anda sobre as asas do vento,
Quem faz dos seus mensageiros ventos,
Dos seus ministros fogo chamejante;
Quem lançou os fundamentos da terra,
Para que não fosse abalada para sempre.
Cobriste-a dum abismo como duma vestidura;
As águas ficaram acima das montanhas.
À tua repreensão fugiram,
À voz do teu trovão puseram-se em retirada
(Elevaram-se as montanhas, desceram os vales),

O Plano das Eras

Para o lugar que lhes tinha preparado.
Puseste-lhes barreiras, para que não ultrapassem,
Para que não tornem a cobrir a terra.
Tu és quem faz sair fontes no vale;
Elas correm entre os montes;
Dão de beber a todos os animais do campo;
Os asnos monteses matam a sua sede.
Junto delas as aves do céu têm o seu pouso,
Dentre a ramagem fazem ouvir o seu canto.
Ele, das suas câmaras, rega os montes;
A terra se farta dos frutos das suas obras.
Faz crescer a relva para o gado,
E a erva para corresponder ao trabalho do homem,
Para fazer sair alimento do seio da terra,
O vinho que alegra o coração do homem,
O azeite que faz reluzir o seu rosto,
E o pão que fortalece o coração do homem.
São saciadas as árvores de Jeová,
Os cedros do Líbano que ele plantou,
Nos quais fazem ninhos as aves;
Quanto à cegonha, a sua morada está nos ciprestes.
Para as cabras monteses são as altas montanhas,
Os penhascos são refúgios para os querogrilos.
Ele fez a lua para marcar as estações;
O sol conhece o seu ocaso.
Tu fazes as trevas, e vem a noite,
Na qual saem todos os animais da selva.
Os leões novos rugem em busca da presa,
E pedem a Deus de comer.
Mal nasce o sol, recolhem-se,
E vão deitar-se nos seus covis.
O homem sai para o seu trabalho,
E para a sua ocupação até à tarde.
Quão numerosas são as tuas obras, Jeová!
Todas elas as fizeste com sabedoria:
Cheia está a terra das tuas riquezas.

Estudo III

A BÍBLIA QUAL REVELAÇÃO DIVINA CONSIDERADA À LUZ DA RAZÃO

As afirmações da Bíblia e suas evidências externas de credibilidade — A sua antiguidade e preservação — A sua influência moral — Os motivos dos escritores — O caráter geral de seus escritos — Os livros de Moisés — A Lei de Moisés — As particularidades do governo instituído por Moisés — Não foi um sistema de embuste sacerdotal — As instruções dadas aos governantes civis — A igualdade dos ricos e dos pobres diante da Lei — Uma salvaguarda para impedir desordens contra os direitos do povo — O Sacerdócio não era uma classe favorecida — A maneira como se sustentava — Os estrangeiros, as viúvas, os órfãos, e os servos protegidos contra a opressão — Os Profetas da Bíblia — Existe um vínculo comum de união entre os livros da Lei, os Profetas e o Novo Testamento? — A razoabilidade dos milagres — A conclusão lógica.

A BÍBLIA é a lâmpada da civilização e da liberdade. Sua influência para o bem da sociedade tem sido reconhecida pelos mais notáveis homens públicos. Estes a têm destacado, embora, na sua maioria, vejam-na através das várias lentes dos credos conflitantes, ao mesmo tempo desvirtuando os seus ensinamentos de modo lamentável. O grande livro antigo tem sido não intencionalmente, mas tristemente caluniado pelos seus apoiadores, muitos dos quais dariam suas vidas por ele; pois ao sustentarem as falsas concepções da verdade recebidas pelas tradições de seus pais, lhe fazem essencialmente mais dano do que os seus próprios inimigos. Pois então que tais pessoas despertem, examinem de novo o seu oráculo, e confundam seus inimigos, desarmando-os!

Sempre que o conhecimento da natureza nos induz a esperar por uma revelação mais completa de Deus do que a oferecida por ela, deveremos estar prontos, como toda mente sensata, para examinarmos as pretensões de qualquer coisa que alegue ser uma

O Plano das Eras

revelação divina, e que apresente evidências externas razoáveis da veracidade de suas alegações. A Bíblia afirma ser tal revelação de Deus, e chega até nós apresentando-nos evidências razoáveis e claramente discerníveis que comprovam a plausibilidade de suas pretensões. Além disso, nos proporciona a razoável esperança de que uma investigação minuciosa trará à luz evidências mais completas e positivas de que ela é, efetivamente, a Palavra de Deus.

A Bíblia é o livro mais antigo tendo sobrevivido aos embates de trinta séculos. Os homens têm procurado, por todos os meios possíveis, desterrá-la da face da terra; a têm escondido; a têm queimado; fez-se da sua possessão um crime passível de morte, e os que tinham fé nela foram o alvo das mais amargas e impiedosas perseguições; contudo o livro ainda existe! Hoje, quando muitos de seus inimigos dormem no sono da morte, e quando centenas de volumes escritos contra ela, para desacreditar e aniquilar sua influência há muito tempo foram esquecidos, a Bíblia fez o seu caminho a passos largos em todas as nações e línguas da terra, com mais de duzentas traduções dela produzidas! [Esta estatística é do ano de 1886. Em 2008, a Bíblia, no todo ou em parte, estava disponível em mais de 2.400 idiomas.] Que este livro tenha sobrevivido por tão longo tempo, apesar dos esforços sem paralelo para desterrá-lo e destruí-lo, é, pelo menos, uma forte evidência circunstancial de que o grande Ser que o livro apresenta como Seu Autor tem sido também o Seu Preservador.

É verdade que a influência moral da Bíblia sempre tem sido e ainda é a melhor. Os que se tornaram estudantes cuidadosos de suas páginas, invariavelmente ascenderão a uma vida mais pura. Outros escritos sobre a religião e várias ciências têm, até certo ponto, feito o bem, enobrecendo e bendizendo a humanidade até certo ponto, mas todos os outros livros em conjunto não foram capazes de trazer à gemente criação a alegria, a paz e as bênçãos que a Bíblia tem proporcionado tanto aos ricos como aos pobres, como também aos instruídos e aos ignorantes. A Bíblia não é somente um livro de leitura, é um livro para ser estudado com cuidado e reflexão, porque os pensamentos de Deus são mais altos do que os nossos pensamentos, e os seus caminhos mais altos do que os nossos

caminhos. Se quisermos compreender o plano e os pensamentos do Deus infinito, devemos empregar todas as nossas energias nesta importantíssima tarefa. Os tesouros mais preciosos da verdade nem sempre se encontram na superfície.

Este livro constantemente destaca e faz referência a um destacado personagem: Jesus de Nazaré, que, segundo afirmam, era o Filho de Deus. Do princípio ao fim, seu nome, seu ofício e sua obra se destacam. Que um homem chamado Jesus de Nazaré existiu e foi alguém notável no tempo indicado pelos escritores da Bíblia, é um fato histórico comprovado à parte das Escrituras, e plenamente confirmado por várias fontes. Que este Jesus foi crucificado porque se tornou ofensivo aos judeus e ao seu sacerdócio, é outro fato estabelecido pela história além das evidências apresentadas pelos escritores do Novo Testamento. Os escritores do Novo Testamento (com exceção de Paulo e Lucas) foram conhecidos pessoais e discípulos de Jesus de Nazaré, cujas doutrinas expõem em seus escritos.

A existência de um livro implica motivos da parte do escritor. Perguntamos então: Que motivo pôde inspirar estes homens a dedicarem todas as suas energias em defesa da causa de tal pessoa? Ele foi condenado à morte e crucificado pelos judeus como um malfeitor, com os mais religiosos dentre eles consentindo e ainda exigindo sua morte, julgando-o indigno de viver. Ao defender a sua causa e promulgar suas doutrinas estes homens enfrentaram desprezo, privações e amargas perseguições com o risco da própria vida, e ainda em alguns casos sofreram o martírio. Admitindo que enquanto Jesus viveu foi uma pessoa notável tanto pela sua vida como pelos seus ensinos, o que poderia motivar alguém a defender sua causa depois de morto, especialmente quando sua morte foi tão ignominiosa? E se supomos que estes escritores inventaram suas narrativas e que Jesus foi apenas o seu herói imaginário ou ideal, depois de haverem proclamado que este era o Filho de Deus, que havia sido gerado de modo sobrenatural, que possuía poderes extraordinários para curar os leprosos, para devolver a visão aos cegos de nascença, para fazer ouvir aos surdos e para

levantar até mesmo os mortos, não seria absurdo supor que homens prudentes concluiriam a história de tal personagem, como de fato o fizeram, narrando que um punhado de inimigos seus o executaram como um criminoso, ao mesmo tempo em que todos os seus amigos e discípulos, incluindo os próprios escritores, fugiram deixando-o num momento tão difícil?

O fato de que a história secular não concorda em alguns pontos com estes escritores, não deveria nos levar a considerar suas declarações como falsas. Os que levantam tal conclusão deveriam destacar e provar os motivos que os escritores teriam para afirmar falsidades. Que motivos puderam incitá-los? Razoavelmente podiam esperar obter alguma vantagem terrestre, fortuna, fama, ou poder? Semelhante suposição se contradiz ao se levar em conta a pobreza dos amigos de Jesus, como também a pouca popularidade de seu herói perante os grandes religionistas da Judéia, em vista do fato de que morreu como malfeitor, e perturbador da paz, sem procurar reputação alguma, não oferecendo fama invejável e prosperidade terrena àqueles que tencionaram restabelecer suas doutrinas. Ao contrário, se este tivesse sido o propósito daqueles que pregaram sobre Jesus, não haveriam desistido dele ao perceberem que isso só lhes causava desonra, perseguição, perda de sua liberdade, açoites e muitas vezes a morte? A razão claramente nos ensina que homens que sacrificaram seu lar, sua reputação, sua honra e sua vida, não vivendo para desfrutar das alegrias atuais, mas antes, o seu principal anelo era o de enobrecer a seus semelhantes e inculcar-lhes a mais elevada forma de moral, não somente foram impulsionados por um motivo, mas que, evidentemente, esse motivo deve ter sido puro, e suas intenções sobremaneira sublimes. A razão também nos indica que o testemunho de tais homens, agindo apenas por motivos puros e nobres, é algo dez vezes mais digno de crédito e de consideração do que os motivos de escritores comuns. Estes homens não eram fanáticos, eram homens de mente sensata e razoável. Em todo caso apresentavam argumentos bem fundamentados em defesa de sua fé e de sua esperança, e

sempre foram perseverantemente fiéis às suas razoáveis convicções.

O que dissemos acima é aplicável também aos vários escritores do Antigo Testamento. Na sua maioria, foram homens notáveis pela sua fidelidade ao Senhor. A história bíblica com muita imparcialidade, ao mesmo tempo em que relata e reprova suas fraquezas e falhas, enaltece também suas virtudes e sua fidelidade. Isto deve surpreender aos que presumem que a Bíblia é uma história inventada com o objetivo especial de amedrontar aos homens por meio da reverência a um sistema religioso. A Bíblia tem uma integridade tal, que marca suas palavras com o selo da verdade. Indivíduos mal intencionados, em seus esforços de fazerem-se parecer grandes homens e, desejando ardentemente apresentar alguns de seus escritos como inspirados por Deus, sem dúvida haveriam descrito seu próprio caráter como irrepreensível e nobre até onde fosse possível. O fato de que a Bíblia não faz uso de tal proceder, é uma evidência *razoável* de que não foi escrita fraudulentamente com o propósito de enganar.

Tendo motivos para *esperar* uma revelação da vontade e do plano divinos, e havendo-nos assegurado de que a Bíblia reivindica ser tal revelação, que foi escrita por homens cujos motivos não podemos impugnar, e que ao contrário somos forçados a elogiar, passemos agora a examinar as qualidades distintivas destes escritos que se dizem inspirados, com o objetivo de verificarmos se seus ensinamentos concordam com o caráter que, de modo razoável, temos atribuído a Deus, e ver se apresentam evidências internas de sua veracidade.

Os primeiros cinco livros do Novo Testamento, e vários do Antigo, são narrativas de fatos conhecidos e testemunhados pelos próprios escritores. Todos podem ver, sem a menor dificuldade, que para simplesmente se dizer a verdade referente a certos assuntos, com os quais eles estavam íntima e plenamente informados, não se exigia uma revelação especial. Não obstante, o fato de que estas histórias de acontecimentos passados estão mutuamente relacionadas com a revelação, e

O Plano das Eras

termos em conta que Deus desejava fazer ao homem essa revelação, são argumentos suficientes para concluirmos, de modo razoável, que Deus supervisionou e arranjou as coisas de tal modo que os sinceros escritores escolhidos para isto foram postos em contato com os acontecimentos necessários. O crédito que podemos dar às porções históricas da Bíblia repousa no caráter e nos motivos de seus escritores. Homens bons não comunicam falsidades. Uma fonte pura não dá águas amargas, e o testemunho unido destes escritores destrói toda a suspeita de que seus autores disseram ou fizeram o mal para que resultasse em bem.

A veracidade de alguns dos livros da Bíblia como os de Reis, Crônicas, Juízes, e outros, não é invalidada nem no mínimo ao se dizer que estes são simplesmente histórias verdadeiras, cuidadosamente preservadas de acontecimentos e pessoas importantes de sua época. Quando nos lembramos que as Escrituras Hebraicas além da Lei e das profecias contêm também história, e que aquelas histórias, genealogias e etc., foram as mais explícitas em detalhar todo tipo de circunstâncias, visto que se esperava o Messias numa linhagem específica de Abraão, vemos aí uma razão para terem sido registrados certos fatos históricos considerados pouco delicados à luz deste século dezanove [também hoje no século 21]. Por exemplo: No desejo de dar um registro claro da origem dos moabitas e amonitas associado ao seu parentesco com Abraão e os israelitas, provavelmente surgiu na mente do historiador a necessidade de dar uma história detalhada de como vieram à existência. (Gênesis 19:36-38) Também é fornecida uma minuciosa genealogia dos filhos de Judá da qual procede o rei Davi, para deste modo, ascendendo até Abraão, indicar a genealogia de Maria mãe de Jesus, e de seu marido José. (Lucas 3:23, 31, 33, 34; Mateus 1:2-16) Sem dúvida alguma que a necessidade de estabelecer essa genealogia era a mais importante, porque desta tribo (Gênesis 49:10), deveria vir o Rei de Israel, o prometido Messias; esse é o motivo dos detalhes minuciosos, que são omitidos em outros casos. — Gênesis 38

Pode haver razões semelhantes ou diferentes para outros fatos históricos registrados na Bíblia dos quais poderemos ver mais tarde a utilidade, e que se esta não fosse uma história real, mas simplesmente um tratado de moral, tais fatos poderiam ser omitidos sem prejuízo algum. Apesar disso, ninguém pode afirmar, razoavelmente, que a Bíblia de algum modo sancione a impureza. É bom nos lembrarmos também que os mesmos fatos poderiam ser um tanto quanto delicadamente narrados em qualquer idioma, e que os tradutores da Bíblia, ainda que fossem bastante conscienciosos para não omitir algum detalhe, não obstante, viveram num tempo em que não havia tanto escrúpulo para escolher expressões refinadas como fazemos hoje em dia. Este mesmo conceito pode ser inferido quanto aos tempos remotos aos quais a Bíblia faz referência e no que se refere à forma de expressão dessas épocas. Certamente que a pessoa mais melindrosa não pode objetar coisa alguma a este respeito em qualquer expressão do Novo Testamento.

OS LIVROS DE MOISÉS E AS LEIS NELES PROMULGADAS

Os cinco primeiros livros da Bíblia são conhecidos com o nome de Livros de Moisés, apesar que eles em parte alguma mencionam seu nome como autor. Que foram escritos por Moisés, ou quando menos, sob sua supervisão, é uma inferência que não carece de fundamento, com o relato de sua morte e enterro tendo sido devidamente adicionados pelo seu secretário. Se não existe a declaração positiva de que estes livros foram escritos por Moisés, nada seria provado em contrário, porque se outra pessoa os tivesse escrito para enganar e defraudar, seguramente teria a pretensão de dizer que foram escritos pelo grande chefe e estadista de Israel, para que pudesse, deste modo, dar uma aparência de verdade à fraude. (Deuteronômio 31:9-27) De uma coisa estamos certos: Moisés tirou os hebreus do Egito e os organizou como nação sob as leis assentadas nestes livros, e de comum acordo, essa mesma nação tem dito, por mais de três mil anos, que estes livros lhes foram dados por Moisés, e que são tão sagrados que nenhum jota e nenhum til se lhes deve alterar, garantindo assim a pureza do texto.

O Plano das Eras

Estes escritos de Moisés contêm a única história fidedigna dentre as histórias existentes, referindo-se à época da qual trata. A história chinesa afirma iniciar com a criação, dizendo que Deus saiu numa canoa, e que com a sua mão tomou um punhado de terra que lançou na água, e que desta maneira formou-se o planeta em que vivemos. Semelhante história está tão desprovida de sentido em sua totalidade, que nem a mente de um menino seria enganada por ela. Porém, em contraste, a narração dada no livro de Gênesis começa com a razoável inferência de que já existia um Deus, um Criador, uma Inteligente Causa Primordial. Não fala de Deus como tendo um princípio, mas sim, fala-nos de Sua obra, do começo e do seu progresso ordeiro numa ordem sistemática: “No princípio criou Deus os céus e a Terra.” Em seguida, passando pela origem da Terra, sem detalhes e nem explicações, prossegue a narração dos seis dias (épocas) nas quais esta foi preparada para o homem. Tal relato é solidamente confirmado à luz da ciência acumulada em quatro mil anos, de tal modo que é mais lógico aceitar a declaração de que Moisés, seu autor, foi divinamente inspirado, em vez de supor que a inteligência de um homem seja superior à inteligência combinada e à investigação do restante da raça humana durante os últimos três mil anos, apoiada por aparelhos modernos e despesas de milhões em dinheiro.

A LEI DE MOISÉS

Examinemos agora o sistema de leis que são encontrados nestes escritos. Certamente eram sem igual nos seus dias e ainda o são neste século dezenove [também atualmente no século 21]. As leis do século atual se acham fundamentadas sobre os princípios da Lei Mosaica, e são na sua maior parte elaboradas por homens que reconheceram a Lei de Moisés como sendo de origem divina.

O decálogo é um sumário de toda a Lei. Estes dez mandamentos abrangem códigos de adoração e moral, que à

vista de todo estudante deveriam destacar-se como coisa assombrosa. Se estes nunca tivessem sido conhecidos antes, e se agora fossem achados dentre as ruínas ou relíquias da Grécia, Roma, ou da Babilônia (nações que surgiram e caíram muito tempo depois que estas leis foram expedidas), seriam reconhecidos como algo maravilhoso senão sobrenatural. A familiaridade com eles, e com as suas exigências, tem gerado uma indiferença considerável para com estes, a tal nível que sua real grandeza é apreciada apenas por uns poucos. Na verdade, estes mandamentos não ensinam nada com referência a Cristo, mas devemos nos lembrar que não foram dados aos cristãos, mas somente aos hebreus, não para ensinar-lhes a fê num resgate, mas para convencer os homens de seu estado pecaminoso e da necessidade de um resgate. Um resumo destes mandamentos foi grandiosamente condensado pelo ilustre fundador do cristianismo nas palavras: “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças.” “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”. — Marcos 12:30, 31

O governo instituído por Moisés diferenciava-se de todos os outros, antigos e modernos, porque afirmava ser do próprio Criador, sob o qual o povo era tido como responsável perante Ele. Suas leis e instituições civis e religiosas eram apresentadas como procedentes de Deus, e como logo veremos, estavam em perfeita harmonia com o que a razão nos indica a respeito do caráter de Deus. O Tabernáculo, no centro do acampamento [ou arraial], tinha em seu lugar “Santíssimo” uma manifestação da presença de Jeová como Rei desse povo, por onde, de um modo sobrenatural, eles recebiam instruções para administrar de maneira correta seus assuntos nacionais. Uma ordem de sacerdotes, que tinha o encargo completo do Tabernáculo, foi estabelecida, e somente por sua mediação se permitia o acesso e a comunhão com Jeová. O primeiro pensamento de alguém com relação a isso, sem dúvida será: “Ah, aí está o objetivo de sua organização: assim como em

O Plano das Eras

outras, os sacerdotes tem governado o povo abusando da sua credulidade inspirando-lhe o temor, para a sua própria honra e proveito!” Um pouco de calma, amigos, não nos precipitemos a fazer deduções! Havendo uma oportunidade tão boa de estudar este assunto por meio dos fatos, não seria razoável tirar conclusões sem apreciá-las. As evidências são inegavelmente contrárias a tal suposição. Os direitos e os privilégios dos sacerdotes eram limitados. Nenhum poder civil lhes foi confiado, sendo privados por completo da oportunidade de fazer uso de seu ofício para impor-se sobre os direitos e as consciências do povo, e o mais notável é que este arranjo foi cumprido por Moisés, um membro da linhagem sacerdotal.

Ao libertar os israelitas do jugo egípcio, na qualidade de representante de Deus, a força das circunstâncias centralizou em suas mãos o governo, convertendo o humilde Moisés num autocrata em poder e autoridade. No entanto, por causa de sua disposição humilde, ele na verdade foi o mais ocupado servidor do povo até a ponto de que sua própria vida extenuava-se pelos cuidados onerosos de sua posição. Então foi inaugurado um governo civil, o que virtualmente, foi uma democracia. Não nos entenda mal: segundo o ponto de vista dos não crentes poderíamos considerar o governo de Israel como uma democracia, mas se o examinarmos à luz de suas próprias pretensões, percebemos que era uma teocracia, isto é, um governo divino, porque as leis da parte de Deus, dadas por meio de Moisés, não permitiam emenda e nem era possível tirar ou acrescentar coisa alguma a esse código. Ao analisar esse governo sob este ponto de vista, concluímos que foi diferente de qualquer outro governo civil anterior ou posterior. “E disse o SENHOR a Moisés: Ajunta-me setenta homens dos anciãos de Israel, que sabes serem anciãos do povo e seus oficiais; e os traráis perante a tenda da congregação, e ali estejam contigo. Então eu descerei e ali falarei contigo, e tirarei do espírito que está sobre ti, e o porei sobre eles; e contigo levarão a carga do povo, para que tu não a leves sozinho.” (Números 11:16, 17 — consulte também os

versículos vinte e quatro a trinta e observará neles um exemplo de sincera humildade e de bom governo.) Moisés, relatando detalhadamente este mesmo incidente, disse: “Tomei, pois, os chefes de vossas tribos, homens sábios e experimentados, e os tenho posto por cabeças sobre vós, por capitães de milhares, e por capitães de cem, e por capitães de cinquenta, e por capitães de dez, e por governadores das vossas tribos.” — Deuteronômio 1:15; Êxodo 18:13-26

Desta maneira, é evidente que o distinto legislador longe de buscar a perpetuação ou aumento de seu próprio poder, ao colocar o governo sob o poder da tribo sacerdotal, que se encontrava diretamente relacionado a ele, restringindo assim os direitos e a liberdade do povo por meio da autoridade religiosa, muito pelo contrário, introduziu o povo numa forma de governo determinada a cultivar o espírito de liberdade. Não se encontra paralelo algum de tal proceder nas histórias de outras nações e governantes. Estes sempre têm procurado seu próprio engrandecimento e aumento de poder. Ainda nos casos em que têm ajudado a estabelecer repúblicas, os acontecimentos posteriores tem demonstrado que o fizeram por conveniência, para poder obter o favor do povo e assim perpetuar seu próprio poder. Qualquer homem ambicioso, encontrando-se nas mesmas circunstâncias que Moisés, impulsionado pelos desejos de dominar, e tencionando perpetuar uma fraude, teria lutado para obter a mais completa centralização do poder em si mesmo e em sua família. Tal tarefa teria sido fácil por estar a autoridade religiosa nas mãos desta tribo, e crendo esta nação, como acreditavam, que por possuírem o Tabernáculo eram governados por Deus. Não devemos supor que um homem competente para formular tais leis, e de governar um povo como esse, fosse tão tacanho de entendimento que não pudesse aperceber-se do rumo que sua tática tomaria. A tal grau estava o governo nas mãos do povo, que apesar do que foi estipulado com respeito às causas difíceis que os governantes não pudessem resolver e que assim seriam trazidas a Moisés, contudo, eles mesmos eram os juízes

que decidiam quais casos deveriam estar sujeitos a Moisés: “E a causa que vos for difícil, fareis vir a mim, e eu a ouvirei”. — Deuteronômio 1:17

A REPÚBLICA DE ISRAEL

Sob este ponto de vista, Israel era uma república cujos oficiais trabalhavam sob uma comissão divina. Para a confusão daqueles que, com falta de conhecimento, afirmam que a Bíblia sancionou e estabeleceu a forma imperial de governo para dominar o povo, em vez de “um governo do povo para o próprio povo”, note que esta forma republicana de governo civil subsistiu pelo espaço de quatrocentos anos. Então, a pedido dos “Anciãos”, foi substituída por um reino, sem a aprovação de Deus que disse a Samuel, sendo naquele devido momento o líder na qualidade de um presidente informal: “Ouve a voz do povo em tudo quanto te dizem, pois não te têm rejeitado a ti, antes a mim me têm rejeitado, para eu não reinar sobre eles.” Samuel, às instâncias de Deus, indicou ao povo como os seus direitos e liberdades seriam desatendidos, e que com tal mudança eles seriam servos. Apesar de tudo isso prosseguiram envolvidos e apaixonados pela ideia popular à exemplo das nações vizinhas. (1 Samuel 8:6-22) Ao considerar o relato do desejo do povo de ter um rei, quem não se impressiona com a ideia de que Moisés, sem dificuldade alguma, poderia ter se estabelecido de modo resoluto como líder de um grande império?

Apesar de que Israel em sua totalidade se constituía numa nação, sua divisão em tribos sempre foi reconhecida depois da morte de Jacó. De comum acordo, cada família ou tribo elegia ou reconhecia certos membros dela como seus representantes ou chefes. Este costume foi continuado mesmo durante sua longa escravidão no Egito. Estes eram conhecidos como chefes ou anciãos, e foi sobre eles que Moisés pôs a honra e o poder do governo civil. Se tivesse desejado centralizar o poder em si mesmo e em sua família, tais indivíduos teriam sido os últimos a quem ele pensaria em honrar com poder e governo.

Uma Revelação Divina

As instruções da parte de Deus que eram dadas aos designados para o governo civil são um modelo de simplicidade e pureza. Na presença dos juízes, Moisés declarou ao povo: “E no mesmo tempo mandei a vossos juízes, dizendo: Ouvei a causa entre vossos irmãos, e julgai justamente entre o homem e seu irmão, e entre o estrangeiro que está com ele. Não discriminareis as pessoas em juízo; ouvireis assim o pequeno como o grande; não temereis a face de ninguém, porque o juízo é de Deus; porém a causa que vos for difícil fareis vir a mim, e eu a ouvirei.” (Deuteronômio 1:16, 17) Esses casos difíceis, depois da morte de Moisés, foram trazidos diretamente a Jeová pelo Sumo Sacerdote, sendo a resposta Sim ou Não pelo Urim e Tumim.

Em vista destes *fatos*, que diremos da teoria que insinua que estes livros foram escritos por sacerdotes mal intencionados com o objetivo de procurar obter influência e poder sobre o povo? Com tais intenções, haveriam estes homens falsificado escritos que precisamente iriam destruir seus objetivos? Teriam procurado propagar tais escritos dando assim provas conclusivas de que o grande chefe de Israel, da tribo sacerdotal, por mandato divino separou o sacerdócio do poder civil e colocou esse poder nas mãos do povo? Pode ser considerada tal conclusão como sendo razoável?

Também, é digno de nota que as leis da mais adiantada civilização do nosso século, não tem sido mais cuidadosas do que aquelas em colocar os ricos e os pobres no mesmo nível, tornando ambos responsáveis diante da mesma lei civil. Nas Leis de Moisés não havia, em absoluto, a mais leve distinção. E no que diz respeito à proteção do povo contra os perigos ocasionados por alguns que chegavam a ser muito pobres e outros excessivamente ricos e poderosos, não tem sido expedida outra lei nacional que guarde tão cuidadosamente este ponto. A Lei Mosaica prescrevia uma restituição a cada cinquenta anos que culminava no Ano do Jubileu. Esta lei, que impedia a alienação absoluta da propriedade, evitava a

O Plano das Eras

consequente acumulação desta nas mãos de alguns poucos. (Levítico 25:9, 13-23, 27-30) Na realidade, eles foram ensinados a respeitarem-se como irmãos, a trabalharem de comum acordo, a ajudarem-se mutuamente sem recompensa, e a não tomarem usura [juros] dos demais. — Êxodo 22:25; Levítico 25:36, 37; Números 26:52-56. Veja na AL21.

Todas as leis eram anunciadas ao público, impedindo assim que homens sagazes perpetuassem com êxito algum desmando forjado por eles contra os direitos do povo. Estas leis eram mantidas tão ao alcance do público, que todo aquele desejoso de copiá-las poderia fazê-lo. E com o objetivo de que os mais pobres e ignorantes também as conhecessem, era dever dos sacerdotes ler essas leis ao povo nas festividades que celebravam a cada sete anos. (Deuteronômio 31:10-13) Pode-se logicamente imaginar que tais arranjos e leis foram o produto de homens maus que tencionaram roubar do povo suas liberdades e sua felicidade? Tal afirmação seria absurda.

Considerando os direitos e interesses dos estrangeiros e dos inimigos, a Lei Mosaica foi trinta e dois séculos mais adiantada, se é que por acaso se encontram algumas leis entre as mais civilizadas nações atuais que se lhe igualem em imparcialidade e benevolência. Lemos: —

“Uma mesma lei tereis; assim será para o estrangeiro como para o natural; pois eu sou o SENHOR vosso Deus.” — Êxodo 12:49; Levítico 24:22

“E quando o estrangeiro peregrinar convosco na vossa terra, não o oprimireis. Como um natural entre vós será o estrangeiro que peregrina convosco; amá-lo-ás como a ti mesmo, pois estrangeiros fostes na terra do Egito. Eu sou o SENHOR vosso Deus.” — Levítico 19:33, 34

“Se encontrares o boi do teu *inimigo*, ou o seu jumento, desgarrado, sem falta lho reconduzirás. Se vires o jumento, daquele que te *odeia*, caído debaixo da sua carga, deixarás

pois de ajudá-lo? Certamente o ajudarás a levantá-lo.” — Êxodo 23:4, 5

Nem mesmo os animais foram esquecidos. A crueldade para com eles era absolutamente proibida tanto para com os seres humanos. Não podia atar-se a boca ao boi quando estava debulhando o grão pela simples razão de que o obreiro é digno de seu alimento. O boi e o jumento, pelo fato de serem desiguais em força e nos passos, não deveriam ser postos juntos para lavrar. Também foi feita provisão para o seu descanso. — Deuteronômio 25:4; 22:10; Êxodo 23:12

O SACERDÓCIO NÃO ERA UMA CLASSE FAVORECIDA

Pelo fato dos levitas serem sustentados com o décimo anual ou os dízimos do produto individual de seus irmãos das outras tribos, alguém poderia afirmar que o sacerdócio foi uma instituição egoísta. Tal fato apresentado desta maneira é um argumento muito na moda entre os cépticos, que, talvez por falta de informação, distorcem uma das mais notáveis evidências de que Deus tomou parte na organização de tal sistema, e que esta não foi a obra de sacerdotes astutos e egoístas. Certamente, não é raro que tal organização se faça destacar nas falsas cores de um sacerdócio moderno, que agora tem buscado impor um sistema parecido, usando o outro como precedente, sem mencionar, as condições sobre as quais foi fundado, e nem o seu método de pagamento.

O sistema de dízimos era baseado sobre a mais estrita equidade. Quando Israel tomou posse da terra de Canaã, os levitas certamente tinham o mesmo direito a uma porção de terra como as outras tribos, mas por mandato direto de Deus nada lhes foi dado, exceto, e como residência, certas cidades espalhadas dentre as diferentes tribos, nas quais serviam em assuntos religiosos. Antes de ser dividida a terra, nove vezes se estipulou esta proibição. Em vez de terra algo equivalente lhes seria dado, e o *dízimo* foi um dispositivo justo e razoável. E isto não é tudo; o dízimo, conforme temos examinado, era

O Plano das Eras

uma dívida justa, não sendo pago como um tributo, mas como uma contribuição voluntária. Nunca foram ameaçados para que dessem a sua parte correspondente, ficando o assunto inteiramente na opção individual e nos ditames de sua consciência. As únicas exortações ao povo sobre este particular são como segue: —

“Guarda-te, que não desampares ao levita todos os teus dias na terra.” (Deuteronômio 12:19) “Porém não desampararás o levita que está dentro das tuas portas; pois não tem parte nem herança contigo [na terra].” — Deuteronômio 14:27

Agora perguntamos: Será razoável supor que esta ordem de coisas foi arranjada por sacerdotes egoístas e ambiciosos? Podemos imaginar que eles mesmos iriam deserdar-se para se submeterem a receber o sustento das mãos de seus irmãos? Não nos ensina a razão justamente o contrário?

Em harmonia com isso, e igualmente inexplicável, a não ser no terreno sobre o qual alegamos que Deus é o autor dessas leis, se acha o fato de que não foi dado lugar a nenhum arranjo especial com o objetivo de honrar o sacerdócio. Em nada fariam os impostores tanto empenho como em tomar certas medidas que conduzissem à reverência e ao respeito a si mesmos, impondo a pena de maldição e de severos castigos a todo aquele que não as acatasse. Mas nada disso aparece: Nem honras especiais, nem reverências, nem imunidade por violência ou insulto. A lei comum não fazia distinção de classes, nem acepção de pessoas, e esta era sua única proteção. Isto é mais notável se tivermos em conta que o tratamento para os servos e os estrangeiros, como também no que diz respeito aos anciãos, foi assunto de legislação especial. Por exemplo: “O *estrangeiro* não afligirás, nem o oprimirás; pois estrangeiros fostes na terra do Egito. A nenhuma *viúva* nem *órfão* afligireis. Se de algum modo os afligires, e eles clamarem a mim, eu certamente ouvirei o seu clamor. E a minha ira se acenderá, e vos matarei à espada; e vossas mulheres ficarão viúvas, e vossos filhos órfãos.” (Êxodo

22:21-24; 23:9; Levítico 19:33, 34) “Não oprimirás o *diarista* pobre e necessitado de teus irmãos, ou de teus estrangeiros, que está na tua terra e nas tuas portas No seu dia lhe pagarás a sua diária, e o sol não se porá sobre isso; porquanto pobre é, e sua vida depende disso; para que não clame contra ti ao SENHOR, e haja em ti pecado.” (Levítico 19:13; Deuteronômio 24:14, 15; Êxodo 21:26, 27) “Diante das câs te levantarás, e honrarás a face do ancião”. (Levítico 19:32; 19:14) Tudo isto foi declarado, mas nada em especial sobre os benefícios para os sacerdotes, levitas, ou de seus dízimos!

As medidas sanitárias da lei, indispensáveis a um povo tão pobre e oprimido por tão longo tempo, e também as limitações e regulamentos referentes aos animais limpos e imundos, que deveriam ser comidos e os que não se deveria comer, são incomparáveis, e junto com outros detalhes seria muito interessante sua discussão se dispuséssemos de espaço para isto. Tal exame provaria que essas leis se encontravam à altura, ou talvez mais avançadas, que as últimas conclusões científicas sobre o assunto. A Lei Mosaica tem também um caráter típico que consideraremos mais adiante, mas já temos visto, conforme uma rápida observação demonstra com evidências esmagadoras, que essa Lei, que constitui o fundamento de todo o sistema da religião revelada, acerca da qual o restante da Bíblia discorre, é verdadeiramente uma demonstração surpreendente de sabedoria e justiça, especialmente quando se leva em conta a sua antiguidade.

À luz da razão, todos devem admitir que não há evidência alguma de que esta Lei tenha sido a obra de homens malvados e astutos, mas pelo contrário, ela corresponde em todo ponto exatamente ao que nos ensina a natureza com respeito ao caráter de Deus. Apresenta evidências de Sua Sabedoria, de Sua Justiça, e de Seu Amor. E por fim, o evidentemente piedoso e nobre legislador, Moisés, nega que as leis sejam obra sua, atribuindo-as a Deus. (Êxodo 24:12; Deuteronômio 9:9-11; Êxodo 26:30; Levítico 1:1) Em virtude do caráter geral

de seus mandamentos ao povo, bem como ao fato de que não deveriam levantar falso testemunho, abominando assim a mentira e a hipocrisia, é razoável supor que tal homem levantaria falso testemunho fazendo passar como divinas suas próprias ideias e leis? Também devemos nos lembrar que estamos examinando os exemplares atuais da Bíblia, e que, portanto, a integridade que a caracteriza é igualmente aplicável aos sucessores de Moisés, porque embora houvesse alguns homens maus entre os seus sucessores, aqueles que buscavam o seu próprio bem estar ao invés do bem estar do povo, não fizeram quaisquer mudanças nas Escrituras Sagradas, que chegaram puras até aos nossos dias.

OS PROFETAS DA BÍBLIA

Examinaremos agora o caráter geral dos profetas da Bíblia e seus testemunhos. Bastante notável é o fato de que, com poucas exceções, os profetas não eram da classe sacerdotal e também que naquele tempo as suas profecias foram, de modo geral, repugnantes tanto para o sacerdócio degenerado e servil, como para o povo inclinado à idolatria. A carga das mensagens dadas por Deus ao povo através dos profetas geralmente reprovava o pecado e anunciava ao mesmo tempo alguns castigos vindouros, embora vez por outra, encontremos promessas de bênçãos futuras para a ocasião em que se purificassem de seus pecados e retornassem ao favor divino. Suas experiências na maior parte não têm nada de invejável: Foram geralmente injuriados, muitos deles postos na prisão, e alguns castigados com a pena de morte violenta. Em confirmação disso leia 1 Reis 18:4, 10, 17, 18; 19:10; Jeremias 38:6; Hebreus 11:32-38. Em alguns casos, somente vários anos após a morte deles é que seu verdadeiro caráter como profetas de Deus chegou a ser reconhecido. Assim, fazemos menção apenas dos escritores proféticos cujas pronunciações afirmam ser diretamente inspiradas por Jeová. É bom lembrar, em conexão com isso, que os sacerdotes não interviram quando a Lei foi dada a Israel. Ela foi dada por Deus ao povo

por intermédio de Moisés (Êxodo 19:17-25; Deuteronômio 5:1-5), e qualquer um que presenciasse uma violação da Lei, tinha a obrigação, bem como o dever, de repreender o pecador. (Levítico 19:17) De modo que todos tinham a autoridade de ensinar e censurar, mas, assim como em nossos dias, a maioria deles estava absorta nos cuidados de seus quefazeres tornando-se deste modo indiferentes, irreligiosos e poucos satisfaziam os requisitos de repreender o pecado e de exortar ao bem. Estes pregadores tanto no Antigo como no Novo Testamento são qualificados como “profetas”. Em seu uso geral, o termo ‘profeta’ significa expositor público, e este termo também se aplica aos mestres públicos da idolatria, por exemplo: os “profetas de Baal” e etc. Veja 1 Coríntios 14:1-6; 2 Pedro 2:1; Mateus 7:15; 14:5; Neemias 6:7; 1 Reis 18:40; Tito 1:12.

Profetizar, no sentido comum de ensinar, se tornou popular por meio de certa classe, que degenerou no farisaísmo, a qual em vez de ensinar os mandamentos de Deus, muito pelo contrário, ensinava as tradições dos anciãos quase sempre em oposição à verdade, desta maneira tornando-se falsos profetas e mestres. — Mateus 15:2-9

Além da grande classe dos chamados profetas, Jeová em diferentes ocasiões escolheu alguns a quem comissionava especialmente para dar mensagens relacionadas às vezes com assuntos imediatos, outras vezes com acontecimentos futuros. Os escritos destes que escreveram e falaram movidos pelo Espírito Santo, são os que agora consideraremos. Com bastante propriedade estes podem ser designados como:

VIDENTES OU PROFETAS DIVINAMENTE COMISSIONADOS

Quando lembramos que estes profetas eram na sua maior parte leigos, não sustentados com os dízimos da tribo sacerdotal, e se acrescentarmos o fato de que frequentemente eram não somente os repreendedores dos reis e dos juizes, mas também dos sacerdotes (embora não reprovassem o exercício do ofício, mas os pecados cometidos pelos que o

desempenhavam), carece de evidências a suposição, feita por alguns, de que estes profetas eram partidários de alguma liga de sacerdotes, ou de alguma outra organização designada, com o objetivo de produzir falsidades em nome de Deus. À luz dos fatos, a razão contradiz tal tipo de suspeita.

Se não encontramos uma base para impugnar as motivações dos vários escritores da Bíblia, mas antes, em todas as suas partes encontramos sinais de veracidade e de justiça, então continuemos a investigar se há alguma conexão ou laço de união entre os registros de Moisés, de outros profetas e dos escritores do Novo Testamento. Se encontrarmos em seus escritos uma linha comum de ideias entretecida na lei, nos profetas e no Novo Testamento, que por sua vez abrange um período de mil quinhentos anos, isto, acrescentado ao caráter dos escritores, será razão suficiente para admitir como verdadeiras suas alegações de que são divinamente inspirados, particularmente se o tema comum de todos eles for sublime e nobre, e estiver em pleno acordo com aquilo que o senso comum santificado nos ensina acerca do caráter e dos atributos de Deus.

A HARMONIA DA BÍBLIA

O resultado do nosso exame é: Um plano, um espírito, um objetivo e propósito ocupam todo o livro. Nas primeiras páginas está registrada a criação e a queda do homem; nas últimas páginas se fala do homem recuperado de sua queda; o restante do livro se dedica a destacar os passos progressivos do Plano de Deus. A harmonia, apesar do contraste, entre os primeiros três e os últimos três capítulos da Bíblia é de uma veracidade surpreendente. Algumas destas partes da Bíblia descrevem a primeira criação, e outras descrevem a mesma criação restaurada ou renovada, sem o pecado e as suas consequências. Certas partes mostram Satanás e o mal entrando no mundo para enganar e destruir, e outras nos mostram esta obra desfeita, o que foi destruído restaurado, o mal extinto e Satanás aniquilado. Já outras partes falam do domínio perdido por Adão, e outras falam deste domínio

restaurado e estabelecido para sempre por Cristo, e a vontade de Deus sendo feita assim na terra como no céu. Os primeiros livros da Bíblia ensinam que o pecado traz consigo a degradação, a vergonha e a morte, e outros destacam que o prêmio da retidão é honra, glória e vida.

Ainda que tenha sido escrita por vários autores, em diferentes épocas e sob várias circunstâncias, a Bíblia não é somente uma coleção de preceitos morais, de sábias doutrinas, e de palavras alentadoras. Não, é muito mais do que isso, pois é também um compêndio filosófico razoável e harmonioso que nos explica a causa do mal que agora há no mundo, nos fazendo ver o seu único remédio e os resultados finais conforme foram contemplados pela sabedoria divina, que viu o fim do plano antes do início de sua execução. Ao mesmo tempo marca a vereda do povo de Deus, sustentando-o e fortalecendo-o por meio das preciosas e grandiosas promessas que a seu tempo se cumprirão.

O ensino que é mantido e desenvolvido através de todas as partes da Bíblia é o mesmo que se encontra em Gênesis, a saber: Que o homem, em seu representante (Adão), foi posto à prova num estado de perfeição original, que ele caiu acarretando como resultado do pecado, as imperfeições, as enfermidades e a morte que agora contemplamos, mas que Deus não o tem abandonado e que por fim o recuperará por meio de um redentor nascido de mulher. (Gênesis 3:15) A necessidade da morte de um redentor como sacrifício pelos pecados do mundo, e de sua justiça para cobrir os nossos pecados, foi indicada na vestimenta de peles dada a Adão e Eva, na aceitação da oferta feita por Abel, em Isaque sobre o altar, em diferentes sacrifícios por meio dos quais os patriarcas tiveram acesso a Deus, e nos instituídos sob a Lei e perpetuados durante a Era Judaica. Os profetas embora entendendo muito superficialmente o significado de algumas de suas palavras (1 Pedro 1:12), mencionam a expiação dos pecados colocando-os sobre uma pessoa ao invés de um animal. E em suas visões proféticas contemplam aquele que

O Plano das Eras

redimiria e libertaria a raça: “Como um cordeiro que é levado ao matadouro”, dizendo que “o castigo que nos traz a paz estava sobre ele”, e que “pelas suas pisaduras fomos sarados”. Eles o pintam como “desprezado, e o mais rejeitado entre os homens, homem de dores, e experimentado nos trabalhos”; e declaram que “o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos”. (Isaías 53:3-6) Predisseram aonde deveria nascer este libertador (Miquéias 5:2) e quando teria de morrer, assegurando-nos que não seria “por si mesmo”. (Daniel 9:26) Mencionam várias peculiaridades referentes à sua pessoa: Nos dizem que seria “justo” e livre de “engano”, da “injustiça” e de qualquer outra coisa digna de morte (Isaías 53:8, 9, 11), que seria vendido por trinta moedas de prata (Zacarias 11:12), que na sua morte seria contado com os transgressores (Isaías 53:12), que não seriam quebrados os seus ossos (Salmo 34:20; João 19:36), e que embora viesse a morrer não seria deixado na morte [seol, hades; IBB], nem o seu corpo experimentaria a corrupção. — Salmo 16:10; Atos 2:31, ARA

Os escritores do Novo Testamento, com clareza e sem dar margem à dúvida, mesmo na simplicidade, dão testemunho do cumprimento de todas estas predições em Jesus de Nazaré, e mostram com raciocínios lógicos que o *preço do resgate* que Ele deu, era necessário, conforme foi predito na Lei e nos Profetas, antes que os pecados do mundo pudessem ser apagados. (Isaías 1:18) Da maneira mais lógica e convincente traçam o plano inteiro, apelando, não aos preconceitos e às paixões daqueles que os escutavam, mas somente à sua razão esclarecida. Também elaboram algumas das exposições mais espantosamente exatas e concludentes que podem ser encontradas. Veja Romanos 5:17-19, e até o capítulo 12.

Não somente indicou Moisés na Lei um sacrifício, mas também destacou o perdão dos pecados e a bênção do povo por meio deste grande Libertador, declarando que seu poder e autoridade seriam maiores do que os seus, mesmo sabendo que este seria “semelhante” a ele. (Deuteronômio 18:15-19) Além disso, podemos ver que o prometido Libertador além de

Uma Revelação Divina

abençoar Israel, do mesmo modo e por meio deste, abençoaria “todas as famílias da terra”. (Gênesis 12:3; 18:18; 22:18; 26:4) Apesar das predisposições dos judeus contra isto, os profetas continuavam no mesmo estilo, declarando que o Messias também seria posto “para luz das nações” (Isaías 49:6; Lucas 2:32), que a ele virão as nações “desde as extremidades da terra” (Jeremias 16:19), que seria “grande entre as nações” o nome Dele (Malaquias 1:11), e que “a glória do SENHOR se manifestará, e toda a carne juntamente a verá.” — Isaías 40:5; 42:1, 7

Os escritores do Novo Testamento alegam possuir uma unção divina que lhes facilita conhecer o cumprimento das profecias referentes ao sacrifício de Cristo. Apesar dos preconceitos da raça judaica, a qual pensava que todas as bênçãos eram limitadas ao seu próprio povo (Atos 11:1-18), muito bem puderam compreender que além de ser abençoada sua nação, também junto com eles e por meio deles, seriam benditas todas as famílias da terra. Perceberam também que antes da bênção de Israel e do mundo um “pequeno rebanho” seria escolhido dentre os judeus e gentios, cujos membros, depois de serem provados, seriam achados dignos de serem co-herdeiros da glória e da honra desse GRANDE LIBERTADOR, participando com ele da honra de abençoar a Israel e a todas as demais nações. — Romanos 8:17

Estes escritores destacam a harmonia de tal ideia com o que está escrito na Lei e nos Profetas, e a grandeza e a amplitude do plano que eles apresentam, supera em todos os sentidos a mais elevada concepção do que tal plano pretende ser: boas “novas de grande alegria, que o será para todo o povo”.

A perspectiva de que o Messias, além de Israel, regerá o mundo inteiro, é sugerida nos livros de Moisés e é o tema de todos os profetas. Nos ensinamentos dos apóstolos a ideia deste reino encontra um lugar destacado, e o próprio Jesus nos ensinou a orar dizendo: “Venha o Teu reino”, prometendo também uma participação nesse reino aos que primeiro

sofressem por causa da verdade provando assim serem dignos de participar nele.

Esta esperança do glorioso reino vindouro deu coragem a todos os fiéis para suportar, até a morte, todas as perseguições das quais se tornaram objeto e para sofrerem as reprovações, privações e todo tipo de perdas. Na grande profecia alegórica que finaliza o Novo Testamento, tanto o digno “Cordeiro, que foi morto” (Apocalipse 5:12), bem como os vencedores dignos que se tornarão reis e sacerdotes em seu reino, são fielmente descritos, juntamente com as provas e obstáculos que precisam vencer para serem dignos de obter tal reino. Também são introduzidas representações simbólicas das bênçãos que este reinado Milenar trará ao mundo, quando Satanás for preso, quando a tristeza e a morte adâmica forem extintas, e quando todas as nações da terra passarem a andar na luz do reino celestial simbolizado pela Nova Jerusalém.

Do princípio ao fim, a Bíblia sustenta a doutrina, não encontrada em nenhuma outra parte, e em oposição às teorias de todas as religiões pagãs, de que a vida futura para os que tem deixado de existir virá por meio de uma **RESSUREIÇÃO DOS MORTOS**. Todos os escritores inspirados expressam sua confiança em um redentor, com um deles declarando que “na manhã” quando Deus os chamar da sepultura, sairão, e os maus não hão de ser os que regerão a terra, porque “os retos terão domínio sobre eles na manhã”. (Salmo 49:14) A ressurreição dos mortos é ensinada pelos profetas. Sobre ela os escritores do Novo Testamento baseiam todas as suas esperanças de bênçãos e vida futuras. Paulo se expressa como segue: “E, se não há ressurreição de mortos, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé... E também os que dormiram em Cristo estão perdidos... Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, e foi feito as primícias dos que dormem. ... Porque, assim como todos morrem em Adão,

assim também todos serão vivificados em Cristo.” — 1 Coríntios 15:13-22

Da mesma maneira que um relógio, cujas muitas engrenagens à primeira vista podem parecer supérfluas, embora até as mais lentas sejam indispensáveis, a Bíblia, composta de muitas partes e preparada por muitos escritores, forma um conjunto harmonioso e completo. Nenhuma de suas partes é supérflua, e mesmo quando algumas tomam um lugar mais ativo e destacado do que outras, não obstante, todas elas são úteis e essenciais. Hoje em dia entre os chamados “grandes teólogos”, e “pensadores avançados” têm chegado a estar na moda o ridicularizar ou se passar por alto a muitos dos milagres do Antigo Testamento, qualificando-os de “contos de velhas” ou de “fábulas”. Entre os milagres se encontram os relatos de Jonas e o grande peixe, Noé e a arca, Eva e a serpente, a parada do sol sob o comando de Josué e o incidente da jumenta de Balaão que falou. Aparentemente, estes homens sábios não estão inteirados de que a Bíblia está tão bem entretecida e tão bem unidas as suas partes, que negar tais milagres ou desacreditá-los equivale a destruir e desacreditar tudo. Se o relato original é falso, aqueles que o repetiram foram impostores ou enganados, e em qualquer caso seria impossível aceitar seu testemunho como inspirado por Deus. Ao eliminar da Bíblia os milagres mencionados, seriam invalidados os testemunhos dos principais escritores dela, inclusive o de nosso Senhor Jesus. A história da queda é atestada pelo Paulo (Romanos 5:17), e este também atesta o engano de Eva pela serpente. (2 Coríntios 11:3; 1 Timóteo 2:14 — Veja a referência que nosso Senhor faz a isto em Apocalipse 12:9 e 20:2) A parada do sol durante a destruição dos amorreus, como demonstração do poder divino, evidentemente tipificava o poder que se exibirá no “dia do SENHOR” por aquele a quem Josué tipificava. Isto é confirmado por três profetas. (Isaías 28:21; Habacuque 2:1-3, 13, 14 e 3:2-11; Zacarias 14:1, 6, 7) O relato com referência a uma jumenta que falou é confirmado por Judas (versículo 11)

O Plano das Eras

e por Pedro (2 Pedro 2:16). Jesus o grande Mestre, confirma a narrativa de Jonas e o grande peixe, o mesmo ocorrendo quanto ao relato de Noé e o dilúvio. (Mateus 12:40; 24:38, 39; Lucas 17:26; também 1 Pedro 3:20) Realmente, estes milagres não são maiores que os realizados por Jesus e seus apóstolos, tais como a transformação da água em vinho, a cura de enfermidades e etc., e quanto aos milagres, a ressurreição dos mortos é o mais maravilhoso de todos.

Estes milagres, ainda que nunca tenham sido presenciados por nós, ocorrem diariamente ao nosso redor, mas visto que são os mais comuns, os deixamos passar inadvertidamente. A reprodução do organismo vivente, tanto animal como vegetal, se encontra *muito além da nossa faculdade de entendimento* e de poder, e, portanto, é um milagre. Podemos ver o exercício do princípio da vida, mas não somos capazes de entendê-lo e nem de reproduzi-lo. Plantamos duas sementes juntas; as condições, ar, água e terreno, são as mesmas; logo *crescem* , mas não podemos dizer *como* , nem tampouco o mais sábio filósofo pode explicar esse milagre. Estas sementes desenvolvem organismos de tendências opostas; uma delas produz uma planta que se arrasta, a outra, uma planta que cresce para cima e ereta, e apesar de serem as condições iguais, diferenciam-se em forma, cor, flores e produto. Tais milagres tornam-se algo comum para nós, no momento em que deixamos o assombro da infância, deixando assim de considerá-los como extraordinários. Estes, não obstante, manifestam um poder que excede ao nosso, e sobrepuja a nossa inteligência limitada, e o mesmo ocorre quanto os poucos milagres registrados na Bíblia, realizados com objetivos especiais, e como ilustrações intencionais da onipotência, e da habilidade do grande Criador para vencer cada obstáculo que impede o cumprimento de Sua vontade, mesmo no que se refere à prometida ressurreição dos mortos, ao extermínio do mal, e ao resultante domínio perpétuo da justiça.

Daremos por concluída a nossa pesquisa. A razão foi usada como pedra de toque para provar cada passo. Descobrimos que há um Deus, um Criador inteligente e supremo no qual, em perfeita harmonia, se reúnem a sabedoria, o amor, a justiça e o poder. Percebemos que seria razoável esperar a revelação de Seus planos feita a Suas criaturas para que pudessem apreciá-los e viessem a se interessar por eles. Descobrimos que são dignas de consideração as afirmações que dizem ser a Bíblia essa revelação. Examinamos seus escritores e seus possíveis objetivos, à luz do que eles ensinaram. Estamos admirados, e a *razão* nos tem feito deduzir, que tal sabedoria combinada com a pureza de motivação não foi o produto de homens astutos com fins egoístas. A razão nos indica como sendo mais provável que semelhante retidão, benevolência de sentimentos e leis provêm de Deus e não dos homens, insistindo que estas não podem ter sido tramadas por sacerdotes mal intencionados. Vimos a harmonia dos testemunhos referentes a Jesus, seu sacrifício expiatório, a ressurreição, e todas as bênçãos que o glorioso reino vindouro trará. A razão nos leva à conclusão de que um plano tão grandioso e tão amplo, excedendo a tudo aquilo que podíamos esperar e edificado sobre deduções tão razoáveis, deve ser de fato o aguardado Plano de Deus. Não pode ser simplesmente uma invenção humana, porque mesmo depois de revelado pode ser dito que é demasiado sublime para ser crido pelos homens.

Quando Colombo descobriu o rio Orenoco, alguém disse que havia encontrado uma ilha. Ele replicou: “Semelhante rio não pode vir de uma ilha. Esta torrente poderosa deve estar recebendo as águas de um continente.” Assim, a profundidade, a força, a sabedoria e o alcance dos testemunhos da Bíblia nos levam a convicção de que não foi o homem, mas o Deus Todo-Poderoso, o autor de seus planos e de sua revelação. Apenas de modo rápido temos examinado as evidências externas de sua origem divina, e temos achado seu testemunho de acordo a razão. Os estudos seguintes desdobrarão as diferentes partes do Plano de Deus, e confiamos que toda pessoa sincera há de

O Plano das Eras

encontrar neles amplas evidências de que a Bíblia é uma revelação divinamente inspirada, e de que a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do plano descrito nela, gloriosamente refletem o caráter divino até hoje vagamente compreendido, mas agora, mais facilmente distinguido à luz da aurora do Dia Milenar.

Paz e Boa Vontade

No silêncio de uma formosa noite
Um anjo, aos pastores visitou;
De grande alegria, lhes deu boa nova:
“Em Belém tem nascido o Salvador.”

“Glória a Deus, nas alturas!”
Cantou o coro celestial;
“Paz na terra; entre os homens
De boa vontade”.

* * * * *

Tem-se passado os anos, e na terra
O mal floresce, não se encontra paz;
E parece que o homem se compraz
Em demonstrar má vontade.
“Glória a Deus, nas alturas!”
Ainda é canto angelical;
Mas acrescentam: Pobre terra!
Que má vontade!

* * * * *

No meio da dor e de lágrimas,
Buscando em Sua Palavra a razão,
Achamos os anjos a cantar
Um futuro dia de bênção.

Já assomam, desse Dia, as alvoradas;
Ali, Aquele que o anjo anunciou,
Revestido de glória, e com poderes,
Cumprirá sua missão de Salvador.

“Glória a Deus, nas alturas então!”
Em união com esse coro celestial,
Os homens satisfeitos cantarão
Sua boa vontade mostrarão.

Estudo IV

ÉPOCAS E DISPENSAÇÕES MARCADAS NO DESENVOLVIMENTO DO PLANO DIVINO

O Plano de Deus definido e sistematizado — As três grandes Épocas na história do mundo — Os seus aspectos distintivos — “A terra permanece para sempre” — O Mundo Vindouro, os Novos Céus e uma Nova Terra — As subdivisões destas grandes Épocas — Aspectos importantes do Plano de Deus trazidos à atenção — A ordem, uma vez reconhecida, revela a harmonia — Manejando bem a Palavra da verdade.

ASSIM como alguns em sua ignorância não conseguem julgar o talento e nem a perícia de um arquiteto por meio de uma obra dele inacabada, do mesmo modo agora muitos, em sua falta de conhecimento, julgam mal a Deus por causa de Sua obra não concluída. Porém, depois que houverem sido demolidos e removidos os escombros do grande andaime do mal, o qual se permitiu que fosse erguido para a disciplina do homem, e que por fim será utilizado para o bem, será declarada por todo o universo, por meio da *obra concluída* de Deus, a infinita sabedoria e poder do seu Autor. Do mesmo modo, os seus planos serão encarados como estando em plena harmonia com Seu glorioso caráter.

Sempre que Deus nos informa que tem um determinado propósito, e que todos estes serão cumpridos, como filhos Seus, nos compete examinar quais são esses planos com o objetivo de nos harmonizarmos com eles. Notemos a ênfase com que Jeová declara a firmeza dos Seus propósitos: “O SENHOR dos exércitos jurou, dizendo: Como pensei, assim sucederá, e como determinei, se efetuará.” “Porque o SENHOR dos exércitos o determinou; quem o invalidará?” “Eu sou Deus, e não há outro Deus, não há outro semelhante a mim; ... O meu conselho será firme, e farei toda a

O Plano das Eras

minha vontade; ... Assim o disse, e assim o farei vir; eu o formei, e também o farei.” (Isaías 14:24, 27; 46:9-11) Portanto, apesar de parecerem casuais ou misteriosos os procedimentos de Deus para com os homens, os que creem no testemunho de Sua Palavra se veem obrigados a admitir que Seu plano original e inalterável, tem prosseguido até agora, e continuará progredindo de uma maneira sistemática até a sua conclusão.

Enquanto a humanidade em geral tropeça em meio às trevas da ignorância, tendo que esperar até que o Plano de Deus possa ser discernível de modo claro e antes que possa ser percebido o glorioso caráter do Divino Arquiteto, os filhos de Deus usufruem o privilégio de ver, por meio da fé e da luz de sua candeia, as glórias preditas acerca do futuro, e assim, deste modo, podem compreender os misteriosos processos do passado e do presente. É assim que, como filhos de Deus e herdeiros da herança prometida, cheios de interesse, recorreremos à Palavra com o objetivo de entender os Seus propósitos, por meio dos planos e especificações ali apresentados. Notamos ali que o plano de Deus, no que se refere ao homem, abrange três grandes períodos de tempo, começando com a criação do homem e chegando até o futuro ilimitado. Pedro e Paulo designam estes períodos como “três mundos”, os quais apresentamos no seguinte diagrama:

GRANDES ÉPOCAS CHAMADAS “MUNDOS”



Estas três grandes épocas representam três manifestações distintas da Providência Divina. A primeira, desde a criação até o

Épocas e Dispensações

dilúvio esteve sob a administração dos anjos, e Pedro a chama de “O MUNDO DE ENTÃO”. — 2 Pedro 3:6

A segunda grande época, desde o dilúvio até o estabelecimento do reino de Deus, está sob o governo limitado de Satanás, “o príncipe deste mundo”, e, portanto, é chamado de “PRESENTE MUNDO MAU”. — Gálatas 1:4, CNBB [‘presente era perversa’, NVI]; 2 Pedro 3:7

A terceira época será “um mundo sem fim” (Isaías 45:17), sob a administração divina. Será o Reino de Deus, e é chamada de “O MUNDO VINDOURO — no qual habita a justiça”. — Hebreus 2:5, AL21; 2 Pedro 3:13

O primeiro destes períodos ou “mundos”, sob a administração dos anjos, foi um fracasso. O segundo sob o governo de Satanás, o usurpador, tem sido verdadeiramente “um mundo mau”. Mas o terceiro será uma era de justiça e bênçãos para todas as famílias da Terra.

Os dois últimos destes “mundos” são mais particularmente mencionados, e o que é dito em relação a estes revela um grande contraste. O atual ou segundo período é designado como sendo “o presente mundo mau”, não porque não haja nada de bom nele, mas porque é permitido que o mal predomine. “Ora, pois, nós reputamos por bem-aventurados os soberbos; também os que cometem impiedade são edificados; sim eles tentam a Deus, e escapam.” (Malaquias 3:15) O terceiro mundo ou época é mencionado como sendo “O MUNDO VINDOURO — *no qual habita a justiça*”, não porque não haverá nenhum mal nele, mas porque este não predominará a partir de então. A extinção do mal será gradual, necessitando-se para isso da totalidade dos primeiros mil anos. O mal já não regerá, não prosperará, e não será o mau quem florescerá, mas “florescerá o justo” (Salmo 72:7), o obediente, “do melhor da terra comerá” (Isaías 1:19, ARA), e “os malfeitores serão desarraigados [exterminados, ARA]”. — Salmo 37:9

Deste modo, a dispensação seguinte será tão diferente que, em quase todos os aspectos, há de ser o reverso da atual. As palavras do Senhor mostram porque haverá tanta diferença entre a atual

O Plano das Eras

dispensação e a futura. É porque o Senhor vai ser o Príncipe ou governante do mundo vindouro, e em vista disso, a justiça e a verdade nele prosperarão. Entretanto, por Satanás ser o príncipe deste mundo, o mal prospera e o pecado floresce. Isto se dá porque, conforme Jesus disse: “o príncipe deste mundo”, “nada tem em mim” — e, por conseguinte, não tem interesse pelos seus seguidores, salvo no que se refere para lhes mostrar oposição, para tentá-los e atormentá-los. (João 14:30; 2 Coríntios 12:7) — por este motivo neste presente mundo mau ou época atual, todos os que desejarem viver piedosamente padecerão perseguições, enquanto que o ímpio espalha-se como a erva verde. — 2 Timóteo 3:12; Salmo 37:35

Jesus disse: “O meu reino não é deste mundo”, de modo que o reino de Cristo não governará a Terra até que *chegue* a era ou “mundo vindouro”. Por este reino nos ensinou a esperar e orar: “Venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade na terra”. Satanás é “o príncipe deste mundo”, e, portanto: “Trevas cobrem a terra e densas trevas as nações”. Ele agora governa, e atua nos corações dos filhos da desobediência. — Efésios 2:2; 6:12

Deve haver alguma parte muito importante no plano do Grandioso Arquiteto, para a salvação do homem, ainda não completamente desenvolvida. Se não fosse assim, o novo príncipe e a nova dispensação há muito tempo já haveriam sido introduzidos. O fato de ter sido proposto para um tempo designado, e o modo pelo qual será efetuada a mudança do atual domínio do mal sob Satanás, para um domínio de justiça sob Cristo, são pontos de extrema importância que iremos tratar de modo mais amplo adiante. No momento, é suficiente dizermos que os reinos do mundo, agora sujeitos a Satanás, no seu devido tempo, virão a ser de nosso Senhor e do Seu Cristo. (Apocalipse 11:15) O contexto indica que esta mudança será efetuada num tempo de ampla crise. Com referência a isto, Jesus disse: “Pois ninguém pode entrar na casa do valente e roubar-lhes os bens

Épocas e Dispensações

sem que primeiro o amarre; então lhe saqueará a casa.” (Marcos 3:22-27, AL21) Isto nos ensina que Satanás será primeiramente amarrado, será deposto e que sua influência lhe será suprimida, antes que seja estabelecido o reino de Cristo, o reino de paz e de justiça. Por conseguinte, a tarefa de prender a Satanás será a primeira obra da nova dispensação. — Apocalipse 20:2

Devemos nos lembrar que a base de todos estes “mundos” e dispensações é a Terra na qual vivemos, e mesmo que passem as eras e as dispensações mudem, não obstante, “a Terra permanece para sempre”. (Eclesiastes 1:4) Fazendo uso da mesma figura, Pedro chama a cada um destes períodos independentes de céus e terra. Neste caso, a palavra *céus* simboliza os poderes dominantes mais elevados ou espirituais, e a *terra* simboliza os governos humanos e os arranjos sociais. Em conformidade com isso, os primeiros céus e terra, ou a ordem e arranjos que então existiam, tendo cumprido o seu propósito, terminaram com o dilúvio. No entanto, nem o céu físico (o firmamento e a atmosfera), nem a terra física passaram, mas antes, ainda permanecem. Assim também o presente mundo (os céus e a terra) passará com grande estrondo, fogo e dissolvência, ou seja: confusão, tribulação e dissolução. O “valente” (Satanás) ao mesmo tempo em que for amarrado fará empenho em reter o seu poder. A ordem ou arranjo atual dos governos e das condições sociais é que passarão, mas não a terra e nem os céus físicos. Os *céus* de agora (os poderes do domínio espiritual) darão lugar aos “novos céus”, ou seja, o governo espiritual de Cristo. A *terra* de agora (a sociedade humana que se acha atualmente organizada sob o domínio de Satanás) será (simbolicamente) fundida e dissolvida no começo do “dia do SENHOR”, “abrasador como fornalha”. (Malaquias 4:1, AL21) Ela será substituída por “uma nova terra”, que será a sociedade humana reorganizada em harmonia com o novo Príncipe da terra, Cristo. Quando os arranjos atuais tiverem sido sucedidos pelo novo e melhor reino, cuja base será a estrita justiça, então a equidade, a paz e o amor hão de prevalecer entre os homens.

O Plano das Eras

Paulo teve uma visão referente à nova dispensação, ou, como ele a chama, o “mundo vindouro”. Informa-nos que foi “arreatado” (não pode dizer se foi física ou mentalmente, ou de ambos os modos, porque as coisas pareciam reais à sua vista) através do curso dos tempos até a nova ordem de coisas, “os novos céus”, “o terceiro céu”. Sob tal condição viu as coisas como hão de estar ordenadas sob o domínio espiritual de Cristo, coisas sobre as quais não lhe foi permitido que falasse. (2 Coríntios 12:2-4) Sem dúvida, estas foram as mesmas coisas que João viu depois, as quais lhe foi permitido que as tornasse conhecidas à Igreja, embora tenham sido em *símbolos* e que somente seriam compreensíveis ao chegar o devido tempo para isso. Na revelação que lhe foi dada pelo nosso Senhor na ilha de Patmos, João foi levado em visão através desta Era Cristã com suas mudanças de igreja e de estado até o final do presente mundo mau ou época atual. Logo em seguida, por meio de visões, presenciou o aprisionamento de Satanás, viu o Cristo reinando, e o estabelecimento de um novo céu e uma nova terra, visto que já haviam passado o primeiro céu e a primeira terra. — Apocalipse 21:1

ERAS OU DISPENSAÇÕES

Agora iremos notar as eras em que estas grandes épocas estão subdivididas, conforme ilustrado no diagrama abaixo:



A primeira destas grandes épocas (“mundos”) não foi subdividida. Durante todo esse tempo, desde a queda de Adão até o dilúvio, não mudou o proceder de Deus para com a humanidade. Deus deu ao homem sua lei, escrita na sua própria natureza. Com o objetivo de que o homem se apercebesse de sua

Épocas e Dispensações

insensatez e para que a sabedoria de Deus, ao exigir a obediência absoluta, fosse discernível a todos, até certo ponto deixou que o homem seguisse, depois que pecou, seu próprio caminho, o qual sempre foi tomando um rumo descendente. Esta dispensação finalizou no dilúvio, por meio do qual todos, menos Noé e sua família, foram destruídos. Desta maneira, a primeira dispensação manifestou os desastrosos efeitos do pecado, e nos fez ver ao mesmo tempo, que a tendência do pecado é que ele tome um rumo descendente conduzindo somente à maior degradação e miséria. Além disso, provou que a intervenção de Jeová é necessária se há de ser efetuada a recuperação do “que se havia perdido” — o estado original do homem.

A segunda época, ou “o mundo de agora”, inclui três eras, cada uma delas sendo um degrau no plano de Deus para a extinção do mal. Cada passo é mais elevado que o precedente, levando o plano adiante e cada vez mais próximo de sua conclusão.

A terceira grande época, ou “mundo vindouro”, que é contado a partir da segunda vinda de Cristo, abrange a Era Milenar ou “os Tempos da Restituição”. Em sucessão há outras “eras vindouras”, cujas particularidades não nos são reveladas. As revelações que nos são dadas tratam da recuperação do homem do estado de pecado, mas não se referem à eternidade da glória vindoura.

A primeira era no “mundo de agora” a designamos como sendo a dispensação ou ERA PATRIARCAL, porque durante este período os tratos e favores de Deus foram apenas para com uns poucos indivíduos, sendo quase que por completo ignorado o restante da humanidade. Estes favorecidos foram os patriarcas: Noé, Abraão, Isaque e Jacó. Por sua vez, cada um destes parece ter sido o favorecido de Deus. Com a morte de Jacó, este modo de tratar ou era terminou. Neste momento é que os seus descendentes pela primeira vez foram chamados de “as doze tribos de Israel”, e foram em conjunto reconhecidos por Deus como seu “povo escolhido”, e por meio de seus sacrifícios típicos chegaram tipicamente a ser uma “nação santa”, separada

O Plano das Eras

das demais nações com um objetivo especial, e que por causa disso, passaria a desfrutar de certos favores especiais. A época marcada para este aspecto do plano divino, começando neste ponto e terminando com a morte de Cristo, denominamos de a ERA JUDAICA ou a Dispensação da Lei: Durante este tempo Deus abençoou esse povo de modo muito extraordinário. Deu-lhes o Tabernáculo cuja luz sobrenatural no Santíssimo representava a presença de Jeová entre eles como seu Guia e Rei. Enviou-lhes os profetas, e finalmente o seu Filho. Jesus lhes apresentou seus milagres e ensinou no meio deles, mas ele nunca foi, e nem permitiu que seus discípulos fossem para as nações circunvizinhas. “Não ireis pelo caminho dos gentios, nem entrareis em cidade de samaritanos; mas ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel.” (Mateus 10:5, 6) Em outra ocasião disse: “Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.” (Mateus 15:24) Que este favor nacional terminou quando eles negaram e crucificaram a Jesus, é comprovado pelas suas próprias palavras cinco dias antes da sua morte: “Eis que a vossa casa vos ficará deserta.” — Mateus 23:38, ARA

Nesse tempo, com a morte de Jesus, uma nova era começou, a saber: a ERA CRISTÃ, ou DISPENSAÇÃO EVANGÉLICA, na qual haveriam de ser proclamadas as boas novas de justificação, não só aos judeus, mas também a todas as nações, porque Cristo, pela graça de Deus, havia provado a morte por todos. Durante a Era Evangélica também tem existido uma classe chamada para desfrutar de um favor especial, e para a qual são feitas promessas especiais. Tal classe é composta por aqueles que, pela fé, aceitam a Cristo Jesus como seu Redentor e Senhor, e que seguem seus passos. Por dezenove séculos [em 2009, vinte e um séculos] a proclamação do Evangelho tem percorrido a terra de um lado a outro, a tal grau que se pode dizer que tem sido pregado em quase *toda nação*. Não tem convertido as nações, porque este não é o seu objetivo nesta era. Pelo contrário, e como Jesus predisse, têm servido para escolher alguns aqui e outros ali, ao todo um “pequeno rebanho”, a quem o Pai agradou-se em dar-lhes o Reino na era que se seguirá à atual. — Lucas 12:32

Épocas e Dispensações

Com esta Era Evangélica termina “o presente mundo mau”, e devemos notar que embora Deus permita o predomínio e reinado do mal, aparentemente em detrimento de sua causa, porém, seus profundos desígnios têm continuado a progredir de acordo com seu plano fixo e definido, e na ordem exata dos tempos que havia determinado. Ao concluir esta era e no amanhecer da seguinte, a Era Milenar, Satanás será preso, e seu poder será destruído como preparação para o estabelecimento do Reino de Cristo e do início do “mundo vindouro, no qual habita a justiça”.

A palavra Milênio significa mil anos e comumente é usada para designar o período que é mencionado em Apocalipse 20:4 — os mil anos do reino de Cristo, a primeira era do “mundo vindouro”. Durante a Era Milenar será realizada a restauração de todas as coisas perdidas por causa da queda de Adão (Atos 3:19-21), e toda lágrima será enxugada antes que seja derramada. Para ainda mais além de seus limites, nas eras de felicidade que se seguirão, não haverá mais morte, nem haverá mais pranto, nem lamento, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas. (Apocalipse 21:4) As revelações de Deus não fornecem mais pormenores e assim preferimos nos calar.

Tivemos até aqui um mero vislumbre do esboço deste plano das eras. Quanto mais o examinarmos, mais descobriremos sua perfeita harmonia, beleza e ordem. Cada era tem que cumprir a sua parte necessária para o desenvolvimento completo do Plano de Deus em conjunto. O plano é progressivo e se desenvolve gradualmente de era em era, para frente e para o alto, até chegar à consumação do desígnio original do Divino Arquiteto, “que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade”. (Efésios 1:11) Nenhum destes períodos é uma hora mais longo ou mais curto do que o necessário para o cumprimento de seu objetivo. Ainda que seus recursos sejam infinitos, Deus é um sábio economista no que se refere aos tempos e aos meios, e nenhum poder, não importa quão maléfico seja, poderá retardar ou impedir Seus propósitos nem sequer por um momento. Sob Sua supervisão e predomínio todas as coisas boas e más, cooperam juntamente para o cumprimento da vontade de Deus.

O Plano das Eras

Para uma mente não disciplinada, que não possui as orientações necessárias, e que só consegue perceber uma pequena parte do mecanismo intrincado do plano de Deus, este plano pode lhe parecer caótico, confuso como se houvesse fracassado, precisamente do mesmo modo como pareceria a um menino a totalidade ou parte de uma máquina bastante complicada. Para sua mente infantil e não educada, lhe seria incompreensível, vendo somente confusão nos complexos movimentos de suas rodas e correias. No entanto, para os de idade madura, a investigação os coloca em condições de compreender que a aparente confusão é apenas formosa simetria produtora de excelentes resultados. Entretanto, a máquina funciona bem tanto antes quanto depois do menino compreender o seu mecanismo. Do mesmo modo, enquanto o plano de Deus, século após século, tem operado com bom êxito, o homem tem recebido a necessária disciplina que o habilitará não apenas a compreender seus intrincados movimentos, mas também a experimentar seus benéficos resultados.

Ao prosseguirmos no estudo do plano divino, é essencial que tenhamos em mente estas eras com as suas respectivas peculiaridades e objetivos. Porque não só em *uma* destas eras, mas *somente em todas* elas, podemos perceber o plano, do mesmo modo que uma argola não compõe uma corrente, mas sim, que várias argolas unidas é que a formam. Ao notarmos os aspectos distintos de cada parte obtemos uma ideia correta do plano geral, e isto nos dá condições de manejarmos (dividir — conforme o grego) bem a Palavra da verdade.

Aquelas passagens da Bíblia, que se referem a uma época ou dispensação, não devem ser aplicadas à outra, pela simples razão de que as coisas referentes a um período nem sempre são corretas em outro. Por exemplo, seria incorreto afirmar com respeito ao tempo atual que o conhecimento de Deus está enchendo toda a terra, e que por isso não é necessário dizer ao próximo: “Conhece a Jeová”. (Isaías 11:9; Jeremias 31:34, TB) Tal coisa não é certa nesta época e não o será até que em seu retorno, o Senhor estabeleça o seu reino, porque esta era, desde o

Épocas e Dispensações

princípio, está repleta de imposturas enganosas, que continuarão até o final dela, porque segundo Paulo: “*Nos últimos dias...* os homens maus e enganadores irão de mal para pior, enganando e sendo enganados.” (2 Timóteo 3:1, 13) O resultado final do reino do Messias durante a Era Milenar será que o conhecimento e a justiça cobrirão toda a terra assim como as águas cobrem o mar.

Um erro semelhante e muito comum é a suposição de que o reino de Deus já está estabelecido, que governa a terra, e que, no tempo atual, a vontade de Deus está sendo cumprida entre as nações. Evidentemente, isto está muito longe de ser verdadeiro, pois os reinos do mundo se sustentam e se enriquecem por meio da opressão e do engano, de modo tão extensivo quanto o crescimento intelectual do povo o permita. Todavia, resta lançar por terra a Satanás, “o príncipe deste mundo”, e que estes reinos, agora sob seu domínio, se tornem no reino do SENHOR e de seu Ungido, quando este receber o seu grande poder e começar a reinar.

Por meio da luz fornecida agora à família da fé, podemos discernir o sistema e a ordem que distinguem os passos majestosos de nosso Deus nas eras passadas. Isto nos faz lembrar das palavras de Cowper, que inspirado por uma fé viva, capaz de confiar em Jeová o Todo-Poderoso mesmo nas situações em que sua mão não era discernível, assim se expressou:

Ele Executara o Plano

“Quão inescrutável a maneira que Deus
Realiza Suas maravilhas!
Sobre o mar planta Seu pé,
E cavalgando vem na tempestade.

“Profundo em minas imperscrutáveis
De habilidade que nunca fracassa,
Ele junta os seus brilhantes desígnios,
E executa a Sua vontade soberana.

O Plano das Eras

“Vós santos medrosos, criai nova coragem!
As névoas que tanto temeis,
São grandes em misericórdia, e se romperão
Em bênçãos sobre as vossas cabeças.

“Não julgueis ao Senhor através do débil senso,
Mas confiai na Sua graça.
Atrás duma providência sóbria
Ele esconde um rosto sorridente.

“Os Seus propósitos pronto se amadurecerão,
Desenvolvendo-se cada hora.
O brotamento pode ter sabor amargo,
Mas doce será a flor.

“A incredulidade cega certamente que errará,
E a sua obra em vão olhará.
Deus é o Seu próprio Interpretador,
E Ele executará o plano.”

Estudo V
**“O MISTÉRIO QUE ESTEVE OCULTO DESDE
TODOS OS SÉCULOS, E EM TODAS AS
GERAÇÕES, E QUE AGORA FOI
MANIFESTO AOS SEUS SANTOS”**
- COL. 1:26

A tênue luz da Primeira Promessa — A Promessa feita a Abraão — A esperança adiada — O Mistério começa a revelar-se desde Pentecostes — O que é este Mistério? — Por que foi um Mistério por tanto tempo? — Ainda é um Mistério para o mundo — A seu tempo será manifesto a todos — Cumprir-se-à, então, o Mistério de Deus.

ENQUANTO a humanidade se encontrava sob a disciplina do mal, incapaz de perceber a sua necessidade, repetidamente Deus manifestou o seu propósito de abençoá-la por meio de um libertador. Não obstante, e por mais de quatro mil anos foi um mistério quem haveria de ser esse libertador, e só começou a ser revelado depois da ressurreição de Cristo, no princípio da Era Cristã ou Era Evangélica.

Voltando ao tempo em que nossos primeiros pais perderam a vida e felicidade edênicas, contemplamo-los sob a justa penalidade do pecado, cheios de dor e sem nenhum raio de esperança, a não ser o derivado pela incompreensível promessa de que a descendência da mulher feriria a cabeça da serpente. Ainda que para nós, à luz dos acontecimentos posteriores, tal promessa seja cheia de significado, para eles foi apenas uma luz tênue e incerta. Cerca de dois mil anos transcorreram sem a menor indicação de seu cumprimento.

Aproximadamente dois mil anos depois, Deus chamou a Abraão e lhe prometeu que em sua descendência seriam benditas todas as famílias da terra. Isto parecia indicar que Deus mantinha seu propósito previamente divulgado, e que estava a ponto de realizá-lo. Passou o tempo, Abraão ainda não se achava na

O Plano das Eras

possessão da prometida terra de Canaã, e tanto ele como Sara estavam envelhecendo e não tinham descendentes. Abraão raciocinou que deveria ajudar Deus a cumprir sua promessa, e, como consequência, nasceu Ismael. Entretanto, sua ajuda era desnecessária, porque a seu *tempo* nasceu Isaque, o filho da esperança e da promessa. Aparentemente, o prometido governante e provedor de bênçãos para todos havia chegado. Mas não foi isso o que aconteceu. Os anos se passaram e, segundo todas as aparências, a promessa de Deus havia fracassado, visto que Isaque morreu, assim como seu herdeiro Jacó. Apesar de tudo, alguns retiveram sua fé, a qual Deus sustentou, por meio “da aliança que fez com Abraão”, sendo confirmada pelo “seu juramento a Isaque; o qual também a Jacó confirmou ... e “a Israel por [meio de uma] aliança eterna”. – 1 Crônicas 16:16, 17

Quando na morte de Jacó, pela primeira vez, os seus descendentes foram chamados de AS DOZE TRIBOS DE ISRAEL, sendo reconhecidos por Deus como um “povo escolhido” (Gênesis 49:28; Deuteronômio 26:5) a partir de então, a expectativa de que esta nação, em sua totalidade e como a prometida descendência de Abraão, haveria de tomar posse de Canaã, para governar e abençoar o mundo parecia estar às vésperas de seu cumprimento, visto que, sob a proteção e favor do Egito, eles haviam se tornado ali uma nação grande, forte e numerosa. Mas, quando os egípcios, depois de dominá-los os mantiveram cativos por um longo período de tempo, esvaneceu-se sua esperança, e a promessa ficou quase que esquecida por completo.

Certamente que as promessas de Deus se achavam ocultas em mistério, e seus caminhos pareciam ser quase incompreensíveis. No entanto, a seu tempo, veio Moisés que se tornou um grande libertador fazendo grandes milagres em seu favor e deste modo, por meio dele, Deus os retirou da escravidão. Sem haver entrado em Canaã, este grande libertador morreu, mas antes, como mensageiro de Deus, declarou: “O SENHOR teu Deus te levantará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu”. (Deuteronômio 18:15; Atos 3:22) Esta revelação permitiu que

O Mistério Oculto

fosse percebido algo mais acerca do plano de Deus, demonstrando que não somente a nação, em sua totalidade, estaria associada de algum modo com a futura tarefa de governar e abençoar o mundo, mas também que, além disso, alguém dentre eles iria conduzi-los à vitória e ao cumprimento da promessa. Em seguida Josué, cujo nome significa salvador ou libertador, tornou-se seu líder. Sob o seu comando alcançaram algumas vitórias, entrando por último na terra prometida na aliança. Sem dúvida, pareceu então que havia chegado o esperado líder, e que a promessa estava para ser plenamente cumprida.

Todavia Josué morreu, e eles como nação muito pouco progrediram até que Davi, e logo depois Salomão, foram seus reis. O zênite de sua glória havia chegado, mas muito em breve, em vez de ver a promessa cumprida, foram despojados de seu poder tornando-se tributários de outras nações. Apesar de tudo isso, alguns persistiam em crer na promessa feita por Deus e esperavam o grande libertador de quem Moisés, Josué, Davi e Salomão foram tão-somente típicos.

Por volta da época em que Jesus nasceu, todos estavam na expectativa do Messias, o futuro rei de Israel, que se tornaria rei do mundo inteiro. No entanto, as esperanças de glória e honra do seu esperado rei, inspiradas pelas profecias que tratavam de sua grandeza e de seu poder, os levaram a não prestar atenção a um outro grupo de tipos e profecias que destacavam sua obra de sofrimento e de morte como resgate pelos pecadores, inteiramente indispensável antes que pudessem sobrevir-lhes as bênçãos. Esta obra de sofrimento e de morte se achava prefigurada na Páscoa antes de serem libertados do Egito, no sacrifício de animais quando se fez a aliança da lei (Hebreus 9:11-20; 10:8-18), e nos sacrifícios expiatórios realizados anualmente pelos sacerdotes. Também passaram por alto as palavras dos profetas que prediziam “*os sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir*”. (1 Pedro 1:11) Portanto, quando Jesus se apresentou como sacrifício, não o reconheceram, e não conheceram o tempo de sua visitação. (Lucas 19:44) Até os seus

O Plano das Eras

próprios seguidores ficaram perplexos quando morreu, e diziam tristemente: “Nós esperávamos que fosse ele o que remisse Israel”. (Lucas 24:21) Aparentemente, sua confiança Nele estava mal depositada. Não notaram que a morte de seu líder era a garantia da Nova Aliança sob a qual as bênçãos haveriam de vir, sendo, por conseguinte, um cumprimento parcial da aliança da promessa. Logo quando souberam que Ele havia sido levantado do túmulo, suas esmorecidas esperanças renasceram (1 Pedro 1:3), e quando estava para deixá-los, lhe perguntaram referente à esperança por tanto tempo desejada e adiada, dizendo: “Senhor, é neste tempo que restauras o reino a Israel?” Que suas esperanças em parte eram corretas, ainda que não pudessem saber em que tempo se cumpririam, é evidenciado pela resposta de nosso Senhor: “Não vos compete saber os tempos ou as épocas que o Pai reservou por sua autoridade.” — Atos 1:6, 7, AL21

Depois da ascensão, provavelmente seus discípulos perguntavam: Que direção tem tomado o Plano de Deus? Devemos nos lembrar que os ensinamentos do Senhor referentes ao Reino, em sua maior parte, foram apresentados em parábolas e enigmas. Ele lhes havia dito: “Ainda tenho muito que vos dizer; mas não podeis suportá-lo agora. Quando, porém, vier o Espírito da verdade, ele vos conduzirá a toda a verdade”; “esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que eu vos tenho dito”. (João 16:12, 13; 14:26, AL21) Deste modo, muito pouco podiam entender antes que viesse a bênção de Pentecostes.

Ainda assim, muito tempo se passou antes que viessem a alcançar um entendimento claro e pleno da obra em desenvolvimento e de sua relação com a aliança original. (Atos 11:9; Gálatas 2:2, 12, 14) Mas, antes de compreenderem as coisas de modo pleno e claro, falaram inspirados por Deus, e suas palavras inspiradas, com toda probabilidade foram expressões da verdade mais claras e profundas do que eles mesmos talvez possam ter compreendido de modo pleno. Para comprovar o acima, precisaremos ler apenas o discurso de Tiago quando disse: “Simão relatou como primeiramente Deus visitou os gentios, para

O Mistério Oculto

tomar dentre eles um povo para o seu nome [uma noiva para seu Filho]. E com isto concordam as palavras dos profetas; como está escrito: Depois disto [quando for tomado este povo dentre os gentios] voltarei, e reedificarei o tabernáculo de Davi, que está caído; [o domínio terrestre] levantá-lo-ei das suas ruínas, e tornarei a edificá-lo”. — Atos 15:14-16

Ao ser o Evangelho enviado por meio de Pedro ao primeiro gentio convertido, e por meio de Paulo aos gentios em geral, Tiago pôde perceber que na providência de Deus, durante esta era, os crentes, tanto judeus como gentios, seriam igualmente favorecidos. Ao fazer uma busca nas profecias percebeu que isto estava escrito, e que quando fosse completada a obra desta Era Evangélica, então se cumpririam as promessas feitas ao Israel carnal. O mistério por tanto tempo oculto começava a ser vislumbrado por uns poucos – os santos, os “amigos” especiais de Deus.

O apóstolo Paulo (Colossenses 1:27) declara que este mistério que esteve oculto dos séculos e das gerações, mas que agora foi manifesto aos seus santos, é...

“CRISTO EM VÓS, ESPERANÇA DA GLÓRIA”.

Este é o grande mistério de Deus que esteve oculto em todas as eras anteriores, e que, ainda está oculto a todos, com exceção de uma classe especial composta de santos ou crentes consagrados. Mas, o que significa a expressão “Cristo em vós”? Somos informados de que Jesus foi ungido com o Espírito Santo (Atos 10:38), e assim o reconhecemos como o Cristo - o *Ungido* - porque a palavra Cristo significa *ungido*. O apóstolo João disse que a *unção* que nós (os crentes consagrados) temos recebido, *permanece em nós*. (1 João 2:27) De modo que os santos da Era Evangélica são uma companhia [congregação] de ungidos (ungidos para serem reis e sacerdotes de Deus — 2 Coríntios 1:21; 1 Pedro 2:9) e junto com Jesus, seu líder e Senhor, constituem o Ungido de Jeová - o Cristo.

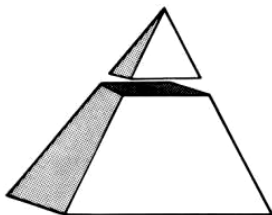
O Plano das Eras

Em harmonia com o ensino de João de que também somos *ungidos*, Paulo nos assegura que este mistério, guardado em segredo nas eras passadas, mas que agora foi revelado aos santos, é o fato de que *o Cristo* (o Ungido) “não é um membro, mas muitos”. Porque assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos estes membros do corpo, embora muitos, formam um só corpo, do mesmo modo também é Cristo — o Ungido. (1 Coríntios 12:12-28) Jesus foi ungido como a Cabeça ou Senhor sobre a Igreja que é seu corpo (ou sua esposa, como é expresso em outra figura — Efésios 5:25-30), e unidos formam a “*Descendência*” prometida, ou seja, o grande Libertador. “E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e *herdeiros* conforme a promessa.” — Gálatas 3:29

O próprio Apóstolo guarda a Igreja cuidadosamente contra todo tipo de alegações presunçosas, dizendo acerca de Jesus que Deus “sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da Igreja, que é o seu corpo”, “para que em tudo tenha a *preeminência*”. (Efésios 1:22, 23; Colossenses 1:18) Não obstante, e sob a figura de um corpo humano, ele também, de uma maneira muito bela e convincente, destaca nossa relação achegada. Esta mesma unidade Jesus a ensina dizendo: “Eu sou a videira; vós as varas.” — João 15:5

A figura de uma pirâmide ilustra belamente nossa unidade com o Senhor como membros de Cristo, a companhia [congregação] de ungidos.

A “pedra angular” em si mesma é uma pirâmide perfeita. Debaixo dela podem ser colocadas outras pedras e se estão em harmonia, conforme suas linhas distintivas, tudo se constituirá numa pirâmide perfeita. Quão belamente isso ilustra nossa posição como membros da “*Descendência*” – “o Cristo!” Como pedras vivas nos encontramos unidos com a nossa Cabeça e em perfeita harmonia com ele, somos perfeitos, pois, separados dele, nada somos.



A PEDRA PRINCIPAL, ELEITA E PRECIOSA

Jesus, o perfeito, foi exaltado soberanamente, e agora, com o objetivo de sermos modelados e estarmos de acordo com seu exemplo, apresentamo-nos a Ele para sermos edificados como edifício de Deus. Num edifício comum não há necessidade de uma pedra angular *principal*, mas neste se requer uma pedra a ser colocada em sua parte superior, como “a cabeça da esquina”, conforme está escrito: “Eis que ponho em Sião a pedra principal da esquina, eleita e preciosa”; — “e chegando-vos para ele, pedra viva, ... vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais* agradáveis a Deus por Jesus Cristo”. (1 Pedro 2:6, 4, 5) Abrigamos a esperança de que, muito em breve, será concluída a união entre Jesus, “a Cabeça”, e a “Igreja, que é seu corpo”.

E sob a direção do Grande Construtor, muitos serão os golpes que teremos de sofrer para sermos polidos. Muitas serão as transformações que hão de ser efetuadas em nós, para nos desenvolvermos grandemente, e assim sermos semelhantes ao modelo. Com o objetivo de que a habilidade e a grandeza da concepção do Edificador possa ficar evidente em nós, devemos certificarmo-nos de que não há em nosso íntimo uma vontade contrária que venha a estar em oposição à dele estorvando assim o seu cumprimento. Precisamos ser humildes e ter a disposição de

* O Ms. Sinaítico omite a palavra *espirituais* depois de “sacrifícios”. [Note a correta omissão nas versões *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, em português, e *Contemporary English Version*, em inglês.]

O Plano das Eras

um menino — “ revesti-vos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes”. Portanto, humilhemo-nos “debaixo da potente mão de Deus”, para que a seu tempo nos enalteça, da mesma maneira que exaltou o nosso Precursor e Cabeça. — 1 Pedro 5:5, 6; Filipenses 2:8, 9

Esta é verdadeiramente uma maravilhosa mensagem, e ao recorrermos à Palavra de Deus para inquirirmos algo referente a nossa vocação celestial, descobrimos que todos os profetas, em termos eloquentes, proclamaram a graça [o favor ou bênção] que para nós foi reservada (1 Pedro 1:10). Além disso, os tipos, as parábolas e os mesmos enigmas, sendo agora luminosos, derramam sua luz sobre “o caminho estreito” em que a companhia [congregação] de ungidos [o Cristo] é chamada a percorrer para alcançar o prêmio que agora mesmo podemos discernir. O fato de que Deus tenciona levantar não somente um libertador, mas um composto de muitos membros, era em verdade um mistério nunca antes imaginado. Esta é a chamada ou “*vocação celestial*” [“soberana vocação” – Fil. 3:14] a qual os crentes consagrados da Era Evangélica têm o privilégio de aspirar. Jesus não quis revelar o mistério a seus discípulos enquanto eram homens naturais, mas antes esperou até que no dia de Pentecostes fossem ungidos ou gerados à nova natureza. Da explicação que Paulo nos fornece, deduzimos que somente as “novas criaturas” podem apreciar ou compreender esta vocação celestial. Suas palavras são: “Falamos a sabedoria [o plano] de Deus, oculta em *mistério*, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória; a qual nenhum dos príncipes (principais) deste mundo conheceu; ... como está escrito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam. [Porque] Deus nos as revelou pelo seu Espírito”. — 1 Coríntios 2:6-14

O apóstolo Paulo em sua epístola aos Gálatas expõe o mistério inteiro e destaca como há de cumprir-se a Aliança Abraâmica. Ele demonstra que a lei dada a Israel não invalida a Aliança original (Gálatas 3:15-18), e que é Cristo (versículo 16) o descendente de Abraão que abençoará a todas as famílias da Terra. Logo, levando

O Mistério Oculto

adiante o ponto aludido de que o Cristo é composto de todos os unguídos do Espírito, acrescenta: “Porque todos quantos fostes batizados *em Cristo*, já vos revestistes de Cristo. ... E, se sois de Cristo, então [junto com Jesus] sois *descendência de Abraão*, e herdeiros conforme a promessa.” (versículos 27, 29) Continuando pela mesma linha de raciocínio, mostra (Gálatas 4) que Abraão foi típico de Jeová, que Sara foi típica da aliança da promessa, e que Isaque tipificou o Cristo (cabeça e corpo). Por fim acrescenta: “Mas nós, irmãos, somos filhos da promessa como Isaque.” (versículo 28) Assim, o plano de Deus esteve oculto em tipos até que a Era Evangélica desse início ao desenvolvimento do Cristo.

Havia a necessidade de manter este mistério oculto, porque se não fosse assim, não teria sido guardado em segredo. Fez-se necessário pela simples razão de que ao revelá-lo seriam frustrados os seus objetivos. Porque se tivessem compreendido antes, não teriam crucificado o Senhor da glória, e nem teriam perseguido a Igreja que é seu corpo. (1 Coríntios 2:8) Se não fosse mantido oculto ao mundo o plano de Deus, não somente a morte de Cristo como preço da redenção humana seria dificultada, mas também, teria impedido as provas de fé da Igreja como partícipe dos sofrimentos de Cristo: “Por isso o mundo não nos conhece (como co-herdeiros com Cristo); porque [pela mesma razão] não o conhece a ele.” — 1 João 3:1

Não somente o plano de Deus, e o Cristo, que é a personificação desse plano, constituem um mistério para o mundo, mas também a conduta peculiar que este pequeno rebanho é convidado a seguir distingue os seus membros como um “povo adquirido”. Ao invés de dedicar sua atenção à política, às leis, ao comércio ou à religião popular, onde teria alcançado admiração e respeito, aquilo que motivou uma pessoa de tanta habilidade como a possuída por Jesus de Nazaré, a dedicar seu tempo e talento da maneira em que o fez, foi na verdade um mistério para o mundo. Sob o ponto de vista humano, Ele gastou inutilmente sua vida, e até diziam dele: “Tem demônio e enlouqueceu”. Não puderam compreendê-lo, pois sua vida e seus ensinamentos foram um mistério para eles.

O Plano das Eras

Do mesmo modo, os apóstolos e todos aqueles que os seguiram foram homens misteriosos para o mundo. O povo ficava admirado de ver que haviam abandonado seus próprios interesses e outras coisas para pregar o perdão dos pecados por meio da morte do desprezado e crucificado Jesus. Paulo renunciou a uma posição elevada e a sua influência social para, em troca, trabalhar com suas próprias mãos, com o fim de poder pregar a Cristo e a coroa invisível prometida a todos os crentes que seguirem os seus passos. Seu proceder foi tão misterioso que alguns lhe disseram: “Estás louco, Paulo; as muitas letras te fazem delirar.” E como Paulo, todos os que seguem os passos do Mestre são contados como estando entre os insensatos por causa de Cristo.

Não obstante, vemos que o plano de Deus não estará sempre oculto em mistério. Não, pois a aurora do Dia Milenar trará plena luz da parte de Deus aos homens, e muito em breve “a terra será cheia do conhecimento de Jeová”. [Isaías 11:9, TB] O Sol da Justiça que nascerá trazendo curas nas suas asas e que há de dissipar todas as trevas, é o Cristo na glória Milenar, composto não somente pela cabeça, mas também por todos os membros do seu corpo, porque está escrito: Se com ele padecemos, também com ele seremos glorificados. “Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis *com ele em glória*.” “Então os justos resplandecerão *como o sol*, no reino de seu Pai.” — Romanos 8:17; 2 Timóteo 2:11, 12; Colossenses 3:4; Mateus 13:43

Atualmente para as outras pessoas, com a exceção de uns poucos que agora recebem “a mente de Cristo”, e que assim têm sido gerados numa nova mente, as promessas em que cremos e as esperanças que alimentamos parecem pouco mais do que frutos da imaginação, demasiadamente improváveis para merecerem algum crédito ou para que se possa ser levado a agir em conformidade com elas. Quando na próxima era Deus derramar “seu Espírito sobre toda a carne”, da mesma maneira em que no tempo atual o derrama sobre os “seus servos e servas”, todos compreenderão e apreciarão as promessas que agora são compreendidas apenas pelo “pequeno rebanho”. Todos as outras

O Mistério Oculto

peças também se regozijarão por causa da obediência da Igreja e de sua exaltação. Em sua alegria se expressarão dizendo: “Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória; porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou”. (Apocalipse 19:7) Se alegrarão pela glorificação da Igreja, porque por meio desta, serão derramadas as bênçãos reservadas a eles. Apesar de perceberem que “as grandíssimas e preciosas promessas” herdadas pelo Ungido (a Cabeça e o corpo) não lhes pertencem, mas que já se cumpriram nestes, *neste ínterim*, a lição ilustrada pela Igreja resultará numa bênção *para estes*. E enquanto correm em busca das bênçãos que lhes serão oferecidas nesta ocasião, tirarão proveito do exemplo da Igreja, e glorificarão a Deus por sua causa. O conhecimento que obterão destas promessas não lhes causará inveja, porque a chamada para a natureza humana perfeita, que sob essa nova ordem de coisas estará a seu alcance, irá satisfazer os seus desejos e lhes será mais desejável do que uma mudança de natureza.

Cumprir-se-à, então, o “mistério”, porque o mundo conhecerá o que era o Espírito de Deus em Cristo, e o Espírito de Cristo em nós — Deus manifestado na carne — e que até então não conseguiam entender. Ao chegar esse tempo, se darão conta de que quando corríamos em busca das riquezas, das honras, e da coroa, para eles invisíveis, mas seguras e eternas, não éramos loucos e nem insensatos, mas antes escolhemos a melhor parte.

No que se refere ao tempo, o mistério de Deus finalizará durante o período da sétima trombeta [simbólica]. (Apocalipse 10:7) Isto se aplica ao mistério nos dois sentidos em que se usa a expressão: o mistério (os aspectos gerais secretos do *plano* de Deus) será então conhecido e discernível, e também se tornará conhecido “o mistério de Deus”, a Igreja, a personificação desse plano. Ambos terão então terminado. O plano secreto e oculto terá logrado êxito em conseguir o número suficiente e completo de membros do corpo de Cristo, e, portanto, o CORPO DE CRISTO estará completo. O mesmo plano deixará de ser um mistério, porque não haverá motivo algum para perpetuar o seu segredo. A grandeza do mistério por tanto tempo guardado e oculto em

O Plano das Eras

promessas, tipos, e figuras, e o grandioso favor outorgado aos chamados para participarem em tal dispensação do mistério (Efésios 3:9), nos faz deduzir que a obra, que em continuação há de ser empreendida, e para a qual, por seis mil anos, Jeová tem mantido a humanidade em esperança e expectativa, deve ser uma obra grandiosa e admirável, uma obra digna de semelhantes preparativos. Por isso podemos esperar que quando for removido o véu do mistério, desçam sobre o mundo chuvas de bênçãos! *Na espera* de que o mistério seja concluído é que toda a criação, juntamente, geme sob o peso da dor até agora, aguardando com ardente expectativa a revelação dos filhos de Deus, a prometida descendência por meio da qual, todos serão abençoados. — Romanos 8:19, 21, 22

Estudo VI

A VOLTA DE NOSSO SENHOR — SEU OBJETIVO, A RESTAURAÇÃO DE TODAS AS COISAS

O segundo advento pessoal e pré-milenar de Nosso Senhor — Sua relação com a primeira vinda — A seleção da Igreja e a conversão do mundo — A eleição e a graça livre — Prisioneiros da esperança — O testemunho profético concernente à restauração — A volta do Senhor é a evidente esperança da Igreja e do mundo.

“E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado. O qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio.”— Atos 3:20, 21

O FATO de que nosso Senhor empenhou-se em fazer com que seus discípulos viessem a compreender que com algum objetivo, de alguma maneira e em certa época viria novamente, consideramos como algo que é admitido e aceito por todos aqueles que estão familiarizados com as Escrituras. Verdadeiramente, Jesus disse: “Eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mateus 28:20), e assim, por meio do seu espírito e de sua Palavra, Ele tem continuamente acompanhado a Igreja, guiando, dirigindo, consolando e sustentando os seus santos, dando-lhes alegria no meio de todas as suas aflições. Mas ainda que a Igreja tenha felizmente compreendido, que o Senhor conhece todos os seus caminhos, e se tenha apercebido de seu constante amor e cuidado, contudo, anela a prometida volta pessoal, porque quando Ele disse: “E quando eu for, ... virei outra vez” (João 14:3), sem dúvida se referia a uma *segunda vinda pessoal*.

Alguns são da opinião de que ele se referia à vinda do Espírito Santo em Pentecostes; outros, à destruição de Jerusalém, etc., mas seguramente se esquecem do fato de que no último livro da Bíblia, escrito sessenta anos depois de Pentecostes, e vinte e seis anos

O Plano das Eras

depois da destruição de Jerusalém, este que foi morto e agora vive está se referindo, porém, a esse acontecimento como algo futuro, dizendo: “E, eis que cedo venho e o meu galardão está comigo”. E o inspirado João responde: “Amém. Ora vem, Senhor Jesus.” — Apocalipse 22:12, 20

Um grupo considerável mantém a crença de que quando um pecador se converte é efetuada uma parte da vinda de Cristo, e deste modo tal processo continuará até que todo o mundo seja convertido. Segundo eles, desta forma, ele terá vindo em sua plenitude.

Estes sem dúvida passam por alto, inadvertidamente, o testemunho das Escrituras sobre o assunto. Elas declaram o oposto de tal afirmação, e nos indicam que no tempo da segunda vinda do Senhor o mundo se achará muito longe de estar convertido. Também nos indicam que “nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos. Porque haverá homens... mais amigos dos deleites do que amigos de Deus” (2 Timóteo 3:1-4), e que (versículo 13) “os homens maus e enganadores irão de mal para pior, enganando e sendo enganados”. Provavelmente também se esquecem da exortação do Mestre ao seu pequeno rebanho: “Olhai por vós mesmos; não aconteça que ... venha sobre vós de improviso aquele dia. Porque virá como *um laço* sobre todos os (descuidados ou desprezados) que habitam na face de toda a terra.” (Lucas 21:34, 35) Também podemos assegurar firmemente que quando disse: “E todas as tribos da terra se lamentarão sobre Ele”, quando o virem chegando (Apocalipse 1:7), ele não estava se referindo à conversão dos pecadores. Lamentar-se-ão todos os homens pela conversão dos pecadores? Ao contrário, como quase todos admitem, esta passagem se refere à presença de Cristo na terra, e ensina que seus moradores não hão de regozijar-se com sua vinda o que certamente seria o caso se estivessem convertidos.

Alguns esperam a vinda e a presença real e verdadeira do Senhor, mas *o tempo que indicam* para este acontecimento se encontra ainda muito longe. Alegam que o mundo será convertido por meio dos esforços da Igreja em sua condição atual, e que desta maneira será introduzida a Era Milenar. Dizem que quando o mundo for

A Volta de Nosso Senhor

convertido, Satanás for preso, quando toda a terra se encher do conhecimento do Senhor, e as nações não aprenderem mais a guerra, então nesta ocasião a obra da Igreja na sua condição atual estará concluída. Acrescentam também que após a conclusão desta grande e difícil tarefa, em seguida virá o Senhor para dar fim às ocupações terrestres, recompensar os crentes e condenar os pecadores.

Algumas passagens da Bíblia, tomadas isoladamente, parecem apoiar esta ideia, mas ao ser examinada com cuidado a Palavra de Deus e seu Plano como um todo, tornar-se-á evidente que ela favorece a ideia oposta, ou seja, que a vinda de Cristo ocorrerá antes da conversão do mundo, que Ele reinará com o propósito de convertê-lo. Também que a Igreja agora está em prova, que a promessa feita aos vencedores é de que depois de serem glorificados participarão com Jesus no reino, e por último, que este reino é o instrumento designado por Jeová com o objetivo de abençoar o mundo, e fazer com que o seu conhecimento chegue a toda criatura. Tais são as promessas especiais do Senhor: “Ao que vencer Ihe concederei que se assente comigo no meu trono”. (Apocalipse 3:21) “E viveram e reinaram com Cristo durante mil anos.” — Apocalipse 20:4

Queremos chamar a atenção a dois textos que, com mais tenacidade, se aferram aqueles que afirmam que o Senhor virá somente após o milênio do reino de Cristo na Terra. Um deles é: “E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim.” (Mateus 24:14) Afirmam que esta é uma referência à conversão do mundo antes de terminar a Era Evangélica. Mas, *testemunho* ao mundo não implica na conversão do mundo. O texto nada diz acerca da maneira como seria recebido o testemunho. Este testemunho já tem sido dado. Em 1861 as Sociedades Bíblicas informaram que o Evangelho havia sido publicado em todos os idiomas da terra, ainda que nem todos os seus habitantes o tenham recebido. Não, nem sequer a metade dos um bilhão e quatrocentos e vinte e quatro milhões que vivem hoje em dia (1886) ouviram o nome de Jesus. Não obstante, a

O Plano das Eras

condição indicada pelo texto tem se cumprido: O Evangelho tem sido pregado no mundo inteiro em *testemunho* a todas as *nações*.

O Apóstolo (Atos 15:14) disse que o *principal objetivo* do Evangelho, na era atual, é o de “tomar dentre eles (os gentios) um povo” para o nome de Cristo — a Igreja triunfante, a qual, no Seu segundo advento, se unirá com ele e receberá seu nome. O testemunho para o mundo durante esta era é um objetivo secundário.

O outro texto é: “Assenta-te à minha mão direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés.” (Salmo 110:1) A ideia vaga e indefinida que é oferecida ao ser considerado este texto, é a de que Cristo se sentará num trono material, em algum lugar do céu, até que a tarefa de dominar todas as coisas seja concluída pela Igreja, e que logo em seguida Ele virá para reinar. Esta é uma interpretação errônea. O trono de Deus ao qual se faz referência no texto não é um trono material, mas antes, representa sua autoridade e governo supremos. O Senhor Jesus foi enaltecido para participar desse governo. Paulo declara que “Deus o exaltou (a Jesus) soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome”. Depois de si mesmo, o Pai lhe tem dado *autoridade* sobre todos. Se Cristo estivesse sentado num trono material até que seus inimigos fossem postos por escabelo dos seus pés (todos subjugados), certamente não poderia vir até que todas as coisas fossem subjugadas. Porém, se como afirmamos, “à minha direita” neste texto se refere não a uma localidade nem a um assento, mas ao poder, à autoridade e ao governo, inferimos que o texto destacado em nossa consideração não está de modo algum em conflito com outro texto que prova que o Senhor virá a “sujeitar também a si todas as coisas” (Filipenses 3:21), em virtude do poder com o qual foi investido. Este ponto poderá ser ilustrado como segue: Ao dizermos que o imperador Guilherme está sobre o trono da Alemanha, não queremos dizer que se encontra num assento literal, porque, de fato, raramente o ocupa. Quando dizemos que está no trono, damos a entender que governa a Alemanha. A mão direita significa o lugar mais proeminente, a posição mais elevada ou de favor, a mais imediata diante do líder principal. Desta maneira o

A Volta de Nosso Senhor

príncipe Bismarck foi exaltado ou assentado à direita do poder pelo imperador alemão. José também foi a mão direita de Faraó rei do Egito, mas não de uma maneira literal, mas antes figuradamente ou segundo a expressão popular da época. As palavras de Jesus a Caifás concordam com esta ideia: “Vereis em breve o Filho do homem assentado à *direita do Poder*, e vindo sobre as nuvens do céu”. (Mateus 26:64) Ele estará à direita durante a segunda vinda e permanecerá à direita durante a Era Milenar, e para sempre.

Um exame contínuo dos planos de Deus dará uma ideia mais ampla com referência ao primeiro e segundo adventos. Devemos nos lembrar que ambos estão relacionados como partes de um único plano. A obra especial da primeira vinda foi a de *redimir* o homem; a obra da segunda será a de *restaurar*, abençoar e libertar o redimido. Tendo dado sua vida como resgate por todos, o Salvador ascendeu ao céu para apresentar ao Pai este sacrifício, e para efetuar dessa maneira uma reconciliação pela iniquidade do homem. Ele se demora e permite que “o príncipe deste mundo” continue seu governo do mal, mas até que seja escolhida “a Noiva, a Esposa do Cordeiro”, que para ser achada *digna* de receber honra tão grande, deve vencer as influências do presente mundo mau. Este será então o tempo para o início da tarefa de dar à humanidade as grandes bênçãos que por meio de seu sacrifício obteve para eles, vindo assim a abençoar todas as famílias da Terra.

Certamente que a restauração e as bênçãos poderiam ter começado imediatamente quando o preço do resgate foi pago pelo nosso Redentor. Neste caso, a vinda do Messias teria sido apenas um único evento, com as bênçãos e o reinado iniciando-se de imediato, assim como os apóstolos esperavam inicialmente. (Atos 1:6) Visto que Deus tinha em mente “alguma coisa melhor a nosso respeito” — a Igreja Cristã (Hebreus 11:40), assim é para os nossos melhores interesses, que haja um intervalo de dezenove séculos [contados até 1886] entre o reinado de Cristo e os sofrimentos da Cabeça [do Líder].

O Plano das Eras

Este período intermediário entre a primeira e a segunda vinda, e entre o resgate por todos e a bênção de todos, tem por objetivo a eleição e a prova da Igreja, que por sua vez compõe o corpo de Cristo. Se não fosse assim, teria ocorrido apenas uma vinda, e a obra que será feita no período da segunda presença de Jesus, no Milênio, teria sido realizada logo após a sua ressurreição. Mas, se ao invés de dizermos que a obra da segunda vinda ocorreria logo depois da obra concluída na primeira vinda, disséssemos que Jeová não tencionava a eleição do “pequeno rebanho”, “o corpo de Cristo”, então, o primeiro advento não poderia ter ocorrido quando se deu, mas somente se daria no tempo do segundo advento. Em vista disso, seria somente um único evento, porque Deus haveria decidido, em função disso, a *permissão* do mal por seis mil anos, e que somente durante o sétimo milênio é que seriam concluídas a purificação e a restituição de todos.

Assim vemos que, de fato, a vinda de Jesus, como sacrifício e resgate pelos pecadores precederia em muito a época da restauração e bênção, para permitir a seleção do “pequeno rebanho” de “co-herdeiros”. Isto explica, a alguns, a aparente demora da parte de Deus em derramar as aguardadas bênçãos prometidas por causa do resgate. As bênçãos virão no tempo oportuno, como desde o princípio foi planejado, embora, devido a um glorioso propósito, o preço do resgate tenha sido provido muito antes da ocasião esperada pelos homens.

O apóstolo Pedro nos informa que Jesus tem estado ausente da terra — no céu — durante o tempo decorrido entre sua ascensão e o princípio dos tempos da restauração ou Era Milenar, ao declarar: “O qual convém (é necessário, ARA) que o céu contenha *até* aos tempos da restauração de tudo”, etc. (Atos 3:21) Visto que as Escrituras nos ensinam que o objetivo da segunda vinda é o de restaurar todas as coisas, e que no momento de sua ocorrência as nações, ao invés de estarem convertidas, estarão iradas (Apocalipse 11:18), e em oposição umas às outras, devemos admitir, em função disso, que a Igreja deixou de cumprir sua missão, e que até mesmo o Plano de Deus foi de fato frustrado, ou, conforme sustentamos e

A Volta de Nosso Senhor

temos mostrado, a conversão do mundo na era atual não é algo a ser esperado como missão da Igreja, mas que sua missão é somente a de pregar o Evangelho no mundo inteiro, *em testemunho*, ao mesmo tempo em que, sob a direção divina, ela se prepara para sua grandiosa obra futura. Deus de forma alguma tem exaurido o seu poder para converter o mundo. Mais ainda: Ele *nem sequer tencionou* tal coisa.

Isto pode parecer uma informação estranha para alguns, mas reflitamos que, se Deus tencionou tal obra, evidentemente tem fracassado, porque conforme vemos, somente uma pequena fração dos bilhões de seres humanos tem ouvido inteligentemente acerca do único nome no qual devemos ser salvos. Apenas brevemente mencionaremos as opiniões e os ensinamentos de algumas das seitas mais importantes, tais como a Batista, a Presbiteriana, e outras que afirmam que Deus está escolhendo dentre o mundo um “pequeno rebanho” — uma Igreja. Eles creem que Deus não fará mais do que escolher esta Igreja. Porém, nós encontramos nas Escrituras um ensino mais avançado acerca do plano divino: Uma RESTITUIÇÃO para o mundo, a ser realizada através da Igreja escolhida quando esta estiver completa e glorificada. O “pequeno rebanho”, os vencedores desta Era Evangélica, são os que compõem o corpo da “Semente” em que, ou por meio da qual, serão benditas todas as famílias da terra.

Aqueles que afirmam que Jeová tem tentado converter o mundo durante seis mil anos, e que apesar de todo esse tempo, Ele não obteve êxito, devem ter dificuldades para reconciliar tais ideias com a garantia dada pela Bíblia de que todos os propósitos de Deus se cumprirão, e que sua palavra não voltará vazia, mas antes, fará o que lhe apraz, e prosperará *naquilo para a qual enviou*. (Isaías 55:11) O fato de que o mundo ainda não está convertido, e de que a terra não se encheu do conhecimento da glória do Senhor [Jeová], provam, sem sombra de dúvida, que sua palavra ainda não foi *enviada* com tal missão.

O Plano das Eras

Isto nos conduz a duas doutrinas que têm dividido os cristãos por séculos, e que são chamadas de Eleição e Graça Livre. Nenhum estudante da Bíblia pode negar que, apesar de sua aparente contradição, ambas estão apoiadas nas Escrituras. Este fato deveria nos fazer deduzir, sem qualquer demora, que de uma maneira ou de outra ambas as doutrinas têm que ser verdadeiras; mas, não podemos reconciliá-las a menos que, ao estudarmos o tema, observemos a lei do céu, a *ordem*, e procuremos “manejar bem a palavra da verdade”. Se observarmos esta ordem, que é evidenciada no plano das eras, isso nos fará ver que embora uma Eleição estivesse em andamento durante a era passada e a presente, a misericordiosa provisão que Deus tem reservado para o mundo em geral durante a Era Milenar é o que chamamos, para evitar confusões, de Graça Livre. Se forem trazidos à memória os aspectos gerais distintivos das épocas e dispensações, conforme os esboçamos em um dos capítulos anteriores, e se examinarmos e colocarmos no seu devido lugar todas as passagens relativas à Eleição e à Graça Livre iremos concluir que as passagens bíblicas referentes à Eleição são aplicáveis a esta era e à passada, enquanto que aquelas que nos ensinam acerca da Graça Livre são plenamente aplicáveis à próxima era.

Ainda que a Bíblia ensine a Eleição, vemos, não obstante, que isto não é algo imposto de modo arbitrário, nem tampouco fatalismo, tal como geralmente é interpretada e ensinada pelos seus defensores. Mas antes, é uma seleção de acordo com a aptidão e adaptabilidade para o objetivo que Deus tem em mente, e durante o período determinado para esse propósito.

A doutrina da Graça Livre aceita pelos Arminianos, é também uma manifestação mais grandiosa do favor abundante de Deus, do que a ensinada pelos seus mais ardentes apoiadores. A graça ou favor de Deus em Cristo é sempre livre, no sentido de que é imerecida. Mas desde a queda do homem até o tempo presente, certos favores de Deus estão limitados a indivíduos especiais, nações e classes, enquanto que na próxima era o mundo inteiro será

A Volta de Nosso Senhor

convidado a participar dos favores oferecidos nesse tempo, sob condições a serem então conhecidas por todos, e assim quem quiser, receberá de graça a água da vida. — Apocalipse 22:17

Olhando em retrospectiva, vemos que se fala da seleção ou eleição de Abraão e de alguns de seus descendentes, como sendo os canais por onde chegaria a prometida descendência que abençoaria todas as famílias da terra. (Gálatas 3:29) Dentre todas as nações, notamos também a eleição de Israel, por meio da qual Deus ilustra tipicamente como seria cumprida a grande obra em benefício da humanidade: sua libertação do Egito, sua Canaã, suas alianças, suas leis, seus sacrifícios pelos pecados para apagar as culpas e espargir o povo, e seu sacerdócio instituído para realizar tudo isso, que vêm a ser uma representação típica, em miniatura, do sacerdócio real e dos verdadeiros sacrifícios para purificar a humanidade. Deus, falando ao povo de Israel disse: “De todas as famílias da terra só a vós vos tenho conhecido.” (Amós 3:2) Somente este povo foi reconhecido até que veio o Cristo, e mesmo depois, seu ministério foi restrito a eles, não permitindo que seus discípulos fossem a outros, mas antes, quando os enviava os advertia: “Não ireis pelo caminho dos gentios, nem entrareis em cidade de samaritanos”. Por que motivo, Senhor? Porque, explica Ele: “Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.” (Mateus 10:5, 6; 15:24) Até a sua morte dedicou-lhes todo o tempo, e foi somente nessa ocasião que se cumpriu a sua primeira obra em benefício do mundo, a primeira demonstração de sua livre e abundante graça que “a seu tempo” virá a ser uma bênção para todos.

Esta, a dádiva mais sublime de Deus, não foi limitada a certas nações e nem a certas classes. Não foi também somente para Israel, mas para todo o mundo. Porque Jesus Cristo, pela graça de Deus, provou a morte por todos. — Hebreus 2:9

Agora também na Era Evangélica certo tipo de Eleição está sendo realizada. Algumas partes do mundo são mais favorecidas do que outras com o Evangelho, que é gratuito para todos os que o

O Plano das Eras

ouvem. Ao olharmos um mapa do mundo vemos quão pequena é a porção iluminada ou abençoada com um grau considerável de conhecimento do evangelho de Cristo. Compare os conhecimentos e os privilégios que você usufrui com os de milhões que, hoje em dia, estão na obscuridade do paganismo, e que nunca ouviram falar do chamado [de Deus] e que, por conseguinte, não são chamados. Quando a companhia dos chamados (chamados para serem filhos de Deus, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo Jesus nosso Senhor, os quais tem tornado firme a sua vocação e eleição) estiver completa, então o plano de Deus para salvar o *mundo* estará apenas começando.

Somente quando a *Descendência* estiver escolhida, desenvolvida e exaltada ao poder, é que poderá ser ferida a cabeça da serpente. “E o Deus de paz esmagará *em breve* a Satanás debaixo dos vossos pés.” (Romanos 16:20; Gênesis 3:15) A Era Evangélica prepara a casta donzela, a fiel Igreja, para o Noivo que vem. E no fim da era, quando ela estiver “preparada” (Apocalipse 19:7), o Noivo virá, e todos os que estiverem “preparados” irão com Ele para as bodas. O segundo Adão e a segunda Eva serão um, e assim começará a gloriosa tarefa da restauração. Na dispensação seguinte, nos novos céus e na nova terra, a Igreja não será por mais tempo a donzela desposada, mas a Esposa, e então se cumprirá o belo texto: “E o Espírito e a noiva dizem: Vem. E quem tem sede, venha; e quem quiser, receba de graça a água da vida.” — Apocalipse 22:17

A Era Evangélica longe de encerrar a missão da Igreja, é somente a preparação necessária para a grande obra futura. Por esta bênção prometida, já próxima de seu cumprimento, toda a criação juntamente geme e está em dores até agora, esperando a *manifestação* dos filhos de Deus (Romanos 8:22, 19) E é um fato abençoado saber que a Graça Livre em sua plenitude será, não somente para os que viverem, mas também para os que já morreram, a bendita oportunidade oferecida na era vindoura.

Alguns que conseguem vislumbrar as grandes bênçãos preparadas para o segundo advento, e apreciar, até certo ponto, o

fato de que o Senhor outorgará as grandes bênçãos obtidas pela sua morte, deixam de observar o ponto mencionado acima, a saber: Que os que estão nos túmulos terão tanto interesse nesse glorioso reinado do Messias como os que, naquele tempo, não estiverem tão plenamente submetidos ao jugo da corrupção e da morte. Certamente assim como Cristo morreu por *todos*, todos alcançarão as oportunidades e as bênçãos que ele adquiriu com seu precioso sangue. Assim é que, no Milênio, devemos esperar que sejam derramadas bênçãos sobre todos, tanto para os que descansam nos túmulos, como para os que não estiverem neles. Acerca disso, encontramos múltiplas provas na proporção em que examinamos com cuidado o testemunho de Deus sobre o assunto. Devido ao Plano de Deus que libertará os mortos, é que estes são chamados de “*prisioneiros da esperança*”.

ACASO HÁ ESPERANÇA PARA OS NÃO ELEITOS

Estima-se que cerca de cento quarenta e três bilhões de seres humanos tenham vivido na terra durante seis mil anos desde a criação de Adão. De acordo com a estimativa mais ampla que poderia ser feita, o número dos santos de Deus não chegaria a um bilhão. Este cálculo liberal deixaria o imenso resíduo de cento quarenta e dois bilhões (142.000.000.000) de seres humanos que morreram sem fé e sem esperança acerca do *único nome* debaixo do céu, dado entre os homens no qual devamos ser salvos. A vasta maioria não conheceu e nem ouviu coisa alguma acerca de Jesus, e, portanto, não poderiam crer naquele em quem não ouviram falar.

Perguntamos: Aonde foi parar esta vasta multidão da qual os números dão uma ideia insuficiente? Qual foi, qual é, e qual será sua condição? Porventura Deus não preparou nada para estes, cuja condição e circunstâncias Ele teria antevisto? Por acaso, como muitos de seus filhos afirmam, fez Ele, desde a fundação do mundo, uma cruel e miserável provisão de tormentos eternos para estes desventurados? Ou será que nas grandiosas dimensões de seu plano, na largura, no comprimento, na altura, e na profundidade,

O Plano das Eras

Ele ainda tem em reserva para estes a oportunidade de chegarem ao conhecimento do *único nome*, e que obedecendo às condições que serão então exigidas, passarão assim a desfrutar da vida eterna?

Existe uma variedade de respostas a estas perguntas que todo cristão refletivo faz a si mesmo, e para as quais anseia uma solução veraz e satisfatória, e em completa harmonia com o caráter de Jeová.

O Ateísmo responde: Morreram para sempre, não há futuro para eles e nunca mais voltarão a viver.

O Calvinismo responde: Não foram eleitos para a salvação. Deus preordenou, e os predestinou a se perderem, a irem para o inferno, onde estão revolvendo-se em agonia e sem esperança.

O Arminianismo responde: Cremos que Deus desculpa a muitos deles tendo em conta sua ignorância. Aqueles que viveram o melhor que puderam, ainda que nunca tenham ouvido falar de Jesus, pertencerão à “Igreja dos Primogênitos”.

A maioria dos cristãos de todas as denominações (apesar de muitos terem credos diferentes e contraditórios), admite esta última opinião pensando que qualquer outra seria irreconciliável com a justiça da parte de Deus. Mas, por acaso as Escrituras apóiam este conceito? Ensinam elas que a ignorância é um meio de salvação? Não, nas Escrituras o único meio de salvação que é apresentado é a *fé* em Cristo como nosso Redentor e Senhor: “Porque pela graça sois salvos, *por meio da fé*”. (Efésios 2:8) A justificação por meio da *fé* é o princípio fundamental do inteiro sistema do cristianismo. Quando era perguntado: “Que devo fazer para ser salvo?”, os apóstolos respondiam: Crê no Senhor Jesus Cristo, porque debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, em que devamos ser salvos.” (Atos 4:12). “Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.” — Romanos 10:13

A Volta de Nosso Senhor

Não obstante, Paulo ensina que o homem deve ouvir o Evangelho para que possa crer, pois ele disse: “Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram?” — Romanos 10:14

Alguns são da opinião que Paulo ao dizer, “os gentios, que não tem Lei, ... tornam-se lei para si mesmos” (Romanos 2:14, KJA), estava ensinando que a *ignorância* salva os homens. Concluem com base nisto que a lei prescrita pelas suas consciências, é suficiente para justificá-los. Mas tais pessoas interpretam muito mal a Paulo. O argumento que ele apresenta é que, todos são culpados diante de Deus (Romanos 3:19), e que os gentios [as nações] que não tinham a lei escrita, foram *condenados*, mas não justificados à luz de sua consciência, quer ela os acusasse, quer os desculpasse, provando assim que eram imperfeitos e indignos da vida, da mesma maneira que os judeus, que tinham a lei escrita, eram *condenados* por ela, “pois pela lei vem o pleno conhecimento do pecado”. (Romanos 3:20, AL21) A Lei dada aos judeus revelava as suas fraquezas, pois foi dada com o propósito de mostrar-lhes que eram incapazes de justificar-se a si mesmos diante de Deus, visto que “pelas obras da lei nenhum homem será justificado diante dele [diante de Deus]”. A Lei escrita *condenava os judeus*, e os gentios tinham a suficiente luz da consciência para *condenar-lhes*, para que se calasse toda boca que reivindicasse o direito à vida, pois todos são culpados diante de Deus.

Isto nos faz lembrar das palavras de Tiago (2:10): Qualquer um que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, torna-se culpado de todos, e não tem direito às bênçãos prometidas pela Aliança da Lei, pois podemos ver que “não há justo, nem sequer um”. (Romanos 3:10) Desta maneira as Escrituras fecham toda porta de esperança, com uma só exceção, mostrando assim que ninguém é capaz de obter a vida eterna por meio de obras meritórias, assim como também, é inútil alegar a ignorância como um meio de salvação. A ignorância não pode fazer ninguém merecedor da *recompensa* da fê e da obediência.

O Plano das Eras

Muitos cristãos, não dispostos a crer que tantos milhões de crianças e pagãos estão perdidos para sempre (o que, segundo lhes foi ensinado, significa que foram destinados a um lugar de tormento eterno e sem esperança), insistem, apesar da Bíblia afirmar o contrário, que Deus não condena os ignorantes. Admiramos sua liberalidade de coração e seu elevado apreço pela bondade de Deus, mas os exortamos a não serem demasiadamente apressados quanto a descartar ou ignorar as declarações da Bíblia. Deus têm bênçãos para todos, e isto, de uma maneira melhor do que através da ignorância.

Mas, estão os seus atos de acordo com as suas crenças? Não, pois ainda que professem crer que os ignorantes serão salvos apesar de sua ignorância, eles, não obstante, às custas de vidas valiosas e de milhões em dinheiro, continuam enviando missionários aos pagãos. Se todos, ou pelo menos a metade deles se salvassem por meio da ignorância, lhes está sendo feito positivamente dano ao serem enviados missionários que lhes ensinam sobre o nome de Cristo, porque somente um de cada mil chega a tornar-se crente quando os missionários vão até eles. Se esta ideia é correta, seria muito melhor deixá-los em ignorância, porque desse modo uma proporção muito maior seria salva. Ao prosseguirmos nesta linha de argumentação, não chegaríamos a conclusão de que *todos* teriam se salvado se Deus houvesse deixado *todos os povos* em ignorância? Neste caso, a vinda e a morte de Jesus foram inúteis, a pregação e os sofrimentos dos apóstolos e dos santos foram em vão, e o tão propalado Evangelho, longe de ser boas novas, ao contrário, são novas muito ruins. O fato de serem enviados missionários aos pagãos por aqueles que professam a ideia calvinista da eleição, ou seja, que o destino eterno de cada indivíduo se acha determinado de modo inalterável antes de nascer, é ainda mais absurdo e inconsistente.

Mas a Bíblia, que está cheia de espírito missionário, não ensina que existem vários caminhos de salvação — um caminho pela fê, outro pelas boas obras e outro pela ignorância. Tampouco ela ensina a doutrina do fatalismo, que desonra o nome de Deus. Embora mostre todas as outras portas como estando fechadas à

A Volta de Nosso Senhor

esperança, Ele abre de par em par outra - a única porta - a que proclama que todo aquele que quiser pode obter a vida, indicando também que todos aqueles que agora não veem e nem apreciam os benditos privilégios de entrar nesta porta, serão, no tempo oportuno, orientados para que possam adquirir o devido apreço e conhecimento plenos. A *única maneira* por meio da qual, alguém, bem como todos os outros membros da raça humana, que estão sob a condenação, podem chegar-se a Deus, não é por meio de obras que tragam algum mérito, tampouco por meio da ignorância, mas antes, é por meio da fé no precioso sangue de Cristo, que tira o pecado do mundo. (1 Pedro 1:19; João 1:29) Este é o Evangelho, as boas novas de grande alegria “que o *será* PARA TODO O POVO”.

Vejamos agora o que Deus nos diz acerca destas coisas, deixando para Ele a tarefa de vindicar o seu próprio caráter. Começaremos perguntando: Onde foram parar estes cento quarenta e dois bilhões de seres humanos?

Qualquer que seja o seu paradeiro, podemos estar seguros de que não se encontram num estado de sofrimento, porque a Bíblia não somente ensina que a Igreja não receberá sua plena recompensa antes da vinda de Cristo, quando retribuirá a cada um segundo as suas obras (Mateus 16:27), mas também deixa claro, que os injustos receberão seu castigo nesse tempo. O fato de que sua condição atual não é a plena recompensa, é provado pelas palavras do apóstolo Pedro: “Sabe o Senhor reservar ... os injustos para o dia do juízo, para serem castigados” (2 Pedro 2:9), e ele determinou agir assim.

Mas a ideia de que tantos de nossos semelhantes possam se perder por lhes faltar o conhecimento indispensável para sua salvação, é realmente sombrio para todo aquele que tem algum sentimento de amor e compaixão. Além disso, parece impossível que muitas das passagens das Escrituras estejam em harmonia com tal ideia. Vamos fazer então um exame: Se encarmos o passado e o presente como sendo as únicas oportunidades de salvação, deixando de lado toda esperança de alcançá-la na próxima era por meio de uma restituição, de que maneira poderíamos interpretar a declaração, que “Deus é amor”, ou, “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça”? (1 João

4:8; João 3:16) Não seria apropriado esperar que se Deus amou o mundo a ponto de dar o seu próprio Filho, que Ele proveria os meios não somente para a salvação dos que creem, mas também proporcionaria a todos os que podem ouvir, a oportunidade de crer?

Além disso, quando lemos: “Ali estava a luz verdadeira, que ilumina a todo o homem que vem ao mundo” (João 1:9), nossa observação diz: Não, nem todos os homens foram iluminados. Podemos ver que o Senhor tem iluminado somente a alguns dos bilhões de moradores da Terra. Mesmo hoje, quando a luz é mais ampla, milhões de pagãos não dão sinais de estarem iluminados. Nem o deram os sodomitas, e nem milhares de outros das eras passadas.

CRISTO MORREU POR TODOS

Lemos que Jesus Cristo pela graça de Deus provou a morte “*por todos*”. (Hebreus 2:9) Mas se Ele sofreu a morte por cento quarenta e três bilhões, e por algum motivo sua morte é eficaz somente para um bilhão, não foi a redenção comparativamente um fracasso? E se isto é assim, não seria demasiadamente exagerada a declaração do Apóstolo? E se, além disso, lermos a passagem que diz: “porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para **TODO O POVO**” (Lucas 2:10), e em seguida olharmos ao nosso redor e refletirmos no fato de que estas são boas novas apenas para “um pequeno rebanho”, mas não para todo o povo, isso nos obrigaria a pensar, se por acaso, os anjos não exageraram em demasia a bondade e a amplitude da mensagem, superestimando a importância da obra que seria realizada pelo Messias por eles anunciado.

Um outro texto diz: “Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o qual a si mesmo se deu em resgate por todos.” (1 Timóteo 2:5, 6, ARA) Em resgate por todos? Então, por que todos os envolvidos aqui não recebem o benefício da morte de Cristo? Por que não se achegam todos ao conhecimento da verdade para que possam crer?

Sem a chave, quão obscura e inconsistente parece esta afirmação! Mas quando achamos a chave conseguimos ver em toda sua grandeza o plano de Deus, pois todos estes textos declaram de modo

unânime que “Deus é amor”. Esta chave se encontra na última parte do texto que acabamos de citar: “A si mesmo se deu em resgate por todos: TESTEMUNHO QUE SE DEVE PRESTAR EM TEMPOS OPORTUNOS.” Deus tem um tempo oportuno para todas as coisas. Ele podia ter dado o testemunho a todos estes durante a vida passada, mas como não o fez, fica comprovado que esse “tempo oportuno” ainda é futuro. Para aqueles que vão fazer parte da Igreja, a esposa de Cristo, e que participarão das honras do reino, o presente é o “tempo oportuno” para ouvir, e todo aquele que agora tem ouvidos para ouvir que ouça e atenda, sendo assim proporcionalmente abençoado. Embora Jesus tenha provido o nosso resgate antes de nascermos, não era ainda o nosso “tempo oportuno” para ouvir. Este tempo nos sobreveio muitos anos depois. E ao desenvolvermos apreço por ele, isso nos trouxe à responsabilidade, mas de acordo com o grau de nossas condições e apreço. O mesmo princípio é aplicável a todos: No tempo oportuno de Deus, isto [o resgate] será testificado a todos, e todos terão a oportunidade de crer e ser abençoados.

Por vezes, prevalece a opinião de que a morte finaliza toda prova, mas não há nenhuma passagem bíblica que a confirme. Se este fosse o caso, de que a morte elimina toda e qualquer esperança para as massas ignorantes da humanidade, neste caso, todas as passagens anteriormente citadas e muitas outras, careceriam de significado, ou pior do que isso. A única passagem que parece apoiar esta tese amplamente aceita é: “No lugar em que a árvore cair ali ficará”. (Eclesiastes 11:3) Se isto faz alguma referência ao futuro do homem, isso quer dizer que, seja qual for sua condição ao descer à sepultura, nenhuma mudança irá ocorrer até a sua ressurreição. Este é o ensinamento unânime de todas as Escrituras que tratam deste assunto, como iremos demonstrar nos estudos seguintes. Uma vez que Deus não tem a intenção de salvar o homem por meio da ignorância, mas antes, Ele “quer que *todos os homens* cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (1 Timóteo 2:4, ARA), e visto que a maioria da humanidade tem morrido na ignorância, porque “na sepultura [Heb. *Seol*], ... não há obra, nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria alguma” (Eclesiastes 9:10), Deus tem feito, portanto, preparativos para a ressurreição dos mortos, com o fim de proporcionar-lhes o conhecimento que lhes possibilitará

O Plano das Eras

exercerem fê e obterem a salvação. Por conseguinte, seu plano é que “assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo. Mas cada um por sua ordem”: — a Igreja Evangélica, a Noiva ou corpo de Cristo, primeiro; em seguida, durante a Era Milenar, todos os que se achegarem a Ele durante os mil anos de sua *presença* (mal traduzida *vinda**) que é o tempo designado por Deus em que todos o conhecerão, “desde o menor até o maior”. — 1 Coríntios 15:22, 23

Assim como a morte veio por meio do primeiro Adão, assim também a vida vem por meio de Cristo, o segundo Adão. Tudo o que foi perdido pela humanidade por causa da queda do primeiro Adão, será restituído aos que creem no segundo Adão. Quando forem ressuscitados com a vantagem de terem experimentado o mal, vantagem esta que Adão não teve, todos os que de coração aceitarem o resgate, como uma dádiva de Deus, poderão continuar vivendo eternamente sob a condição original de obediência. Sob o justo reinado do Príncipe da Paz, será exigida a perfeita obediência e todos estarão habilitados e perfeitos para isso. Esta é a salvação oferecida ao mundo.

Consideremos agora outro texto, que geralmente é ignorado por todos, com exceção dos universalistas. Ainda que não sejamos universalistas, reivindicamos o direito de usar, crer e regozijarmo-nos com todos os testemunhos da Palavra de Deus. O texto afirma o seguinte: “Pois esperamos no Deus vivo, que é o Salvador de *todos os homens*, principalmente *dos fiéis*”. (1 Timóteo 4:10) Deus salvará todos os homens, mas a ninguém de uma maneira especial (“perfeitamente”, “totalmente” [Heb. 7:25, ACF, AL21, ARA]), a não ser aqueles que a Ele vierem por meio de Cristo. A livre salvação provida por Deus em benefício de todos, não é fornecida de um modo que chegue a estar em conflito com o livre arbítrio ou com a liberdade de escolha de cada um. Ele não lhes dará a vida contra sua vontade; não, pois esta lhes será dada de uma maneira condicional:

* Nota: na *Versão Restauração*, dos Evangelhos, publicada em português em 1999, há uma nota marginal, em Mateus 24:3, sobre a palavra *vinda* dizendo: “Gr.: *parousia*, que significa *presença*.”

A Volta de Nosso Senhor

“Te tenho proposto a vida e a morte,... escolhe pois a vida para que vivas”. — Deuteronômio 30:19

Simeão contrastou estas duas salvações dizendo: “Pois já os meus olhos viram a tua salvação, ... *luz para iluminar as nações, e para a glória do teu povo Israel*” [os verdadeiros israelitas]. Isso está em harmonia com a declaração do Apóstolo, de que Cristo Jesus, o Mediador, que se deu a si mesmo em resgate por todos, será *testemunhado para todos* A SEU TEMPO. Este testemunho chegará a cada indivíduo sem se levar em conta a sua fé nem a sua vontade. Estas *novas* de grande alegria de um Salvador serão para *todos* (Lucas 2:10, 11), mas a salvação especial do pecado e da morte, será somente para o *seu* povo (Mateus 1:21), ou seja, aqueles que creem Nele, porque a ira de Deus permanece sobre aquele que não crê. — João 3:36

Vemos, pois, que a salvação geral, que será oferecida a todo ser humano, consiste em proporcionar a cada um a luz da verdade, e a oportunidade de escolher a vida. Visto que a grande maioria da raça humana está na sepultura, será necessário trazê-los de volta para que as boas novas de um Salvador lhes sejam testemunhadas. Vemos também que a salvação especial, da qual os crentes atualmente na esperança desfrutam (Romanos 8:24), cuja realidade será revelada na Era Milenar a todos aqueles que tiverem crido naquele dia, é a *completa* libertação da escravidão do pecado e da corrupção da morte, para que possam entrar na gloriosa liberdade dos filhos de Deus. A obtenção de todas estas bênçãos dependerá da sincera submissão às leis de Cristo, e a rapidez em obter a perfeição indicará o grau de amor demonstrado ao Rei e pela sua lei de amor. Se alguém depois de ter sido iluminado pela verdade, depois de ter sido (de fato ou de uma maneira imputada) restaurado à perfeição humana, voltar a ser “covarde” e “recuar” (Hebreus 10:38, 39), este, juntamente com os incrédulos (Apocalipse 21:8, AL21), será exterminado dentre o povo. (Atos 3:23) Este extermínio é a segunda morte.

Vemos assim que todas as passagens bíblicas que parecem tão difíceis se tornam claras com a afirmação: “Para servir de testemunho a seu tempo”. *Ao seu devido tempo*, essa verdadeira luz iluminará todo o homem que tem vindo ao mundo. *Ao seu devido*

O Plano das Eras

tempo, serão “novas de grande alegria que o será para todo o povo”. De nenhum outro modo podem ser usados estes versículos sem torcê-los. Paulo apresenta este argumento com grande ênfase em Romanos 5:18, 19. Seu argumento é que da mesma maneira em que todos foram condenados à morte por causa da transgressão de Adão, assim também a justiça de Jesus e sua obediência até a morte são a base da justificação; e que assim como todos no primeiro Adão perderam a vida, da mesma maneira todos, apesar da falta de méritos pessoais, ao aceitarem o segundo Adão poderão recebê-la novamente.

Pedro nos disse, que esta restituição, ou restauração de todas as coisas, foi anunciada por todos os santos profetas. (Atos 3:19-21) Todos a ensinaram. Ezequiel disse acerca do vale de ossos secos: “Estes ossos são toda a casa de Israel”. E Deus disse a Israel: “Eis que eu abrirei os vossos sepulcros, e vos farei subir da vossas sepulturas, ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel. E sabereis que eu sou o SENHOR. ... E porei em vós o meu Espírito, e vivereis, e vos porei na vossa terra; e sabereis que eu, o SENHOR, disse isto, e o fiz, diz o SENHOR.” — Ezequiel 37:11-14

Com isto concordam as palavras de Paulo (Romanos 11:25, 26) — “que o endurecimento veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos gentios [a companhia escolhida, a noiva de Cristo] haja entrado. E assim todo o Israel será salvo”, ou restituído de sua condição desamparada, porque “Deus não rejeitou o seu povo, que antes conheceu”. (Verso 2) Estarão afastados de seu favor enquanto estiver sendo escolhida a noiva de Cristo, mas serão aceitos de novo quando esta obra terminar. (Vs. 28-33) As palavras dos Profetas estão repletas de afirmações indicando que serão plantados outra vez, e que jamais voltarão a ser arrancados. “Assim diz o SENHOR, o Deus de Israel: ... Porei os meus olhos sobre eles, e os farei voltar a esta terra, e edificá-los-ei, e não os destruirei; e plantá-los-ei, e não os arrancarei. E dar-lhes-ei coração para que me conheçam, que eu sou o SENHOR, e ser-me-ão por povo, e eu lhes serei por Deus, porque se converterão a mim de todo o seu

A Volta de Nosso Senhor

coração.” (Jeremias 24:5-7; 31:28; 32:40-42; 33:6-16) Estas passagens não podem estar se referindo apenas às suas restaurações anteriores dos cativeiros em Babilônia, Síria, e outras nações, uma vez que desde aquele tempo foram novamente “arrancados”.

Ademais, diz o Senhor: “Naqueles dias nunca mais dirão: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram. Mas cada um [que morrer] morrerá pela sua iniquidade” (Jeremias 31:29, 30). Este, porém, não é o caso agora. Ninguém morre agora pelo seu próprio pecado, mas antes, pelo pecado de Adão — “em Adão todos morrem”. Ele comeu as uvas verdes do pecado, e nossos pais continuaram comendo-as, trazendo enfermidades e miséria sobre seus filhos, apressando assim o salário do pecado — a morte. O dia em que “cada um [que morrer] virá a morrer pela sua própria iniquidade”, será somente no Milênio ou dia da Restituição.

Ainda que muitas das profecias e promessas de bênçãos futuras pareçam ser aplicáveis apenas a Israel, devemos nos lembrar que este foi um povo típico, e que, portanto, as promessas que lhes foram feitas, ainda que algumas vezes tendo uma aplicação especial a eles, em sentido mais amplo, e em geral, se referem à humanidade, a quem aquela nação tipificava. Ao mesmo tempo em que Israel como nação era típica do mundo inteiro, seu sacerdócio era típico do “pequeno rebanho” eleito, a cabeça e o corpo de Cristo — o “Sacerdócio Real”. Os sacrifícios, expiações e propiciações feitas por esse povo tipificavam os “sacrifícios melhores”, a mais completa expiação e verdadeira propiciação “pelos pecados de todo o mundo”, do qual eles fazem parte.

Mas isso não é tudo. Além disso, Deus menciona por nome outras nações e promete a sua restauração. Podemos citar os sodomitas como ilustração convincente. Se descobrirmos que é claramente ensinada a restituição dos sodomitas, sem dúvida alguma poderemos sentir-nos jubilantes quanto à veracidade da gloriosa doutrina da restauração para toda a humanidade, que foi anunciada pela boca de todos os santos profetas. E porque não

O Plano das Eras

haveriam de ter os sodomitas uma oportunidade para alcançar a perfeição e a vida eterna, assim como os israelitas ou qualquer um de nós? Verdadeiramente, eles não foram justos, mas os israelitas também não foram, nem somos nós os que agora ouvimos o Evangelho. A menos que não lhes seja imputado o mérito da justiça de Cristo, que morreu por todos, “não há justo, nem sequer um”. Segundo suas próprias palavras nosso Senhor disse que apesar de Deus ter feito chover fogo do céu para destruir Sodoma e seus habitantes, contudo, não foram tão grandes pecadores aos seus olhos como foram os judeus, que usufruíram um maior conhecimento. (Gênesis 19:24; Lucas 17:29) Aos judeus de Cafarnaum Ele disse: “Porque, se em Sodoma tivessem sido feitos os prodígios que em ti se operaram, teria ela permanecido até hoje”. — Mateus 11:23

Assim, nosso Senhor nos ensina que os sodomitas não tiveram uma plena oportunidade, e garante esta oportunidade quando acrescenta (V. 24): “Eu vos digo, porém, que haverá menos rigor para os de Sodoma, no dia do juízo, do que para ti.” O caráter do dia do juízo e a sua obra serão explicados mais adiante. No momento, só chamamos a atenção ao fato de que será um tempo tolerável para Cafarnaum, e ainda *mais tolerável* para Sodoma, porque embora nenhum dos dois tivesse desfrutado do *pleno* conhecimento e nem de todas as bênçãos que virão por meio da “Descendência”, entretanto, Cafarnaum pecou contra uma luz maior.

E se Cafarnaum e todo Israel não serão esquecidos, mas antes, serão abençoados pela “Nova Aliança” selada com o sangue de Jesus, porque também não haveriam de ser os sodomitas entre “*todas* as famílias da terra”? Certamente que serão! E lembremo-nos também que se muitos séculos antes do tempo de Jesus, Deus fez chover “do céu fogo, e *os destruiu a todos*”, ao se falar de sua restauração está implícita a sua ressurreição, sua saída dos túmulos.

A Volta de Nosso Senhor

Examinemos agora a profecia que se encontra em Ezequiel 16:48-63. Vamos lê-la com atenção. Deus fala da nação de Israel e a compara com a vizinha Samaria e com os sodomitas, acerca dos quais disse: “Portanto, vendo eu isto as tirei dali (*me pareceu bom removê-los*)”. Nem Jesus nem os profetas dão explicação alguma da aparente parcialidade da conduta de Deus ao destruir Sodoma, e em contraste permitir que outros mais pecaminosos prosseguissem impunes. Tudo isto será esclarecido quando “a seu tempo”, seus grandes desígnios forem revelados. O Profeta simplesmente afirma, que pareceu apropriado a Deus fazer assim, e Jesus acrescenta que no dia do juízo haverá menos rigor para eles do que para outros mais culpados. Mas se supomos que a morte finaliza toda prova, e que depois nunca mais haverá a oportunidade de se obter o conhecimento da verdade e nem de obedecê-la, podemos razoavelmente perguntar: Por que pareceu bem a Deus destruir este povo sem haver-lhes dado uma plena oportunidade de salvação, levando-os ao conhecimento do único nome no qual deviam ser salvos? Não podemos encontrar outra resposta senão a de que o *seu “tempo oportuno”* ainda não lhes havia chegado. A “seu tempo” serão levantados dos túmulos, obterão o conhecimento da verdade, e por meio da prometida “Descendência” serão abençoados juntamente com todas as famílias da Terra. Então, nesse tempo, serão submetidos à prova para que possam alcançar a vida eterna.

Sob este ponto de vista, e não sob algum outro, podemos entender o procedimento do Deus de amor, quando não apenas permitiu, mas também ordenou aos israelitas que destruíssem os amalequitas e alguns outros povos. Ele os autorizou dizendo: “Vai, pois, agora e fere a Amaleque; e destrói totalmente a tudo o que tiver, e não lhe perdoes; porém matarás desde o homem até à mulher, desde os meninos até aos de peito, desde os bois até às ovelhas, e desde os camelos até aos jumentos.” (1 Samuel 15:3) Esta aparente diferença no que diz respeito à destruição de vidas, parece irreconciliável com o caráter de amor que atribuímos a Deus, e também de acordo com os ensinamentos de Jesus, “amai os vossos inimigos” e outras expressões semelhantes. Só podemos entender isso quando reconhecemos a ordem sistemática do Plano

O Plano das Eras

Divino, o “tempo oportuno” para o cumprimento de cada um de seus aspectos, e quando entendemos que cada ser humano tem um lugar nele.

Podemos ver agora que os amalequitas, do mesmo modo que os sodomitas e os demais, serviram para exemplificar a justa indignação de Deus, e sua determinação de finalmente e em sua totalidade, destruir os maus. Estes exemplos, quando chegar sua prova ou dia do juízo, não somente serão proveitosos para outros, mas também para eles mesmos. Estas pessoas, bem poderiam ter morrido da maneira em que morreram, ou por causa de enfermidades ou pragas. Isto teria pouca importância para eles, pois estavam simplesmente aprendendo a conhecer o mal, para que no tempo oportuno quando estiverem “em provas”, possam aprender a justiça e estejam em condições de discernir o bem para que ao escolhê-lo possam obter a vida.

Continuemos com o nosso exame desta profecia. Depois de comparar Israel com Sodoma e Samaria, e de declarar Israel como a mais culpável (Ezequiel 16:48-54), diz o SENHOR: (verso 53) “Eu, pois, farei voltar os cativos delas; os cativos de Sodoma e suas filhas, e os cativos de Samaria e suas filhas, e os cativos do teu cativo dentre elas.” O cativo ao qual se faz referência aqui não pode ser outro senão o seu cativo na morte, porque os mencionados neste texto haviam morrido. Na morte todos estão cativos; mas Cristo abrirá as portas dos túmulos e libertará os cativos. (Isaías 61:1; Zacarias 9:11) No versículo 55 isto é chamado “tornarão ao seu primeiro estado” — uma restituição.

Alguns que estão prontos para aceitar o favor de Deus e o perdão de suas faltas e fraquezas por meio de Cristo, e que por sua vez usufruem maior luz e conhecimento, embora admitam a declaração do Apóstolo, de que Jesus Cristo pela graça de Deus provou a morte por todos, não conseguem compreender que debaixo da Nova Aliança o mesmo favor será aplicável para outros. Alguns sugerem que nesta profecia Deus fala ironicamente aos judeus, implicando que tanto poderia restituir aos sodomitas como também a eles, mas que não tinha a intenção de fazê-lo. Entretanto, vejamos como os versículos (60-63) contradizem esta ideia. Diz o Senhor:

A Volta de Nosso Senhor

“Contudo *eu me lembrarei* da minha aliança, que fiz contigo nos dias da tua mocidade; e *estabelecerei* contigo uma aliança eterna. *Então te lembrarás* dos teus caminhos, e te confundirás, quando receberes tuas irmãs, ... [E] eu estabelecerei a minha aliança contigo, e saberás que eu sou o SENHOR; para que te lembres disso, e te envergonhes, e nunca mais abras a tua boca, por causa da tua vergonha, quando eu te expiar de tudo quanto fizeste, diz o Senhor DEUS (Jeová - TB).” Quando uma promessa está assim assinada pelo Grande Jeová, todos aqueles que estão prontos para confirmar que Deus é verdadeiro, confiantemente podem alegrar-se na certeza de seu cumprimento, especialmente os que chegam a compreender que estas bênçãos sob a Nova Aliança estão confirmadas por Deus em Cristo, cujo precioso sangue selará tal Aliança.

Assim, Paulo acrescenta seu testemunho acerca disto dizendo: “E assim todo o Israel (vivos e mortos) será salvo (serão recuperados de sua cegueira), como está escrito: De Sião virá o Libertador, e desviará de Jacó as impiedades; e esta será a minha aliança com eles, quando eu tirar os seus pecados. ... quanto à eleição, amados por causa dos pais. Porque os dons e a vocação (chamada) de Deus são sem arrependimento [irrevogáveis, AL21].” — Romanos 11:26-29

Não devemos ficar assombrados de que tanto os judeus como os samaritanos, os sodomitas e o restante da humanidade, ficarão envergonhados e confundidos quando “a seu tempo” (no tempo oportuno) Deus manifestar as riquezas de sua graça. Não será estranho, que muitos dos que agora são filhos de Deus ficarão envergonhados e confundidos, quando puderem compreender: Que *Deus amou* O MUNDO desta maneira, e o quanto os seus planos e pensamentos eram muito mais elevados do que os deles.

Os cristãos geralmente creem que todas as bênçãos de Deus são somente para a Igreja eleita, mas já começamos a ver que os planos de Deus são muito mais amplos do que anteriormente imaginado, embora Deus tenha feito, para a Igreja, “grandíssimas e preciosas promessas”, também fez uma abundante provisão para o mundo, ao qual amou até a ponto de redimi-lo. Os judeus, de modo

semelhante, se equivocaram ao supor que todas as promessas divinas eram nada mais do que algo a lhes ser dado em seu próprio benefício. Por isso, quando chegou “o tempo oportuno” para que fossem favorecidos os gentios, unicamente um remanescente de Israel, aqueles cujo coração se alegrou com esta evidência da graça de Deus, participaram desse favor ampliado, enquanto que os demais foram cegados pelos preconceitos e tradições humanas. Que os membros da Igreja, que agora estão contemplando a aurora do Milênio, com os seus favores e benefícios para todos, sejam muito cuidadosos, para que não sejam encontrados em oposição à luz que avança e fiquem cegados em relação a sua glória e bênçãos.

Quão diferente é este glorioso Plano Divino de escolher uns poucos agora para depois abençoar muitos, ao contrastarmos com o desvio destas verdades, conforme se evidencia nas ideias contraditórias mantidas pelos credos — calvinista e arminiano! O primeiro nega a doutrina da Graça Livre e lamentavelmente distorce a gloriosa doutrina da Eleição. O segundo nega a doutrina da Eleição e não consegue compreender a plenitude das bênçãos da Graça Livre oferecida por Deus.

Afirma o Calvinismo: Deus é onisciente. Ele sabia do fim desde o princípio. E enquanto todos os Seus propósitos estão sendo cumpridos, nunca tencionou salvar mais do que a uns poucos, a Igreja. A estes os elegeu, e preordenou para que fossem salvos. Aos demais também os elegeu e preordenou para o tormento eterno, porque: “Conhecidas são a Deus, desde o princípio do mundo, todas as suas obras.” [Atos 15:18]

Esta doutrina tem alguns lados bons. Ela reconhece a onisciência de Deus. Este seria o nosso ideal de um *grande* Deus se não fosse a falta de duas grandiosas qualidades essenciais, que são o amor e a justiça. Nenhuma destas qualidades fica evidenciada ao serem trazidos ao mundo cento e quarenta e dois bilhões de seres humanos sentenciados à tortura eterna antes de haverem nascido, enganando-os com falsas promessas de amor. Se Deus é amor, e a justiça é a base do Seu trono, tal tipo de caráter não pode ser o Seu.

O Arminianismo diz: Sim, Deus é amor. E ao trazer a humanidade ao mundo, não teve a intenção de causar-lhes dano

algum, mas somente de fazer-lhes o bem. Mas aconteceu que Satanás teve êxito ao tentar o primeiro casal, e deste modo entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte. Desde então, Deus tem feito tudo o que está ao seu alcance para livrar o homem do seu inimigo, pois até mesmo chegou a dar o seu próprio Filho. Embora já se tenham passado seis mil anos, o Evangelho tem chegado apenas a uma proporção muito reduzida da humanidade. No entanto, esperamos que com mais seis mil anos, e por meio da energia e liberalidade da Igreja, a tal ponto Deus terá corrigido o mal introduzido por Satanás, que todos estes que viverem naquele tempo poderão, pelo menos, conhecer o seu amor, e terão a oportunidade de crer e serem salvos.

Esta doutrina apesar de representar a Deus como um Ser cheio de amor e benevolência em seus desígnios para com as suas criaturas, não obstante, sugere que Ele necessita de habilidade e presciência indispensáveis para o cumprimento de seus benévolos desígnios; ou seja, tal ideia sugere que Ele é deficiente em sabedoria e poder. De acordo com esta perspectiva, parece que enquanto Deus se ocupava em fazer os preparativos e projetos para o bem-estar de suas criaturas que acabavam de ser formadas, Satanás se interpôs e num golpe magistral desordenou de tal forma todos os planos do Criador, que mesmo esgotando todos os seus recursos, Ele necessita empenhar um esforço pelo espaço de doze mil anos para instaurar de novo a justiça, mas somente os remanescentes da raça humana, que viverem nessa ocasião, poderão ter a oportunidade de escolher facilmente o bem ou o mal. Assim, os cento e quarenta e dois bilhões de seres humanos que existiram nos seis mil anos passados, além daqueles que viverem nos seis mil anos vindouros, de acordo com esta teoria, apesar do amor de Deus para com eles, estarão perdidos para sempre, porque Satanás interferiu em seus planos. Se este fosse o caso, então Satanás levaria a melhor, porque para cada mil que ele consegue levar para o tormento eterno, Deus salva para a glória apenas um.

Semelhante ponto de vista tende a engrandecer a concepção humana acerca do poder e da sabedoria de Satanás, ao passo que diminui na mesma proporção seu apreço destes mesmos atributos

O Plano das Eras

em Deus, de quem o salmista diz, em contraste: “Pois ele falou, e tudo se fez; ele mandou, e logo tudo apareceu.” [Salmo 33:9, AL21] Mas Deus não foi surpreendido a ponto de ser enganado pelo inimigo, e nem Satanás tem de forma alguma frustrado os seus planos. Deus é, e sempre foi, perfeitamente o dono da situação, e finalmente veremos que todas as coisas estavam cooperando para o cumprimento de seus propósitos.

As doutrinas da Eleição e da Graça Livre, do modo como são ensinadas pelos calvinistas e arminianos, ninguém jamais conseguiu harmonizá-las entre si, nem com a razão e muito menos com a Bíblia. Em contraste, de acordo com o ponto de vista do plano das eras, estas duas doutrinas bíblicas distinguem-se por sua beleza e harmonia.

Conforme já vimos, muitos dos grandes e gloriosos aspectos do Plano de Deus para efetuar a salvação da raça humana do pecado e da morte pertencem ao futuro, e que o segundo advento do nosso Senhor Jesus é o primeiro passo indicado para o cumprimento das bênçãos há tanto tempo prometidas e por tão longo tempo esperadas. Em vista disso, não deveríamos anelar o tempo de sua segunda vinda mais ansiosamente do que os judeus, menos informados do que nós, e que esperavam e desejavam ver o seu primeiro advento? Ao percebermos que o tempo permitido para o mal, a injustiça e a morte chegará ao seu fim por meio do exercício de seu poder e de seu domínio [o de Cristo], e que a justiça, a verdade e a paz serão universais, quem de nós não se alegrará ao aguardar esse dia? E o que dizer de todos aqueles que inspirados pelas preciosas promessas de que “se perseveramos, com Ele também reinaremos”, estão sofrendo agora as reprovações de Cristo? Será que estes ao perceberem alguma evidência da proximidade do Mestre, não levantarão as suas cabeças com grande regozijo, sabendo que a nossa redenção e glorificação junto a Ele se aproximam? Sem dúvida alguma todos aqueles que estiverem em harmonia com o espírito de amor e com a sua gloriosa missão de abençoar, irromperão em aclamações de júbilo a cada sinal de sua vinda, estando certos também de que com Ele está se aproximando essa grande “alegria que será para todo o povo”.

Estudo VII

A PERMISSÃO DO MAL E SUA RELAÇÃO COM O PLANO DE DEUS

Por que foi permitido o Mal? — O bem e o mal como princípios — O sentido moral — Deus permite o mal, e fará com que resulte em bem — Deus não é o autor do pecado — A prova de Adão não foi uma farsa — Sua severa tentação — Ele pecou voluntariamente — A pena do pecado não é injusta e nem demasiado severa — A Sabedoria, o Amor e a Justiça demonstrados ao se condenar todos em Adão — A Lei de Deus é universal.

O MAL é a causa da infelicidade; é aquilo que direta ou indiretamente ocasiona sofrimentos de qualquer espécie. — *Webster*. O tema que agora se inicia, não se limita apenas a averiguar o que está relacionado com as doenças humanas, o sofrimento, as dores, as fraquezas e a morte, mas antes, deixando tudo isso de lado, passa a considerar sua causa básica — o pecado — e seu remédio. Se o pecado é a causa de todos os males, destruí-lo é o único meio de curar radicalmente a doença.

Talvez não haja outra dificuldade que se apresente tão amiúde à mente investigadora do que as perguntas: Por que Deus permite o atual predomínio do mal? Por que Deus, depois de haver criado como seres perfeitos e justos os nossos primeiros pais, permitiu então que Satanás os tentasse? Por que Deus colocou entre as boas árvores [no Éden] a árvore proibida? Apesar de todos os esforços para negá-la, nos confrontamos com a seguinte pergunta: Deus não poderia ter impedido todas as possibilidades de queda?

Sem dúvida alguma que a dificuldade surge pela falta de compreensão quanto ao que é o plano de Deus. Ele poderia ter impedido a entrada do pecado, mas o fato de que não o fez deveria ser prova suficiente de que, conforme os seus desígnios, a atual permissão do mal resultará finalmente em grande bem. Vistos em sua inteireza, os planos de Deus demonstrarão a

O Plano das Eras

sabedoria do proceder seguido. Alguns perguntam: Não poderia Deus, para quem tudo é possível, ao intervir a tempo, ter impedido a completa realização dos desígnios de Satanás? Sem dúvida que poderia, mas tal intervenção haveria frustrado a execução de seus próprios desígnios. Seu propósito foi manifestar a perfeição, a majestade e a legítima autoridade de sua lei, e demonstrar aos homens e aos anjos as más consequências que resultam de sua violação. Além disso, algumas coisas, por causa de sua natureza, são impossíveis ao próprio Deus, assim como as Escrituras afirmam: “É impossível que Deus minta”. (Hebreus 6:18) “Ele não pode negar-se a si mesmo”. (2 Timóteo 2:13) Ele não pode fazer o mal, de modo que não poderia escolher outro plano que não fosse o mais sábio, e o melhor, para trazer as suas criaturas à vida, ainda que por algum tempo nossa capacidade limitada nos impeça de distinguir as riquezas ocultas de sua infinita sabedoria.

As Escrituras declaram que todas as coisas foram criadas pela vontade de Deus. (Apocalipse 4:11) Sem dúvida alguma que isto foi feito pelo prazer de dispensar suas bênçãos e de exercitar os atributos de Seu glorioso ser. E apesar de que em seus desígnios benévolos Ele permita o mal e deixe os iníquos tomar uma parte ativa nisso, isso não se dá por amor ao mal, nem porque tenha alguma associação com o pecado, porque está escrito: “Tu não és um Deus que tenha prazer na iniquidade”. (Salmo 5:4) Ainda que esteja em oposição ao mal em todos os seus sentidos, Deus o *permite* (isto é, não o impede) por algum tempo, porque em sua sabedoria vê a maneira em que isto há de tornar-se numa duradoura e valiosa lição para as suas criaturas.

É uma verdade manifesta que para cada princípio bom existe um correspondente princípio mau, por exemplo: verdade e falsidade, amor e ódio, justiça e injustiça. Tais princípios opostos os distinguimos como sendo o do *bem* e do *mal*, segundo seus efeitos quando postos em ação. O princípio que quando está ativo resulta em bem e promove a harmonia, a ordem e a felicidade, o qualificamos de princípio *bom*. Porém, quando resulta em discórdias, em infelicidade e em destruição, o qualificamos então

A Permissão do Mal

como um princípio *mal*. Aos resultados destes princípios em ação, os chamamos de *bom* e *mau*. E aos seres dotados de raciocínio, que são habilitados para distinguir entre o princípio do bem e do mal, e que são voluntariamente governados por um ou pelo outro, respectivamente, os chamamos de justos ou de pecadores.

A faculdade que temos para discernir entre os princípios do bem e do mal, chama-se *sentido moral* ou *consciência*. Ao exercitarmos este sentido moral, com o qual Deus dotou o homem, estamos em condições de julgar e reconhecer que Ele é bom. Para provar sua retidão e justiça, Deus sempre apela a este sentido moral, e por meio deste mesmo sentido, Adão, mesmo antes de se familiarizar com as consequências do pecado, ou injustiça, podia muito bem discernir quão *mau* era o pecado. Os seres inferiores à categoria do homem não são dotados deste sentido moral. O cão tem alguma inteligência, mas não a este ponto, apesar de conseguir compreender que certas ações suas dão prazer ao seu dono, e que outras o desagradam. No caso de roubar ou de tirar a vida não lhe poderia ser aplicado o qualificativo de pecador, e tampouco se pode dizer que ele é virtuoso quando protege a propriedade ou a vida de alguém, visto que ignora a qualidade moral de suas ações.

Deus poderia ter criado a humanidade desprovida da habilidade de discernir entre o bem e o mal, ou como sendo somente capaz de compreender e fazer o bem. Sendo este o caso, Ele teria fabricado uma máquina vivente, e o homem estaria muito longe de ser uma imagem mental de seu Criador. Também poderia ter feito o homem perfeito e com livre arbítrio, como o fez, mas resguardando-o da tentação de Satanás. Neste caso, sendo a experiência do homem limitada apenas aquilo que é bom, este estaria exposto assim continuamente às más insinuações externas e as suas próprias ambições internas. Tal coisa tornaria incerto o futuro eterno, ao conter sempre nelas a possibilidade de uma rebelião ou de um rompante de desobediência. Além disso, sem colocá-lo em contraste com o mal, o bem não poderia ser tão altamente apreciado.

O Plano das Eras

No princípio Deus tornou conhecido o que era o bem perante suas criaturas, envolvendo-as com ele o Éden. Mais tarde e como castigo por sua desobediência, lhes deu o amargo conhecimento do mal. Expulsos dali e privados de seu favor, os deixou para que experimentassem as enfermidades, as dores e a morte, para que desta maneira, e de uma vez para sempre, conhecessem o mal e as terríveis consequências do pecado.

Por compararem os resultados, vieram a apreciar devidamente o que era o bem e o mal. “Então disse o SENHOR Deus: Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal.” (Gênesis 3:22) Nisto sua descendência participa, com a diferença de que primeiramente adquirem o conhecimento do mal, não podendo assim compreender totalmente o que é o bem, até que venham a experimentá-lo no Milênio, como resultado de sua redenção por aquele que será seu Juiz e Rei.

O sentido moral ou juízo entre o bem e o mal, junto com a liberdade de usá-lo que Adão possuía, foi um dos aspectos mais importantes da sua semelhança com Deus. A lei do bem e do mal estava inscrita em sua constituição, e era parte de sua natureza, assim como faz parte da natureza divina. Mas não nos esqueçamos de que esta imagem e semelhança com Deus, esta natureza original do homem que possuía dentro de si a lei de Deus, por causa da influência degradante e maculadora do pecado, tem perdido muito de suas destacadas características, e, portanto agora, esta imagem e semelhança de Deus, não é a que veio a existir no primeiro homem. A faculdade de amar implica na faculdade de odiar, e deste modo vemos que Deus não podia fazer o homem a sua própria imagem, com a capacidade de amar e de fazer o bem, sem dotá-lo da correspondente capacidade de odiar e de fazer o mal. Esta liberdade de escolha, que chamamos de livre arbítrio ou livre vontade, forma parte dos dotes originais do homem, e junto com a medida plena de suas faculdades mentais o constitui na imagem do seu Criador. Desta semelhança original, tanto dela tem sido manchada pelo pecado que depois de seis mil anos de degradação, já não somos livres, mas antes, num

A Permissão do Mal

grau maior ou menor somos escravos do pecado e das suas consequências, a ponto de que para a raça caída, o pecado é mais fácil e gratificante do que a virtude.

Que Deus poderia dar a Adão uma forte impressão dos muitos e funestos resultados do pecado, impedindo-lhe assim de experimentá-lo, nem sequer duvidamos por um momento. Acreditamos que Deus previu que uma efetiva experiência com o mal seria a mais vantajosa e perdurável lição que haveria de servir ao homem eternamente. Por essa razão Deus não impediu, mas antes, permitiu ao homem escolher segundo o seu critério, sofrendo assim, as consequências do mal. Se não fosse permitido o pecado, o homem não teria a oportunidade de resisti-lo e, portanto, não haveria valor e mérito algum ao fazer o bem. Deus procura aqueles que o adorem em espírito e em verdade, porque ao invés de um serviço mecânico e cego, Ele deseja obediência disposta e inteligente. Ele já havia posto em operação, para realizar a sua vontade, certos instrumentos inanimados e mecânicos, mas seu desígnio era criar algo mais nobre, uma criatura inteligente, à sua própria imagem, um senhor para a terra cuja lealdade e retidão fossem baseadas na apreciação daquilo que é justo e do que é injusto, daquilo que é bom e do que é mau.

Os princípios do bem e do mal, como *princípios*, sempre têm existido e sempre existirão. Todas as criaturas perfeitas e inteligentes, feitas à semelhança de Deus, devem ser livres para escolher entre o bem e o mal, ainda que o princípio do bem seja o *único* que continue ativo para sempre. As Escrituras nos informam que quando a atividade do mal tiver sido permitida por tempo suficiente para cumprir os propósitos de Deus, então o mal deixará de operar para sempre, e os que continuarem submetendo-se ao seu domínio também deixarão de existir para sempre. (1 Coríntios 15:25, 26; Hebreus 2:14) Somente o bem-fazer e os que fazem o bem continuarão a existir para sempre.

Novamente se apresenta a pergunta em outra forma: Não poderia o homem ter obtido o conhecimento do mal de outro modo a não ser por meio da experiência? Existem quatro

O Plano das Eras

maneiras de conhecer as coisas: pela intuição, pela observação, pela experiência, e pela informação recebida de fontes aceitas como sendo positivamente verdadeiras. Um conhecimento intuitivo seria uma percepção direta, sem o processo do raciocínio nem a necessidade de provas. Tal conhecimento pertence somente a Jeová, a eterna fonte de toda sabedoria e verdade, que forçosamente e pela própria natureza das coisas, é superior a todas as suas criaturas. Por isso é que no homem, o conhecimento do bem e do mal não poderia ser intuitivo. Poderia adquiri-lo por observação, mas nesse caso seria necessário demonstrar de alguma forma o mal e os seus resultados para que o homem pudesse observar. Isto implicaria na permissão do mal em alguma parte e entre alguns seres, e por que não entre os homens e sobre a terra, ao invés de ser com outras criaturas e em outra parte?

Por que não haveria de ser o homem a ilustração, para que pudesse alcançar esse conhecimento, por meio da prática, através de experiência própria? Este tem sido o caso, e o homem recebe o benefício da prática e da experiência, ao mesmo tempo em que oferece para outros um exemplo, sendo “um espetáculo aos anjos”.

Adão obteve o conhecimento do mal pela informação, mas isso foi insuficiente para retrai-lo de seus desejos de experimentá-lo. Adão e Eva conheciam a Deus como seu Criador e como o único que tinha o direito de governá-los. Deus havia dito acerca da árvore proibida: “No dia em que dela comeres, certamente morrerás.” Assim eles tinham um conhecimento teórico do mal, ainda que nunca houvessem observado e nem experimentado os seus efeitos. Por conseguinte, não apreciavam a amorosa autoridade, nem a benéfica lei do Criador, como tampouco se apercebiam dos perigos dos quais Ele havia proposto livrá-los. Por causa disso cederam a tentação, a qual Deus permitiu, havendo previsto em sua sabedoria quão útil seria esta experiência.

A Permissão do Mal

Poucos conseguem compreender a severidade da prova sob cujo peso sucumbiram nossos primeiros pais. Tampouco conseguem compreender a justiça ao ser imposta uma pena tão dura sobre a ofensa ocorrida que para muitos parece ser demasiadamente leve. Tudo isso, porém, pode ser esclarecido ao se fazer uma pequena reflexão. As Escrituras nos relatam a singela história de como a mulher, a mais frágil, foi enganada e transgrediu. A experiência, e o conhecimento de Deus que possuía, eram mais limitados do que os de Adão, porque este foi criado primeiro, e havia sido a ele diretamente, antes de criar Eva, que Deus havia comunicado o tipo de pena que o pecado causaria. Eva provavelmente recebeu esta informação da boca de Adão. Ao participar do fruto, havendo posto sua confiança na enganosa falsidade de Satanás, evidentemente não percebeu o tamanho da sua transgressão, mesmo que não deixasse de ter receios e nem de compreender que estava agindo mal. Apesar de ser enganada, Paulo disse que ela transgrediu, mas não foi tão culpável como se tivesse tido mais luz.

Adão não foi enganado (1 Timóteo 2:14) de modo que, muito diferente do caso da Eva, ele desobedeceu com mais pleno conhecimento daquilo que estava fazendo, tendo em perspectiva o castigo, visto que certamente sabia que deveria morrer. Facilmente podemos deduzir qual foi a tentação que o induziu a incorrer na pena anunciada. Tendo em conta que ambos eram seres perfeitos, a imagem moral de seu Fazedor, raciocinamos que o atributo divino do amor em altíssimo grau adornava o homem perfeito, e belamente era exibido por este em sua conduta para com a mulher perfeita, sua amada companheira. Ao perceber o pecado de Eva, e temendo a sua morte, isto é, sua perda (sem esperança de recuperá-la, porque nenhuma havia sido dada), em seu desespero, Adão temerariamente decidiu não viver sem ela, julgando sua própria vida infeliz e imprestável, se lhe faltasse sua companheira. Deste modo, com pleno conhecimento daquilo que faria cometeu o ato de desobediência, para assim participar da sentença de morte que provavelmente, como ele supunha, pesava sobre Eva. Segundo o apóstolo Paulo, ambos tiveram parte “na transgressão”. (Romanos

O Plano das Eras

5:14; 1 Timóteo 2:14) Entretanto Adão e Eva eram um e não “dois”, de modo que Eva participou da sentença que sua conduta gerou quando persuadiu Adão. — Romanos 5:12, 17-19

Deus não somente previu que, ao conceder ao homem a faculdade de escolha, este, por falta de uma apreciação *plena* do pecado e de seus resultados, haveria de incorrer nele, como também previu que, depois de familiarizar-se com este, ele [o homem] iria preferi-lo pelo motivo de que o contato com o mal deterioraria sua natureza moral, até que o mal gradualmente lhe viesse a ser mais aceitável e mais desejável do que o bem. Apesar de tudo, Deus optou por *permitir o mal* havendo determinado os passos necessários para libertar o homem de suas consequências, vendo que o resultado seria guiá-lo por meio da experiência até o ponto em que chegasse a compreender a “excessiva maldade do pecado” e se apercesse do esplendor sem comparação da virtude, em contraste com aquilo que é mau. Tudo isso foi permitido com o objetivo de ensinar-lhe a amar e honrar o seu Criador, manancial e fonte de todo o bem, fazendo-o desviar-se para sempre de tudo aquilo que só lhe causou miséria e dor. O resultado final será um grande amor por Deus, um ódio maior por tudo aquilo que se opõe a sua vontade, e, por conseguinte, o firme estabelecimento na justiça eterna de todos os que tiram proveito das lições que agora Deus ensina ao permitir o pecado e seus males correlacionados. Há, não obstante, uma grande diferença entre o fato indiscutível de Deus permitir o pecado, e o sério erro de alguns que o acusam de ser seu autor e instigador. Tal opinião é blasfema e contradiz as doutrinas apresentadas na Bíblia. Aqueles que caem neste erro, em geral, o fazem por desejarem encontrar um plano de salvação diferente do plano provido por Deus por meio do *sacrifício* de Jesus como preço do resgate. Ao obterem êxito em convencerem a si mesmos e aos outros que Deus é responsável por todo pecado, maldade e crime* e que o homem, qual inocente instrumento em

* Dois textos das Escrituras (Isaías 45:7 e Amós 3:6 — [Na versão *Bíblia Mensagem de Deus, BMD*, leia a nota correspondente a Isaías 45:7]) são citados para apoiar esta teoria, mas isto se deve a uma interpretação errônea da palavra *mal* em ambos os textos. O pecado é sempre um mal, mas um mal nem sempre é um pecado. Um

A Permissão do Mal

sua mão, se viu forçado a cometer o pecado, então chegam a crer na teoria de que não se requer a misericórdia de sua parte, como tampouco sacrifício algum pelos nossos pecados, mas somente o exercício da JUSTIÇA. Desta maneira, estabelecem os alicerces para outros ensinamentos errôneos, tal como o universalismo com suas afirmações de que sendo Deus o causador de todo pecado, de toda maldade e de todo crime, Ele também causará a libertação de toda a humanidade da escravidão ao pecado e à morte. Além disso, ao raciocinar que Deus quis e causou o pecado, e que ninguém pode resistir-lhe, concluem que quando Ele determinar que prevaleça a justiça, igualmente todos serão impotentes para resisti-la. Não deixemos de notar que, em consequência de tais raciocínios, o homem é degradado à simples condição de uma máquina cujos atos não são os seus próprios, sendo virtualmente eliminada, por completo, a mais nobre qualidade de um ser, a liberdade de *escolha* e o exercício de seu livre arbítrio, o aspecto mais admirável da semelhança com seu Criador. Se fosse assim, o homem, longe de

terremoto, uma conflagração, uma inundação ou uma pestilência podem ser uma calamidade ou um *mal*, mas nunca um pecado. Nestes textos a palavra *mal* significa *calamidade*. A mesma palavra hebraica é traduzida por *aflição* nos Salmos 34:19; 107:39. É traduzida como *angústias* nos Salmos 88:3 e 107:26. É traduzida por *calamidade* e *adversidade* em Jeremias 48:16; 51:2; Salmos 10:6; 27:5; 94:13, AL21; Eclesiastes 7:14. É traduzida por *males* em 1 Samuel 10:19. É traduzida *opróbrio* em Neemias 2:17. A palavra *mal* também se encontra em Lamentações 1:21; Salmos 41:1 e 97:10. Em muitos outros lugares [nas várias versões da Bíblia], a mesma palavra é traduzida como *malícia*, *agravo*, *injúria*, *dano*, *miséria*, *pesar* e *tristeza*. [Nota: Segundo a *Concordância Exaustiva de Strong (Bíblia Online)* a palavra hebraica para *mal* ocorre 623 vezes no Antigo Testamento. Todas as citações bíblicas anteriores, nesta nota foram adaptadas à versão ACF, a menos que haja outra indicação.]

Em Isaías 45:7 e Amós 3:6 o Senhor lembra a Israel, seu povo, a aliança feita com Ele, tendo lembrado-lhes de que se obedecessem as suas leis, os abençoaria e os protegeria das calamidades e males comuns da humanidade. Mas quando se apartassem Dele então traria sobre eles calamidades (males) como castigo. Veja Deuteronômio 28:1-14, 15-32; Levítico 26:14-16; Josué 23:6-11, 12-16.

Quando as calamidades sobrevinham a Israel, eles se inclinavam a considerá-las mais como acidentes do que como correções da parte de Jeová. Portanto, Deus enviava-lhes a palavra por meio de seus profetas, lembrando-lhes de sua aliança e dizendo-lhes que tais calamidades eram enviadas por Ele para sua correção. Visto que estes textos não se referem, nem no mínimo aspecto, ao pecado, é um absurdo usá-los para comprovar que Deus é o autor dele.

O Plano das Eras

ser o senhor da terra, seria inferior aos insetos, que indiscutivelmente possuem vontade ou faculdade de escolha. Mesmo a insignificante formiga é dotada de uma vontade tal, que o homem, apesar de sua superioridade, só está em condições de opor-se-lhe ou frustrá-la, mas nunca consegue destruí-la.

Não se pode por em dúvida o fato de que se Deus assim desejasse, poderia muito bem forçar o homem a pecar ou a praticar a justiça; no entanto, a sua Palavra nos informa que este não é o seu propósito. Como Deus “não pode negar-se a si mesmo”, não forçaria o homem a cometer o pecado. Tal proceder seria incompatível com a retidão de seu caráter, portanto, uma impossibilidade. Além disso, sabemos que Ele apenas busca o amor e a adoração daqueles que o adoram em espírito e em verdade, e por isso tem dotado o homem de liberdade e *vontade* semelhante a sua e deseja que este, por si mesmo, *escolha* a retidão. A *permissão* que Deus concedeu ao homem deu lugar à queda deste, fazendo-lhe perder o favor e a comunhão com seu Criador e causando-lhe a morte. Por meio da experiência, o homem aprende, de uma maneira prática, aquilo que Deus ofereceu ensinar-lhe teoricamente, sem ter que provar o pecado nem os seus resultados. O conhecimento de antemão que Deus teve com respeito ao futuro proceder do homem, não foi usado contra este como pretexto para rebaixá-lo até ao ponto extremo de convertê-lo num autômato [ou como diríamos hoje “num robô”]. Muito pelo contrário, sua presciência foi usada em favor do homem, porque conhecendo o curso que este tomaria ao ter a liberdade de escolha, não o impediu que experimentasse o pecado e seus resultados, mas em contraste, começou a fazer preparativos para recuperá-lo de sua primeira transgressão, provendo-lhe um Redentor, um grande Salvador, capaz de salvar perfeitamente os que por ele se *chegam a Deus*. Com o objetivo de que o homem tivesse *vontade* própria e que ao mesmo tempo aproveitasse a lição obtida por se fazer uso dela desobedecendo-o, Deus não somente tem provido um *resgate* por todos, mas também quer que esta oportunidade de reconciliação com Ele “a seu tempo” chegue aos ouvidos de toda a humanidade. — 1 Timóteo 2:3-6

A severidade da prova não pode ser encarada como uma manifestação de ódio e nem de malignidade da parte de Deus, mas,
126

A Permissão do Mal

na realidade, é uma consequência necessária e inevitável do mal, pois quando Deus o permitiu deu ao homem a oportunidade de observar e sentir os seus resultados. Deus pode prolongar a vida de alguém por quanto tempo achar necessário, mesmo contra o poder destrutivo do mal que está em operação. Mas assim como é impossível que Ele minta, também lhe seria impossível preservar eternamente a vida de um ser perverso, pois isto se tornaria uma *impossibilidade moral*. Tal tipo de vida se transformaria somente mais e mais numa fonte de infelicidade para si mesma e para os demais. Por isso Deus, que é abundante em bondade para perpetuar uma existência tão inútil e prejudicial, retira-lhe seu poder sustentador dando assim lugar à destruição, o resultado natural do mal. A vida é um dom, um favor de Deus, e será eterna somente para os obedientes.

Nenhuma injustiça tem sido cometida para com a descendência de Adão por não lhes proporcionar uma prova individual. Sob circunstância alguma Jeová estava obrigado a nos trazer à existência. E mesmo depois de nos dar a vida, nenhuma lei de equidade ou de justiça o obrigaria a perpetuá-la, nem mesmo sequer quanto a submeter-nos à prova com a promessa de vida eterna, caso fôssemos obedientes. Este é um ponto no qual devemos meditar. Apesar de todos os males e desenganos da vida atual, que desde o berço até o túmulo não é outra coisa senão um contínuo processo de morte, esta vida vem a ser uma graça ou favor, mesmo se não houvesse nenhuma perspectiva de vida futura. A maioria das pessoas tem esta opinião, com a exceção dos suicidas que em comparação são poucos, e sobre os quais as cortes de justiça repetidamente têm decidido que são vítimas de desequilíbrio mental, pois de outra forma não desejariam ficar privados das bênçãos atuais. Além disso, o proceder de Adão, o homem perfeito, nos deixa entrever qual seria a conduta de seus filhos sob as mesmas circunstâncias.

Muitos têm inculcido a ideia errônea de que Deus tem posto a raça humana à prova pela vida tendo como alternativa o *tormento eterno*; porém, não foi feita alusão alguma acerca disso na sentença. O favor ou bênção que Deus concede a seus filhos obedientes, é a vida - vida contínua - sem dor, enfermidades ou qualquer outra

O Plano das Eras

coisa que cause a decadência e a morte. Esta bênção foi dada a Adão em plena medida, e foi-lhe exortado que este “dom” lhe seria retirado se desobedecesse a Deus. Foi-lhe dito o seguinte: “No dia em que dela comeres, certamente morrerás”. Ele nada soube quanto a uma *vida* em tormentos, como penalidade máxima do pecado. A ninguém mais, além dos obedientes, é oferecida a vida eterna. A vida é uma dádiva de Deus, e o oposto à vida, ou seja, a morte, é a pena prescrita.

A tortura eterna nem sequer é insinuada nas Escrituras do Antigo Testamento, e nas Escrituras do Novo Testamento, mas somente alguns relatos, mal interpretados, podem ensinar algo parecido. Estes relatos encontram-se entre os simbolismos do Apocalipse, e entre as parábolas e pronunciações não muito claras de nosso Senhor que *não foram entendidas* pelo povo que os ouvia (Lucas 8:10) e que parecem ser um pouco melhor entendidas atualmente. A Bíblia, sem rodeios, nos declara que “o salário do pecado é a morte” (Romanos 6:23), e que “a alma que pecar, essa morrerá”. — Ezequiel 18:4, 20

Muitos supõem que Deus procedeu injustamente ao determinar que toda a raça humana sofresse a condenação imposta a Adão, em vez de proporcionar a cada um a oportunidade de ganhar a vida eterna, tal como foi concedida a Adão. Que diriam estes ao saberem que a oportunidade para alcançar a vida eterna, da qual todo membro da humanidade caída poderá desfrutar, será acima de tudo mais favorável do que a que foi proporcionada a Adão, e tudo isso *porque* Deus adotou o plano de permitir a raça compartilhar naturalmente da pena que foi imposta ao primeiro homem? Cremos que este é o caso, e iremos tornar este ponto ainda mais claro.

Deus nos assegura que assim como *em* Adão a sentença *recaiu sobre* todos, assim também, em seu amor proveu um novo Líder, pai ou doador de vida para a raça humana, para o qual, todos podem ser conduzidos, por meio da fé e da obediência. Também nos assegura que do mesmo modo como *em* Adão todos participam da maldição da morte, assim também, todos em Cristo, com exceção da Igreja de Cristo participarão das bênçãos da Restituição. (Romanos 5:12, 18, 19) Encarando o assunto sob este ponto de vista, percebemos que a morte do puro e imaculado Jesus teve por

A Permissão do Mal

objetivo efetuar, com relação a Deus, uma plena compensação por causa do pecado de Adão. Assim como o pecado de um só homem atraiu o castigo sobre toda a descendência, do mesmo modo ao pagar a pena de um só pecador, Jesus não somente comprou a pessoa de Adão, mas também comprou aos seus filhos, “todos” – toda a raça - que por herança participa das fraquezas e do pecado como também do resultado ou penalidade destes — a morte. Nosso Senhor, “Cristo Jesus, *homem*”, irrepreensível, aprovado por Deus (levando em si a semente de uma raça sem mácula), deu o *todo* de sua vida humana e o direito a ela, como pleno *preço de resgate* por Adão e pela raça ou descendência que nele foi sentenciada.

Havendo resgatado plenamente a vida de Adão e de sua descendência, Cristo ofereceu-se para adotar como seus filhos, como sua descendência, a todos os filhos de Adão que quiserem aceitar as condições da Nova Aliança, e que desejarem por meio da fé, se tornar parte de sua família, a família de Deus, para receberem, em seguida, a vida eterna. Neste sentido o Redentor “verá a *sua posteridade* [todos os filhos de Adão que aceitarem a *adoção* sob tais condições] e prolongará os seus dias [pela ressurreição a mais elevada natureza, acima da humana, que lhe foi dada pelo Pai, como recompensa pela sua obediência]” e isto, de uma maneira quase que inacreditável, por meio do sacrifício de sua própria vida, e de sua descendência. Por isso está escrito: “Pois, assim como em Adão todos morrem, do *mesmo modo* em Cristo todos serão vivificados.” — 1 Coríntios 15:22, AL21

O dano que recebemos por causa da queda de Adão (não sofremos, porém, injustiça alguma), será mais que contrabalançado pelo favor que Deus nos provê através de Cristo, sendo que mais cedo ou mais tarde, “a seu tempo”, todo membro da raça humana terá uma plena oportunidade de ser restaurado à mesma condição que Adão usufruía antes de pecar. Aqueles que no tempo atual não tiverem obtido o favor de Deus (e estes compõem a grande maioria, incluindo as crianças e os pagãos) terão este privilégio no “mundo vindouro” que é a dispensação ou era que se segue à era atual. Com este objetivo, “todos os que estão nos sepulcros sairão”. À medida que cada um (seja nesta era ou na próxima) se dê plenamente conta do preço do resgate oferecido por Jesus, e dos privilégios que são

O Plano das Eras

derivados dele, a partir desse momento é que será considerado como estando em prova como Adão o foi. A obediência trará a vida eterna, porém, a desobediência causará a morte eterna, “a segunda morte”. Entretanto, a menos que alguém não tenha condições perfeitas para rendê-la, de ninguém será exigida a perfeita obediência. Durante a Era Evangélica, e sob a Aliança da Graça, aos membros da Igreja lhes é imputado, por meio da fé, o mérito da justiça de Cristo, saldando assim as faltas involuntárias motivadas pelas fraquezas da carne. Na Era Milenar, esta mesma Graça Divina operará sobre “quem quiser” dentre o mundo. Até que a perfeição não venha a ser obtida (*privilégio* que estará ao alcance de todos até o fim do Milênio), de ninguém será esperada a absoluta perfeição moral. Esta nova prova obtida por causa do resgate e da Nova Aliança, diferirá da primeira, no Éden, porque os atos pessoais afetarão apenas o futuro do indivíduo.

Mas, pode ser que alguém se pergunte: Não seria isto dar a alguns membros da raça humana uma *segunda* oportunidade para obter a vida eterna? Respondemos: Adão por meio de sua desobediência não aproveitou a *primeira* oportunidade de ganhar a vida eterna, tanto para si mesmo como para a raça que ainda estava “em seus lombos”. Sob a prova original, “veio o juízo sobre todos os homens para condenação”. Assim, Deus propôs que por meio do sacrifício de redenção oferecido por Cristo, depois que tivessem provado a excessiva maldade do pecado, a fim de que, pelo mandamento, o pecado se manifestasse como algo excessivamente maligno, e tendo sentido o peso da pena, Adão, e *todos* os que perderam a vida por causa da queda deste, tivessem a oportunidade de voltar a estar em harmonia com Ele por meio da fé no Redentor. Se alguém deseja chamar isto de uma “segunda oportunidade”, que o faça. Certamente será para Adão, e também, em certo grau pelo menos, para a raça humana em geral. Porém, tal oportunidade será a primeira oportunidade *individual* para os descendentes de Adão que, ao nascerem já se encontravam sob a condenação da morte. Chamem isto do que quiserem, mas o fato vem a ser o mesmo: todos foram sentenciados à morte por causa da desobediência de Adão, e por meio dos requisitos da Nova Aliança (na Era Milenar) todos poderão desfrutar de uma *plena oportunidade* para alcançar a

130

A Permissão do Mal

vida eterna. Conforme anunciaram os anjos, estas são boas “novas de grande alegria, que o será para todo o povo”, e conforme declarou o Apóstolo, acerca desta graça de Deus, o fato de que Cristo “se entregou em *resgate por todos*”, servirá “de testemunho” a todos “a seu próprio tempo”. (Romanos 5:17-19; 1 Timóteo 2:4-6, AL21) Os homens, não Deus, limitaram à Era Evangélica esta prova ou oportunidade de obter a vida. Mas, em contraste, Deus nos informa que a Era Evangélica existe com o objetivo de escolher sua Igreja, ou Sacerdócio Real, por meio do qual, na era subsequente, todos os demais serão trazidos ao pleno conhecimento da verdade, sendo-lhes concedida uma plena oportunidade de obterem a vida eterna sob a Nova Aliança.

Mas, que vantagens há neste método? Por que não dar imediatamente a todos uma oportunidade de obter a vida agora, sem o longo processo da queda e condenação de Adão, incluindo a participação de seus descendentes nessa condenação, a redenção de todos por meio do sacrifício de Cristo, e a nova oferta de vida eterna sob as condições da Nova Aliança? Se, por causa do livre arbítrio do homem, foi permitido o mal, por que a sua eliminação é realizada de uma maneira tão peculiar e cheia de rodeios? Por que foi permitido que tanta miséria sobreviesse a muitos dos que finalmente receberão o galardão da vida, como filhos obedientes de Deus?

Ah! Este é o ponto alto de nosso tema! Se Deus tivesse decidido que a espécie humana viesse a se multiplicar de outra forma, com os filhos não participando dos pecados de seus pais (não participando de suas fraquezas mentais, morais e físicas), se o Criador tivesse arranjado todas as coisas de tal modo que tudo estivesse nas condições mais favoráveis para a realização das provas, assim como se deu no Éden, determinando então que somente os transgressores sofreriam a condenação e seriam destruídos, quantos poderíamos presumir, se mostrariam dignos ou indignos da vida, sob condições tão favoráveis?

Se tomarmos o caso de Adão como base para nosso critério (lembrando que ele foi, em todos os sentidos, uma amostra ou exemplo da humanidade perfeita), chegaríamos à conclusão de que ninguém seria achado perfeitamente obediente e digno, porque

O Plano das Eras

ninguém possuiria um claro conhecimento de Deus e nem teria experimentado seus favores a ponto de desenvolver absoluta confiança em Suas leis, mesmo no caso de estar lutando contra os seus desejos pessoais. Isto nos assegura de que o conhecimento que Jesus tinha do Pai, o habilitou para que obedecesse e viesse a confiar Nele implicitamente. (Isaías 53:11) Vamos supor que a quarta parte da raça humana alcançasse a vida, ou melhor, suponhamos que a metade fosse achada digna de receber a vida, e que a outra metade viesse a receber a morte como salário do pecado. Suponhamos, além disso, que os obedientes nunca tivessem experimentado e nem presenciado o mal. Não seria de esperar que viessem a sentir constantemente curiosidade pelas coisas proibidas, evitando-as somente por temer a Deus e a seu castigo? Neste caso o seu serviço não chegaria a ser tão decidido como seria depois que tivessem se familiarizado com o bem e o mal, adquirindo assim o devido apreço pelos desígnios benevolentes do Criador, que estabeleceu as leis, que governam seu próprio caminho e o de suas criaturas.

Pensemos agora na outra metade, aqueles que, por causa do seu pecado voluntário, receberiam a morte. Para sempre seriam privados da vida, e sua única esperança seria que Deus em seu amor, ao se lembrar deles como criaturas suas, obras de suas mãos, lhes oferecesse outra prova. E isto com que objetivo? O único objetivo que podemos imaginar seria de que estes teriam a esperança de ser-lhes oferecida novamente a vida para serem provados outra vez, e que por alguns deles terem obtido mais *experiência*, decidiriam então ser obedientes e viver.

Ainda que esse plano fosse tão bom em seus resultados, como aquele que Deus tem adotado, este apresenta sérias objeções.

Quão mais evidente se torna a sabedoria de Deus ao restringir o pecado dentro de certos limites, como tem feito em seu plano! Nossa mente finita precisa discernir quão preferível é ter somente uma lei, perfeita e imparcial, que declara que o salário do pecado é a morte — a destruição, a suspensão da vida! Percebemos que Deus tem limitado o mal, que Ele permite, ao determinar que o Reino Milenar de Cristo efetue a sua completa extinção, junto com aqueles que o praticarem deliberadamente, para introduzir em seu

A Permissão do Mal

lugar uma eternidade de justiça baseada no pleno conhecimento e na obediência perfeita e voluntária da parte de seres perfeitos.

No entanto, existem duas outras objeções ao plano proposto de provar cada indivíduo separadamente, desde o início. No plano adotado por Deus somente um Redentor é exigido porque somente um pecou, e somente *um* foi condenado (os demais participaram da *sua* condenação). Mas se a primeira prova fosse individual, ou seja, se a metade da raça pecasse e cada um fosse individualmente credor da pena, por cada um deles se exigiria o sacrifício de um redentor. Uma vida cujo direito não havia sido perdido poderia redimir apenas outra vida perdida, mas nada mais do que isso. Sob nenhuma outra circunstância, além daquelas do plano que Deus escolheu, o homem perfeito, “Cristo Jesus, homem”, poderia dar-se “em resgate (como preço correspondente) por TODOS”. Sua vida redime a de Adão, e também tudo o que neste perdemos.

Se calcularmos em cem bilhões o número total de seres humanos que têm existido desde o tempo de Adão, e se somente a metade desse número houvesse pecado, então, para que fosse dado um *resgate* (um preço correspondente) por todos, se exigiria o sacrifício de outros cinquenta bilhões de homens perfeitos e obedientes. Desta maneira a morte também passaria sobre todos, e tal plano *não* envolveria *menos* sofrimentos do que os que experimentamos agora.

A outra objeção a esse plano é a de que ocasionaria uma séria falta de ordem quanto ao propósito divino de eleger e de elevar até a natureza divina, o “pequeno rebanho”, o “corpo de Cristo”, a companhia da qual Cristo é a Cabeça e Senhor. Sempre que e quando, por meio de sua obediência, os cinquenta bilhões de filhos obedientes alcançassem o direito de obter a vida eterna, Deus, em justiça, não poderia *exigir* que renunciassem aos seus direitos, sua vida, e seus privilégios, para que se dessem em resgate pelos pecadores. Se Ele lhes tivesse proposto que se oferecessem como resgate dos caídos, também lhes haveria oferecido, como no caso de Jesus, uma recompensa especial para que pela alegria ou gozo apresentado a eles, pudessem suportar o castigo de seus irmãos. Assim, lhes seria dada a mesma recompensa que foi oferecida a Jesus, ou seja, de participar da natureza divina e serem elevados

O Plano das Eras

acima dos anjos, muito acima de todo principado, autoridade, poder, domínio, e de todo nome que se nomeia - junto a Jeová - não só neste século, mas também no vindouro (Efésios 1:20, 21), havendo assim um imenso número no plano da natureza divina, o que evidentemente não tem a aprovação da sabedoria divina. Por último, sob tais circunstâncias, estes cinquenta bilhões se encontrariam no *mesmo nível*, não havendo entre eles nenhum líder ou cabeça. O plano que Deus *adotou*, em contraste com o que examinamos acima, requer somente um Redentor, que tem sido exaltado soberanamente à natureza divina. Este plano dá lugar também a um “pequeno rebanho” dos redimidos por esse Redentor, aqueles que “seguem os seus passos” de sofrimento e abnegação com a esperança de serem participantes de seu nome, sua honra, sua glória e de sua natureza, do mesmo modo em que a esposa participa de tudo aquilo que pertence a seu esposo.

Os que conseguem apreciar este aspecto do plano de Deus, por meio do qual todos foram condenados num único representante, abrindo o caminho do resgate e da restauração de todos por meio de *um* só Redentor, encontrarão nele a solução de muitas dúvidas inquietantes. Virão a perceber que a condenação de *todos* em um, longe de ser-lhes prejudicial, quando se tem em conta o plano de Deus de prover por meio do sacrifício de outro a justificação para *todos*, resultará em grande benefício a *todos*. Quando os benefícios derivados do resgate tiverem sido estendidos até ao ponto que foi alcançado pela penalidade do pecado, então, tendo sido cumprido o propósito divino em permiti-lo, o pecado será extinto para sempre. No entanto, a apreciação correta desta parte do plano é impossível quando se deixa de reconhecer plenamente o seguinte: a excessiva maldade do pecado, a natureza da pena imposta — a morte, a importância do resgate que foi dado pelo nosso Senhor, como também a plena restauração de cada indivíduo sob condições favoráveis, nas quais será proporcionada uma prova ampla e cabal, antes de declará-lo merecedor da recompensa — a vida eterna — ou do castigo — a morte eterna.

Ao compreendermos este grande plano de redenção, e a conseqüente “restauração de todas as coisas”, por meio de Cristo, podemos apreciar as grandes bênçãos que resultam de ter sido

A Permissão do Mal

permitido o mal, talvez num grau tal que não teria sido possível de outra maneira.

Os homens por causa da experiência obtida e os anjos pela observação de tais experiências, por terem obtido um conhecimento mais profundo do caráter de Deus, como se manifesta em seu plano, receberão um eterno benefício desta nova vantagem. Quando seu plano estiver totalmente cumprido, todos poderão ver nele sua sabedoria, justiça, amor e poder. Todos ficarão cientes da justiça que foi demonstrada em não terem sido violados os decretos divinos, e em não salvar a raça condenada de modo justo, sem antes cancelar a pena por meio de um redentor voluntário. Todos perceberão o amor demonstrado ao ter sido provido este nobre sacrifício, que exaltou soberanamente o Redentor à direita de Deus, dando-lhe a autoridade e o poder para restaurar a vida àqueles que comprou com seu precioso sangue. Poderão também contemplar a sabedoria e poder evidenciados nos preparativos de um glorioso destino para suas criaturas, que Ele pôde governar toda influência contrária, e que soube aproveitar tanto os agentes voluntários como os involuntários, para o avanço e execução final de seus grandiosos desígnios. Não podemos compreender como seriam obtidos estes mesmos resultados se não fosse permitido e controlado o mal pela providência divina. A permissão do mal entre os homens durante certo tempo, deixa transparecer uma sabedoria e perspicácia ilimitadas que, ao aproveitar-se de todas as circunstâncias relacionadas, idealizou o remédio, e, por meio de sua graça e de seu poder, marcou o resultado final.

Durante a Dispensação Evangélica, o pecado e sua comitiva de males, também têm sido utilizados para disciplinar e preparar a Igreja. Se não fosse permitido o mal, não teria sido possível o sacrifício de Jesus e de sua Igreja, cuja recompensa é a natureza divina.

Parece muito razoável crer que, a mesma lei divina que agora rege a humanidade, declarando que a desobediência proporciona a vida eterna, e a desobediência por sua vez conduz à pena de morte, em essência, há de reger finalmente todas as criaturas inteligentes formadas por Deus. Como nosso Senhor a define, essa lei se resume na palavra *Amor*: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o

O Plano das Eras

teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.” (Lucas 10:27) Quando os propósitos de Deus estiverem cumpridos, se manifestará as suas criaturas a glória de seu caráter divino. E assim, a permissão temporária do mal será apreciada por todos como um aspecto sábio de seu proceder. No momento isto pode ser discernido somente com os olhos da fé, ao se estudar na Palavra de Deus as coisas anunciadas por todos os santos profetas que desde o princípio do mundo tem falado, em nome de Jeová, sobre A RESTAURAÇÃO DE TODAS AS COISAS.

Venha o Teu Reino

Venha o teu Reino, oh Deus, venha o teu Reino!
De manhã à noite é minha oração;

Venha o teu Reino, oh Deus, venha o teu Reino!
E elimine deste mundo a opressão.

Quando busco um consolo nesta terra,
Onde quer que olhe, só vejo dor;
Uns aos outros, e em terrível guerra
Os homens se batem com ardor.

O rico, todo o ouro monopoliza
Negando ao pobre sua porção,
E contempla o operário, que sonhara,
Voltando aos anos de opressão.

O clero, que se disse muito cristão,
E que a Cristo deveria pregar,
Como é em extremo darwiniano
Ocupa-se em tua Palavra “criticar”.

E a imprensa, que em suas páginas deveria
Afanar-se em o bem apresentar
Hoje, apenas parece que tivera
Homicídios e roubos a tratar.

E tanto que cegada se apressa
Esta ordem à terrível destruição,
Só em tua Palavra se assegura
Paz e bem-estar, depois da lição.

Venha o teu Reino, oh Deus, venha o teu Reino!
Continuará sendo minha oração.

Venha o teu Reino, oh Deus, venha o Milênio!
A prometida GRANDE RESTITUIÇÃO!

Estudo VIII

O DIA DO JUÍZO

A opinião geral acerca do Dia do Juízo — É bíblica? — Definição dos termos Juízo e Dia — Vários Dias de Juízo mencionados nas Escrituras — O primeiro Dia do Juízo e seus resultados — Outro dia decretado — O Juiz — O caráter do Juízo vindouro — Pontos de semelhança, e diferenças entre o primeiro Juízo e o segundo — A responsabilidade atual do mundo — Dois Juízos intercorrentes e seu objetivo — Opiniões muito diferentes acerca do Juízo vindouro — Como o consideravam os Apóstolos e os Profetas.

DEUS, “tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do homem que destinou”. — “Jesus Cristo, o justo”. — “E também o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo”. Atos 17:31; 1 João 2:1; João 5:22

HÁ UMA IDEIA muito vaga e indefinida predominante a respeito do dia do juízo. A opinião geral é que Cristo virá ao mundo sentado num grande trono branco, e que fará comparecer diante de si em grupos, tanto os santos como os pecadores para julgá-los no meio de grandes convulsões da natureza causadas por terremotos, rochas que se afundam, montanhas que caem e túmulos que se abrem. Também que os espantados pecadores serão trazidos das profundezas de suas eternas angústias para ouvir o relato de seus pecados para em seguida serem enviados de novo e sem misericórdia, ao lugar de seu eterno destino, e que os santos serão trazidos do céu para ver a miséria e o desespero dos condenados, para escutar de novo a decisão em seus casos particulares, para então voltarem. Segundo a opinião que prevalece entre muitos, na morte, todos recebem sua sentença e recompensa, e este juízo, para se evitar confusão, é chamado de juízo universal, sendo apenas a repetição do primeiro, mas sem

nenhum objetivo discernível, uma vez que, conforme afirmam, a decisão pronunciada na morte é final e inalterável.

Segundo supõem alguns, um dia de vinte e quatro horas é o prazo marcado para que se cumpra esta monumental tarefa de julgar os milhares de milhões. Num discurso proferido recentemente diante de uma congregação de Brooklyn (EUA), foi expressa a opinião geral sobre o assunto. Pretendia-se dar uma descrição detalhada da obra que há de ser efetuada durante o dia do juízo, dando-o por terminado no transcurso de um único dia, no sentido literal da palavra.

Tal conceito, além de ser muito grosseiro, está em completa desarmonia com a Palavra inspirada. Deriva-se de uma interpretação demasiado literal da parábola das ovelhas e dos cabritos (Mateus 25:31-46), e é um exemplo do absurdo que resulta de se dar um colorido real ao que não é outra coisa senão uma linguagem figurada. Nunca uma parábola é uma narração exata, mas apenas a ilustração de uma verdade por meio de algo que, em muitos aspectos, lhe é semelhante. Se a parábola de que tratamos for uma descrição ao pé da letra do modo no qual se dará o juízo, então seria aplicável a ovelhas e cabritos literais, conforme lemos, mas de forma alguma à humanidade. Passemos agora a examinar uma opinião mais de acordo com as Escrituras e mais razoável, acerca da obra e dos resultados do grande dia do juízo que Deus determinou, com a qual suas conclusões lógicas e bíblicas devem concordar, e que certamente estão de acordo com todas as demais parábolas e simbolismos.

O termo *juízo* implica algo mais do que o simples pronunciamento de um veredicto. Inclui a ideia de um exame do caso, bem como a decisão alcançada desta maneira. E isto é verdadeiro não somente para a palavra portuguesa *juízo*, mas também acerca da palavra grega da qual tem sido traduzida.

O termo *dia* quer seja na Bíblia, quer seja no seu uso comum, é mais amiúde empregado para indicar um período de doze ou de vinte e quatro horas, e na realidade significa qualquer período de tempo definido ou especial. Por exemplo, falamos do dia de Noé, do dia de Lutero e do dia de Washington. E a Bíblia ao dizer: “No

O Dia do Juízo

dia em que o SENHOR Deus fez a terra e os céus” (Gênesis 2:4), define o termo *dia* como um dia ou período longo e definido em que foi feita a criação. Encontramos também nela referências ao “dia da tentação no deserto” que durou quarenta anos (Hebreus 3:8, 9), “o dia da salvação” (2 Coríntios 6:2), o “dia da vingança”, o “dia da ira” e o “dia de tribulação e de angústia”, expressões que se aplicam a um período de quarenta anos que marcam o final da Era Judaica, e a um período semelhante de tribulação no fim da Era Evangélica. Também lemos com respeito ao “dia de Cristo”, o “dia do juízo”, e “seu dia”, todos se referindo à Era Milenar na qual o Messias reinará sobre o mundo, governará e julgará com justiça, concedendo tanto a prova como o julgamento. Acerca deste período está escrito: “Que com justiça há de julgar o mundo”, e nesse dia, no tempo apropriado, manifestará o bem-aventurado e único soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores. (Atos 17:31; 1 Timóteo 6:15) Então, por que supor que este dia do juízo será um dia de doze ou de vinte e quatro horas, quando é reconhecido de fato o sentido mais amplo da palavra *dia* em casos semelhantes? A razão se é que há alguma, está fora do nosso alcance, ainda que possamos deduzir que aqueles que mantêm esta opinião tenham sido influenciados pela tradição, não tendo tido o trabalho de investigar pessoalmente o assunto, e nem se esforçado para comprová-la.

Seja quem for que cuidadosamente consulte uma Concordância Exaustiva da Bíblia*, com referência ao dia do juízo e, deste modo, venha a perceber a qualidade e a quantidade de trabalho que tem de ser realizado nesse período, verá o absurdo da opinião comum, e prontamente dará ao termo *dia* um sentido mais amplo.

Ainda que as Escrituras tratem de um grande dia do juízo ou prova ainda no futuro, e demonstrem que nesse dia toda a humanidade receberá a sua prova completa e o seu julgamento

* Nota: Em português temos a excelente *Concordância Bíblica Exaustiva*, (Editora Hagnos, 2006) baseada na versão ACF.

O Plano das Eras

final, também nos dizem que existiram outros dias do juízo nos quais certas *classes* eleitas estavam em prova.

O primeiro grande juízo (prova e sentença) teve lugar no Éden, quando toda a raça humana esteve em prova diante de Deus, representada por Adão, o chefe ou cabeça dela. Como resultado desta prova foi pronunciado o veredicto: culpável, desobediente, indigno de vida, sendo imposta a pena de morte: “Certamente morrerás”. (Gênesis 2:17) Esta é a maneira na qual “em Adão todos morrem”. Esta prova no Éden constituiu o primeiro dia do juízo para o mundo, e a decisão do Juiz (Jeová) está em vigor desde aquele tempo.

“Do céu é *revelada* a ira de Deus contra toda a impiedade e injustiça”. Quão certo isto tem sido! Vemos a confirmação disso em cada cortejo fúnebre, e em cada túmulo, cuja visão nos faz sentir dores de aflição. Tudo isso não é mais do que os efeitos da justa sentença pronunciada por Deus como resultado da primeira prova. Sua sentença definitiva nos declarou indignos da vida e das bênçãos que foram providas para o homem quando ainda era obediente e refletia a imagem de seu Criador. Mas, por meio do sacrifício que o grande Redentor ofereceu por todos, a humanidade será livrada da sentença declarada nesse primeiro juízo. Todos serão libertados do sepulcro e da sentença de morte — da destruição. Por isso, e por causa da redenção, a morte não deve continuar a ser considerada como significando a completa e perpétua extinção, mas de modo mais apropriado como a um sono, porque, na manhã Milenar, todos serão despertados pelo doador da vida que a todos redimiu. Até agora, somente os que formam a Igreja de Cristo foram libertados ou “escaparam” desta sentença original e da pena, mas seu escape não é ainda *efetivo*, mas somente considerado como tal por meio da fé. Apenas “*na esperança* somos salvos”. Não podemos usufruir a nossa libertação efetiva desta pena de morte (na qual incorremos em Adão e da qual nos livramos entrando em Cristo) antes, mas na manhã da ressurreição, quando ficaremos satisfeitos em despertar

O Dia do Juízo

na semelhança de nosso Redentor. Mas o fato de que nós, os que temos chegado a conhecer o misericordioso plano de Deus em Cristo, termos “*saído da corrupção* que há [ainda] no mundo”, longe de provar que os demais não terão esperança futura de salvação, prova justamente o contrário disso, pois somos para Deus as primícias de suas criaturas. Nossa salvação da morte em Adão para a vida em Cristo é apenas o prelúdio da salvação de todo aquele que quer ser libertado da servidão da corrupção [a morte], para desfrutar da liberdade atribuída a todos aqueles que Deus reconhece como filhos. Todos os que desejarem poderão ser libertados da morte para alcançar a vida, sem ser levada em conta as naturezas distintas, que nos diferentes planos de existência, Deus tem provido para seus filhos. A Era Evangélica é o dia de prova para vida ou para morte daqueles que são chamados para a natureza divina.

No que se refere ao mundo, Deus determinou um dia em que há de julgá-lo. Como isso é possível? Será que Deus mudou de ideia? Será que Ele concluiu que tanto a sua decisão como a sua sentença na primeira prova do homem foram injustas, demasiadamente duras, e agora julgará os habitantes do mundo individualmente? Não; pois se assim fosse, não teríamos uma melhor garantia do que a obtida no passado, de receber uma sentença justa na prova futura. Não é que Deus encare como injusta sua decisão no primeiro juízo. Não; o que sucede é que Ele tem provido uma *redenção* da pena imposta naquela ocasião para que desta forma possa conceder, à inteira raça humana, outro juízo (prova) sob condições mais favoráveis, visto que adquiriram uma valiosa experiência com o pecado e com os seus resultados. Deus nem sequer mudou um til acerca de seu propósito original, idealizado antes que o mundo viesse a existência. De maneira conclusiva Ele nos informa que não muda e que não inocenta o culpado, mas que irá impor a pena completa que pronunciou de modo justo. Um preço correspondente para pagar essa pena em sua totalidade tem sido provido pelo Redentor ou substituto que o próprio Deus preparou: “Jesus, para que, pela graça (favor) de Deus, provasse a morte por todos”. Tendo Jesus provido com a

O Plano das Eras

sua própria vida o resgate por Adão e por sua descendência, pode agora de modo legal e justo, fazer uma nova oferta de vida a todos. Esta oferta para a Igreja é sob a Aliança de sacrifícios. (Salmo 50:5; Romanos 12:1) Para o mundo será sob a “nova aliança”. — Romanos 14:9; Hebreus 10:16; Jeremias 31:31

Também somos informados de que, quando Deus conceder ao mundo esta prova individual, será debaixo de Cristo como Juiz, a quem honrará como prêmio pela sua obediência até a morte em nosso resgate. Deus o exaltou soberanamente, e ainda o elevou à natureza divina, para que seja Príncipe e Salvador (Atos 5:31), e para que possa resgatar da morte concedendo julgamento a todos aqueles que comprou com seu precioso sangue. Deus deu [confiou] ao Filho todo o julgamento e o investiu de todo o poder tanto no céu como na terra. — João 5:22

Deste modo, o soberanamente enaltecido e glorificado Cristo, que amou o mundo de tal maneira que deu sua vida como preço de seu resgate, será o Juiz do mundo em sua prometida prova futura. O próprio Jeová é quem o tem designado para esse ofício e com este propósito. Sendo estas as declarações definitivas da Bíblia, ao pensarmos no dia do juízo nada há para se temer, mas pelo contrário, há somente grande motivo de regozijo da parte de todos. O caráter do Juiz é uma garantia suficiente de que o juízo será justo e misericordioso, e que será dada a devida consideração às fraquezas de todos, até que os obedientes e submissos sejam restaurados até a perfeição original perdida no Éden.

Nos tempos antigos, um juiz era o executor da justiça e aquele que aliviava os oprimidos. Notemos por exemplo, como Israel, que por causa de suas transgressões contra o Senhor era oprimido, foi repetidas vezes liberto e abençoado por juizes que Deus levantava. De acordo com isto lemos: “Quando os filhos de Israel clamaram a Jeová, suscitou-lhes ele um *salvador* ... Otniel. O espírito de Jeová veio sobre ele, e ele *jugou* a Israel; saiu a pelejar, e ... prevaleceu a sua mão. A terra teve descanso quarenta anos.” (Juizes 3:9-11, TB) Embora o mundo esteja por longo tempo sob o poder e a opressão do adversário, Satanás, muito em breve, aquele que com seu próprio sangue precioso providenciou

O Dia do Juízo

o preço correspondente pelos pecados de todos, tomará o seu grande poder e reinará. *Livrará e julgará* aos que amou a ponto de redimi-los.

Com esta conclusão concordam *todas* as declarações proféticas. Está escrito: “Com justiça julgará o mundo, e o povo com equidade”. — Salmo 98:9

Este vindouro juízo será realizado exatamente sob os mesmos princípios que o primeiro. Nele a norma será a mesma lei de obediência, com o mesmo prêmio de vida e a morte como pena. Assim como o primeiro juízo teve seu princípio, seu desenvolvimento, e culminou com um julgamento decisivo, do mesmo modo será o segundo, sendo que a sentença será vida para os justos e morte para os injustos. O segundo juízo será mais favorável do que o primeiro por causa da experiência adquirida sob os resultados deste. A diferença entre a primeira e a segunda prova será esta: cada um estará no juízo por si mesmo, e não por causa de alguma outra pessoa. Ninguém morrerá naquele tempo por causa do pecado de Adão, nem das imperfeições herdadas. “Naqueles dias nunca mais dirão: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram. Mas cada um morrerá pela sua iniquidade; de *toda o homem que comer as uvas verdes os dentes se embotarão*”. “A alma que pecar, essa morrerá”. (Ezequiel 18:4; Jeremias 31:29, 30) Então aquilo que é verdadeiro para a Igreja atualmente será uma verdade acerca do mundo, ou seja, o homem será julgado segundo o que ele tem, e não segundo o que não tem. (2 Coríntios 8:12) Sob o reinado de Cristo a humanidade será gradualmente instruída, educada e disciplinada até chegar à perfeição, e uma vez obtida, será exigido de cada um que venha a estar em perfeita harmonia com Deus, sendo “exterminados” como indignos de vida os que não renderem a obediência perfeita. O pecado que, por meio de Adão, atraiu a morte sobre toda a raça humana foi um simples ato de desobediência; entretanto, foi o suficiente para que ele caísse de sua perfeição. Visto que Deus o criou perfeito, tinha o direito de exigir sua perfeita obediência, e quando a grande obra de restauração estiver sendo realizada, o mesmo será exigido de todo ser humano. Ninguém que precisar

O Plano das Eras

do menor grau de perfeição poderá obter a vida eterna. Não alcançar a perfeição será tido como um pecado voluntário contra a plena luz apesar de ter a plena e perfeita capacidade para alcançá-la.

Qualquer um que pecar voluntariamente contra a plena luz e a plena capacidade, perecerá na segunda morte. Se alguém durante essa época de prova, desfrutando dessa plena luz, desprezar os favores oferecidos, deixando assim de progredir até a perfeição no transcurso de cem anos, será considerado como indigno da vida sendo “exterminado”, embora com cem anos, esteja comparativamente no período da infância. Por isso está escrito acerca desse dia: “Morrer aos cem anos é morrer ainda jovem, e quem pecar aos cem anos será amaldiçoado”. (Isaías 65:20, ARA) Em conformidade com isso, todos terão pelo menos cem anos de prova, e se não forem tão obstinados que se neguem a progredir, sua prova continuará durante todo o dia de Cristo, sendo concluída somente no seu término.

Na parábola das ovelhas e dos cabritos (Mateus 25:31-46), em Apocalipse 20:15, 21:8, e em 1 Coríntios 15:25, está descrita, de modo claro, a conclusão do vindouro juízo para o mundo. Estas passagens, juntamente com outras, demonstram que naquele tempo duas classes terão sido completamente separadas — os obedientes e os desobedientes. Os que estiverem de acordo com a letra e o espírito da Lei de Deus, entrarão para desfrutar da vida eterna, e os que não estiverem de acordo, sofrerão a morte eterna, a aniquilação (a “segunda morte”), que será a mesma sentença do primeiro juízo, da qual haviam sido libertados por Cristo que por meio de sua morte, dando-se em resgate, assegurou o direito de livrá-los dela. Esta morte será a segunda para eles. Em vista de seu pecado ser voluntário e pessoal contra a plena luz e oportunidade, apesar de uma prova individual das mais favoráveis, não será dado resgate algum por estes, e, por conseguinte, não haverá libertação e nem uma possível ressurreição para eles.

O Dia do Juízo

Não queremos, prezados leitores, que nos entendam como desconhecendo a responsabilidade atual de cada um, pois todo indivíduo a tem na proporção da luz maior ou menor que usufrui, quer seja a luz proporcionada pela natureza, quer seja a luz revelada na Palavra. “Os olhos de Jeová estão em todo o lugar, vigiando aos maus e aos bons.” “Porque Deus há de trazer a juízo toda a obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau.” (Provérbios 15:3, TB; Eclesiastes 12:14) As boas e más ações do tempo atual receberão uma *justa* recompensa, quer seja agora, quer seja no tempo vindouro. “Os pecados de alguns homens são manifestos antes de entrarem em juízo, ao passo que os de outros, manifestam-se depois.” (1 Timóteo 5:24, ECA) A não ser o “pequeno rebanho” do Senhor, ninguém ainda tem a luz suficiente para incorrer na pena final, a segunda morte. De modo inicial, introduzimos este ponto da responsabilidade atual de todo o mundo, deixando para mais adiante a consideração de seus aspectos peculiares.

Entre o primeiro e o segundo juízo transcorreu um período de seis mil anos aproximadamente. Durante este longo decurso de tempo, Deus está escolhendo duas classes especiais, dentre os homens, provando-as, disciplinando-as e educando-as com empenho especial, para conceder-lhes a honra de usá-las como instrumentos seus no tempo ou dia do juízo para o mundo.

Estas duas classes respectivamente são designadas por Paulo (Hebreus 3:5, 6) como a casa de filhos e a casa de servos. A primeira é composta pelos verdadeiros vencedores que durante a dispensação cristã foram provados e achados fiéis. A outra é formada pelos fiéis vencedores que precederam a dispensação cristã. A seleção destas duas classes especiais em nenhum sentido serve de obstáculo para a prova ou juízo prometido ao mundo na Era que se seguirá a Dispensação Evangélica. Os aprovados para qualquer uma destas classes especiais não virão ao juízo com o mundo, mas entrarão na alegria de seu galardão quando o mundo vier a juízo.

O Plano das Eras

Eles serão os agentes divinos para abençoá-lo, dando aos homens a instrução e a educação necessárias para o juízo ou prova final. Com referência a este ponto a Palavra diz: “Não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo?” — 1 Coríntios 6:2

Assim como o restante da humanidade, estas duas classes especialmente eleitas também estiveram sob a condenação que Adão trouxe sobre todos. Entretanto, por meio da fé, chegaram a ser participantes dos benefícios derivados da morte de Cristo. Estes, por serem primeiramente justificados por meio da fé nas promessas de Deus, e depois de satisfazerem as condições implícitas em seus respectivos chamados, são considerados dignos de ser soberanamente enaltecidos a postos de honra e autoridade.

A prova ou juízo destas duas classes tem sido muito mais severo do que a da humanidade em geral que ocorrerá no dia do juízo, pois estas duas classes tiveram e têm, de resistir a Satanás “o príncipe deste mundo” com todos os seus enganos e fraudes, enquanto que no dia do juízo vindouro, Cristo reinará e Satanás estará preso para que não engane por mais tempo as nações. (Apocalipse 20:3) Estas duas classes sofrem perseguições por causa da justiça, enquanto que naquele tempo os homens serão premiados ao praticá-la, sendo somente castigados pela injustiça. Todos os grandes tropeços e ciladas que são colocados no caminho dos justos serão removidos quando chegar o período de prova para o mundo. Mas é precisamente devido ao fato destas duas classes estarem passando por provas muito mais severas, do que as provas que o mundo passará, é que a recompensa destas duas primeiras classes será proporcionalmente maior.

Por causa dos sofismas de Satanás, o grande enganador, tanto o mundo como a Igreja nominal estão privados da consoladora promessa do vindouro tempo de juízos justos. Ainda que não ignorem que a Bíblia se refere a um juízo vindouro, só com temor e espanto pensam nele, e por causa de seu infundado temor, não há para eles notícias mais desagradáveis do que a proximidade desse grande dia do Senhor. Põem para longe de si este dia, não

O Dia do Juízo

querendo ouvir e nem se lembrarem dele. Eles não têm ideia das bênçãos reservadas para o restante da humanidade, a serem usufruídas sob o glorioso domínio daquele a quem Deus designou com o objetivo de julgar o mundo com justiça. Sem dúvida, que dentre as maiores influências enganosas, das quais Satanás tem tirado proveito, para manter todos na ignorância da verdade a respeito do dia do juízo, podem ser destacados os erros que tem havido nos credos e hinários das várias seitas religiosas. Muitos têm chegado ao extremo de dar mais valor e importância a estes erros do que à Palavra de Deus.

Quão diferente é a maneira em que os apóstolos e os profetas consideravam o prometido dia do juízo! Notemos o júbilo que transborda das declarações proféticas de Davi com respeito a esse dia. (1 Crônicas 16:31-34, TB) Ele disse:

“Alegrem-se os céus e regozije-se a terra;
Que digam entre as nações: Jeová reina.
Brama o mar e a sua plenitude,
Exulte o campo e tudo quanto há nele;
Então as árvores do bosque cantarão de regozijo
Diante de Jeová,
PORQUE ELE VEM JULGAR A TERRA.
Daí graças a Jeová, porque é bom;
Pois a sua misericórdia dura para sempre!”

Em João 5:28, 29* encontramos uma preciosa promessa de um juízo (prova) vindouro, dirigida ao mundo, sob o qual poderão alcançar a vida eterna. Em virtude de uma tradução errônea [em certas versões da Bíblia tais como ACF, AL21, ARC, CNBB,

* Nota: A obra *A Arte de Interpretar e Comunicar a Palavra Escrita – Técnicas de Tradução da Bíblia*, 1992, Edições Vida Nova (que é a versão em português da obra muito conhecida pelos tradutores da Bíblia, “*Translating the Word of God*”, publicada em inglês pela Zondervan Publishing), na p. 250, sugere a seguinte tradução para a última parte de João 5:29: “(as pessoas) ressuscitarão *para* serem julgadas (por Deus).” Logo em seguida, de modo interessante, explica o seguinte: “Neste caso, a sequência no tempo não está em foco e, sim, a relação de causa-efeito.”]

O Plano das Eras

KJA, NVI], esta passagem tem sido encarada como uma terrível maldição. De acordo com o original grego, os que tiverem praticado o mal — aqueles que carecem da aprovação divina — terão uma ressurreição (serão levantados e conduzidos à perfeição) por meio de julgamentos (juízos), “castigos” e disciplina. – Veja as versões ARA, IBB, NTJ, TB.

O Apóstolo chama a nossa atenção para esse mesmo dia, assegurando-nos que será um dia desejável e glorioso, e que na esperança desse dia, a criação geme e está com dores, aguardando a chegada do grande Juiz que há de vir para livrar e abençoar o mundo e também para enaltecer e glorificar a Igreja. — Romanos 8:21, 22

Salmo 9:1,2, 7-10, TB

Louvarei a Jeová de todo o meu coração,
Cantarei todas as tuas maravilhas.
Alegrar-me-ei e exultarei em ti,
Cantarei louvores ao teu nome, ó Altíssimo.
Jeová, porém, está entronizado para sempre;
Erigiu o seu trono para exercer o juízo.
É ele quem julgará com justiça o mundo,
Quem aos povos administrará juízo com equidade.
Assim Jeová será para o oprimido um alto refúgio,
Um alto refúgio em tempos de extremidade.
Em ti, pois, confiarão os que conhecem o teu nome,
Porque tu, Jeová, não tens abandonado os que te buscam.

Estudo IX

O RESGATE E A RESTITUIÇÃO

O Resgate garante a restituição — O que se ganha com o resgate não é a vida eterna, mas a oportunidade de obtê-la — As condições e vantagens desta prova — A necessidade do sacrifício de Jesus — Como a raça humana podia ser e foi redimida pela morte de uma só pessoa — A fé e as obras ainda são necessárias — O salário do pecado voluntário é iniludível — Haverá lugar na terra para os milhões de ressuscitados? — A Restituição versus a Evolução.

DE ACORDO com o esboço do plano revelado de Deus delineado até o momento, vemos que o seu propósito com respeito à raça humana é a sua restituição ou restauração à perfeição e glória que perdeu no Éden. Encontramos a melhor e a mais conclusiva evidência acerca deste assunto quando consideramos em seu verdadeiro valor a natureza e a amplitude do resgate. A restituição predita pelos apóstolos e profetas deve-se seguir ao resgate como consequência justa e lógica. Segundo o que Deus determinou ao prover o resgate, a humanidade em geral será liberta da pena original, “do cativo da corrupção” da morte, pois de outra forma, o resgate não beneficiaria a todos. Só não serão beneficiados aqueles que obstinadamente resistirem ao poder que o Grande Salvador tem para resgatá-los.

O raciocínio de Paulo sobre o tema é bastante claro e enfático. Suas palavras (Romanos 14:9) são como segue: “Porque foi para isto que morreu Cristo, e ressurgiu, e tornou a viver, para ser Senhor [governante ou aquele que exerce o domínio], tanto dos mortos, como dos vivos.” Isto implica que o objetivo da morte e ressurreição de nosso Senhor não era apenas o de abençoar, governar e restaurar os vivos do gênero humano, mas, além disso, era a aquisição da autoridade e do pleno domínio tanto sobre os mortos como sobre os vivos, garantindo para uns e para outros os benefícios derivados de seu resgate. Para que pudesse abençoar a humanidade em geral e dar a cada um a oportunidade de alcançar a

O Plano das Eras

vida, Ele “se deu a si mesmo em resgate (preço correspondente) por todos”.* A afirmação de que “se deu em resgate por todos”, mas que somente um punhado dos redimidos receberão quaisquer dos benefícios resultantes, não deixa de ser absurda. Tal afirmação implicaria em uma das duas conclusões a seguir: Ou Deus aceitou o preço do resgate e em seguida, de modo injusto, recusou conceder a liberdade aos redimidos, ou o Senhor depois de redimir a todos não pôde ou não quis cumprir seu bondoso desígnio original. A imutabilidade dos planos de Deus e a perfeição da justiça e do amor divinos se unem para rejeitar e contradizer semelhante ideia, e nos proporcionam uma garantia de que o benévolo plano original, para o qual o “resgate por todos” serviu de base, em sua totalidade e “a seu tempo” será cumprido, conforme determinado por Deus, trazendo aos crentes fiéis a bendita libertação da condenação adâmica junto com a oportunidade de desfrutar novamente dos direitos e da liberdade dos filhos de Deus, usufruídos antes de ocorrer o pecado e de ser pronunciada a maldição.

Uma vez que os verdadeiros benefícios e resultados do Resgate forem compreendidos, serão eliminadas, em seguida, todas as objeções que possam ser apresentadas quanto à sua aplicação universal. O “resgate por todos” oferecido por “Cristo Jesus, homem”, não proporciona a ninguém e nem garante a vida eterna ou bênção, mas garante a todos os homens *uma outra oportunidade ou prova para se obter a vida eterna*. A primeira prova do homem, que teve como resultado a perda das bênçãos concedidas no princípio, por causa do *resgate* provido por Deus, torna-se, para os leais de coração, uma verdadeira bênção em forma de experiência. O fato de que todos serão resgatados da primeira pena não é uma garantia de que todos renderão uma obediência absoluta, sem a qual

* Podemos com bastante propriedade dar às palavras do Apóstolo um significado mais profundo, ou seja, que na expressão “os mortos” está incluída toda a família humana. Toda a raça humana, que se encontra sob a sentença da morte, do ponto de vista divino é considerada como morta (Mateus 8:22). Por isso percebemos, então que a expressão “os vivos” é aplicável aos seres superiores à raça humana e que não têm perdido seu direito à vida, como por exemplo, os anjos.

O Resgate e a Restituição

não será permitido a ninguém viver eternamente, pois precisarão ser individualmente provados para alcançar a vida eterna. Por meio da experiência atual com o pecado e sua amarga pena, o homem se encontrará plenamente prevenido, e quando em consequência do resgate lhe for concedida a prova individual, sob a supervisão daquele que tanto os amou e que deu sua vida por eles não desejando que alguém se perca, mas antes que todos se voltem a Deus para alcançar a vida, podemos estar certos de que somente os desobedientes impenitentes hão de receber a penalidade da segunda prova. Esta pena será a segunda morte, e dela não haverá resgate e nem libertação, pois não haveria objetivo algum para outro resgate e prova. Naquele tempo todos já terão provado e apreciado por completo o bem e o mal. Todos terão experimentado a bondade e o amor de Deus, e todos terão desfrutado de uma plena e suficiente oportunidade individual para obter a vida eterna sob as mais favoráveis condições. Não poderia pedir-se mais do que isso, e tampouco se dará mais. Esta prova decidirá, de uma vez para sempre, quem serão os justos e quais deles permanecerão em sua condição santificada mesmo sob mil provas a mais, determinando também aqueles que continuariam sendo perversos, depravados e injustos, mesmo sob as mesmas provas.

Seria inútil conceder outra prova sob circunstâncias exatamente iguais às da primeira. Não obstante, ainda que as circunstâncias sejam mais favoráveis, os termos ou condições para se alcançar a vida sob essa prova individual serão os mesmos que foram dados para Adão em sua prova. A lei de Deus permanecerá a mesma porque é inalterável, pois ela ainda dirá: “A alma que pecar essa morrerá.” A condição do homem, no que se refere ao seu meio ambiente, não será mais favorável do que foi no Éden, pois a grande diferença consistirá no aumento do *conhecimento*. A *experiência* com o mal, em contraste com a experiência com o bem, que no transcurso da vindoura prova todos terão de adquirir, se constituirá numa vantagem que causará grande diferença entre a segunda e a primeira prova. Isto se deve ao fato de que a sabedoria divina e o amor promoveram o “resgate por todos”, garantindo a cada um a bênção de uma nova prova. Prova, lei, condições ou

O Plano das Eras

circunstâncias mais favoráveis não podem ser concebidas como razões para dar lugar a outro resgate ou a alguma outra prova depois da Era Milenar.

O resgate fornecido não desculpa a ninguém do pecado, e nem tem por objetivo *reputar* os pecadores como santos, abrindo-lhes o caminho para que possam desfrutar de uma sorte ou felicidade eternas. Seu raio de ação é limitado à libertação do pecador, que assim desejar, da primeira condenação e de seus resultados diretos e indiretos, colocando-o novamente sob prova, para que possa obter a vida eterna. Nesta prova, por meio da obediência ou desobediência voluntária pessoal, será determinado se o indivíduo é digno de usufruir perpetuamente da vida ou não.

Não se deveria tampouco presumir, conforme muitos presumem, que só pelo fato de desfrutarmos de um certo grau de civilização, ou o de vermos ou possuímos uma Bíblia, estamos tendo por isso uma plena oportunidade ou que estejamos em prova para obtermos a vida. Devemos perceber que a queda não tem afetado da mesma maneira a todos os filhos de Adão. Tão fracos e inatamente depravados alguns têm vindo à existência, que se tornam presa fácil de Satanás, o deus deste mundo, que depois de cegá-los, os deixa à mercê do pecado que os rodeia e assedia. De uma forma ou de outra, todos se encontram sob esta influência a tal ponto que mesmo quando querem fazer o bem, o mal está presente e mais poderoso por causa da influência do ambiente ao redor. E assim, mesmo que se deleitem em praticar o bem, isso se torna para eles quase que impossível, pois dificilmente conseguem evitar o mal que desaprovam.

Bastante reduzido é o número daqueles que na atualidade, de modo verdadeiro e por meio da experiência e aprendizagem, têm conseguido aperceber-se da liberdade que Cristo proporcionou aos que aceitam seu resgate e se põem sob seu domínio para serem guiados no futuro. Dentre estes, a Igreja, cujos membros são chamados e provados de antemão com o propósito especial de colaborar com Deus na tarefa de abençoar o mundo e perante o qual testificam agora para em breve governá-lo, abençoá-lo e julgá-lo em seu período de prova, são os únicos que, até certo grau,

O Resgate e a Restituição

desfrutam dos benefícios do resgate e se encontram agora em prova pela vida. Somente a estes poucos lhes são *imputadas* (e recebem pela *fé*) todas as bênçãos da restituição que serão proporcionadas ao mundo durante a era vindoura. Ainda que estes não estejam sendo aperfeiçoados atualmente, nem restaurados à condição usufruída por Adão, não obstante, e para compensar esta lacuna, são tratados de uma maneira especial. Por causa de sua fé em Cristo são *estimados* como perfeitos, e conseqüentemente são restaurados à perfeição e readquirem o favor divino como se deixassem de ser pecadores. Suas imperfeições e inevitáveis fraquezas deixam de ser-lhes atribuídas uma vez que tenham sido saldadas pelo resgate e encobertas com a perfeição do Redentor. Assim, vemos que por causa da sua posição imputada por Cristo, a prova da Igreja é tão propícia como virá a ser a prova do mundo quando chegar a sua vez. Todo o mundo chegará ao pleno conhecimento da verdade, e ao aceitar as suas condições e requisitos, cada um deixará de ser tratado como pecador e passará a ocupar uma posição como filho, para os quais estão preparadas todas as bênçãos da restituição.

Dentre as experiências distintas que caracterizam as provas do mundo e da Igreja, se encontra a de que os obedientes dentre o mundo, sem demora, começarão a receber as bênçãos da restituição por meio da remoção gradual de suas fraquezas mentais e físicas, enquanto que a Igreja consagrada ao serviço do Senhor até a morte descera à morte e na primeira ressurreição instantaneamente obterá a perfeição. Outra diferença entre as duas provas consiste nas circunstâncias mais favoráveis da era vindoura comparada com as atuais. Naquele tempo, as condições sociais, o governo, etc., serão mais favoráveis para o exercício da justiça, pois a fé e a obediência serão premiadas, e o pecado castigado. Porém, a prova da Igreja, sob o príncipe deste mundo, se realiza sob circunstâncias adversas à retidão, à fé e a toda outra virtude. No entanto, e conforme temos visto, isto terá sua compensação no prêmio da honra e da glória pertencentes à natureza divina, que em adição à vida eterna é oferecida à Igreja.

Ainda que não houvesse ocorrido senão depois de novecentos e trinta anos de agonia, a morte de Adão era inevitável por causa de

O Plano das Eras

sua desobediência. Visto que passou a entrar num processo de morte, todos os seus filhos nasceram sob a mesma condição moribunda, sem os direitos da vida, e, como seus pais, todos eles morrem depois de um processo um tanto quanto prolongado. Devemos nos lembrar, entretanto, que a pena pelo pecado não é a dor nem os sofrimentos ocasionados pelo processo da morte — mas, sim, a própria morte — a extinção da vida, em que culmina essa agonia. O sofrimento é puramente incidental e existem muitos que recebem a pena com pouca ou nenhuma dor. Também deveríamos nos lembrar de que quando Adão perdeu o direito da vida, o perdeu para sempre, e que dentre os seus filhos, ninguém tem conseguido expiar sua culpa nem recuperar a herança perdida. Toda a raça humana já está morta ou moribunda, e se antes da morte nenhum de seus membros pôde expiar sua culpa, certamente não podem conseguir isso quando estão mortos — privados da existência. A pena imposta pelo pecado não consistiu simplesmente em morrer mantendo-se o direito e o privilégio de voltar mais tarde à vida. Quando a pena foi pronunciada, na qual ficariam sujeitos, não lhes foi dito que haveria uma libertação dela (Gênesis 2:17), e, portanto, a restituição é um ato da graça livre ou favor da parte de Deus. Tão logo o homem incorreu na pena, ainda no momento de decretá-la, foi feita alusão ao misericordioso e livre favor de Deus, o qual, uma vez realizado, irá evidenciar de modo pleno o seu amor.

Se não fosse pelo raio de esperança, vislumbrado nas palavras de Deus quando disse, que a descendência da mulher feriria a cabeça da serpente, a raça humana teria caído em total desespero. Assim, esta promessa dava a entender que Deus tinha um plano em benefício da humanidade. Quando Deus jurou a Abraão que em sua descendência serão benditas todas as famílias da Terra, foi incluída uma ressurreição ou restauração de todos, pois muitos já haviam morrido e outros desde aquele tempo morreram igualmente sem serem abençoados. Deste modo, a promessa é ainda certíssima, e quando vierem os tempos de refrigério ou da restauração (Atos 3:19), todos serão abençoados. Além disso, visto que a palavra bênção indica favor, e desde que por causa do pecado foi retirado o

O Resgate e a Restituição

favor de Deus, tendo lugar a maldição, a promessa de uma futura bênção significa que esta maldição será removida, tendo por resultado o retorno do seu favor. Também implica que ou Deus se compadeceria, mudaria o seu decreto e inocentaria a descendência culpável, ou que havia forjado um plano por meio do qual poderia *redimi-la*, fazendo com que outro homem pagasse a pena imposta sobre o homem.

Deus não deixou Abraão em dúvidas acerca de seu plano, mas antes, por meio de vários sacrifícios típicos, que deveriam ser oferecidos por todos aqueles que quisessem se achegar a Ele, tornou evidente que não poderia e nem desculpava ou passaria por alto o pecado, e que a única maneira de apagá-lo e abolir sua pena seria encontrar um sacrifício que fosse suficiente e correspondente. Isto foi indicado a Abraão por meio de um tipo muito significativo: o próprio filho de Abraão, no qual se centralizava a bênção prometida, teve que ser oferecido em sacrifício antes que pudesse abençoar, e Abraão o recuperou, em sentido figurativo, dentre os mortos. (Hebreus 11:19) Isaque, nesta figura, representava a verdadeira descendência, Cristo Jesus aquele que morreu redimindo assim toda a humanidade, para que todos os redimidos pudessem receber a prometida bênção. Se Abraão houvesse acreditado que Deus desculpava e declarava inocente o culpado, teria pensado que Ele era volúvel e, por conseguinte, não haveria confiado em sua promessa. Suas deduções provavelmente teriam sido que, se Deus mudava o seu modo de pensar numa ocasião, nada impediria que o fizesse novamente, e se Ele se arrependesse quanto à maldição da morte, não seria estranho se viesse a proceder do mesmo modo no que se refere à bênção e favor prometidos. No entanto, Deus não nos deixa em tal incerteza. Ele nos dá a plena segurança tanto de sua justiça como de sua imutabilidade. Não poderia perdoar o culpado apesar de ter amado tanto o mundo que “nem mesmo a seu próprio Filho poupou, [mas] antes o entregou [à morte] por todos nós.

Do mesmo modo que toda a raça humana se encontrava em Adão e nele perdeu a vida quando este se colocou sob a sentença de condenação, igualmente quando Jesus “se deu a si mesmo em

O Plano das Eras

resgate por todos”, sua morte incluiu a raça que poderia gerar. Assim, um preço correspondente ou satisfação plena em benefício de todos os homens foi posto nas mãos da Justiça para ser aplicado “a seu tempo”. E agora Aquele que a *todos nós comprou*, tem a plena autoridade para restaurar a todos aqueles que em seu nome se cheguem a Deus.

“Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida. Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão feitos justos.” (Romanos 5:18, 19) A proposição é muito simples: A todos aqueles que por causa do pecado de Adão têm participado da morte, Jesus, nosso Senhor, os brindará com os privilégios da vida, visto que morreu por eles e “se deu a si mesmo em Resgate por todos”, quando sacrificialmente e diante da lei quebrantada foi designado como *substituto de Adão*. Ele morreu, “o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus”. (1 Pedro 3:18) No entanto, nunca deveríamos perder de vista, que todas as provisões divinas em benefício de nossa raça levam em conta a vontade humana como um fator na obtenção dos favores divinos tão abundantemente providos. Alguns têm passado por alto este detalhe ao examinar o texto já citado (Romanos 5:18, 19). As palavras do Apóstolo dão a entender que assim como o julgamento da condenação recaiu sobre toda a descendência de Adão, da mesma maneira, por meio da obediência do nosso Senhor Jesus Cristo ao plano que o Pai havia traçado e por meio do sacrifício de si mesmo em nosso benefício, foi estendido a todos um dom misericordioso, a dádiva do perdão, que se for aceita, se constituirá numa justificação ou na base para se alcançar a vida eterna. “Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos *foram* feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos *serão* [não foram] feitos justos.” Se somente o resgate, sem a aceitação de nossa parte, nos constituísse justos, o texto nesse caso diria: Pela obediência de um muitos *foram* constituídos justos.

Apesar do Redentor já ter fornecido o preço do resgate, poucos são os que durante esta Era Evangélica têm sido “justificados” ou se

O Resgate e a Restituição

tornaram justos “pela fé”, no seu sangue”. Mas, visto que Cristo é a propiciação (a satisfação) pelos pecados de todo o mundo, sob a Nova Aliança, pela sua mediação, todos os homens podem ser absolvidos e libertados da pena que o pecado trouxe sobre Adão.

Deus não procede injustamente, de modo que “se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e *justo* para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça”. (1 João 1:9) Ele seria injusto se tivesse nos permitido escapar da pena proferida sem que fosse satisfeita. Do mesmo modo, nos dá a entender neste texto que seria injusto se impedisse nossa restauração, visto que por sua própria determinação já foi provido o preço correspondente para que fosse paga a pena em nosso lugar. A mesma justiça inflexível que anteriormente condenava o homem à morte, agora garante a libertação de todos os que ao confessarem os seus pecados, desejam obter a vida por meio de Cristo Jesus. “É Deus quem os justifica; quem os condenará? Cristo Jesus é quem morreu, ou, pelo contrário, quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós.” — Romanos 8:33, 34, AL21

A abrangente totalidade do resgate é o melhor e mais sólido argumento demonstrativo da restauração de todos os que quiserem aceitá-lo nos termos propostos. (Apocalipse 22:17) O verdadeiro caráter de Deus, incluindo sua justiça e honra, é a garantia disso. Assim, toda promessa que Deus fez envolveu Seu caráter, e todos os sacrifícios típicos nos dirigem, desta forma, ao grandioso e suficiente sacrifício, “o Cordeiro de Deus, que tira O PECADO DO MUNDO”, pois “ele é a propiciação [satisfação] pelos nossos pecados [os da Igreja], e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo”. (João 1:29; 1 João 2:2) O salário do pecado é a morte, por isso, quando for cancelado o pecado, necessariamente e no tempo oportuno, o salário deixará de ser pago. Qualquer outro ponto de vista seria injusto e pouco razoável. O fato de ainda não ter sido efetuada a recuperação do que foi perdido em Adão, visto que já se passaram cerca de dois mil anos desde a primeira vinda e morte do Redentor, não pode ser apresentado como argumento contra a restituição, assim como não seria um

bom argumento apresentar o fato de que transcorreram quatro mil anos antes que o Redentor viesse a morrer como prova de que Deus não havia formado o plano de redenção antes da fundação do mundo. Tanto os dois mil anos posteriores como os quatro mil anos que precederam a morte de Cristo, foram períodos marcados por outras fases da obra de preparação para os “tempos da restauração de todas as coisas”.

Ninguém deve supor, de maneira apressada, que esta opinião apresenta algum ponto em conflito com o que as Escrituras ensinam de que a fé em Deus, o arrependimento do pecado e a reforma do caráter são requisitos indispensáveis para se alcançar a salvação. Este ponto será tratado mais detidamente quando chegar o momento certo. Basta dizer agora que, muito poucos tiveram uma medida de luz suficiente para produzir uma plena fé, arrependimento e reforma. Alguns em parte, e outros totalmente, têm sido cegados pelo deus deste mundo, e precisam por isso ser recuperados tanto da cegueira como da morte, para que, cada *um por si mesmo*, possa ter uma *plena* oportunidade de provar, pela obediência ou desobediência, se é digno ou indigno de obter a vida eterna. Então, aqueles que se mostrarem indignos dela, de novo morrerão, na segunda morte — da qual, por conseguinte, não haverá redenção e nem ressurreição. A morte e todas as imperfeições ocasionadas pelo pecado de Adão serão removidas, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, mas a morte ocorrida por causa da desobediência pessoal e apostasia deliberada é definitiva. Este pecado é imperdoável e seu castigo é *eterno*: não um tormento eterno, mas a morte eterna, a segunda morte, uma morte que outra ressurreição não interromperá.

Num volume subsequente iremos tratar da filosofia do plano de redenção. Aqui nos limitaremos a estabelecer o fato de que uma redenção por meio de Cristo Jesus será tão extensa em seus benéficos resultados e oportunidades, do mesmo modo em que o pecado de Adão foi funesto e degradante. E isto se dará com o objetivo de que todos os que participaram da condenação e sofreram por causa de apenas um, “a seu tempo”, e com a mesma certeza, possam ser libertados por outro. Este argumento bíblico, no

O Resgate e a Restituição

entanto, não pode ser apreciado por alguém que não esteja pronto a admitir que, de acordo com as Escrituras, a morte — a extinção da existência — é o salário do pecado. Os que pensam que a morte é a vida em tormentos, além de não levar em conta o significado inverso das palavras *morte* e *vida* se colocam entre dois absurdos. É absurdo supor que Deus, qualquer que tivesse sido o tipo de pecado cometido, além de comparativamente leve ofensa de comer do fruto proibido, perpetuasse a existência de Adão num estado de tormento eterno. Será que Jesus, ao redimir a humanidade, morrendo em nosso lugar, tornando-se nosso resgate e baixando à morte para que pudéssemos ser libertados dela, não tornou evidente que a morte que Ele sofreu, pelos injustos, teve que ser exatamente igual àquela na qual a raça humana se achava condenada? Porventura se encontra Ele sofrendo num tormento eterno pelos nossos pecados? Justamente por este não ser o caso, e porque Ele *morreu* por nossos pecados, o castigo correspondente foi a morte e não a vida em nenhum sentido ou condição.

Parece estranho dizer, mas ainda que a teoria do tormento eterno seja inconsistente com expressões tais como: “Cristo morreu pelos nossos pecados”, “o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós”, e apesar de que é preciso abandonar uma ou outra ideia por ser incompatível, contudo há alguns que se aferram tão tenazmente à ideia de tormento e a consideram uma porção tão agradável, que em aberto desacato às Escrituras aderem a essa ideia e deliberadamente negam que Jesus se deu em preço de resgate pelo mundo, mesmo quando esta é uma verdade que as páginas da Bíblia ensinam.

É POSSÍVEL SER POSTA EM PRÁTICA A RESTITUIÇÃO?

De acordo com o que alguns supõem, se os milhares de milhões que deixaram de existir forem ressuscitados, não haverá na terra lugar suficiente para eles, e no caso de havê-lo, a terra não produzirá o suficiente para a subsistência de uma população tão imensa. Outros chegam até ao extremo de afirmar que a terra é um vasto cemitério e que no caso de se levantarem todos os mortos, teriam que se amontoar uns sobre os outros por falta de espaço.

O Plano das Eras

Este é um ponto importante. Quão estranho seria se a Bíblia ensinasse a ressurreição de todos os membros da raça humana, e ao serem tomadas as medidas da Terra não encontrássemos área suficiente para eles! Mas, fizemos um cálculo e assim se verá que este temor é infundado. O resultado demonstrará que a Terra oferece amplo espaço para “a restauração de todos”, assim como Deus falou “pela boca de seus santos profetas”.

Suponhamos que desde a criação do homem transcorreram seis mil anos, e levemos em conta que hoje em dia (em 1886) um bilhão e quatrocentos milhões de seres humanos povoam a terra**. Sabemos que nossa raça começou somente com um par, entretanto, sejamos liberais e façamos de conta que no princípio havia tanta gente como agora, e que o número nunca foi menor, embora, na realidade, o dilúvio tenha reduzido a população do mundo a oito pessoas. Uma vez mais sejamos liberais e para cada século calculemos três gerações, ou seja, trinta e três anos para cada uma, apesar de que, conforme o capítulo 5 de Gênesis, desde Adão até o dilúvio, num período de mil seiscentos e cinquenta e seis anos, só existiram onze gerações, o que equivale a cento cinquenta anos mais ou menos para cada uma. Seis mil anos são sessenta séculos: três gerações para cada século dão um total de cento e oitenta gerações desde Adão, e à razão de 1.400.000.000 (um bilhão e quatrocentos milhões) em cada geração, este cálculo exagerado daria um resultado de 252.000.000.000 (duzentos e cinquenta e dois bilhões) como número total de nossa raça desde a criação até a atualidade, o qual é provavelmente mais de duas vezes o número verdadeiro.

Aonde acharemos campo suficiente para esta grande multidão? Tomemos algumas medidas para ver o que podemos concluir. O estado do Texas, nos Estados Unidos, tem uma superfície de 691.027 km² (seiscentos e noventa e um mil e vinte e sete quilômetros quadrados). Um km² contém 1.000.000 m² (um milhão de metros quadrados). Portanto, a área do Texas possui 691.027.000.000 m² (seiscentos e noventa e um bilhões e vinte e

* Nota: Veja informação na página 16.

O Resgate e a Restituição

sete milhões de metros quadrados). Se atribuirmos aproximadamente um metro quadrado de superfície para cada corpo morto, as cifras nos indicam que o Texas, como cemitério, teria dentro de si 691.027.000.000 (seiscentos e noventa e um bilhões, vinte e sete milhões) de corpos humanos, ou seja, quase três vezes a nossa estimativa exagerada em que calculamos o número de pessoas que já viveram sobre a terra*.

Posta de pé, o espaço que uma pessoa ocupa é aproximadamente pouco menos que a terça parte de um metro quadrado. Nesta proporção, a população atual do mundo (um bilhão quatrocentos milhões — em 1886) podia muito bem parar numa área menor que a da cidade de Londres ou de Filadélfia. A ilha da Irlanda (com área de 81.500 km² de superfície) proporcionaria área suficiente para que ficassem de pé mais do que o dobro das pessoas que têm vivido no mundo, apesar de nosso cálculo exagerado.

Verificamos assim, que não é muito difícil vencer tal objeção. Além disso, quando nos lembramos da profecia de Isaías (35:1-6) onde diz que a terra aumentará sua produção, que o ermo exultará e florescerá como a rosa, e que águas irromperão no deserto e ribeiros no ermo, passamos a nos dar conta de que Deus tem previsto as necessidades de seu plano, e que há de prover em abundância tudo aquilo que suas criaturas necessitam, de uma forma aparentemente natural.

A RESTITUIÇÃO VERSUS A EVOLUÇÃO

É possível que alguns aleguem que o testemunho das Escrituras referente à restituição humana ao seu primeiro estado não está em

* Nota: A informação aqui apresentada nesta edição em português foi adaptada para o Sistema métrico decimal que faz parte do Sistema Internacional de Unidades de Medidas (SI) adotado internacionalmente em 1960, conforme explica a obra *Superenciclopédia Ilustrada* (Reader's Digest Brasil, 2005). Os dados referentes à extensão do estado do Texas e da ilha da Irlanda foram atualizados de acordo com a obra *Enciclopédia Novo Século* (Editora e Gráfica Visor do Brasil, 2002, Vol. 7, p. 1215 e Vol. 11, p. 2099). Porém, a linha de raciocínio apresentada na edição original em inglês foi integralmente preservada.

O Plano das Eras

harmonia com as conclusões da ciência e da filosofia, que, com *aparente razão*, nos chamam a atenção para a inteligência superior do século atual e apresentam isto como evidência conclusiva de que o homem primitivo deve ter tido, em comparação, muito pouca inteligência, alegando que esta veio a ser o resultado da evolução. De acordo com este ponto de vista, não seria nada desejável uma restituição ao primeiro estado, mas isto seria certamente o oposto de uma bênção.

À primeira vista, tal raciocínio parece plausível, e muitos parecem inclinados a aceitá-lo como verdade sem antes submetê-lo a um cuidadoso exame. A opinião destes, conforme foi expressa por um célebre pregador na cidade de Brooklyn (EUA): “Se Adão caiu, sua queda se deu para cima, e quanto mais rápido cairmos neste estado original, muito melhor será para nós e para todos aqueles a quem isso diz respeito.”

Filosofar desta maneira, ainda mais no púlpito, invalida a Palavra de Deus, e se fosse possível, chegaria ao extremo de convencer-nos que os apóstolos cometeram um disparate quando declararam que a morte e todos os males que a acompanham foram ocasionados pela desobediência do primeiro homem, e que por meio do resgate podem ser removidos para que o homem possa ser restaurado à vida e ao favor de Deus. (Romanos 5:10, 12, 17-19, 21; 8:19-22; Atos 3:19-21; Apocalipse 21:3-5) Por isso, não nos apressemos a considerar tal filosofia como inabalável. Se assim fizermos seríamos obrigados a descartar as doutrinas apostólicas relativas à origem da morte e do pecado, e à restauração da raça humana à perfeição original. Deste modo, seríamos sinceramente obrigados a rejeitar por completo os seus testemunhos sobre qualquer assunto, não os considerando como inspirados e, por conseguinte, sem importância ou autoridade especial. À luz dos fatos, examinemos brevemente esta opinião que tanta popularidade está alcançando, e vejamos se seus raciocínios têm base e profundidade.

Um adepto e representante desta teoria se expressa da seguinte maneira: “O homem no princípio se encontrava num período de sua existência em que predominava sua natureza animal e era quase que totalmente governado pelo físico. Em seguida, gradualmente foi

O Resgate e a Restituição

passando de um estado a outro, até que, segundo o que podemos afirmar, o homem mediano tem chegado à condição ou ao estado de ser governado pelo cérebro. Esta era, por conseguinte, pode ser chamada de a Era Cerebral, ou intelectual. O cérebro origina o desenvolvimento dos grandes empreendimentos atuais, e sob seu comando estão as rendas do governo, os elementos da terra, da água e do ar, que por meio dele também têm sido e continuam sendo sujeitos. O homem está utilizando todas as forças físicas, contudo, lenta mas certamente, tem obtido poder a tal ponto sobre os segredos da natureza, que podemos esperar que ocorra, em breve, aquilo que foi expresso nas palavras de Alexander Selkirk: ‘Sou o monarca de tudo o que vejo.’”

O fato de uma teoria, à primeira vista, parecer razoável, não deveria induzir-nos a aceitá-la e nem nos fazer, de algum modo, torcer a Bíblia para que se harmonize com ela. De diversas maneiras temos provado a Bíblia, e sabemos com certeza que ela contém uma sabedoria sobre-humana indicando que tudo o que está escrito nela tem o selo da verdade. Também deveríamos nos lembrar que apesar de ser recomendável a pesquisa científica e o exame de suas afirmações e deduções, estas, porém, não são infalíveis. Não é de se admirar que a mencionada pesquisa tenha provado diversas vezes a falsidade de algumas de suas próprias teorias, quando percebe que o pesquisador científico é apenas um estudante que se confronta com circunstâncias adversas, e esforça-se contra dificuldades quase invencíveis, empenhando-se em aprender do grande Livro da Natureza acerca da história, do destino do homem, e de seu lar.

Por conseguinte, não desejamos nos opor e nem impedir a pesquisa científica, mas quando ouvimos as opiniões oferecidas pelos estudantes do Livro da Natureza, comparemos cuidadosamente suas deduções, que de modo geral, têm se mostrado parcial ou totalmente errôneas, com o Livro da Revelação Divina. Assim, devemos aprová-las ou rejeitá-las recorrendo “À Lei e ao Testemunho! [pois] se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles.” (Isaias 8:20) O conhecimento exato dos dois livros precisa estar em harmonia, mas até que se

consiga obter tal conhecimento, a Revelação Divina deve, para os filhos de Deus, ocupar o primeiro lugar, e servir de norma para examinar as supostas descobertas do homem falível.

Embora nos atenhamos a este princípio, isto não nos impede de analisar, ao mesmo tempo, se ele não é uma alternativa razoável à teoria da evolução, que afirma que o homem, ainda que tenha evoluído de uma ordem de existência inferior, já chegou ao seu estado superior, ou seja, à “Era Cerebral”, por causa do aumento do conhecimento, da habilidade e de seu poder. Talvez, depois de tudo, chegaremos à conclusão de que as invenções e comodidades, junto com a ampla educação e a maior difusão dos progressos da ciência, não são atribuíveis à maior capacidade mental, mas antes, às condições mais favoráveis presentes na atualidade para se exercitar o intelecto. Negamos que a capacidade mental hoje em dia seja superior a de tempos anteriores, ainda que admitamos, sem reservas, que devido às circunstâncias propícias, o uso dessa capacidade atualmente é mais amplo do que no passado, e por isso é muito mais destacada. Não tem os artistas desta “Era Cerebral” recorrido aos grandes mestres do passado em seus estudos da pintura e da escultura? Não é isto uma prova de que reconhecem uma capacidade mental, uma originalidade na arte e uma perícia na execução da obra, dignas de serem imitadas? E, para as suas obras de arquitetura, a “Era Cerebral” não depende por acaso, na sua maior parte, dos desenhos originais dos tempos passados? E, quanto aos silogismos e métodos, não é a Platão, Aristóteles, Demóstenes e a outras antigas celebridades, que recorrem os oradores e os especialistas em lógica desta “Era Cerebral”? E dentre os conferencistas de hoje, quantos não cobiçariam a língua de um Demóstenes, de um Apolo, ou, em grau supremo, o agudo poder de raciocínio que caracterizava o apóstolo Paulo?

Retrocedendo ainda mais, poderíamos nos referir à retórica dos profetas e aos sublimes quadros poéticos que abundam nos Salmos. Poderíamos também submeter ao exame dos filósofos desta “Era Cerebral”, a sabedoria e a lógica, e os não menos notáveis sentimentos de Jó e de seus consoladores. E o que podemos dizer de Moisés, “instruído em toda sabedoria dos egípcios”? As leis que

O Resgate e a Restituição

por meio dele foram dadas, têm servido de base para as leis de toda nação civilizada, e ainda hoje são reputadas como um compêndio de sabedoria sem igual.

As escavações que têm sido realizadas para desenterrar algumas das cidades antigas apresentam evidências de um saber tão profundo quanto às artes e ciências, que muitos dos filósofos desta assim chamada “Era Cerebral” ficam surpresos. Os métodos empregados pelos antigos para embalsamar os mortos, temperar o cobre, fazer vidro elástico, aço de Damasco, etc., são algumas das realizações dos tempos antigos, que os cérebros da era atual, apesar das múltiplas vantagens, não podem compreender e nem duplicar.

Retrocedendo quatro mil anos mais ou menos, até ao tempo de Abraão, encontramos a Grande Pirâmide do Egito, que é um objeto de admiração e assombro para os mais célebres homens de ciência da atualidade. Sua construção está em perfeita harmonia com as conclusões mais avançadas da “Era Cerebral” quanto à matemática e astronomia. Com uma exatidão assombrosa ensina verdades às quais hoje se pode chegar somente quando se faz uso de instrumentos modernos. Tão impressionantes e evidentes são os seus ensinamentos que alguns dos mais eminentes astrônomos têm a opinião de que é de origem divina. E se isto chegasse a ser confirmado pelos evolucionistas da “Era Cerebral”, caso concordassem a respeito da sabedoria sobre-humana ali evidenciada, precisariam, porém, admitir que ela é de construção humana. Sendo este o caso, o fato de que numa época tão remota havia homens possuidores de suficiente capacidade mental para cumprir as instruções divinas (empreendimento que muito poucos hoje em dia se atreveriam a fazer com o modelo diante de seus olhos e tendo ao seu alcance todos os instrumentos modernos) prova que nossa “Era Cerebral” é mais presunçosa do que os fatos justificam.

Se conforme temos demonstrado, a capacidade mental hoje em dia não é maior da que foi em tempos anteriores, mas provavelmente inferior, então, a quem podem ser atribuídos os progressos da ciência em todos os ramos, as invenções modernas e outras coisas que marcam esta era? Isto, de uma maneira razoável e

O Plano das Eras

de acordo com as Escrituras, confiamos torná-lo evidente. Os descobrimentos e as invenções que comprovadamente têm sido valiosas e que são tidas como provas de que esta é a “Era Cerebral”, são, na realidade, muito modernas. Quase todas foram feitas no transcurso do século 18, sendo as mais importantes as invenções e descobertas dos últimos sessenta anos, [em 1886] por exemplo: o uso do vapor, a eletricidade, a telegrafia, as estradas de ferro, os navios e as máquinas das diversas indústrias mecânicas. Por conseguinte, se estas invenções e descobertas são tidas como evidências do aumento da capacidade mental, isso quer dizer que nos encontramos ainda no início da “Era Cerebral”. Neste caso, a dedução lógica seria que quando chegar o próximo século, todo tipo de milagre será considerado como algo corriqueiro. Assim, neste ritmo, aonde iremos parar?

Prossigamos então com nossa pesquisa. Por acaso todos os homens são inventores? Não, pois bem reduzido é o número daqueles cujos inventos são na realidade úteis e práticos, quando comparados com aqueles que fazem uso e tiram proveito do invento uma vez posto em suas mãos! Quando dizemos que na sua maioria esses inventores não são indivíduos dotados de uma grande capacidade mental, não nos entendam que estamos menosprezando a esta classe tão útil e estimada de servidores públicos. Alguns dos cérebros privilegiados e profundos raciocinadores não são inventores mecânicos. Pelo contrário, entre os inventores existem alguns tão inexpressivos, do ponto de vista intelectual, que é motivo de assombro geral que alguns deles tenham tropeçado nas descobertas que fizeram. Os grandes princípios dessas invenções (a eletricidade, a força do vapor, etc.) às quais tantas pessoas têm dedicado tempo para que possam aprimorá-las, quase que em geral foram descobertas acidentalmente, sem o exercício de uma extraordinária capacidade mental, podendo se dizer também que, na sua maioria, não estavam sendo buscadas.

Segundo o ponto de vista humano, nosso parecer quanto à maneira em que os inventos modernos têm ocorrido, é como segue: A invenção da imprensa no ano de 1440 pode ser considerada como o ponto de partida. Por meio da impressão de livros

O Resgate e a Restituição

tornaram-se conhecidas as ideias e as descobertas dos pensadores e observadores, aos quais, sem esta invenção, não lhes seria possível transmitir aos outros que vieram à existência ao mundo mais tarde. Com os livros surgiu também uma educação mais ampla, dando-se início ao estabelecimento de escolas públicas. As escolas e as faculdades não aumentam a capacidade humana, mas tornam mais amplo o exercício mental, resultando em desenvolvimento da capacidade já possuída. À proporção em que os progressos da ciência se tornam mais amplos e os livros se multiplicam, as gerações que usufruem destas coisas, de modo inquestionável, adquirem vantagens sobre as anteriores. Isto resulta em não apenas no aumento de pensadores à razão de mil por um, que por meio de proposições se impulsionam e se estimulam mutuamente, como também cada geração subsequente além de sua própria experiência passa a ter ao seu alcance a experiência combinada do passado. A educação e a louvável ambição que esta produz ao ser empreendida alguma tarefa difícil, o espírito competidor, o desejo de se obter fama e distinção, juntamente com os registros e as descrições dos inventos que aparecem diariamente na imprensa, tudo isso contribui para estimular e abrilhantar as faculdades de percepção possuídas pelo homem, e fazem com que cada um fique alerta para que, se possível, possa inventar algo que resulte em benefício e em ampla comodidade. Tudo isto nos leva a insinuar que as invenções modernas, sob o ponto de vista nitidamente humano, demonstram que em vez de serem evidência de um aumento da capacidade cerebral o que tem ocorrido, de fato, é um avivamento da percepção mental devido às causas naturais.

Agora passemos para as Escrituras para verificar o que elas ensinam referente ao assunto em questão, pois ainda que tenhamos a opinião de que as invenções, os progressos da ciência em nossos dias e outras coisas que hoje ocorrem entre a humanidade sejam o resultado de causas naturais, cremos, no entanto, que Jeová Deus traçou o plano e ordenou todas estas causas naturais há muito tempo, e que, ao chegar a ocasião, tudo tem sido cumprido por meio de sua providência que a tudo dirige e que “faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade”. (Efésios 1:11) Segundo o plano revelado em sua Palavra, Deus determinou

O Plano das Eras

permitir que por seis mil anos o pecado e a miséria oprimissem e regessem o mundo, para em seguida, durante o sétimo milênio, restaurar todas as coisas, extirpando assim o mal e as suas consequências, por meio de Cristo Jesus a quem Ele de antemão havia designado para esta obra. Por isso, à medida que se aproximava o final dos seis mil anos de domínio do mal, Deus permitiu que as circunstâncias favorecessem as descobertas, pelo estudo dos seus dois livros, o da Revelação e o da Natureza, bem como a preparação dos recursos mecânicos e químicos que serão úteis na bênção e no soerguimento da humanidade durante a Era Milenar prestes a começar. Que o plano de Deus era este, é claramente indicado pelas palavras proféticas: “E tu, Daniel, encerra estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo [*tempo do fim*, NVI]; (então) muitos correrão de uma parte para outra, e o CONHECIMENTO (o saber, mas não a capacidade) se multiplicará”. “E nenhum dos ímpios entenderá (nem o plano e nem o proceder de Deus), mas os sábios entenderão”; “e haverá um tempo de angústia [tribulação, AL21], qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo”. – Daniel 12:1, 4, 10

Podem parecer estranho para alguns que Deus não tenha providenciado as coisas de tal forma que as bênçãos pudessem ter chegado com antecipação, e assim ser aliviada a maldição que paira sobre o homem. No entanto, devemos nos lembrar que o plano de Deus tem sido o de permitir que o homem se familiarize plenamente com os resultados da maldição que agora pesa sobre o mundo, para que, quando as bênçãos chegarem, todos possam estar convencidos da impropriedade do pecado. Ademais, Deus previu e predisse algo que o mundo não percebe: que a concessão de suas bênçãos àqueles cujos corações não estejam em harmonia com as leis justas do universo, longe de resultar em bem, resultaria em grandes males e sofrimentos. Finalmente será percebido que a permissão atual de Deus para que as bênçãos aumentem foi uma lição prática sobre o assunto, lição esta que pode servir como um exemplo deste princípio por toda a eternidade — tanto para os anjos como para a humanidade restaurada. De que maneira isto pode ocorrer, apenas podemos entrever:

O Resgate e a Restituição

Vemos em primeiro lugar que enquanto a humanidade estiver na atual condição caída e depravada, necessitando de punições apropriadas, de leis restritivas e de um governo suficientemente firme para impô-las, as tendências egoístas continuarão de certo modo prevalecendo. E se levarmos em conta a desigualdade das capacidades individuais, assim como o resultado do maquinismo que economiza o trabalho, depois da agitação e do incentivo à fabricação de máquinas, isso não poderá tender para outra coisa senão ao aumento do capital dos que agora estão ricos, empobrecendo ainda mais os que não o tem. A clara tendência atual é para o monopólio e o engrandecimento próprio, e isto resultará em colocar as vantagens diretamente nas mãos daqueles cujos privilégios e capacidades naturais já são dos mais favoráveis.

Em segundo lugar, se fosse possível estabelecer leis que conduzissem a uma divisão equitativa da riqueza atual e de seu incremento diário, entre os diferentes grupos sociais (coisa que não é provável), contudo sem a perfeição humana ou um governo sobrenatural que administrasse os assuntos humanos, os resultados seriam mais desastrosos do que os observados nas condições atuais. Se as vantagens derivadas do maquinismo que poupa o trabalho, e dos utensílios modernos fossem distribuídas proporcionalmente, muito em breve seria diminuído o trabalho diário, havendo um grande aumento do ócio. A falta de ocupação, para seres caídos, é por demais prejudicial. Se não houvesse a condição imposta: “Do suor do teu rosto comerás o pão”, a deterioração da raça humana teria ocorrido muito mais rapidamente. A ociosidade é a mãe do vício, e seus resultados inegáveis são a degradação mental, moral e física. Deus, portanto, em sua infinita sabedoria, reteve as bênçãos até que chegasse o tempo oportuno para introduzi-las como preparativos para o Reinado Milenar no qual serão evidentes. Sob o controle desse governo sobrenatural do Reino de Deus, não somente serão distribuídas entre os homens de uma maneira equitativa todas as bênçãos, mas também, além disso, o tempo desocupado será ordenado e empregado de tal modo pelo próprio governo sobrenatural, que os seus resultados serão a virtude e a tendência crescente à perfeição mental, moral e física. O grande número de invenções e outros benefícios que neste “dia de sua

preparação” foi permitido que surgissem de uma maneira natural, tem dado margem para que os homens se jactem e os anunciem como produtos da “Era Cerebral”. Porém, será permitido que seus resultados sejam tais que causem grande decepção a estes sábios filósofos. É este mesmo aumento de favores que já começa a trazer sobre o mundo o “tempo de tribulação, qual nunca houve, desde que existiu nação”.

Conforme acabamos de citar, o profeta Daniel estabelece um elo de ligação entre os progressos da ciência com o tempo de tribulação. Por causa da degradação da raça humana, a ciência é a causadora desta tribulação. Os progressos da ciência não só têm dado ao mundo máquinas admiráveis que diminuem o trabalho e proporcionam maiores comodidades, mas também têm levado ao aumento da perícia médica, prolongando assim milhares de vidas, e a tal grau iluminando as massas, que as carnificinas humanas e as guerras, têm se tornado menos populares, e desta maneira muitos têm sido livrados de uma morte prematura contribuindo assim para a multiplicação da raça humana, que aumenta com assombrosa rapidez, talvez mais rápido do que em qualquer outro período da história. Assim, à medida que a raça humana rapidamente se multiplica, na mesma proporção decresce a necessidade de seu trabalho, e os filósofos da “Era Cerebral” confrontam-se com o problema de providenciar emprego e subsistência para esta classe tão numerosa que aumenta sem cessar e cuja mão-de-obra se torna desnecessária, suplantando-a com máquinas, mas cujas necessidades e desejos não é possível limitar. Estes filósofos devem finalmente concordar que a solução deste problema excede a sua capacidade cerebral.

Os ricos, os que atualmente desfrutam das vantagens e do poder, continuarão sendo governados pelo egoísmo. Este lhes impedirá agir segundo o senso comum e a justiça. Por outro lado, entre as classes pobres um egoísmo similar, combinado com um instinto de *autopreservação* e de maior apreço pelos seus direitos, animará alguns, e inflamará outros. Deste modo, os efeitos destas *bênçãos* serão por algum tempo terríveis, pois irão produzir o grande tempo de tribulação qual nunca houve, desde que existiu nação, e tudo

O Resgate e a Restituição

porque o homem em sua atual condição depravada, sem ser guiado e dirigido, não pode fazer o uso devido destas bênçãos. Somente no Milênio, quando a Lei de Deus estiver inscrita novamente no restaurado coração humano, o homem será capaz de exercer sua plena liberdade sem prejuízo ou perigo para os outros.

O dia de aflição [tribulação] terá seu fim, no tempo oportuno, quando aquele que falou ao furioso Mar da Galiléia de novo e com autoridade, ordenar ao tempestuoso mar das paixões humanas, dizendo: “Cala-te, aquieta-te!” Quando o Príncipe da Paz, investido de seu grande poder, se levantar, sucederá grande calma. E assim, os elementos furiosos e contrários reconhecerão a autoridade do “Ungido de Jeová”, “a glória do Senhor se revelará; e toda a carne juntamente a verá”, durante o domínio de Cristo, que desta maneira se iniciará, pois então “serão benditas todas as famílias da terra”.

Todos discernirão então que aquilo que atribuíam à evolução ou ao desenvolvimento natural e à habilidade da “Era Cerebral”, eram os reflexos dos relâmpagos de Jeová (Salmo 77:18) no “dia de sua preparação” para abençoar a humanidade. Mas isto, somente os sábios segundo a sabedoria celestial conseguem entendê-lo, porque “o segredo de Jeová é para aqueles que o temem”, e “far-lhe-á conhecer a sua aliança”. (Salmo 25:14, TB) Graças a Deus, ao mesmo tempo em que a ciência está se multiplicando, Ele tem disposto a maneira em que seus filhos não se tornem “infrutíferos no pleno conhecimento de nosso Senhor”, e nem deixem de cultivar o devido apreço pelos seus planos. Pelo entendimento da Sua Palavra e pela interação com os planos que são revelados ali, nos tornamos aptos para discernir e nos pôr em guarda contra as vãs filosofias e as insensatas tradições dos homens, que contrariam a Palavra de Deus.

O relato bíblico sobre a criação do homem nos diz, que apesar de Deus havê-lo criado reto e perfeito, sendo uma imagem terrestre de si mesmo, contudo, o gênero humano buscou muitas astúcias que o mancharam grandemente. (Gênesis 1:27; Romanos 5:12; Eclesiastes 7:29) Sendo todos eles então pecadores, a raça humana em geral caiu impotente e nenhum deles pôde, de modo algum, remir a seu irmão e nem dar por ele um resgate a Deus. (Salmo

O Plano das Eras

49:7, 15) Assim Deus, em seu amor e compaixão, fez uma provisão, enviando no tempo oportuno o seu Filho, que se tornou homem providenciando-se assim o resgate. Como prêmio deste sacrifício e para a realização da grande obra de reconciliação, o Filho de Deus foi exaltado soberanamente, à natureza divina, passando a um elevado posto, para que, no tempo oportuno, possa restituir à raça humana a sua perfeição original e as bênçãos possuídas no princípio. Desde suas primeiras páginas e até ao final, as Escrituras, sem dar margem à dúvida, confirmam todos estes pontos, que estão em oposição direta com a teoria da evolução, ou, expressando melhor: “As conversas vãs e profanas e as oposições da falsamente chamada ciência”, estão em extremo e irreconciliável conflito com a Palavra de Deus. [1 Tim. 6:20, ECA]

1 Timóteo 2:3-6, ARA

Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador,
O qual deseja que todos os homens sejam salvos e
cheguem ao pleno conhecimento da verdade.
Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus
e os homens, Cristo Jesus, homem,
O qual a si mesmo se deu em resgate por todos:
testemunho que se deve prestar
em tempos oportunos.

Estudo X

AS NATUREZAS HUMANA E ESPIRITUAL, SEPARADAS E DISTINTAS

Falsos conceitos comuns — A natureza terrestre ou humana e a celestial ou espiritual — A glória terrestre e a glória celestial — O testemunho da Bíblia referente aos seres espirituais — A mortalidade e a imortalidade — Podem os seres mortais ter vida eterna? — A justiça na concessão dos favores — Um suposto princípio examinado — A variedade na perfeição — Os direitos soberanos de Deus — A provisão de Deus para o homem é satisfatória — A eleição do corpo de Cristo — Como será efetuada a transformação da natureza deles.

POR não discernirem que o plano de Deus para toda a humanidade tem por objetivo a restituição ou a restauração ao seu primeiro estado, ou seja, à perfeição humana perdida no Éden, e que somente a Igreja cristã, por ser uma exceção neste plano, obterá a mudança da natureza humana para a espiritual, muitos cristãos são da opinião de que ninguém se salvará a menos que alcance esta natureza espiritual. Embora as Escrituras nos assegurem promessas de vida, bênção e restauração a todas as famílias da Terra, somente à Igreja escolhida durante a Era Evangélica é oferecida e prometida a transformação à natureza espiritual. Não há passagem alguma nas Escrituras que alimente tal esperança em favor de outros.

Se as massas da humanidade fossem salvas da degradação, fraqueza, dor, miséria e morte que resultam do pecado, e se fossem restauradas à condição de perfeição humana usufruída antes da queda, estariam verdadeira e totalmente salvos dessa queda assim como os que, sob a especial “vocação celestial” da Era Evangélica, se tornarão “participantes da natureza divina”.

A falta do verdadeiro entendimento do que constitui um homem perfeito, a má interpretação das palavras mortal e imortal e falsas ideias de justiça, tem contribuído em conjunto para este

erro, obscurecendo desta forma muitas partes das Escrituras que de outro modo seriam entendidas com facilidade. É uma opinião comum, ainda que não seja apoiada por nenhum texto da Bíblia, que nunca houve um homem perfeito sobre a terra, e tudo o que pode ser percebido sobre ele na terra é que o homem se encontra parcialmente desenvolvido, e que para alcançar a perfeição precisa tornar-se espiritual. Esta opinião gera muita confusão sobre as Escrituras em vez de desenvolver a harmonia e a beleza que resultam de se “manejar bem a palavra da verdade”.

As Escrituras nos ensinam que houve dois, e nada mais que dois, homens perfeitos — Adão e Jesus. Adão foi criado à imagem e semelhança de Deus, isto é: com as faculdades mentais de raciocínio, memória, juízo e vontade e com as qualidades morais de justiça, benevolência, amor, etc., semelhantes às divinas. Ao afirmar que ele era “da terra, terreno”, indica que ele era a imagem terrestre de um ser espiritual que possuía os mesmos tipos de qualidades, embora fosse muito diferente em grau, categoria e extensão. A tal grau é o homem à imagem de Deus, que Ele ainda pode dizer ao homem caído: “Vinde, pois, e arrazoemos”. [1 Cor. 15:47; Isaías 1:18, ARA]

Assim como Jeová é o governante sobre todas as coisas, do mesmo modo o homem foi designado para ser o governante sobre todas as coisas terrestres, segundo a semelhança de Deus, e tendo domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais, etc. (Gênesis 1:26) Moisés nos disse (Gênesis 1:31) que Deus reconheceu o homem que *havia feito* — não que havia começado a fazer, mas que já havia completado — e o considerou uma criação “*muito boa*”, isto é, perfeita, pois à vista de Deus nada que não seja perfeito, entre as criaturas dotadas de inteligência, merece o adjetivo de *muito bom*.

A perfeição do homem, e como este foi criado, é expressa nas palavras do Salmo 8:5-8: “Pois pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste. Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés: Todas as ovelhas e bois, assim como os animais do campo, as aves dos céus, e os peixes do mar.” Alguns que se

Naturezas Distintas

empenham em fazer com que a Bíblia concorde com a teoria da evolução, pensam que as palavras “um pouco” em Hebreus 2:7, podem significar, por algum *tempo* inferior, em vez de, um pouco inferior em *grau* em relação aos anjos. Entretanto, não há razão e nem autoridade alguma que permita tal interpretação. Esta é uma citação do Salmo 8:5 e uma comparação crítica dos textos hebraico [Massorético] e grego [Septuaginta] não dá qualquer margem à dúvida quanto ao seu significado. Um pouco inferior em grau em relação aos anjos é a ideia claramente expressa.

Davi, neste Salmo, se refere ao homem em seu estado original, e profeticamente dá a entender que Deus não abandonou seu plano original de fazer com que o homem seja sua própria imagem e o rei da terra, e que se *lembrará* dele por redimi-lo e restaurá-lo ao seu devido lugar. O Apóstolo (Hebreus 2:7) chama a atenção ao mesmo ponto — que Deus não abandonou seu propósito original de que o homem, originalmente perfeito e tendo grande honra, como rei da terra, será lembrado, visitado, e restaurado. Ele em seguida acrescenta que embora não estejamos vendo esta prometida restituição, podemos ver que Deus já deu o primeiro passo para que isso se cumpra. Podemos ver que Jesus, aquele que foi coroado com a glória e a honra do homem perfeito e que, pela graça de Deus como resgate apropriado ou substituto, provou a morte por todos, preparou deste modo o caminho para restituir ao homem tudo aquilo que perdeu. Note como o *Novo Testamento Judaico* traduz, de modo interessante, esta passagem de Hebreus 2:7:

“Que é o mero homem, para que te preocupes com ele?
Ou o filho do homem, para que zeles por ele com tanto cuidado?
Tu o fizeste *um pouco inferior* aos anjos
E o coroaste com glória e honra, pondo todas as coisas em sujeição debaixo dos seus pés.”

Porém, não devemos deduzir das palavras acima que um grau menor significa menos perfeito. Uma criatura pode ser perfeita, embora esteja num plano de existência inferior do que outra, assim como um cavalo perfeito seria inferior a um homem

O Plano das Eras

perfeito, etc. Existem naturezas diferentes, tanto animadas como inanimadas. Para ilustrar este ponto organizamos a seguinte tabela:

Ordem de Seres Espirituais	Ordem de Seres Terrestres ou Animais	Ordem no Reino Vegetal	Ordem no Reino Mineral
Divinos	Humanos	Árvores	Ouro
-	Animais	Arbustos	Prata
-	Aves	Ervas	Cobre
Angélicos	Peixes	Musgos	Ferro

Cada um dos minerais mencionados pode ser completamente puro, mas o ouro é o de maior valor. Ainda que cada ordem das plantas chegasse à perfeição, todavia haveria diferença quanto a sua natureza e categoria. O mesmo sucede com os animais, pois se cada espécie fosse aperfeiçoada, ainda haveria variedade, porque a perfeição de uma espécie não muda a sua natureza.* Os graus de existência espiritual, também, embora sejam perfeitos, mantêm a mesma relação uns com outros, segundo a espécie a que pertencem — mais ou menos elevada. A natureza divina é a mais elevada e superior em relação a todas as naturezas espirituais. Na sua ressurreição, Cristo foi feito “*tanto mais excelente*” do que os anjos perfeitos, porque a natureza divina é superior à angélica. — Hebreus 1:3-5

Note cuidadosamente que embora as classes que são mencionadas na tabela sejam separadas e distintas, no entanto, pode ser formulada uma comparação entre elas da seguinte forma: O grau mais elevado de mineral é inferior ou “*um pouco menor*” do que o menor grau do reino vegetal, porque na vegetação existe vida. Assim, o grau mais elevado do reino vegetal é “*um pouco*

* A palavra *natureza* algumas vezes é usada num sentido de acomodação, por exemplo: Quando se diz que um cão tem uma *natureza selvagem*, ou que um cavalo é de *natureza dócil* ou *má*. O termo *natureza* ao ser utilizado desta maneira se refere somente às *tendências* de um em relação ao outro, mas não à natureza no pleno sentido da palavra.

Naturezas Distintas

menor” do que o menor grau do reino animal, porque mesmo em suas formas inferiores tem inteligência suficiente para perceber sua existência. Do mesmo modo, o homem, embora seja o maior dos seres do reino animal ou terrestre, é “um pouco menor que os anjos”, porque os anjos são seres espirituais ou celestiais.

Há um notável contraste entre o homem atual, degradado pelo pecado, e o homem perfeito que Deus fez à sua imagem. O pecado gradualmente mudou suas características bem como o seu caráter. As múltiplas gerações têm obscurecido e desfigurado a humanidade pela ignorância, pela libertinagem e pela depravação em geral, até o ponto em que, na maioria dos membros da raça humana, quase que tem sido obscurecida a semelhança de Deus. Tem sido impedido o desenvolvimento das qualidades morais e intelectuais. E os instintos animais, indevidamente desenvolvidos, já não são equilibrados pelos mais elevados. O homem tem perdido sua força física a tal ponto que, mesmo com a ajuda da ciência médica, a duração média de vida agora é de aproximadamente trinta anos, enquanto que no princípio, sob a mesma pena de morte, o homem viveu novecentos e trinta anos. *Mas ainda que o homem esteja de tal maneira manchado e degenerado pelo pecado, e por causa de sua correspondente pena a morte opere nele, não obstante, durante o Reino Milenar de Cristo, e por meio dele, o homem será restaurado à perfeição original de mente e de corpo, e ao domínio, glória e honra. As coisas que virão a ser restauradas por meio de Cristo, serão as que foram perdidas por causa da transgressão de Adão. (Romanos 5:18, 19) O homem não perdeu um paraíso celestial, mas o paraíso terrestre, e sob a pena da morte não perdeu uma existência espiritual, mas a existência humana, e tudo o que perdeu foi readquirido pelo seu Redentor, que declarou que veio buscar e salvar o que havia sido perdido. — Lucas 19:10

* Nota: Esse dado é do ano de 1886. Atualmente no século 21, nos países desenvolvidos, a média de vida tem sido entre 65 e 70 anos, mas ainda assim é muitíssimo inferior à média de vida que Adão usufruiu.

O Plano das Eras

Em adição ao que foi dito, temos provas de que o homem perfeito não é um ser espiritual. A Escritura nos diz, que nosso Senhor, antes de deixar a glória, para que se tornasse homem, era “em forma de Deus” — uma forma espiritual, um ser espiritual. Mas para que servisse como resgate da humanidade teria que ser um homem da mesma natureza que o pecador. Assim, para que se tornasse seu substituto na morte, foi necessário que mudasse de natureza. E Paulo nos disse que Ele não tomou a natureza dos anjos, um grau inferior a sua, mas antes, desceu dois graus e tomou a natureza humana — se fez homem, se “fez carne”. — Hebreus 2:16; Filipenses 2:7, 8; João 1:14

Note como isto não somente nos ensina que a natureza angélica não é a única ordem de seres espirituais, mas que também é inferior à natureza do Senhor antes de ter se tornado homem. Ele, nesse tempo, não ocupava o lugar tão elevado que ocupa agora, porque Deus “o exaltou soberanamente”, por causa de sua obediência em ser o resgate voluntário pelo homem. (Filipenses 2:8, 9) Ele é agora da ordem mais elevada de seres espirituais, sendo (como Jeová) participante da natureza divina.

Deste modo, não somente encontramos provas de que a natureza divina, a angélica e a humana, são separadas e distintas, mas também fica comprovado que ser um homem perfeito não significa ser um anjo, assim como também é impróprio conjecturar que, por causa da perfeição da natureza angélica, os anjos divinos sejam iguais a Jeová. Jesus *não tomou a natureza dos anjos*, mas uma natureza diferente: *a dos homens*; não a natureza humana imperfeita, como a conhecemos agora, mas a natureza humana *perfeita*. Ele se fez *homem*: não um ser depravado e quase morto como os homens são atualmente, mas um homem no pleno vigor da perfeição.

Jesus também teve que ser um homem perfeito, pois de outra forma, não poderia guardar a lei perfeita, que é a plena medida da *capacidade de um homem perfeito*. E tinha que ser um homem perfeito, pois de outro modo não poderia fornecer o resgate (o preço correspondente — 1 Timóteo 2:6) pela vida perfeita que Adão perdeu. “Porque assim como a morte veio por um *homem*, também a ressurreição dos mortos veio por um *homem*.” (1

Naturezas Distintas

Coríntios 15:21) Se Ele houvesse sido imperfeito no menor grau, seria evidente que estaria sob condenação, e portanto, não poderia ser um sacrifício aceitável. Tampouco poderia ter guardado a lei de Deus de modo perfeito. Um homem perfeito foi provado, achado em falta, e condenado, e somente um homem perfeito podia pagar o *preço correspondente* como Redentor.

Agora temos diante de nós o assunto em outra forma: Se Jesus na carne era um homem perfeito, como indicam as Escrituras, não prova isso que um homem perfeito é um ser humano carnal — não um anjo, mas sim, um pouco menor do que os anjos? Não se pode errar na lógica desta conclusão, e, além disso, temos a afirmação inspirada do Salmista (Salmo 8:5-8), e o que Paulo disse referindo-se a este texto em Hebreus 2:7-9.

Tampouco Jesus era uma união das duas naturezas — a humana e a espiritual. A mistura de duas naturezas não produz nem uma nem a outra, mas sim algo imperfeito, híbrido e nefasto, segundo o arranjo divino. Quando Jesus esteve na carne foi um ser humano perfeito, e havia sido antes disso um ser espiritual perfeito. Agora, desde sua ressurreição, é um ser espiritual perfeito da ordem mais elevada — a divina. Não foi senão até o tempo de sua consagração até à morte, tipificada em seu batismo, aos trinta anos de idade (um adulto segundo a Lei, e, portanto, o tempo devido para consagrar-se como *homem*), quando recebeu o penhor de sua herança da natureza divina. (Mateus 3:16, 17) A natureza humana teve que ser *consagrada à morte* antes que pudesse receber pelo menos a *garantia* ou *penhor* da natureza divina. E somente quando esta consagração foi cumprida, e sua natureza humana foi sacrificada até à morte, é que Jesus veio a ser, de modo pleno, participante da natureza divina. Depois de tornar-se homem veio a ser obediente até a morte, *pelo que* também Deus o exaltou soberanamente à natureza divina. (Filipenses 2:8, 9) Se esta parte das Escrituras é verdadeira, chegamos à conclusão que Ele não foi exaltado à natureza divina até que a natureza humana fosse completamente sacrificada ou morta.

O Plano das Eras

Vemos assim que não houve em Jesus nenhuma mistura de naturezas, mas antes, ele experimentou por duas vezes uma mudança de natureza. Primeiro a mudança da espiritual para a humana, e em seguida, da humana para a mais elevada ordem de natureza espiritual — a divina. Tanto num caso como no outro, teve que deixar uma natureza para possuir a outra.

Neste exemplo grandioso de humanidade perfeita, na qual esteve sem mancha diante do mundo até que fosse sacrificado para a redenção do gênero humano, podemos ver claramente a perfeição que a raça humana perdeu por causa de Adão, e para a qual será restaurada. Ao tornar-se o resgate do homem, nosso Senhor Jesus forneceu o preço *equivalente* por aquilo que o homem perdeu, e, portanto, toda a humanidade por meio da fé em Cristo e da obediência a todos os requisitos, poderá receber, não uma natureza espiritual, mas a gloriosa e perfeita natureza humana — “o que se havia perdido”.

As faculdades e capacidades perfeitas do ser humano perfeito podem ser exercidas indefinidamente sobre novos e diferentes objetos de interesse, e mesmo o conhecimento e a habilidade podem aumentar grandemente, mas estes aumentos de conhecimento e de poder não irão ocasionar uma mudança de natureza e nem poderão torná-la mais perfeita. Haverá somente o desenvolvimento e a expansão dos poderes e faculdades humanas perfeitas. O homem terá, sem dúvida, o bendito privilégio de aumentar seus conhecimentos e perícia por toda a eternidade, mas, sempre será um ser humano e somente aprenderá a usar mais plenamente as faculdades da natureza humana que já possui. Para além destes vastos limites não esperará e nem desejará avançar, por ter os seus desejos limitados segundo a extensão de suas faculdades.

Enquanto que Jesus como homem foi uma ilustração da natureza humana perfeita, para a qual será restaurada a humanidade em geral, contudo, desde sua ressurreição Ele é a ilustração da gloriosa natureza divina, a qual, na sua ressurreição, a Igreja vitoriosa irá participar com Ele.

Não devemos deduzir que os planos de Deus terminarão ao ser completada esta companhia [congregação] eleita, só porque a

180

Naturezas Distintas

época atual é dedicada primeiramente ao desenvolvimento desta classe para a qual é oferecida uma *mudança* de natureza e porque as epístolas apostólicas são dedicadas à instrução deste “pequeno rebanho”. Tampouco deveríamos ir ao extremo oposto e supor que as promessas especiais de natureza divina, corpos espirituais, etc., que foram feitas a estes, que Deus as tenha determinado para toda a humanidade. Somente para estes [o “pequeno rebanho”] é que são feitas as “preciosas e grandíssimas promessas”, superiores e muito acima das outras preciosas promessas feitas para a humanidade. Para manejarmos bem a palavra da verdade, deveríamos observar que nas Escrituras, a perfeição da natureza divina no “pequeno rebanho”, e a perfeição da natureza humana no mundo restaurado, são reconhecidas ali como duas coisas separadas.

Agora nos permitam indagar de modo mais metucioso: O que são os seres espirituais? Que faculdades têm e quais são as leis que os governam? Muita superstição prevalece neste assunto, e alguns, por não entenderem a natureza de um ser espiritual, pensam que isso deve ser apenas um mito. Mas Paulo não possuía esta mentalidade. Ainda que dê a entender que um ser humano é incapaz de compreender a superior natureza espiritual (1 Coríntios 2:14), entretanto, como que nos resguardando de ideias supersticiosas ou míticas, disse claramente que existem corpos tanto espirituais como também naturais (humanos), que há corpos celestes e corpos terrestres, mas uma é a glória dos celestes e outra a dos terrestres. Conforme vimos, a glória do terrestre foi perdida por causa do pecado do primeiro Adão, e durante o reino Milenar, Jesus e sua Noiva (o Cristo, Cabeça e corpo), irão restaurá-la à raça humana. Ainda não vemos a glória do corpo celeste, exceto com os olhos da fé, que por meio do Espírito, nos é revelada pela Palavra. Estas glórias são separadas e distintas. (1 Coríntios 15:38-49) Sabemos, até certo ponto, em que consiste o corpo natural, terreno ou terrestre, porque atualmente o possuímos, embora possamos ter somente uma ideia aproximada do que seria a glória de sua perfeição. Ele é constituído de carne, sangue e ossos, porque “o que é nascido da carne é carne”. E visto que são duas classes distintas de corpos, sabemos que o corpo

O Plano das Eras

espiritual, seja o que for, não é composto de carne, sangue e ossos, pois é do céu, celestial, ou espiritual — “o que é nascido do Espírito é espírito”. Mas não sabemos todavia o que é um corpo espiritual, porque “ainda não se manifestou o que havemos de ser ... mas, seremos semelhantes a Ele” — como o nosso Senhor Jesus. — João 3:6; 1 João 3:2, ECA

Não temos notícia de nenhum ser espiritual ou humano que tenha sido mudado de uma natureza para outra, senão o Filho de Deus. Este foi um caso excepcional, com um propósito excepcional. Quando Deus criou os anjos sem dúvida teve a intenção de que fossem anjos para sempre, e assim também com o homem - cada um perfeito segundo o seu próprio plano de existência. As Escrituras não deixam transparecer nenhum propósito diferente. Assim como na criação inanimada existe uma agradável variedade e quase que sem limites, da mesma maneira na criação vivente e racional é possível a mesma variedade em sua perfeição. Toda criatura em sua perfeição é gloriosa, mas como Paulo disse, uma é a glória dos seres celestes (espirituais) e outra a dos terrestres.

Ao examinarmos os fatos que são mencionados acerca de nosso Senhor depois de sua ressurreição, e dos anjos que são também seres espirituais, podemos desta maneira “comparando as coisas espirituais com as espirituais” (1 Coríntios 2:13), obter algum conhecimento geral acerca dos seres espirituais. Primeiramente, os anjos podem estar presentes e com frequência estão, embora seja de uma maneira invisível. “O anjo do SENHOR acampa-se ao redor dos que o temem, e os livra.” “Não são porventura todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação? (Salmo 34:7; Hebreus 1:14) Têm eles servido de modo visível ou invisivelmente? Não há dúvida de que têm servido de uma maneira invisível. Quando Eliseu foi rodeado por uma multidão de sírios e seu servo teve temor, Eliseu orou ao Senhor, e os olhos do moço foram abertos, e ele viu que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, (ou parecidos

Naturezas Distintas

com fogo), ao redor de Eliseu. Também quando Balaão não pode ver o anjo, a jumenta, cujos olhos foram abertos, pôde vê-lo.

Em segundo lugar, os anjos podem tomar corpos humanos e aparecer *como* homens. Desta maneira apareceu o Senhor junto com dois anjos a Abraão, e ele lhes preparou uma ceia da qual participaram. Abraão supôs que eram três homens, e não descobriu senão quando estavam para partir, que um deles era o Senhor e os outros dois, anjos, os quais foram depois a Sodoma para libertar a Ló. (Gênesis 18:1, 2) Um anjo apareceu a Gideão em forma humana, mas depois se deixou conhecer. Um anjo apareceu também ao pai e à mãe de Sansão, e creram que era um homem até que subiu na chama do altar. — Juizes 6:11-22; 13:20

Em terceiro lugar, os seres espirituais são gloriosos em sua condição normal, e com frequência são descritos como sendo gloriosos e brilhantes. O aspecto do anjo que removeu a pedra do sepulcro era “como um relâmpago”. Daniel viu um ser espiritual e o descreveu desta maneira: “E o seu corpo era como berilo, e o seu rosto parecia um relâmpago, e os seus olhos como tochas de fogo, e os seus braços e os seus pés brilhavam como bronze polido; e a voz das suas palavras era como a voz de uma multidão”. Daniel caiu diante dele como se estivesse morto. (Daniel 10:6, 10, 15, 17) Saulo de Tarso também viu o corpo glorioso de Cristo brilhando mais que a claridade do sol ao meio dia, e como consequência, perdeu a visão caindo por terra.

Até o momento, vimos que os seres espirituais são verdadeiramente gloriosos, porém, são invisíveis para o homem, a não ser que seus olhos sejam abertos, ou quando aparecem em forma humana — *na carne*. Esta conclusão é confirmada ainda mais quando examinamos os detalhes peculiares destas manifestações. Saulo foi o único que viu o Senhor, pois os homens que o acompanhavam somente ouviram a voz sem ver a ninguém. (Atos 9:7) Os homens que estavam com Daniel não viram o ser glorioso que ele descreve, entretanto, caiu sobre eles um grande temor, e fugiram para se esconder. Também este ser glorioso disse: “O príncipe do reino da Pérsia me resistiu vinte e

um dias”. (Daniel 10:13) Daniel, um homem muito amado pelo Senhor, caiu como que morto diante daquele contra quem o príncipe da Pérsia resistiu por vinte e um dias? Não. Mas como isto pôde acontecer? Certamente que o príncipe da Pérsia não lhe apareceu em sua glória! Ele esteve presente, mas de *modo invisível*, ou apareceu-lhe *como* um homem. [Daniel 10:7-10]

Nosso Senhor é um ser espiritual desde que ocorreu sua ressurreição, e, por conseguinte deve possuir as mesmas faculdades que vemos demonstradas nos anjos (seres espirituais). E este é de fato o caso, como veremos claramente, de modo mais detalhado, em outro capítulo.

Deste modo descobrimos que as Escrituras consideram a natureza humana e a espiritual como separadas e distintas, e não dão evidência de que uma evolua ou se desenvolva de outra, mas, pelo contrário, elas mostram que somente alguns serão transformados da natureza humana para a divina, para a qual Jesus, a Cabeça, já foi exaltado. E este aspecto notável e especial no plano de Jeová tem como propósito essencial e extraordinário prepará-los para serem os instrumentos dos quais Deus se servirá para a grandiosa obra futura de restaurar todas as coisas.

Agora examinaremos as palavras:

MORTALIDADE E IMORTALIDADE

Iremos descobrir que seu verdadeiro significado está em exata harmonia com o que temos aprendido acerca da comparação das declarações bíblicas referentes aos seres humanos e espirituais, bem como das promessas terrestres e celestiais. Geralmente muitos têm dado significados duvidosos a estas palavras, e as falsas ideias acerca disso produzem opiniões errôneas sobre os assuntos que estão relacionados com elas, quer seja no uso geral, quer seja em relação às Escrituras.

“*Mortalidade*” significa a condição ou estado em que *a morte é uma possibilidade*, mas não uma condição na qual a morte seja inevitável.

Naturezas Distintas

“*Imortalidade*” significa a condição ou estado em que a *morte não é uma possibilidade*. Não somente significa a condição de estar livre da morte, mas também a condição em que a morte é totalmente impossível.

A ideia popular, ainda que errônea, é que a *mortalidade* é um estado ou condição em que a morte não pode ser evitada, enquanto que a ideia geralmente dada acerca da palavra *imortalidade* se aproxima mais de seu verdadeiro significado.

A palavra *imortal* significa *não mortal*, pois até a própria construção [etimologia] da palavra indica sua verdadeira definição. Muitos se confundem quando procuram determinar se Adão era mortal ou imortal antes de pecar, porque prevalece uma falsa ideia acerca da palavra mortal. Raciocinam que se tivesse sido *imortal*, Deus não lhe teria dito: “No dia em que dela comeres (da árvore proibida), certamente morrerás”, visto que é impossível que possa morrer um ser imortal. Esta é uma conclusão lógica. Por outro lado, dizem que se ele tivesse sido *mortal*, em que haveria consistido a ameaça ou pena ao dizer-lhe “morrerás”, em vista da situação de que um ser mortal (segundo sua definição errônea) de maneira alguma poderia evitar a morte?

A dificuldade, conforme perceberemos, está no falso significado comumente dado à palavra *mortalidade*. Aplique a definição correta e tudo se tornará claro. Adão era mortal, ele estava na condição em que a morte era uma possibilidade. Tinha a vida em sua plenitude e perfeição, mas, *não era uma vida inerente* [ou seja, ele não tinha vida em si mesmo]. Sua vida era uma vida sustentada por meio de “todas as árvores do jardim”, com exceção da proibida. Durante o tempo que permaneceu obediente e em harmonia com o seu Fazedor, sua vida estava assegurada — os elementos para o sustento da vida não lhe foram negados. Vendo-se a questão desta forma, Adão tinha vida, e sua morte era inteiramente evitável, entretanto, encontrava-se na condição em que era possível a morte — era *mortal*.

O Plano das Eras

Agora surge uma pergunta: Se Adão era mortal e estava sob prova, estava em prova para que pudesse obter a imortalidade? A resposta comum seria que SIM, mas nós respondemos que NÃO. Ele foi posto à prova para ver se era digno ou não de continuar vivendo e desfrutando das bênçãos que possuía. Visto que em parte alguma lhe foi prometido que se fosse obediente seria imortal, somos obrigados a pôr de lado tais conjecturas. Foi-lhe concedida a *continuidade das bênçãos que desfrutava*, durante o tempo em que fosse obediente, e ameaçado com a perda de tudo — a morte — se fosse desobediente. A falsa ideia do significado da palavra *mortal* faz com que as pessoas em geral cheguem à conclusão de que todos os seres que não morrem são imortais. Portanto, eles incluem nesta classe ao nosso Pai Celestial, a Jesus nosso Senhor, aos anjos, e a toda humanidade. Todavia, este é um erro. A grande massa da humanidade libertada da queda, do mesmo modo que os anjos do céu, serão sempre mortais, e embora venham a usufruir uma condição de perfeição e felicidade, serão sempre dessa natureza mortal que pode sofrer a morte — o salário pelo pecado — se eles vierem a cometer pecado. Assim como aconteceu no caso de Adão, a segurança de sua existência será condicional, baseada na obediência ao onisciente Deus cuja justiça, amor, sabedoria e especialmente o poder — o qual faz com que todas as coisas concorram para o bem daqueles que o amam e o servem — haverão sido plenamente demonstrados por meio do proceder com o pecado durante a época atual.

Em parte alguma das Escrituras é dito que os anjos são imortais, ou que a humanidade restaurada o será. Ao contrário, a imortalidade é atribuída somente à natureza divina — só a Jeová no princípio, mais tarde também a Jesus nosso Senhor em sua condição atual, soberanamente exaltado, e finalmente, por promessa, à Igreja, o corpo de Cristo, quando será glorificada com Ele. — 1 Timóteo 6:16; João 5:26; 2 Pedro 1:4; 1 Coríntios 15:53, 54

Naturezas Distintas

Não somente temos a evidência de que a imortalidade pertence unicamente à natureza divina, mas, além disso, nos é proporcionada a prova de que os anjos são mortais pelo fato de que o Diabo, um dos principais dentre eles, há de ser destruído (Hebreus 2:14). Se o Diabo pode ser destruído, deduzimos que, como classe, os anjos são mortais.

Considerando-se o assunto desta maneira, vemos que quando os pecadores incorrigíveis forem destruídos, tanto os seres imortais como os mortais viverão para sempre cheios de alegria, felicidade e amor. Os da primeira classe possuindo uma natureza à prova de morte, tendo vida inerente — vida em si mesmos (João 5:26), e os da segunda, tendo uma natureza suscetível de morte, entretanto, não dando lugar a morte por causa da perfeição de sua existência, do conhecimento do mal e da excessiva maldade do pecado. Sendo estes aprovados pela lei de Deus serão providos para sempre com os elementos necessários para sustentá-los em perfeição, e nunca morrerão.

Um bom conhecimento do significado das palavras *mortal* e *imortal*, e do uso que se faz delas nas Escrituras, destrói por completo o fundamento da doutrina do tormento eterno. Esta doutrina está baseada na teoria, contrária às Escrituras, de que Deus criou o homem imortal, que não pode deixar de existir, e que Deus não pode destruí-lo. Por isso, argumentam que os incorrigíveis *continuam vivendo* de alguma forma em alguma parte, e concluem que, por estes não estarem em harmonia com Deus, sua eternidade só pode ser de miséria. Mas a Palavra de Deus nos assegura que Ele tem tomado medidas contra a perpetuação do pecado e dos pecadores, que o homem é mortal, e que a plena punição pelo pecado deliberado, contra a plena luz e o conhecimento da verdade, não será a vida em tormentos, mas uma segunda morte. “A alma que pecar, essa morrerá”.

**“QUEM É VOCÊ, Ó HOMEM, PARA QUESTIONAR
A DEUS?” - ROMANOS 9:20, NVI**

Alguns sustentam a ideia errônea de que a justiça exige que não seja feita distinção alguma na concessão dos favores de Deus

O Plano das Eras

entre suas criaturas, e que se Ele exalta alguém a uma elevada posição, *em justiça*, deveria fazer o mesmo com todos, a não ser que se prove que alguns perderam os seus *direitos*, e aí, neste caso, seria justo lhes atribuir uma posição inferior.

Se este princípio fosse correto, provaria que Deus não tinha o direito de ter criado Jesus acima dos anjos, e, em seguida, enaltecê-lo ainda mais, até a natureza divina, a menos que houvesse tencionado fazer o mesmo com todos os anjos e com toda a humanidade. Levando este princípio para ainda mais longe, se alguns homens serão exaltados soberanamente se tornando assim participantes da natureza divina, então todos os homens devem ser logicamente elevados a essa mesma posição. E porque não levar o princípio ao seu limite extremo por aplicar a lei de progressão à criação animal e irracional, chegando até aos insetos, visto que todos eles sendo criaturas de Deus, necessariamente devem chegar ao plano mais elevado de existência, a natureza divina? Isto certamente seria um absurdo, mas torna-se tão razoável como qualquer outra dedução derivada do princípio anteriormente citado.

Talvez ninguém desejará levar ao limite extremo tal suposição errônea. Mas, se fosse um princípio baseado apenas na justiça, até onde se poderia chegar e continuar sendo justo? E se este fosse o plano de Deus, o que aconteceria com a bela e agradável variedade existente em todas as suas obras? Mas este não é o plano de Deus. A natureza inteira — tanto a animada como a inanimada — exhibe a glória e a variedade da sabedoria e do poder divinos. E assim como “os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das suas mãos” com uma maravilhosa variedade e beleza, num grau maior a sua criação inteligente exhibe com variedade a glória superior de seu poder. Chegamos a esta conclusão por meio dos ensinamentos expostos na Palavra de Deus, por meio da razão e ao ser levada em conta as analogias da natureza.

É muito importante que obtenhamos o correto ponto de vista relativo à justiça. Um *favor* nunca deve ser tomado como uma merecida recompensa. Um simples ato de justiça não é motivo de

Naturezas Distintas

gratidão especial, tampouco é uma prova de amor. Mas, sabemos que Deus dá provas de seu amor pelas suas criaturas por meio de uma série interminável de imerecidos favores, e isto deveria trazer à tona nelas, de modo correspondente, seu louvor e amor.

Deste modo, Deus tinha o direito de nos fazer como criaturas de breve existência, mesmo que nunca houvesse entrado o pecado no mundo. Foi deste modo que ele fez algumas de suas criaturas inferiores. Ele poderia nos ter permitido que desfrutássemos de suas bênçãos por um breve período de tempo e, em seguida, sem injustiça, tirar nossa vida. Ainda que fosse uma breve existência certamente seria um favor. É somente pelo Seu favor que temos uma existência qualquer que seja a condição. Que grandioso favor é a redenção dessa existência uma vez perdida por causa do pecado! Além disso, é graças ao favor de Deus que somos seres humanos em vez de animais inferiores. É pelo favor de Deus que os anjos possuem uma natureza um pouco superior à do homem. Também é pelo favor de Deus que Jesus e sua noiva se tornarão participantes da natureza divina. É apropriado, portanto, que toda criatura inteligente receba com gratidão o que Deus lhe concede. Qualquer outra atitude mereceria, de modo justo, a sua condenação, e persistir nela resultaria em humilhação e destruição final. Ninguém tem o direito de aspirar ser um anjo, porque não tem sido convidado a alcançar tal posição. Um anjo tampouco tem o direito de aspirar à natureza divina, por não lhe haver sido oferecida.

As aspirações indevidas de Satanás e seu orgulho ocasionaram sua degradação, e lhe causarão sua destruição final. (Isaías 14:14) “Porquanto qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado” (Lucas 14:11), mas não necessariamente a mais elevada posição.

Devido às falsas ideias com respeito ao que é justo, e por outras coisas, o ponto relacionado à eleição — conforme é ensinada nas Escrituras Sagradas — tem sido objeto de muita discussão e má compreensão. É um fato inegável que as Escrituras ensinam a eleição, mas quais são precisamente os princípios sobre os quais se baseia essa eleição ou seleção, é motivo de considerável diferença de opinião. Alguns afirmam que é arbitrária e

O Plano das Eras

incondicional; outros asseguram que é condicional. Segundo cremos, existe um certo grau de verdade nestes dois pontos de vista. A eleição, da parte de Deus, é a expressão de sua seleção com certo propósito, para certo ofício ou condição. Deus tem elegido ou determinado que algumas de suas criaturas ocupem o posto de anjos, que outras sejam criaturas humanas, que outras sejam animais inferiores tais como os quadrúpedes, as aves, os peixes, os insetos, etc., e também tem determinado que outras de suas criaturas consigam alcançar e obter a natureza divina. Embora Deus selecione aqueles que hão de alcançar a natureza divina, segundo certas *condições*, porém não podemos dizer que aqueles que serão admitidos nela *merecem-na* mais do que outros, pois é apenas pelo favor de Deus que se pode ter uma existência em qualquer plano de vida.

“Assim, pois, não depende de quem quer, ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia” — bondade ou favor. (Romanos 9:16, ARA) Não é porque os escolhidos sejam melhores que os demais, que Deus lhes fez o convite à natureza divina, visto que Ele deixou de lado os anjos que não haviam pecado, decidindo assim chamar a alguns dos pecadores redimidos para participarem das honras divinas. Deus tem o direito de fazer com o que é seu segundo lhe agrada, e Ele se propõe a exercer este direito para a realização de seus planos. Visto que tudo o que temos é pelo favor divino, “quem é você, ó homem, para questionar a Deus? Acaso aquilo que é formado pode dizer ao que o formou: Por que me fizeste assim? O oleiro não tem direito de fazer do mesmo barro um vaso para fins nobres [vaso para uso honroso – IBB, AL21; vaso para honra – ACF, ECA] e outro para uso desonroso (ou para menos honra)?” (Romanos 9:20, 21, NVI) Todos foram criados pelo mesmo poder divino — alguns para que tivessem uma natureza mais elevada e maior honra, e outros para que tivessem uma natureza inferior e menos honra.

“Assim diz o SENHOR (Jeová, TB), o Santo de Israel, aquele que o formou (o Criador do homem): Perguntai-me as coisas futuras; *demandai-me* acerca de meus filhos, e acerca da obra das minhas mãos. Eu fiz a terra, e criei nela o homem; eu o fiz; as

Naturezas Distintas

minhas mãos estenderam os céus, e a todos os seus exércitos dei as minhas ordens.” “Porque assim diz o SENHOR, que tem criado os céus, o Deus que formou a terra, e a fez; ele a confirmou, não a criou vazia, mas a formou para que fosse habitada: Eu sou o SENHOR (Jeová), e não há outro.” (Isaías 45:11, 12, 18) Ninguém tem o direito de dar ordens a Deus. Se ele estabeleceu a terra, e não a formou para que ficasse vazia, mas para que homens restaurados e perfeitos habitassem nela, quem somos nós e outros para questionarmos a Deus? Quem pode dizer que é injusto Ele não transformar a nossa natureza tornando-nos participantes da natureza espiritual semelhante aos anjos, ou como a Sua própria natureza divina? Quão melhor seria nos achegarmos humildemente à Palavra Divina e “*perguntar*” sobre as coisas futuras, ao invés de “*demandar*” ou afirmar que Deus tem que colocar em prática as nossas próprias ideias! Senhor, guarda os teus servos dos pecados de presunção, para que estes não tomem conta de nós! Cremos que nenhum dos filhos de Deus, com conhecimento do que faz, dará ordens a Jeová. Não obstante, quão facilmente muitos, quase que inconscientemente, caem neste erro!

Os membros da raça humana são filhos de Deus por criação — a obra das suas mãos — e seu plano referente a eles é revelado claramente em sua Palavra. Paulo disse que o primeiro homem (que foi uma amostra de como será a raça humana quando esta for perfeita), foi da terra, terreno, e sua descendência, com exceção da Igreja Evangélica, em sua ressurreição ainda será terrena, isto é, humana, adaptada à terra. (1 Coríntios 15:38, 44) Davi disse que o homem foi feito apenas um pouco menor que os anjos, e que foi coroado de glória, honra, domínio, etc. (Salmo 8:4-8) Pedro, nosso Senhor, e os profetas, desde que o mundo existe, declaram que a raça humana será restaurada a essa gloriosa perfeição, e que terá outra vez domínio sobre a terra, assim como seu representante, Adão o possui. — Atos 3:19-21

Este é o legado que Deus tem desejado dar à raça humana. E que legado tão glorioso! Feche os olhos por um momento para as cenas de miséria, dor, degradação e tristeza que ainda prevalecem por causa do pecado, e imagine a glória da terra perfeita.

O Plano das Eras

Nenhuma mancha do pecado obscurece a harmonia e a paz da sociedade perfeita. Nenhum pensamento amargo, nenhuma palavra ou olhar áspero. O amor transborda em todo coração e encontra eco no coração dos demais. A benevolência marca todas as ações. Ali não haverá mais enfermidades, nem dores, e tampouco haverá evidências de decadência — nem mesmo sequer o temor de tais coisas. Pense nos mais belos exemplos de comparativa saúde, beleza de formas e feições humanas que já possa ter visto, e saiba que a humanidade perfeita sobrepujará a tudo isto em formosura. A pureza interior, juntamente com a perfeição moral e mental, brilhará e encherá de glória todo rosto radiante. Esta será a sociedade aqui na Terra, e ao se aperceberem de que a obra da ressurreição está completa, cessarão de brotar as lágrimas dos pobres angustiados, cujos olhos a dor umedecia. — Apocalipse 21:4

Esta é apenas a mudança que será efetuada na sociedade humana. Lembre-se também de que a Terra, que foi criada “para ser habitada” pelos seres humanos, virá a ser uma morada adequada e cheia de atrativos para eles, como se deu no paraíso edênico, no qual o representante da humanidade foi colocado no princípio. O paraíso será restaurado. A terra já não produzirá espinhos nem abrolhos. Não será requerido o suor do rosto do homem para produzir o seu pão, mas “a terra (fácil e naturalmente) dará o seu fruto”. “O deserto florescerá como a rosa”, a criação animal inferior será perfeita, servindo disposta e obedientemente. A natureza, com toda a sua agradável variedade, atrairá o homem em todas as direções convidando-o a buscar e conhecer a glória, o poder e o amor de Deus. Tanto a mente como o coração irão transbordar de júbilo. O desejo insaciável de ter sempre algo novo, que agora nos domina, não é uma condição natural, mas uma anomalia motivada por nossa imperfeição e pelas condições pouco satisfatórias que nos rodeiam. Não está de acordo com um caráter semelhante a Deus o desejo constante por algo novo. Para Deus a maior parte das coisas é antiga; e Ele se regozija mais nas coisas que são antigas e perfeitas. Assim será quando o homem for restaurado à imagem de Deus. O homem

Naturezas Distintas

perfeito não conhecerá plenamente a glória da existência espiritual, e, portanto, não irá ambicioná-la, visto que pertence a uma natureza diferente, da mesma maneira em que os peixes e as aves, pela mesma razão, preferem e apreciam cada um o seu próprio ambiente e natureza. O homem estará tão absorto e extasiado com a glória que o rodeará no plano humano, que não irá nutrir qualquer aspiração ou preferência por outra natureza ou condições diferentes das que possui. Uma observação na experiência atual da Igreja serve para comprovar este fato. “Quão dificilmente (com quanta dificuldade) entrarão no reino de Deus os que têm riquezas (deste mundo)!” As poucas coisas boas que possuímos, mesmo sob as condições existentes no atual domínio do mal e da morte, a tal ponto cativam a natureza humana, que necessitamos da ajuda especial de Deus para manter nossas intenções e propósitos fixos nas promessas espirituais.

Que a Igreja Cristã, o corpo de Cristo, é uma exceção no plano geral de Deus para com a humanidade, se evidencia na afirmação de que sua eleição foi determinada no plano divino antes da fundação do mundo (Efésios 1:4, 5), em cujo tempo Deus, não apenas previu a queda da raça humana no pecado, mas também predeterminou a justificação, a santificação e a glorificação de tal classe, convocando-a durante a Era Evangélica, e convidando-a para que deixe o mundo e se transforme à imagem de seu Filho, vindo a ser participantes da natureza divina e co-herdeiros com Cristo Jesus no Reino Milenar que estabelecerá a justiça e paz universais. — Romanos 8:28-31

Isto indica que a eleição ou seleção da Igreja foi algo determinado por Deus. Mas devemos notar que não é uma seleção incondicional dos *membros individuais* da Igreja. Antes da fundação do mundo Deus determinou que seria eleita tal companhia [congregação] com este propósito e no tempo especificado para isso — a Era Evangélica. Embora não duvidamos que Deus de antemão poderia ter se apercebido da conduta de cada membro individual da Igreja, e que Ele poderia saber desde o princípio quais seriam dignos de constituir “o

O Plano das Eras

pequeno rebanho”, porém, não é assim que se apresenta a doutrina da eleição nas Escrituras. Os apóstolos não inculcaram a ideia da predestinação individual, mas sim que, segundo o propósito de Deus, seria necessária uma classe para preencher esta posição honrosa, e que a eleição desta classe seria sob condições de severas provas de fé e obediência, do sacrifício dos privilégios terrestres, etc., até à morte. Desta maneira, por meio de uma prova individual, e através da “vitória” individual, os membros individuais da *classe predeterminada* são escolhidos ou aceitos para que gozem dos benefícios predeterminados por Deus para esta classe.

A palavra “glorificou” em Romanos 8:30, traduzida do grego *doxazo*, significa *honrou*. A posição para a qual está sendo eleita a Igreja é de grande honra. Nenhum homem poderia aspirar tão elevada honra. O próprio Jesus recebeu o convite antes que o aspirasse, pois lemos: “Assim também Cristo não se glorificou (*doxazo — honrou*) a si mesmo para se fazer sumo sacerdote, mas o glorificou aquele que lhe disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei.” Deste modo, o Pai celestial honrou a Jesus nosso Senhor, e todos os do corpo eleito que hão de ser co-herdeiros com Ele, serão, do mesmo modo, honrados pelo favor de Jeová. A Igreja, do mesmo modo que sua Cabeça, começa a experimentar essa “honra” quando é *gerada* por Deus para a natureza espiritual pela palavra da verdade (Tiago 1:18), e chegará a obter esta honra, em sua plenitude, quando nascerem do espírito, como seres espirituais, segundo a imagem da Cabeça glorificada. Aqueles que Deus honrará desta maneira devem ser perfeitos e puros. E visto que éramos pecadores por herança, Ele não só nos chamou ou convidou para tal honra, mas também, adicionalmente, providenciou a *justificação* do pecado por meio da morte de seu Filho, para que pudéssemos receber a honra para a qual nos convida.

Deus faz um amplo chamamento para escolher este “pequeno rebanho” — “muitos são chamados”. Mas nem todos são chamados. No princípio, durante o ministério de nosso Senhor, o

Naturezas Distintas

chamado se limitou ao Israel segundo a carne, mas agora, todos aqueles que encontram os servos de Deus (Lucas 14:23) são instados e estimulados (mas não são compelidos) a desfrutar e entrar neste banquete especial de favor. Mas mesmo entre os que ouvem o apelo e aceitam o convite poucos são dignos. São-lhes providenciados os trajes da cerimônia nupcial (a justiça imputada de Cristo), mas alguns não querem pô-los e têm que ser recusados. E dentre aqueles que põem o traje da justificação e recebem a honra de serem gerados a uma nova natureza, certo número deixa de fazer firme sua vocação e eleição por causa da pouca fidelidade a sua aliança. Vejamos o que é dito acerca dos que são dignos de aparecer com o Cordeiro em glória: “Os chamados, e eleitos, e fiéis”. — Apocalipse 14:1; 17:14, IBB

A chamada é efetiva, e a determinação de Deus para eleger e enaltecer uma Igreja, é inalterável, mas quais dentre eles hão de ser desta classe escolhida, é condicional. Todos aqueles que desejam participar das honras predestinadas devem cumprir com as condições da chamada: “Portanto, ainda que a promessa de entrarmos no seu descanso nos tenha sido deixada, tememos que algum de vós pareça ter falhado.” (Hebreus 4:1, AL21) Ainda que o grande favor não dependa *de* quem quer, ou *de* quem corre, este é somente *para* aquele que quer e *para* aquele que corre quando é chamado.

Confiamos que desta maneira temos vindicado claramente o *propósito* e o *direito absoluto* de Deus de fazer com aquilo que é seu segundo lhe agrada. Chamamos agora a atenção ao fato de que o princípio que caracteriza a concessão de todos os favores de Deus é o bem geral de todas as suas criaturas.

Já que sob a autoridade das Escrituras reconhecemos como fato estabelecido que as naturezas tanto a espiritual como a humana são separadas e distintas — e que a mescla das duas naturezas não faz parte do desígnio de Deus, mas antes produziria uma coisa imperfeita, e que a mudança de uma natureza para outra não é a regra, mas a exceção, ocorrida somente no caso do Cristo — isto passa a ser um assunto de profundo interesse para que nós

O Plano das Eras

venhamos a entender como será realizada essa mudança, sob que condições será obtida, e de que maneira será efetuada.

As condições sob as quais a Igreja pode ser exaltada com seu Senhor à natureza divina (2 Pedro 1:4) são precisamente as mesmas sob as quais Ele a recebeu: ela precisa seguir os seus passos (1 Pedro 2:21), apresentando-se como sacrifício vivo, assim como Ele fez, e em seguida, cumprir fielmente esse voto de consagração até que o sacrifício termine na morte. Esta mudança de natureza humana para a divina é dada como prêmio, aos que durante a Era Evangélica sacrificam a *natureza humana*, assim como fez o nosso Senhor, juntamente com todos os *seus* interesses, esperanças e aspirações atuais ou futuras — até à morte. Na sua ressurreição estes despertarão, não para participar com o restante da humanidade na bendita restituição à perfeição humana, junto com todas as bênçãos que a acompanham, mas para tomar parte na semelhança, da glória e da alegria do Senhor, como participantes com Ele da natureza divina. — Romanos 8:17; 2 Timóteo 2:12

O princípio e o desenvolvimento da nova natureza são semelhantes ao princípio e desenvolvimento da vida humana. Do mesmo modo como ocorre uma geração e mais tarde o nascimento, assim também acontece com a outra. Os santos são gerados de Deus pela palavra da verdade. (1 Pedro 1:3; 1 João 5:18; Tiago 1:18) Isto é, recebem de Deus, pela sua Palavra, o primeiro impulso à vida divina. Após terem sido justificados gratuitamente, por meio da fé no resgate, e ao ouvirem o chamamento, “apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e (resgatado, justificado — portanto) agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Romanos 12:1), obedientemente, consagram plenamente a Deus sua humanidade justificada como sacrifício vivo ao lado de Jesus. Assim, Deus os aceita e neste momento começa a vida espiritual. Estes imediatamente começam a pensar e agir de acordo com a nova mente (transformada) que os impele, até o ponto de crucificarem os

Naturezas Distintas

desejos humanos. Estes, desde o momento de sua consagração, são considerados por Deus como “novas criaturas”.

Desta forma, para estas “novas criaturas” em *embrião*, as coisas velhas (os desejos, esperanças e planos humanos), já passaram e eis que tudo se fez novo. A “nova criatura” em embrião cresce e se desenvolve continuamente, à medida que crucifica a antiga natureza junto com as suas esperanças, aspirações e desejos. Estes dois processos progridem simultaneamente, desde o tempo em que começa a consagração até que se efetue a morte da natureza humana e o nascimento da natureza espiritual. À medida que, por meio da Palavra, o Espírito de Deus prossegue esclarecendo mais e mais os seus planos, vivifica também os nossos corpos mortais (Romanos 8:11) capacitando-os para que possam lhe render serviço, sendo que, no tempo oportuno, teremos novos corpos — espirituais, celestiais, adaptados em todo sentido à nova mente — a divina.

O *nascimento* da “nova criatura” será na ressurreição (Colossenses 1:18). E a este tipo de ressurreição lhe é dado o nome de *primeira* (ou seleta) ressurreição (Apocalipse 20:6). Devemos nos lembrar que atualmente não somos seres espirituais, até a ressurreição, embora, desde que recebemos o espírito de adoção, sejamos reconhecidos como tais. (Romanos 8:23-25; Efésios 1:13, 14; Romanos 6:10, 11) Quando nos tornarmos verdadeiramente espirituais, isto é, quando nascermos do espírito, não seremos mais seres carnis, porque “o que é nascido do Espírito é espírito”.

O nascimento para a natureza espiritual na ressurreição deve ser precedido pela geração do Espírito na consagração, assim como o nascimento na carne é precedido pela geração da carne. Todos os que têm nascido da carne, na semelhança do primeiro homem terreno Adão, foram primeiramente gerados segundo a carne, e outros têm sido gerados *novamente* pelo espírito de Deus, por meio da palavra da verdade, para que no tempo apropriado (a seu tempo), na primeira ressurreição, nasçam do Espírito, segundo a semelhança divina. “E, assim como (os que compõem a Igreja)

trouxemos a imagem do que é terreno, assim traremos também a imagem do celestial” a menos que venhamos a cair. — 1 Coríntios 15:49; Hebreus 6:6

Ainda que a aceitação da vocação celestial e nossa consagração em obediência a ela sejam decididas num certo momento, no entanto, a atitude de fazer com que nossa mente, que naturalmente se inclina para as coisas da terra, volte-se para as coisas celestiais, para que esteja em harmonia com a mente de Deus, é uma tarefa gradual. O Apóstolo qualifica de transformação este processo quando diz: “E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados [em natureza celestial] pela *renovação do vosso entendimento* [da vossa mente, AL21], para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.” — Romanos 12:2

Precisamos perceber que estas palavras do Apóstolo não são dirigidas ao mundo incrédulo, mas aos que ele reconhece como irmãos, como indica o versículo anterior: “Rogo-vos, pois, *irmãos*, ... que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus.”

É comum a crença de que quando um homem se converte ou deixa o pecado para seguir o caminho da justiça, deixando deste modo a incredulidade, a oposição a Deus passando assim a confiar Nele, que esta é a transformação a qual Paulo se refere [em Rom. 12:2]. Na verdade esta é uma grande mudança — *uma* transformação, mas não *a* transformação à qual Paulo faz alusão aqui, pois isto seria apenas uma transformação de caráter. Paulo se refere, neste texto, à transformação da natureza que foi prometida aos crentes durante a Era Evangélica, segundo certas condições, instando deste modo aos *crentes* para que cumpram estas condições. Caso não tivesse ocorrido uma transformação do *caráter* naqueles a quem ele se dirigia, não poderia tê-los chamado de irmãos — irmãos que tinham algo “santo e agradável a Deus” para oferecer em sacrifício, visto que somente os que são justificados pela fé no resgate são considerados por Deus como santos e aceitáveis. A transformação de sua *natureza* será a

Naturezas Distintas

porção daqueles que, durante a Era Evangélica, apresentam sua humanidade justificada como sacrifício vivo, do mesmo modo em que Jesus apresentou sua humanidade perfeita em sacrifício, abandonando todos os direitos de uma existência *humana* futura, assim como as alegrias, privilégios e direitos humanos atuais. A primeira coisa que é sacrificada é a vontade humana, e a partir daí, não somos guiados pela nossa vontade e nem pela vontade de nenhuma outra pessoa, mas somente pela vontade divina. A vontade divina torna-se a nossa vontade, não considerando mais a vontade humana como sendo a nossa, mas como a vontade de outra pessoa, que precisamos rejeitar e sacrificar. Ao se tornar nossa a vontade divina, começamos a pensar, raciocinar e julgar as coisas segundo o ponto de vista divino. O Plano de Deus passa a ser o nosso plano e os Seus caminhos os nossos caminhos. Ninguém pode compreender claramente esta transformação se de bom grado não se apresentar como sacrifício, para que possa, em consequência, experimentá-la. Antes disso poderíamos ter desfrutado de tudo aquilo que não é pecaminoso, porque o mundo e tudo o que há de bom nele foi feito para a alegria do homem, sendo a única dificuldade o domínio das inclinações pecaminosas. Mas os consagrados e transformados, além de terem de se esforçar em subjugar o pecado, devem sacrificar as boas coisas do tempo atual dedicando assim todas as suas energias ao serviço de Deus. E aqueles que são fiéis no serviço e no sacrifício, se darão conta, todos os dias, de que este mundo não é o seu lugar de repouso, e que não têm aqui uma cidadania permanente. Mas os seus corações e as suas esperanças voltam-se para o “repouso sabático que resta para o povo de Deus”. E esta bendita esperança os vivificará e os inspirará para que continuem se sacrificando.

Deste modo, por meio da consagração, a mente é renovada ou transformada, e os desejos, esperanças e aspirações começam a voltar-se para as coisas espirituais e invisíveis que nos foram prometidas, enquanto que as esperanças humanas, etc., passam a morrer. Os que são transformados desta maneira, ou que se encontram em processo de mudança, são considerados como “novas criaturas”, geradas por Deus, e participantes, até certo

O Plano das Eras

ponto, da natureza divina. Note bem a diferença entre estas “novas criaturas” e os crentes ou “irmãos” que se encontram somente justificados. Os desta última classe são da terra, terrenos, e fora os desejos pecaminosos, suas esperanças, ambições e propósitos são tais que somente serão aprovados e plenamente satisfeitos na prometida restauração de todas as coisas. Mas os da classe anterior não são do mundo, assim como Jesus não é do mundo, com suas esperanças se dirigindo para as coisas invisíveis, onde Cristo está, assentado à direita de Deus. A perspectiva da glória terrestre, a qual sem dúvida tem muitos encantos para o homem natural, já não satisfaz mais aos que são gerados segundo a esperança celestial, aos que veem as glórias das promessas celestiais, e que apreciam a parte que lhes é indicada pelo plano divino. Esta nova mente, divina, constitui o penhor de nossa herança a plenitude da natureza divina — mente e corpo. Pode ser que alguns fiquem um pouco surpresos com a expressão, “um corpo divino”, mas nos é explicado que Jesus é agora a imagem perfeita do Pai, e que os vencedores serão “*semelhantes* a ele; porque assim como *é* o veremos”. (1 João 3:2) “Se há corpo natural (humano), há também corpo espiritual.” (1 Coríntios 15:44) Não poderíamos imaginar nem a nosso Pai celestial, nem a Jesus nosso Senhor como simplesmente grandes mentes sem corpos. Seus corpos são gloriosos, espirituais, embora, ainda não seja manifesto quão grande é a sua glória, nem o será, não antes que venhamos a participar também da natureza divina.

Ainda que esta transformação da *mente*, da humana para a espiritual, seja uma obra gradual, no entanto, a mudança do corpo humano para um *corpo* espiritual não será gradual, mas instantânea. (1 Coríntios 15:52) Atualmente, como Paulo disse, temos este tesouro (a mente divina) em vasos de barro, mas no devido tempo o tesouro estará num vaso glorioso apropriado para ele — o corpo espiritual.

Naturezas Distintas

Vimos que a natureza humana é à semelhança da espiritual (Gênesis 5:1). Por exemplo: Deus tem vontade, os homens e os anjos também as têm. Deus tem raciocínio e memória, assim como suas criaturas inteligentes — os homens e os anjos. O caráter das operações mentais em cada um deles é o mesmo: com as mesmas informações servindo de base para raciocinar, e sob condições similares, estas diferentes naturezas podem chegar às mesmas conclusões. Ainda que as faculdades mentais da natureza divina, angélica e humana sejam similares, no entanto, sabemos que as naturezas espirituais têm poderes maiores e superiores aos humanos — poderes que, segundo cremos, se devem não a faculdades diferentes, mas devido ao maior alcance destas mesmas faculdades, e às diferentes circunstâncias sob as quais operam. A natureza humana é uma perfeita imagem terrestre da natureza espiritual, possuindo as mesmas faculdades, mas limitadas à esfera terrestre, com capacidade e disposição para discernir mais além, unicamente à medida que Deus julgue conveniente revelá-las para o benefício e felicidade do homem.

A natureza divina é a ordem mais elevada da natureza espiritual, e quão imensurável é a distância entre Deus e suas criaturas! Podemos apenas vislumbrar a glória da sabedoria, poder e bondade divinos à medida que Deus, como que num quadro panorâmico, exhibe diante de nós algumas de suas obras maravilhosas. Entretanto, podemos medir e compreender a glória da humanidade perfeita.

Tendo estes pontos bem claros em nossa mente, podemos compreender como se dará a transformação da natureza humana em espiritual, ou seja, como serão conduzidos, às condições mais elevadas, os mesmos poderes mentais. Quando estivermos revestidos do corpo espiritual, teremos os poderes celestiais, que pertencem a esse corpo glorioso, tendo a capacidade de pensamento e o alcance de poder que a ele pertencem.

A mudança ou transformação mental do terreno ao celestial, que experimentam os que se consagram ao Senhor, é o princípio fundamental desta mudança de natureza. Não é uma mudança de cérebro e nem se efetua um milagre em sua mudança de operação,

O Plano das Eras

mas é a vontade e a inclinação da mente que sofrem uma mudança. Nossa vontade e os nossos sentimentos representam nossa individualidade, e por isso quando a nossa vontade e os nossos sentimentos mudam desta maneira, somos transformados e considerados como se de fato pertencêssemos à natureza celestial. Certamente que isto não é mais do que apenas um pequeno princípio, ou uma geração, mas é sempre um pequeno princípio. Todavia isto se constitui no penhor ou garantia da obra consumada. – Efésios 1:13, 14

Alguns perguntam: De que forma poderemos nos reconhecer quando estivermos transformados? Como saberemos então que somos as mesmas pessoas que vivem, sofrem e se sacrificam para serem participantes desta glória? *Seremos* os mesmos seres conscientes? Certamente que sim, pois, se já *morremos* com Cristo, também com ele *viveremos*. (Romanos 6:8) As mudanças que nosso corpo sofre diariamente não fazem com que nos esqueçamos do passado ou que percamos a nossa identidade.*

Estes pensamentos podem nos ajudar a entender como o Filho, que obteve a mudança das condições espirituais para as humanas — para a natureza humana e suas limitações terrenas — foi um homem, embora fosse o mesmo ser em ambos casos, sendo sob as primeiras condições espiritual e sob as segundas condições sendo humano. Por serem as duas naturezas separadas e distintas, não

* Nosso corpo humano está em constante mudança. Segundo a ciência, nosso corpo, a cada sete anos, sofre uma mudança total nos átomos dos quais se compõe. Desta forma, a prometida mudança de corpos humanos para espirituais não destruirá nem a memória e nem a identidade, mas antes, aumentará seu poder e raio de ação. A mesma mente divina que agora é nossa, com a mesma memória e a mesma capacidade para raciocinar, etc., ampliará, a partir de então, seus poderes a imensuráveis alturas e profundidades, em harmonia com o seu novo corpo espiritual. Já a memória traçará toda nossa carreira desde a infância, fazendo com que possamos compreender, claramente, por meio do contraste, o glorioso prêmio do nosso sacrifício. Mas isto não poderia acontecer se a natureza humana não fosse uma *imagem* da espiritual.

Naturezas Distintas

obstante, uma sendo a semelhança da outra, tendo em comum as mesmas faculdades mentais (memória, etc), Jesus pôde assim ter a percepção da glória que possuía antes de se tornar um homem, mas que não possuía enquanto era da natureza humana, como provam suas palavras: “E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que *tinha* contigo antes que o mundo existisse” (João 17:5) — a glória da natureza espiritual. Essa oração foi mais que respondida em sua presente exaltação até à forma mais elevada de seres espirituais, a natureza divina.

Referindo-nos novamente às palavras de Paulo, em Rom. 12:2, notamos que ele aqui não disse, ‘transformai-vos à semelhança divina’, mas ele, de modo apropriado, disse: “Não *sede* conformados ... mas *sede* transformados.” A ideia é melhor expressa deste modo, porque não nos conformamos ou transformamos a nós mesmos, mas antes, ou nos submetemos a ser conformados com este mundo, por meio das influências mundanas (o espírito do mundo que nos rodeia), ou nos submetemos à vontade de Deus, à santa vontade ou Espírito, para sermos então transformados por meio das influências celestiais que operam por meio da Palavra de Deus. Vós que sois consagrados estais sendo submetidos a que influências? As influências transformadoras tendem para o sacrifício e sofrimentos atuais, mas o fim é glorioso. Se vós estais desenvolvendo-vos sob estas influências transformadoras, estais experimentando diariamente a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

Desejamos que todos aqueles que têm colocado tudo de si no altar de sacrifício, continuamente não se esqueçam de que embora a Palavra de Deus contenha promessas tanto terrestres quanto celestes, somente estas últimas nos pertencem. O nosso tesouro está no céu: Que os nossos corações estejam lá continuamente! A nossa vocação não é somente para a natureza espiritual, mas para a mais elevada ordem de seres espirituais — a natureza divina, “tanto mais excelente do que os anjos”. (2 Pedro 1:4; Hebreus 1:4) Esta vocação celestial é limitada à Era Evangélica. Ela nunca foi feita antes, e terminará quando se encerrar a Era Evangélica.

O Plano das Eras

Antes de ser feita a vocação celestial foi feita uma vocação terrestre, mas esta foi imperfeitamente compreendida. Porém somos informados que esta chamada continuará após a Era Evangélica. Tanto a vida (para os que serão restaurados como seres humanos) como a imortalidade (o prêmio prometido ao corpo de Cristo) foram trazidas à luz durante esta era (2 Timóteo 1:10). Tanto a natureza humana como a espiritual serão gloriosas em sua perfeição, ainda que sejam separadas e distintas. Uma característica destacada da glória da obra concluída de Deus será a admirável variedade, bem como a maravilhosa harmonia de todas as coisas, tanto as animadas como as inanimadas — a harmonia delas entre si e com Deus.

2 Pedro 1:2-11

Graça e paz vos sejam multiplicadas, pelo conhecimento de Deus, e de Jesus nosso Senhor;

Visto como o seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade, pelo conhecimento daquele que nos chamou pela sua glória e virtude;

Pelas quais ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiquéis participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que pela concupiscência há no mundo.

E vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência, E à ciência a temperança, e à temperança a paciência, e à paciência a piedade,

E à piedade o amor fraternal, e ao amor fraternal a caridade.

Porque, se em vós houver e abundarem estas coisas, não vos deixarão ociosos nem estéreis no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.

Pois aquele em quem não há estas coisas é cego, nada vendo ao longe, havendo-se esquecido da purificação dos seus antigos pecados.

Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis.

Porque assim vos será amplamente concedida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Estudo XI

OS TRÊS CAMINHOS — O ESPAÇOSO, O APERTADO E O SANTO

O Caminho Espaçoso que conduz à destruição — O Caminho Apertado que conduz à vida — O que é a vida? — A natureza divina — A relação que existe entre a natureza divina e a humana — O prêmio que se encontra no final do Caminho Apertado — A vocação celestial é limitada à Era Evangélica — As dificuldades e perigos do Caminho Apertado — O Caminho Santo.

“**L**ARGA é a porta, e espaçoso o caminho que conduz para a destruição, e são muitos os que entram por ela; porque estreita é a porta, e apertado o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que a encontram.” Mateus 7:13, 14, VR

“E ali haverá uma estrada, um caminho que se chamará o caminho santo; o impuro não passará por ele, mas somente os remidos. Os que caminharem por ele, até mesmo os loucos, não errarão. Ali não haverá leão, nenhum animal feroz subirá por ele, nem se achará ali; mas os redimidos andarão por ele.” — Isaías 35:8, 9, AL21

Desta maneira as Escrituras nos indicam três caminhos, o “caminho espaçoso”, o “caminho apertado” e o “caminho santo”.

O CAMINHO ESPAÇOSO QUE CONDUZ À DESTRUIÇÃO

Este caminho é chamado assim porque é o mais fácil para a raça humana decaída. Faz seis mil anos que Adão (e a descendência representada nele), como pecador condenado à destruição, começou a transitar por este caminho, e depois de novecentos e trinta anos chegou ao seu fim — à destruição. Com o transcurso dos anos e dos séculos, o caminho descendente tem se tornado mais e mais escorregadio, e a raça humana, deste modo, tem se precipitado com maior rapidez para a destruição.

O Plano das Eras

Por causa do pecado, diariamente o caminho se torna mais liso, lamacento e escorregadio. E não somente se torna mais escorregadio, mas também, ao mesmo tempo, a humanidade, dia-a-dia, vai perdendo o poder de resistência, a tal ponto que agora, a duração média da vida humana, é cerca de trinta e cinco anos [veja a nota na página 177]. Hoje em dia chega ao final do caminho — à destruição — cerca de novecentos anos antes do que o primeiro homem.

Pelo espaço de seis mil anos, os membros da raça humana, um após o outro, têm seguido o caminho espaçoso descendente. Comparativamente, somente alguns poucos, têm procurado mudar seu curso e retroceder seus passos. Verdadeiramente, retroceder todos os passos para alcançar a perfeição original, tem sido impossível, ainda que os esforços de alguns com este objetivo sejam dignos de elogios e com resultados benéficos. Por seis mil anos o pecado e a morte têm reinado implacavelmente sobre a humanidade, empurrando-a para este caminho espaçoso que conduz à destruição, e nenhuma via de escape foi manifestada até o início da Era Evangélica. Ainda que nas eras anteriores pudessem ser vislumbrados alguns raios de esperança por meio de certos tipos e sombras, os quais eram alegremente aclamados e aceitos por uns poucos, porém, a vida e a imortalidade não foram trazidas à luz até o aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, e da proclamação pelos apóstolos das boas novas de redenção e remissão dos pecados, e a consequente *ressurreição da destruição*. (2 Timóteo 1:10) Os ensinamentos de Jesus e dos apóstolos trazem à luz a *vida* — uma restituição ou restauração à vida para toda a humanidade, baseada no mérito e no sacrifício do Redentor, indicando que este é o significado de muitos dos tipos do Antigo Testamento. Também trazem à luz a *imortalidade*, o prêmio da “vocação celestial” oferecido à Igreja da Era Evangélica.

Embora por meio da mensagem do Evangelho tenha sido trazida à luz uma via de escape do caminho espaçoso que conduz à destruição, não obstante, a grande maioria da humanidade não tem feito caso das boas novas, por encontrar-se corrompida pelo

pecado e cegada pelo adversário. Para os que agora aceitam com gratidão a promessa da vida, a restauração à existência humana por meio de Cristo, lhes é indicado um novo caminho que foi aberto, por meio do qual os crentes consagrados podem ir para mais além da natureza humana, para serem transformados para uma natureza mais elevada — a espiritual. Este caminho novo “que ele *nos* inaugurou” — o sacerdócio real (Hebreus 10:20, IBB) — é o que o Senhor chamou de:

O CAMINHO APERTADO QUE CONDUZ À VIDA

Nosso Mestre nos disse que por causa da estreiteza deste caminho muitos preferem permanecer no caminho espaçoso que leva à destruição. “Estreita (difícil) é a porta, e apertado o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que a encontram.”

Antes de tratarmos deste caminho, de seus perigos e de suas dificuldades, precisamos nos dar conta do objetivo ao qual ele nos conduz — à vida. Conforme vimos, a vida pode ser usufruída em diferentes planos de existência, quer superiores, quer inferiores ao humano. O significado da palavra vida é muito extenso, mas aqui nosso Senhor a usa com referência à forma mais elevada de vida, pertencente à natureza divina — a imortalidade — que constitui o prêmio pelo qual nos convidou a correr. O que é a vida? Podemos notá-la não apenas em nós mesmos, mas nos animais inferiores e na vegetação, e também somos informados de sua existência nas formas mais elevadas — a angélica e a divina. Como podemos definir um termo tão abrangente?

Ainda que não possamos descobrir as fontes secretas da vida em tudo, confiantemente podemos admitir que o Ser Divino, Jeová, é o grande manancial de toda a vida, do qual todas as fontes são supridas. Todos os seres viventes obtêm sua vida Dele, e dependem Dele para conservá-la. Toda vida quer seja em Deus, quer seja em suas criaturas é a mesma: é um princípio que produz energia, mas não uma substância. É um princípio *inerente* em Deus, mas que em suas criaturas é *o resultado* de certas causas que Deus tem ordenado, e, portanto, Ele é a causa, o autor e a fonte dela. Assim, vemos que a criatura não é, de maneira

alguma, parte ou progênie da essência ou natureza do Criador, como alguns pensam, mas antes é a obra de suas mãos por meio das quais lhe foi infundida a vida.

Reconhecendo o fato de que somente na natureza divina a vida é independente, ilimitada, inesgotável e contínua, não sendo dominada e nem produzida pelas circunstâncias, vemos que Jeová é necessariamente superior a essas leis e provisões físicas, que Ele ordenou para o sustento de suas criaturas. Esta qualidade, que só pertence à natureza divina, é a que é descrita pela palavra *imortalidade*. Conforme foi demonstrado no capítulo anterior, *imortal* significa à prova de morte, e, portanto, inclui a imunidade às enfermidades e dores. Realmente, *imortalidade* pode ser usada como sinônimo da *divindade*. Toda forma de vida e de bênçãos, e toda dádiva boa e perfeita procedem da fonte divina e imortal, assim como a Terra recebe do Sol sua luz e seu vigor.

O Sol é a grande fonte de luz para a Terra, que ilumina todas as coisas, produzindo muitos e variados tipos de cores e graus de luz, segundo a natureza do objeto sobre o qual sua luz resplandece. A mesma luz do Sol ao brilhar sobre um diamante, sobre um ladrilho, ou sobre diversos tipos de vidro, produz efeitos de uma variedade surpreendente. A luz é a mesma, mas os objetos sobre os quais brilha se diferenciam em sua capacidade quanto a recebê-la e transmiti-la. O mesmo se dá com a vida: toda ela provém da única fonte inesgotável. A ostra tem vida, mas está organizada de tal maneira que não pode fazer uso de muita vida, assim como o ladrilho não pode refletir muito da luz do sol. O mesmo ocorre com as manifestações mais elevadas de vida, nos peixes, nas aves e nos animais. Assim como a luz produz diferentes resultados quando reflete sobre os diversos tipos de vidro, assim também estas diferentes criaturas, quando a vida anima seus organismos, exibem, de diferentes modos, os variados poderes orgânicos que possuem.

O diamante lapidado se presta tão bem para receber a luz, que parece possuí-la em si mesmo, como se ele próprio fosse um sol em miniatura. O mesmo acontece com o homem, uma das obras-primas da criação de Deus, feito apenas “um pouco menor que os

Os Três Caminhos

anhos”. Ele foi formado de modo tão maravilhoso para que pudesse receber e reter a vida sem extinguir-se nunca, ao fazer uso dos meios que Deus lhe proporcionou. Deste modo é que Adão, antes de cair, era superior a qualquer outra criatura terrestre, mas isto não foi devido a alguma diferença no *princípio vivificador* implantado, mas por causa de um *organismo* superior. Entretanto, lembremo-nos que da mesma maneira que o diamante não pode refletir a luz senão quando o sol brilha sobre ele, assim também, o homem só pode possuir e desfrutar da vida enquanto for suprido dela. O homem não possui vida inerente, e está tão longe de ser uma fonte de vida quanto o diamante ser fonte de luz. E uma das provas mais inequívocas de que não temos um suprimento inesgotável de vida, ou em outras palavras, de que não somos imortais, é o fato de que, desde a entrada do pecado, a morte passou a todos os membros da raça humana.

Deus havia determinado que o homem no Éden tivesse acesso às árvores sustentadoras de vida, e o paraíso, em que foi colocado, era abundantemente provido de “todo tipo de árvores” agradáveis à vista e boas para alimento. (Gênesis 2:9, 16, 17, AL21) Entre as árvores da vida adequadas para alimento, havia uma proibida. Ainda que por algum tempo lhe fosse proibido comer da árvore do conhecimento, lhe foi permitido que comesse livremente de toda árvore que perfeitamente sustentava-lhe a vida, e somente foi separado delas depois que havia pecado, para que dessa maneira pudesse ser cumprida a pena de morte. — Gênesis 3:22

Assim se vê que a glória e a beleza da humanidade dependem do suprimento contínuo da vida, precisamente como a beleza do diamante depende do contínuo suprimento da luz do sol. Quando a humanidade por causa do pecado foi privada dos direitos da vida e o suprimento lhe foi retido, a jóia começou a perder seu brilho e beleza, e assim quando chega ao túmulo perde o último vestígio: “Fazes com que a sua beleza se consuma como a traça”. (Salmo 39:11) Do mesmo modo como o diamante perde o seu brilho e beleza quando é privado de luz, assim também o homem perde a vida quando Deus deixa de supri-la. Sim, “rendendo o

O Plano das Eras

homem o espírito [a vida], então onde está”? (Jó 14:10, ECA) “Os seus filhos recebem honra sem que ele o saiba; são humilhados sem que ele o perceba.” (Versículo 21, ECA) “Porque no Seol (sepultura), para onde tu vais, não há obra, nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria alguma.” (Eclesiastes 9:10, IBB) Mas visto que já foi encontrado um resgate, e que o Redentor pagou a pena de morte, será restaurada a beleza da jóia, que novamente irá refletir, de modo perfeito, a imagem do Criador, quando nascer o Sol da Justiça, trazendo curas nas suas asas. (Malaquias 4:2) E é por causa da oferta pelo pecado, do sacrifício de Jesus que “todos os que estão nos sepulcros [túmulos, VR]” sairão. Haverá uma restauração de todas as coisas: primeiramente uma oportunidade ou oferta de restauração a todos, e finalmente a obtenção da perfeição humana para todos os que obedecerem ao Redentor.

No entanto, este não é o prêmio que Jesus oferece no final do caminho apertado. Em outras partes das Escrituras vemos que o prêmio prometido aos que transitam pelo caminho apertado é a “natureza divina” — vida inerente, vida em grau superlativo, que só a natureza divina pode possuir — a imortalidade. Que esperança! Nós nos atreveremos a aspirar semelhante glória? Certamente que ninguém o faria legitimamente se não fosse por um convite positivo e explícito.

Em 1 Timóteo 6:14-16 (IBB), podemos ver que a natureza divina era originalmente possuída somente pelo Pai. Lemos: “A qual, (Jesus) no tempo próprio [na Era Milenar], manifestará o bem-aventurado, e único soberano Senhor, Rei dos reis e Senhor dos senhores; aquele que possui, ele só, a imortalidade, e habita em luz inacessível; a quem nenhum dos homens tem visto nem pode ver”. Todos os demais seres, anjos, homens, animais, aves, peixes, etc., não são mais do que vasilhas contendo cada uma, uma certa quantidade de vida, e diferenciando-se todas em caráter, capacidade e qualidade, segundo o organismo com o qual o Criador desejou que possuíssem.

Além disso, notamos que Jeová, que unicamente, no princípio, tinha a imortalidade, tem exaltado a seu Filho, Jesus, o Senhor,

Os Três Caminhos

para a mesma natureza imortal, divina. Por isso, ele é agora a expressa imagem do Ser do Pai. (Hebreus 1:3) Por isso lemos: “Porque, como o Pai tem a VIDA EM SI MESMO [a definição dada por Deus de *imortalidade* — *vida em si mesmo* — não tomada de outra origem, que não depende das circunstâncias, mas antes é inteiramente independente, vida inerente], assim deu também ao Filho ter a VIDA EM SI MESMO.” (João 5:26) Desde a ressurreição de Jesus existem dois seres imortais. E que admirável graça! Pois a mesma oferta é feita à noiva do Cordeiro, que está sendo eleita durante a Era Evangélica. Entretanto, nem todos da grande companhia [grande multidão] que nominalmente são da Igreja, receberão este grande prêmio, mas somente o “pequeno rebanho” de vencedores que correm de certa maneira, para alcançá-lo. Aqueles que seguem os passos do Mestre, e que como ele, andam pelo caminho apertado de sacrifício até a morte, terão ao levantarem dentre os mortos na ressurreição, a forma e a natureza divina. Esta imortalidade, independente, auto-existente, a natureza divina, é a vida para a qual o caminho apertado conduz.

Os que pertencem a esta classe não levantarão do túmulo como seres humanos, pois o Apóstolo nos assegura que embora tenham ido ao túmulo com corpos humanos, não obstante, serão levantados com corpos espirituais. Estes serão “transformados”, e assim como numa ocasião levaram a imagem da natureza humana, terrena, levarão a imagem da celestial. Mas “ainda não é manifestado o que havemos de ser” — o que um corpo espiritual é; mas “sabemos que, quando ele se manifestar, seremos *semelhantes a ele*”, e com ele participaremos da “glória que há de ser revelada”. — 1 João 3:2; Colossenses 1:27; 2 Coríntios 4:17; João 17:22; 1 Pedro 5:10; 2 Tessalonicenses 2:14

Esta vocação celestial a uma *transformação de natureza* não é apenas limitada à Era Evangélica, mas também é a única oferta feita nela. Por isso, as palavras do nosso Senhor, citadas no princípio deste capítulo, incluem no caminho espaçoso que conduz à destruição, todos aqueles que não seguem o caminho para obter o único prêmio que é *oferecido agora*. Todos os demais ainda estão no caminho espaçoso — somente estes têm

O Plano das Eras

escapado da condenação que existe no mundo. O único caminho que conduz à vida, que se encontra aberto atualmente, é marcado pela presença de muito poucas pessoas por causa de suas dificuldades. Em sua fraqueza, as massas da humanidade preferem o caminho espaçoso e fácil da satisfação de seus desejos pessoais.

O caminho apertado ainda que termine na imortalidade, pode ser chamado de caminho da morte, porque se obtém o seu prêmio pelo sacrifício até à morte, da natureza humana. É o caminho apertado da morte, que conduz à vida. Sendo considerados livres da culpa adâmica e da pena de morte, os consagrados rendem voluntariamente, ou *sacrificam*, os direitos humanos reputados como seus, os quais, a seu tempo, poderiam efetivamente receber com o mundo em geral. Como “Cristo Jesus, homem”, depôs ou sacrificou sua vida pelo mundo, estes vêm a ser sacrificadores juntamente com ele. Isto não implica que seu sacrifício foi insuficiente e que por isso outros foram *necessários*. Embora seu sacrifício seja inteiramente suficiente, é permitido a estes servirem e padecerem com ele para que possam constituir-se em sua noiva e co-herdeira. Assim, enquanto o mundo está sob a condenação da morte, e está morrendo *em* Adão, se nos diz que este “pequeno rebanho” morre *em* Cristo por meio do processo da justificação pela fé e do sacrifício conforme descrevemos. Sacrificam-se e morrem *com* ele como seres humanos, para *com* ele serem participantes da natureza divina. “Se morrermos *com* ele, também *com* ele viveremos”, “se é certo que *com* ele padecemos,... também *com* ele se[remos] glorificados”. — Romanos 8:17; 2 Timóteo 2:11, 12

Os que seguem pelo caminho apertado, no princípio da Era Milenar, receberão o grande prêmio pelo qual têm corrido — a imortalidade. Daí, estando revestidos da natureza e poder divinos, estarão preparados para a grande tarefa de restaurar e abençoar o mundo da humanidade durante essa Era. O caminho apertado que conduz à imortalidade será fechado ao ser concluída a Era Evangélica, porque já estará completo “o pequeno rebanho” que

Os Três Caminhos

estava sendo posto à prova. “Eis aqui agora o tempo aceitável” (do grego *dektos*, aceitável — em que se pode receber), agora é o tempo em que os sacrificadores que se apresentam pelo mérito de Jesus e que morrem com ele são *aceitáveis* a Deus — são sacrifícios de aroma agradável. A morte adâmica não será permitida para sempre, pois será abolida durante a Era Milenar. Como *sacrifício*, será aceitável e premiada somente durante a Era Evangélica.

É somente como “*novas criaturas*” que os santos desta Era andam pelo caminho que conduz à vida, e é somente como seres humanos que somos consagrados à destruição, na qualidade de sacrifícios. Se como criaturas humanas morrermos com Cristo, viveremos com ele como novos seres espirituais. (Romanos 6:8) A mente de Deus em nós, a mente transformada, é a semente da nova natureza.

Esta nova vida pode ser facilmente perdida. Paulo nos assegura que, se depois de termos sido gerados do Espírito por meio da verdade, passarmos a viver segundo a carne, haveremos de morrer (perderemos nossa vida). Mas, se pelo espírito mortificarmos (entregarmos à morte) as obras do corpo (a disposição da natureza humana), viveremos (como novas criaturas), porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus. (Romanos 8:13, 14) Este pensamento é da maior importância para todos os consagrados, porque se prometemos a Deus sacrificar a natureza humana, e se esse sacrifício foi aceito por Ele, é inútil procurar novamente retomá-lo. O humano já é considerado por Deus como morto, e precisa verdadeiramente morrer, para nunca mais ser restaurado. Então, tudo o que se pode ganhar voltando atrás, para viver segundo a carne, é o usufruto de alguns dos deleites humanos, às custas da nova natureza espiritual.

Porém, há muitos consagrados desejosos de obter o *prêmio* e que têm sido gerados do Espírito, mas que são vencidos parcialmente pelas atrações do mundo, pelos desejos da carne ou pelas armadilhas de Satanás. Perdem parcialmente de vista o

O Plano das Eras

prêmio diante de nós, e procuram andar por um caminho intermediário — tentando manter o favor de Deus e o favor do mundo, esquecendo-se de que “a amizade do mundo é inimizade contra Deus”, (Tiago 4:4) e que as instruções dadas para estes que correm a carreira para alcançar o prêmio são: não ameis o mundo, nem recebeis glória uns dos outros, mas buscai a glória que vem do único Deus. — 1 João 2:15; João 5:44

Estes, que amam o presente mundo mau, mas que não se apartam inteiramente de Deus e nem desprezam Sua aliança, receberão punição e serão purificados pelo fogo da tribulação. Como disse o Apóstolo: São entregues a Satanás para a destruição da carne, para que o espírito (a nova natureza gerada) seja salvo no dia do Senhor Jesus. (1 Coríntios 5:5) Caso estes se corrijam devidamente por meio de tal disciplina, serão recebidos finalmente numa condição espiritual. Terão vida espiritual eterna, mas perderão o prêmio da imortalidade. Servirão a Deus no templo, estarão em pé *diant*e do trono, com palmas nas suas mãos (Apocalipse 7:9-17), e embora isso seja glorioso, não será tão gloriosa quanto à posição que os do “pequeno rebanho” de vencedores terão, que serão reis e sacerdotes para Deus, se assentarão com Jesus *no trono* como sua esposa e co-herdeiros, estando juntamente com ele, coroados com a imortalidade.

Nosso caminho é apertado, íngreme e áspero, e se não fosse pela força que nos é fornecida sucessivamente em nossa jornada, nunca chegaríamos ao seu final. As palavras de nosso Capitão nos infundem coragem: “Tende bom ânimo, eu venci”. “A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza”. (João 16:33; 2 Coríntios 12:9) As dificuldades que se encontram neste caminho servem basicamente como princípio de separação para santificar e refinar um “povo peculiar”, para que sejam “herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo”. Em vista destas coisas, aproximemo-nos com confiança do trono da graça, para que recebamos misericórdia e encontremos graça, a fim de sermos socorridos no momento oportuno, enquanto travamos a

boa batalha da fé e lançamos mão da “coroa da glória” — a imortalidade, a natureza divina. — 2 Timóteo 4:8; 1 Pedro 5:4

O CAMINHO SANTO

Enquanto que a esperança especial da Era Evangélica é tão destacadamente gloriosa e o caminho que leva até ali é igualmente difícil, apertado, obstruído pelas dificuldades e perigos a cada passo, a tal ponto que poucos o encontram e bem poucos conseguem alcançar o grandioso prêmio que se acha ao seu final, na nova ordem de coisas na era vindoura será totalmente diferente. Assim como uma diferente esperança é destacada, também um *caminho* diferente conduzirá a ela. O caminho para a imortalidade tem sido um caminho que requer o sacrifício das coisas que de outro modo haviam sido esperanças, ambições e desejos apropriados e justos — o sacrifício, de uma vez para sempre, da natureza humana. Em contraste, porém, o caminho para a perfeição humana, a restituição, a esperança do mundo, exige apenas que se abandone o pecado. Não o sacrifício, mas o uso adequado dos privilégios e direitos humanos. Isto conduzirá para a purificação pessoal e à restauração à imagem de Deus, assim como Adão a possuía antes de entrar o pecado no mundo.

O caminho de volta à real e verdadeira perfeição humana será muito fácil e simples, tão simples que ninguém poderá equivocarse no caminho, tão simples que: “Os caminhantes, por mais tolos que sejam, não errarão o caminho.” (Isaías 35:8, BH) Será tão fácil, que não será necessário que alguém ensine a seu próximo dizendo: Conhecei ao SENHOR [Jeová, TB]; porque todos me conhecerão desde o menor deles até o maior deles. (Jeremias 31:34) Em vez de ser um caminho apertado que somente poucos podem encontrar, será chamada de “estrada” — um caminho público — não uma senda apertada, escarpada, áspera e difícil, mas um caminho especialmente preparado para que se possa transitar nele *com facilidade*, especialmente preparado para a conveniência e o bem-estar daqueles que andarem nele. Os versículos 8 e 9 mostram que será um caminho público, aberto para todos os redimidos — para todos os homens. Todo homem por quem Cristo morreu, que reconhece e obtém as bênçãos e

O Plano das Eras

oportunidades adquiridas com seu precioso sangue, poderá subir por este “Caminho Santo” para o grandioso alvo da restituição à perfeição humana e à vida eterna.

Estes não serão *reputados* como justificados, nem lhes será concedida uma posição reputada de santidade e perfeição à vista de Deus. Depois que estiverem encaminhados neste caminho santo, poderão seguir progredindo até chegar à *verdadeira* perfeição, que será obtida como resultado da obediência e do esforço, sendo que existirão todas as condições favoráveis para isso, pois o Redentor estará reinando em poder nesta ocasião. A administração sábia e perfeita do novo reino servirá de ajuda para todos os indivíduos segundo as suas necessidades. Isto, como alguns podem imaginar, é o resultado legítimo do resgate. Assim, visto que nosso Senhor, Cristo Jesus, homem, se deu a si mesmo em resgate por todos, desejando que todos sejam conduzidos ao conhecimento da verdade para que possam alcançar por este meio a verdadeira perfeição, por que não faz logo de uma vez por todas, uma estrada ampla e sem tropeços, para que todos transitem? Por que não remove todos os obstáculos, as pedras de tropeço, os precipícios e as armadilhas? Por que não ajuda o pecador para que volte a desfrutar da plena harmonia com Deus, em vez de fazer o caminho tão estreito, pedregoso, cheio de espinhos, difícil de encontrar, e ainda mais difícil de se andar nele? O motivo pelo qual muitos mantêm certas ideias bem confusas sobre este assunto é por não manejarem bem a Palavra da verdade, deixando assim de perceber que o atual caminho apertado que conduz ao prêmio especial, tem por objetivo provar e selecionar um “pequeno rebanho” de co-herdeiros, o corpo de Cristo, aqueles que uma vez eleitos e *enaltecidos* com sua Cabeça abençoarão todas as nações. Desconhecendo o plano de Deus, muitos procuram pregar para o tempo atual uma estrada de santidade, um caminho cômodo para a vida, embora tal caminho ainda não exista. Mas ao se empenharem em fazer com que suas ideias errôneas concordem com os fatos e com as Escrituras, se confundem e distorcem o assunto. No caminho que em breve será aberto, serão proibidas somente as coisas pecaminosas, enquanto

Os Três Caminhos

que os que seguem pelo caminho apertado precisam negar-se a si mesmos e sacrificar muitas coisas que em si não são pecaminosas, ao mesmo tempo tendo que lutar sem cessar contra o assédio dos pecados. Esta é uma senda de sacrifício, mas a senda da era vindoura será uma estrada de justiça.

Acerca deste caminho (estrada) em linguagem simbólica, é dito expressamente que “ali não haverá leão, nem animal feroz subirá a ele, nem se achará nele”. (Isaías 35:9) Quantos leões terríveis encontram-se agora no caminho daqueles que com prazer abandonariam suas ações pecaminosas, para seguir a justiça! Observamos o leão de uma opinião pública degenerada, que dissuade muitos de se aventurarem a obedecer aos ditames da consciência nos assuntos relacionados à vida cotidiana — no vestuário, no lar, nos negócios, etc. O leão da tentação para as bebidas alcoólicas é o obstáculo para milhares de pessoas que gostariam de vê-lo destruído. Os que advogam a proibição e a moderação têm agora uma tarefa hercúlea em suas mãos, que somente a autoridade e o poder da era vindoura poderão realizar. O mesmo se pode dizer acerca dos louváveis esforços que são feitos para uma reforma moral. “Nem animal feroz subirá a ele, nem se achará nele”. Não será tolerada nenhuma corporação gigantesca organizada com o objetivo egoísta de aumentar seus próprios interesses às custas do bem comum. “Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte” (reino) disse o SENHOR [Jeová]. (Isaías 11:9, ACF; TB) Ainda que tenha de lutar contra algumas dificuldades para vencer a tendência para o mal, entretanto, comparado ao caminho apertado desta era, o caminho santo será muito cômodo. As pedras (de tropeço) serão tiradas e o estandarte da verdade será erguido aos povos. (Isaías 62:10, TB, BH) A ignorância e a superstição serão coisas do passado, e a justiça receberá o prêmio que merece, ao mesmo tempo em que será feita uma justa retribuição ao mal, na mesma medida. (Malaquias 3:15, 18) Através de medidas salutares, adequados encorajamentos, e instruções simples, a humanidade, como o filho pródigo, será educada e disciplinada até chegar à grande perfeição da qual o pai Adão caiu. Desta maneira “os

O Plano das Eras

resgatados do SENHOR [Jeová] *voltarão* [da destruição, andando pelo grandioso caminho da santidade]; ... com júbilo, e alegria eterna haverá sobre as suas cabeças; gozo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido”. (Isaías 35:10) Nosso Senhor se referiu somente a dois destes caminhos, porque o terceiro ainda não estava aberto. Assim, ao proclamar as boas novas, quando leu da Palavra dizendo: “Hoje se cumpriu esta escritura em vossos ouvidos”, deixou de apregoar o “dia da vingança”, por não haver ainda chegado seu tempo. (Compare Lucas 4:19, 21 com Isaías 61:2) Mas, agora que o caminho apertado está chegando ao seu fim, a luz da aurora do dia nos permite vislumbrar mais e mais claramente o grandioso caminho da justiça.

Descobrimos que há um “Caminho Espaçoso”, pelo qual as massas da humanidade caminham na atualidade, enganadas pelo “príncipe deste mundo” e sendo guiadas pelas inclinações depravadas. Vimos que pela “desobediência de *um só homem*” nossa raça começou sua longa carreira por ele. Vimos também que o “caminho santo” será aberto pelo nosso Senhor, o qual se deu a si mesmo em resgate por todos, livrando assim *todos* da destruição para a qual conduz o “caminho espaçoso”. Tal caminho, no tempo oportuno, será acessível e estará ao alcance de todos os redimidos os quais Ele comprou com seu próprio sangue precioso. Temos aprendido, além disso, que o atual “caminho apertado”, aberto pelo mérito desse mesmo precioso sangue, é um caminho especial, que conduz a um prêmio especial, e que foi feito especialmente apertado e difícil, para que sirva de *prova* e de disciplina aos que estão sendo eleitos agora, para que possam se tornar participantes da natureza *divina* e co-herdeiros com nosso Senhor Jesus no reino da glória, que em breve será revelado para a bênção de todos. Os que têm *esta esperança* — os que veem este prêmio — ao compará-lo com qualquer outra esperança, podem considerar tudo o mais como “perda e refugo”. — Filipenses 3:8-15, ECA

Estudo XII

EXPLICAÇÃO DA TABELA QUE REPRESENTA O PLANO DAS ERAS

As Eras — As Colheitas — Os planos de justificação imputada e efetiva — O proceder do Nosso Senhor Jesus Cristo — O proceder dos seus seguidores — As três classes na igreja nominal — A separação no tempo da colheita — A glorificação da classe ungida — A classe da grande tribulação — A queima do joio — O mundo abençoado — O glorioso resultado.

NO FIM deste volume apresentamos uma tabela que representa o plano de Deus para a salvação do mundo. Nela temos nos empenhado em prover um auxílio à mente, por meio da visão, para que esta possa compreender algo acerca do caráter progressivo do plano de Deus, e dos passos progressivos que devem dar todos aqueles que desejam obter a completa transformação da natureza humana em divina.

Em primeiro lugar temos um esboço das três grandes dispensações **A, B, C**, - a primeira destas, **A**, abrange o período de tempo compreendido desde a criação do homem até o dilúvio. A segunda, **B**, desde o dilúvio até o princípio do Reino Milenar de Cristo em sua segunda vinda. E a terceira, ou a “Dispensação da Plenitude dos Tempos”, **C**, é contada desde o princípio do reino de Cristo e prossegue durante todas “as eras vindouras”. (Efésios 1:10; 2:7, KJA, NTJ, NVI) Nas Escrituras frequentemente são mencionadas estas três grandes dispensações. Para a dispensação **A**, é dado o nome de “o mundo de então”. A dispensação **B**, nosso Senhor Jesus a chamou de “este mundo”, Paulo de “o presente mundo mau”, e Pedro de “os céus e a terra que agora existem”. A dispensação **C** é chamada de “o mundo vindouro, no qual habita a justiça”, em contraste com o presente mundo mau. Atualmente reina o mal e sofrem os justos, enquanto que no mundo vindouro será invertida esta ordem: a justiça reinará, os maus sofrerão, e finalmente todo o mal será destruído.

O Plano das Eras

O plano de Deus referente ao homem tem um perfil distinto e separado em cada uma destas três grandes dispensações, épocas ou “mundos”. Entretanto, cada um deles não é mais do que parte do grande plano, que ao ser completado evidenciará a sabedoria divina, ainda que estas partes, quando consideradas separadamente, deixem de evidenciar o profundo desígnio pelo qual foram permitidas. Visto que o primeiro “mundo” (céus e terra, ou a ordem de coisas daquele tempo) passou no dilúvio, deduz-se que devia ser de uma ordem de coisas diferente do que a “deste presente mundo mau” do qual Satanás, segundo nos disse nosso Senhor, é o príncipe. Conseqüentemente o príncipe deste presente mundo mau não era o príncipe do mundo que havia antes do dilúvio, ainda que não deixasse de ter influência nele. Várias passagens das Escrituras lançam luz sobre o proceder de Deus durante esse tempo, dando-nos deste modo um conhecimento mais claro do seu inteiro plano. A ideia transmitida por estas citações é a de que o primeiro “mundo”, ou dispensação antes do dilúvio, esteve sob a inspeção e ministério especial dos anjos, aos quais lhes foi permitido fazer o que estivesse ao seu alcance para recuperar a raça humana caída e degenerada. Não há dúvida de que, com a permissão de Deus, estavam desejosos de fazê-lo, porque seu interesse foi manifestado no cântico de júbilo pelas obras da criação. (Jó 38:7) Que aos anjos foi permitido governar nessa primeira época, ainda que não tenham obtido êxito ao fazê-lo, é indicado não só por todas as referências que existem no que diz respeito a esse período, mas também pode ser inferido, e com razão, pela expressão feita pelo Apóstolo, quando ao contrastar a dispensação presente com a passada e a futura, disse: “Pois não [foi] a anjos [que] sujeitou Deus o mundo vindouro”. (Hebreus 2:5, TB) Não; esse mundo estará sob o controle de Jesus e de seus co-herdeiros e por isso não será apenas uma administração mais justa que a do “presente mundo”, mas também terá mais êxito do que a existente no primeiro mundo ou dispensação sob o “ministério dos anjos”, cuja falta de capacidade para reformar a raça humana foi manifestada no fato de que chegou a ser tão grande a iniquidade do homem, que Deus, em sua ira e justa

indignação, destruiu com um dilúvio toda a raça humana então viva, com a exceção de oito pessoas. — Gênesis 7:13

Durante o “presente mundo mau” é permitido ao homem que tente governar-se a si mesmo; mas por causa de sua queda, encontra-se sob o domínio de Satanás, o “príncipe deste mundo”, contra cujas maquinações e intrigas têm lutado em vão durante o longo período desde o dilúvio até a atualidade, nos seus esforços de governar a si mesmo. Esta tentativa de domínio pelo homem, sob Satanás, logo terminará no maior tempo de tribulação que o mundo jamais conheceu. Assim será provada não somente a futilidade do poder angélico para salvar a raça humana, mas também a futilidade dos esforços do homem para chegar a uma condição satisfatória.

A segunda destas grandes dispensações, **B**, compõe-se de três eras diferentes, cada uma das quais sendo um passo progressivo, conduzindo para o alto e adiante segundo o plano de Deus.

D foi a era na qual Deus manteve uma conduta especial para com os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó.

E é a “Era Judaica”, ou seja o período subsequente à morte de Jacó, durante a qual sua descendência foi tratada por Deus como “povo seu”, estando sob seu cuidado especial. Mostrou-lhes grande favor e lhes disse: “De todas as famílias da terra *só a vós* tenho conhecido (reconheci com favor).” (Amós 3:2) Estes, como nação, tipificavam a Igreja cristã, “a nação santa, o povo adquirido”. As promessas que lhes foram feitas eram típicas das “melhores promessas” feitas a nós. Sua jornada através do deserto para a terra prometida foi um tipo de nossa jornada no deserto do pecado para a Canaã celestial. Seus sacrifícios os justificavam de uma maneira típica, mas não verdadeiramente, porque é impossível que o sangue de touros e de bodes tire os pecados. (Hebreus 10:4) Mas na Era Evangélica, **F**, temos os “sacrifícios melhores”, em resgate pelos pecados de todo o mundo. Temos o

O Plano das Eras

“Sacerdócio Real”, composto de todos os que se oferecem a Deus como “sacrifício vivo”, santo e aceitável por meio de Cristo Jesus, que é o Chefe ou “Sumo Sacerdote da nossa confissão”. (Hebreus 3:1) Na Era Evangélica temos a realidade das coisas das quais a Era Judaica, seus serviços e ordenanças, eram apenas sombras. — Hebreus 10:1

A Era Evangélica, **F**, é o período no qual os membros do corpo de Cristo são escolhidos dentre a humanidade, e sob o qual, por meio da fé, lhes é mostrada a coroa da vida junto com as grandiosas e preciosas promessas, pelas quais (obedecendo à chamada e aos requisitos) serão feitos participantes da natureza divina. (2 Pedro 1:4) Todavia, é permitido que o mal reine ou governe no mundo, para que, postos em contato com ele, todos os desta classe provem se tem o desejo de abandonar a natureza humana com seus privilégios e bênçãos, tornando-se um sacrifício vivo, sendo feitos à semelhança da morte de Jesus, podendo assim ser considerados dignos de serem à sua semelhança na ressurreição. — Salmo 17:15

A terceira grande dispensação, **C**, será composta de muitas eras — “as eras vindouras”. A primeira destas eras, o Milênio, designado com a letra **G**, é a única de que temos alguma informação definida. É o período de mil anos no qual Cristo reinará e abençoará todas as famílias da terra, realizando a “restauração de todas as coisas, de que Deus falou por boca dos seus santos profetas”. (Atos 3:19-21, ARA) Durante essa era, serão apagados para sempre o pecado e a maldade, pois “é necessário que ele (Cristo) reine, até que ponha todos os seus inimigos debaixo de seus pés. O último inimigo que será destruído, é a morte” - a morte adâmica. (1 Coríntios 15:25, 26, TB) Este será o grande período de reconstrução. A Igreja, a sua noiva, o seu corpo, reinará juntamente com Cristo, como ele prometeu dizendo: “Ao que vencer lhe concederei que se assente

Plano das Eras

comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no seu trono.” - Apocalipse 3:21

As “eras vindouras”, **H**, que virão após o grande período de reconstrução, serão eras de perfeição, de bênção e felicidade. As Escrituras não dizem nada com respeito à obra que será realizada nelas. No momento, nos basta saber que serão eras de glória e de bênção sob o favor divino.

Cada uma destas eras ou dispensações tem períodos distintos para o princípio e o desenvolvimento de sua obra, e cada uma termina com uma Colheita que manifesta os seus frutos. A Colheita que houve no final da Era Judaica foi um período de quarenta anos, abrangendo desde o início da anunciação do Evangelho por Jesus, quando foi *ungido* com o Espírito Santo por Deus (Atos 10:37, 38), no ano 29 d.C. até a destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C. Com esta colheita terminou a Era Judaica e começou a Era Evangélica. Entretanto, conforme veremos mais adiante, houve uma sobreposição destas duas eras, como se pode notar na tabela.

A Era Judaica terminou de certo modo, quando o Senhor rejeitou essa nação no final de seu ministério de três anos e meio, dizendo: “Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta.” (Mateus 23:38) Entretanto, foi-lhes mostrado favor ainda por três anos e meio depois disso, confiando-lhes apenas a chamada evangélica durante esse decurso de tempo, em harmonia com a declaração do profeta (Daniel 9:24-27) referente às setenta semanas (anos) de favor para com eles, em que, na metade da última semana, seria cortado o unguento (morreria) o Messias, mas não por si mesmo. “Cristo morreu [não por si mesmo, mas] por nossos pecados”, fazendo cessar assim o sacrifício e a oblação [ou oferenda] na metade da semana - três anos e meio antes que terminasse a aliança das setenta semanas de favor para os judeus. Certamente quando foi feito o verdadeiro sacrifício, os sacrifícios típicos não podiam, por mais tempo, ser aceitos por Jeová.

Portanto, no mais pleno sentido, a Era Judaica terminou no final das setenta semanas, ou seja, três anos e meio depois da cruz,

O Plano das Eras

depois da qual também foi anunciado o Evangelho aos gentios começando com Cornélio. (Atos 10:45) Isto concluiu sua era no que diz respeito ao favor e reconhecimento da Igreja judaica por parte de Deus, sendo que sua existência nacional terminou no grande tempo de tribulação que se seguiu.

Neste período da colheita Judaica, a Era Evangélica teve o seu início. Seu propósito era a chamada, desenvolvimento e prova de “o Cristo de Deus” - Cabeça e corpo. Esta é a dispensação do Espírito. Portanto, é muito apropriado dizer que a Era Evangélica começou com a unção de Jesus “com o Espírito Santo e com poder” (Atos 10:38; Lucas 3:22; 4:1, 18) no tempo de seu batismo. Em relação à Igreja, que é o seu corpo, começou três anos e meio mais tarde.

Uma “colheita” também constitui o período final da Era Evangélica, durante a qual há uma outra sobreposição de duas Eras - a terminação da Era Evangélica e o começo da Era Milenar ou da Restituição. A Era Evangélica termina por etapas da mesma maneira que seu modelo ou “sombra”, a Era Judaica. Da mesma maneira que os primeiros sete anos da colheita foram, num sentido especial, dedicados a uma obra entre, e em benefício do Israel segundo a carne, sendo estes anos de favor, do mesmo modo também, nesta colheita, encontramos sete anos que têm a mesma relação com respeito à Igreja da Era Evangélica, em cujo término virá um período de tribulação (“fogo”) sobre o mundo, como punição pelas suas maldades e como ato de preparação para o reino de justiça do qual trataremos adiante.

O CAMINHO PARA A GLÓRIA

K, L, M, N, P, R, cada uma destas letras representa um plano diferente. **N** é o plano da natureza *humana perfeita*. Adão antes de pecar encontrava-se nele. Mas desde o momento em que desobedeceu, caiu no plano pecaminoso ou depravado, **R**, no qual nasceu toda a sua descendência. Isto corresponde ao “caminho espaçoso” que conduz à perdição. **P** representa o plano da justificação típica, que foi reconhecida como efetuada por meio

dos sacrifícios segundo a Lei. Não era a perfeição atual ou de fato, “pois a Lei nenhuma coisa aperfeiçoou”. — Hebreus 7:19

N não só representa o plano da perfeição humana que no passado foi ocupado pelo homem perfeito, Adão, como também representa a posição na qual se encontram todas as pessoas justificadas. “Cristo morreu pelos nossos pecados segundo as Escrituras”, e, por conseguinte, todos os crentes em Cristo, todos aqueles que aceitam sua obra perfeita e consumada, e aproveitam-se dela para sua própria justificação, por causa de sua fé, são considerados por Deus como justificados, como se fossem homens perfeitos, que nunca tiveram pecado. Assim todos os que aceitam a Cristo como seu Redentor são considerados por Deus no plano da perfeição humana, N. Este é o único meio pelo qual o homem pode chegar-se a Deus, ou ter comunhão com Ele. Deus chama de filhos - filhos humanos - a todos aqueles que estão neste plano. Neste sentido Adão foi um filho de Deus (Lucas 3:38) e antes de sua desobediência teve comunhão com Ele. Todos os que aceitam o resgate completo feito por Jesus, são contados ou *reconhecidos* como restaurados à pureza original e, como resultado, têm parte na comunhão com Deus.

Durante a Era Evangélica Deus tem feito uma oferta especial aos seres humanos justificados, dizendo-lhes que, sob certas condições, podem experimentar uma transformação de natureza, podendo assim deixar de serem humanos, terrestres, para se tornarem, na transformação, seres espirituais ou celestiais como Cristo seu Redentor. Alguns crentes - pessoas justificadas - se sentem satisfeitos com a alegria e a paz que possuem crendo na remissão de seus pecados, e assim, não escutam a voz que os convida a subirem ainda mais alto. Outros, movidos pelo amor a Deus, amor este que foi manifestado no seu resgate dado pelo pecado, e sentindo que por haverem sido comprados por um preço, já não pertencem mais a si mesmos, dizendo: “Senhor, que queres que eu faça?” Para estes o Senhor dá a resposta por meio de Paulo, que disse: “Rogo-vos, pois, *irmãos*, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em *sacrifício* vivo, santo e

O Plano das Eras

agradável a Deus, que é o vosso culto racional.” (Romanos 12:1) O que quer dizer o Apóstolo ao instar-nos para que nos apresentemos como sacrifícios vivos? Ele quer dizer que deveríamos consagrar a Deus toda capacidade e talento que possuímos, e que de agora em diante não vivamos mais para nós mesmos, nem para nossos amigos, para a família, para o mundo, com nenhum outro objetivo que não seja o de servir com toda obediência Àquele que nos comprou com seu próprio sangue precioso.

Sabendo-se que Deus não aceitava sacrifícios típicos imperfeitos ou defeituosos, e visto que somos todos pecadores por causa da desobediência de Adão, podemos ser sacrifícios agradáveis a Ele? Paulo mostra que é somente porque somos santos que podemos ser sacrifícios agradáveis. Não somos santos como Jesus que não conheceu pecado, visto que somos da raça condenada. Tampouco o somos porque tenhamos conseguido por completo chegar à perfeição em nossa conduta, porque percebemos que não temos obtido essa perfeição para a qual somos chamados, pois temos este tesouro em vasos de barro (frágeis e mal vedados), para que possa ser evidente que a glória de nossa perfeição final não se deve ao nosso próprio mérito, mas ao favor de Deus. Nossa santidade e aceitabilidade como sacrifícios a Deus, se derivam do fato de que, desde o momento de nossa consagração, fomos justificados por Ele gratuitamente de todo pecado por meio de nossa fé no sacrifício de Cristo, realizado em nosso benefício.

Todos aqueles que apreciam e obedecem a esta vocação, regozijam-se de terem sido julgados dignos de sofrerem afrontas pelo nome de Jesus, não se concentrando nas coisas que se veem, mas sim nas coisas que não se veem, “a coroa da vida”, o “prêmio da vocação celestial [“soberana vocação”] de Deus em Cristo Jesus” e “a glória que se há de revelar” em nós. Estes, desde o momento de sua consagração não são considerados por mais tempo como humanos, mas como gerados de Deus por meio da palavra da verdade, deixando de ser humanos para tornarem-se filhos espirituais. Já estão a um passo mais próximo do prêmio do

Plano das Eras

que quando creram no princípio. Mas sua existência espiritual ainda é imperfeita: são somente *gerados* do espírito, mas não ainda *nascidos*. São filhos espirituais em embrião, no plano **M**, ou seja, o plano da geração do espírito. Por serem gerados do espírito já não são considerados como humanos, mas como seres espirituais. A natureza humana justificada, que numa ocasião foi sua, tem sido apresentada e é reputada como estando morta - um sacrifício vivo, santo, agradável e aceitável a Deus. São novas criaturas em Cristo Jesus. As coisas velhas (as esperanças, as ambições e a vontade humanas) já passaram; eis que tudo se fez novo. “Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós.” (2 Coríntios 5:17; Romanos 8:9) Se haveis sido gerados do Espírito, “já estais mortos (como seres humanos), e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus”.

O plano **L** representa a condição *espiritual perfeita* de existência. Mas antes de chegar a ele devem ser cumpridas as condições de nosso pacto. Uma coisa é o comprometimento com Deus para nos considerarmos mortos quanto a tudo o que é humano, e outra coisa é cumprir este pacto através de toda nossa carreira na terra, subjugando o corpo (mantendo-o como morto) e pondo de lado a nossa vontade, para somente cumprir a do Senhor. A entrada no plano **L** é chamada de nascimento, ou seja, a plena entrada para a vida, como ser espiritual. Toda a Igreja quando for ajuntada (selecionada) dentre o mundo, durante a “colheita” ou fim da Era Evangélica, entrará neste plano. Os “mortos que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro”. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos transformados num momento - transformados em seres espirituais perfeitos com corpos de acordo com o corpo glorioso de Cristo (porque “convém... que isto que é mortal se revista da imortalidade”). Mas, quando vier o que é perfeito, então o que é em parte (a condição gerada, com seus diferentes obstáculos e dificuldades da carne aos quais agora estamos sujeitos) será aniquilado.

Mas ainda há um passo mais além da perfeição espiritual de existência, que pode ser obtido. Tal passo é para a glória que há

O Plano das Eras

de se seguir - o plano **K**. Nós aqui não fazemos alusão à glória individual, mas somente a glória do poder e dignidade. Ao se chegar no plano **L** se obtém a plena glória pessoal, o que significa tornar-se um ser glorioso semelhante a Cristo. Mas depois de sermos deste modo aperfeiçoados e feitos completos como nosso Senhor e Cabeça, estaremos associados com Ele na “glória” do poder e dignidade – nos assentaremos com Ele em seu trono, assim como Ele, na sua ressurreição, depois de haver sido aperfeiçoado, foi exaltado à direita da Majestade nas alturas. Desta maneira entraremos na glória eterna, representada pelo plano **K**.

O PLANO DE DEUS ILUSTRADO

Estudemos agora cuidadosamente a tabela, e notemos as ilustrações dos diferentes aspectos gerais do plano de Deus. Nestas ilustrações utilizaremos a figura de uma pirâmide para representar a perfeição, por causa de sua adaptabilidade, e pela referência evidente que lhe é feita nas Escrituras.

Adão foi um ser perfeito, pirâmide **a**. Note sua posição no plano **N**, que representa a perfeição humana. No plano **R**, o plano do pecado e imperfeição, ou o plano da depravação, a pirâmide truncada **b**, uma figura imperfeita, representa Adão caído e a sua descendência - depravada, pecaminosa e condenada.

Abraão e outros de seu tempo, que por causa de sua fê foram justificados até ao ponto de terem comunhão com Deus, são representados pela pirâmide **c**, no plano **N**. Abraão era membro da raça humana depravada, e por natureza pertencia, como todos os demais, ao plano **R**. Mas Paulo nos disse que Abraão foi justificado pela fê; isto é, que por causa da sua fê foi considerado por Deus sem pecado, como se fosse um homem perfeito. Isto, do ponto de vista de Deus, o ergueu muito acima do mundo dos pecadores depravados, até ao plano **N**. Embora, Abraão fosse na realidade imperfeito, no entanto foi-lhe concedido o favor, que Adão havia perdido, a saber, a comunhão com Deus como seu “amigo”. (Tiago 2:23) Todos os que estão no plano de perfeição **N**, (sem pecado) são amigos de Deus e Ele é amigo deles, mas os

pecadores (no plano **R**), estão em inimizade com Deus — são “inimigos pelas suas obras más”.

A humanidade depois do dilúvio, representada pela figura **d**, continuou no plano **R**, como inimigos de Deus, e ali permanecerá até que seja escolhida a Igreja Evangélica e comece o Milênio.

Os que constituem o “Israel segundo a carne”, durante a Era Judaica, quando os sacrifícios típicos de bodes e de touros os tornavam limpos (não na realidade, mas de modo típico, “pois a lei nenhuma coisa aperfeiçoou” — Hebreus 7:19), foram justificados de uma maneira típica, e por isso, estão (**e**) no plano **P**, o plano da justificação típica, que perdurou desde que foi dada a Lei no Monte Sinai, até que Jesus pusesse fim a essa Lei, cravando-a na cruz. Ali terminou a justificação típica ao serem instituídos os “sacrifícios melhores” do que os tipos judaicos, que atualmente tiram o “pecado do mundo” e aperfeiçoam [verdadeiramente] “os que a eles se chegam”. — Hebreus 10:1

A figura **f** representa o fogo da prova e aflição pela qual passou Israel segundo a carne quando Jesus esteve neste mundo, peneirando e separando da sua igreja nominal o trigo verdadeiro, os “verdadeiros israelitas”, especialmente quando Ele, depois da separação do trigo, queimou a palha [a parte desse *sistema* que não servia] em “fogo inextinguível”. Foi uma época de tribulação que não puderam impedir e nem deter. Veja Lucas 3:17, 21, 22; 1 Tessalonicenses 2:16.

Jesus na idade de trinta anos era um homem maduro e perfeito, representado pela pirâmide **g**, havendo deixado a glória da condição espiritual e obtendo, em troca, a *natureza humana*, para que (pela graça de Deus) provasse a morte por todos. A justiça da lei divina é absoluta: olho por olho, dente por dente, e vida por vida. Era necessário que um homem perfeito morresse pela humanidade, porque de nenhum outro modo podiam ser satisfeitas as exigências da justiça. Era tão impossível que a morte de um anjo pagasse a pena e libertasse o pecador, assim como era impossível que a morte de “bodes e de touros” tirasse os pecados. Portanto, Aquele que é chamado de “o princípio da criação de Deus” se tornou *homem*, se “fez carne” para que pudesse dar o

O Plano das Eras

resgate (o preço correspondente) que redimiria a humanidade. Tinha que ser um homem perfeito, pois se não fosse, não teria feito mais do que qualquer outro membro da raça humana caída no que diz respeito a prover o preço do resgate. Ele foi “santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores”. Tomou a mesma forma ou semelhança dos pecadores - “em semelhança da carne do pecado” - a semelhança humana. Mas tomou-a em sua perfeição, não participando de seu pecado nem de suas imperfeições, exceto quando voluntariamente compartilhava dos pesares e dores de alguns, durante seu ministério, levando suas doenças e enfermidades quando partilhava sua vitalidade, sua saúde e suas forças. Como está escrito: “Verdadeiramente ele *tomou* sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si” (Isaías 53:4); e também que “dele saía poder [vida, vitalidade, vigor]; que curava a todos”. — Marcos 5:30; Lucas 6:19, AL21; Mateus 8:16, 17

E, achando-se na forma de homem (perfeito) humilhou a si mesmo tornando-se obediente até a morte. Apresentou-se a Deus dizendo: “Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade”. E esta consagração ele a simbolizou por meio do batismo em água. Quando se apresentou deste modo, consagrando o seu Ser, sua oferta foi santa (pura) e agradável a Deus, o qual mostrou sua aceitação enchendo-o com Seu poder e de Seu Espírito - quando o Espírito Santo desceu sobre Ele, unguindo-o.

Ao ser cheio do Espírito foi gerado a uma natureza nova, a divina - a qual devia estar plenamente desenvolvida ou nascida quando ele, em sua totalidade, cumpriu a sua oferta - o sacrifício da natureza humana. Esta geração foi um passo mais elevado, para além das condições humanas, e é indicado pela pirâmide **h** no plano **M**, o plano da geração do Espírito. Jesus passou três anos e meio de sua vida neste plano, até que sua existência humana terminou na cruz. Logo depois de haver estado morto durante três dias, foi soerguido à vida - à perfeição do ser espiritual (**i**, Plano **L**), nascido do Espírito - “o primogênito dentre os mortos”. “O que é *nascido* do Espírito é *espírito*”. Portanto,

Plano das Eras

Jesus, na sua ressurreição, e depois dela, foi um espírito, um ser espiritual, mas em nenhum sentido, nem sequer por mais algum tempo, um ser humano.

Certamente depois de sua ressurreição teve o poder para aparecer, e apareceu como homem para ensinar e provar para seus discípulos que não estava mais morto. Mas Ele já não era mais um ser humano, nem estava dominado pelas condições humanas. No entanto podia ir e vir como o vento (mesmo com as portas trancadas), e ninguém podia dizer de onde vinha e nem para onde ia. “Assim é todo aquele que é nascido do Espírito”. — João 3:8. Compare com João 20:19, 26.

Desde o momento de sua consagração em sacrifício, no tempo de seu batismo, a vida humana foi reconhecida como que morta, dando origem à nova natureza, a qual foi completada na sua ressurreição, quando Ele chegou ao plano espiritual perfeito **L**, e foi ressuscitado num corpo espiritual.

Quarenta dias depois de sua ressurreição, Jesus ascendeu à Majestade nas alturas - o plano da glória divina, **K** (pirâmide **k**). Durante a Era Evangélica tem estado na glória (**I**), assentado com o Pai no seu trono, sendo a Cabeça de sua Igreja na terra, seu guia e dirigente. Através da Era Evangélica a Igreja tem estado num processo de desenvolvimento, prova e disciplina, com o objetivo de que, no fim da colheita desta era, possa chegar a ser sua noiva e co-herdeira. Por isso ela também participa dos seus sofrimentos, para que também seja glorificada (plano **K**) com ele quando chegar o devido tempo.

Os passos da Igreja para a glória são os mesmos que os de seu Líder e Senhor, o qual “tem deixado-nos o exemplo, para que sigamos as suas pisadas” — com a diferença de que a Igreja começa a partir de um plano inferior. Conforme temos visto, nosso Senhor veio ao mundo no plano da *perfeição* humana, **N**, enquanto que todos nós, os da raça adâmica, estamos num plano mais baixo, **R** - o plano do pecado, da imperfeição e da inimizade com Deus. Portanto, o que necessitamos primeiramente é ser *justificados*, para podermos desta maneira chegar ao plano **N**. Como isto ocorre? Por meio de boas obras? Não, pois os

O Plano das Eras

pecadores não podem fazer obras boas. Não seria possível fazermos-nos merecedores aos olhos de Jeová. “Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.” (Romanos 5:8, ARA) Logo, a condição sob a qual chegamos ao plano da justificação ou perfeição humana, é a de que Cristo morreu por nossos pecados, nos resgatou e nos soergueu “pela fé no seu sangue”, para o plano perfeito, do qual caímos em Adão. Somos justificados [erguidos ao plano N] pela fé. “*Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus*” (Romanos 5:1), e não somos considerados por Deus por mais tempo como inimigos, mas como filhos humanos justificados, no mesmo plano que o nosso Senhor e Adão, com a diferença de que eles eram realmente perfeitos, enquanto que Deus simplesmente nos reconhece como que sendo perfeitos. Compreendemos que esta justificação reconhecida ou imputada pela fé acha-se na Palavra de Deus, que diz: Fostes “comprados”, “redimidos”, “justificados gratuitamente de todas as coisas”. À vista de Deus encontramos-nos sem culpa, imaculados e santos, cobertos com o manto da justiça de Cristo, imputados a nós pela fé. Ele consentiu que lhe fossem *imputados* os nossos pecados, para que pudesse sofrer por nós a pena, morrendo em nosso benefício, como se fosse o pecador. Como consequência, sua justiça é *imputada* a todos aqueles que aceitam sua redenção, e traz consigo todos os direitos e bênçãos possuídos originalmente, antes de entrar o pecado. Isto nos restaura à vida e à comunhão com Deus. Podemos desfrutar desta comunhão imediatamente por meio do exercício da fé. A vida, e a mais plena comunhão, alegria ou gozo, nos são assegurados no “tempo oportuno” de Deus.

Mas tenhamos em mente que apesar da justificação ser uma grandiosa bênção, isso, no entanto, não muda nossa natureza.*

* A palavra *natureza* é usada num sentido figurado quando se diz que um homem tem uma natureza *malévola*. Estritamente falando, ninguém é mau por natureza. A natureza humana é “muito boa”, uma *imagem terrestre* da natureza divina. Visto que todo homem é de natureza boa, a dificuldade reside no fato de que esta natureza boa tem se tornado depravada. Pois,
232

Plano das Eras

Continuamos sendo seres humanos. Somos libertados do miserável estado de pecado e separação de Deus, e em vez de sermos pecadores humanos, chegamos a ser filhos humanos. E assim, porque somos filhos, Deus nos fala como a tais. Durante a Era Evangélica Ele está chamando o “pequeno rebanho” de “co-herdeiros”, dizendo: “Filho meu, dá-me o teu coração”, o que equivale dizer: Entrega-te a ti mesmo, junto com todas as tuas energias e faculdades terrestres, tua vontade, teus talentos ou habilidades, tudo de tua vida, da mesma maneira como Jesus lhe deixou o exemplo. Em troca te farei filho meu num plano mais elevado do que o humano. Farei de ti um filho espiritual, com um corpo espiritual como o de Jesus ressuscitado - “a expressa imagem do seu Ser” - do Pai. Se abandonares toda esperança mundana, as ambições e propósitos terrestres, se por completo consagrares a natureza humana e a consumires em meu serviço, te darei uma natureza mais elevada do que a do restante da tua raça. Farei-te “participante da natureza divina”, herdeiro de Deus e co-herdeiro com Cristo; *se é certo que com ele padeceres*, para que também com ele venhas a ser *glorificado*.

Aqueles que apreciam em seu verdadeiro valor este prêmio que lhes é indicado pelo Evangelho, alegremente deixam todo laço, e correm com perseverança a carreira que lhes é proposta, para ganhá-lo. Para obter nossa justificação, as boas obras não nos são exigidas. Jesus nosso Senhor fez toda a obra que pôde ser feita para esse fim, e quando pela fé aceitamos sua obra já consumada, somos justificados e elevados ao plano N. Mas agora, se quisermos ir mais adiante, não poderemos ir sem as obras. Certamente não devemos perder nossa fé, porque, neste caso, perderíamos nossa justificação. Mas estando justificados, e continuando na fé, somos habilitados (pela graça que nos foi dada

não é natural que o homem seja mau, brutal, etc., mas é uma coisa natural para ele ser a imagem divina. Neste sentido primário, é o modo no qual usamos a palavra *natureza* que motivou esta nota. Somos justificados por Cristo para uma restituição completa de todos os privilégios e bênçãos de nossa natureza humana - a *terrestre* imagem de Deus.

O Plano das Eras

ao sermos gerados do Espírito) para fazer boas obras e produzir frutos aceitáveis a Deus. E Deus assim o requer, porque é o sacrifício que temo-nos comprometido a cumprir. Deus requer que mostremos nosso apreço por este grande prêmio dando por ele tudo o que temos e tudo o que somos, não aos homens, mas a Ele mesmo. Isto é que se constitui num sacrifício santo, e por meio de Cristo, agradável a Deus - nosso culto racional.

Quando apresentamos todas estas coisas dizendo: ‘Senhor, como queres que te entregue este meu sacrifício, meu tempo, meu talento, minha influência e demais coisas?’ e examinamos a Palavra de Deus para obtermos a resposta, ouvimos sua voz dando-nos instruções para que lhe entreguemos nosso *todo* da mesma maneira que o nosso Senhor Jesus o fez: à medida que tivermos oportunidade, fazendo o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé, servindo-lhes agora o alimento espiritual ou o natural, vestindo-os com o manto da justiça de Cristo ou com vestimentas para o corpo humano, conforme pudermos e segundo a necessidade. Tendo assim consagrado nosso *todo*, somos gerados do Espírito e chegamos ao plano **M**. E assim, por meio do poder que nos é concedido, ao fazermos uso dele, estaremos aptos para cumprir nosso pacto saindo vencedores, e mais que vencedores, por (pelo poder ou Espírito de) aquele que nos amou e nos comprou com seu precioso sangue. Mas ainda assim, andando nos passos de Jesus,

“Nunca creiais que já está ganha a vitória,
Nem te sentes um momento sequer para descansar;
Terminarás o caminho para a glória
Quando tua coroa conseguires alcançar.”

Ganharemos a coroa quando nós, como nosso fiel irmão Paulo, combatermos o bom combate e concluirmos a carreira, mas não antes disso. Até então, deve ascender diariamente a chama e o incenso de nosso sacrifício de labor e serviço; um sacrifício de aroma agradável para Deus e aceitável por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor.

Os membros desta classe vitoriosa que “dormem” (o sono da morte) serão levantados como seres espirituais, plano **L**, e os da

Plano das Eras

mesma classe que estão vivos e permanecem até a vinda do Senhor, serão “transformados” para o mesmo plano de existência espiritual, e não “dormirão” nem um momento, ainda que a “transformação” torne necessária a dissolução dos vasos de barro. Já não serão seres fracos, terrestres, mortais e corruptíveis, mas serão inteiramente nascidos do Espírito - seres celestiais, espirituais, incorruptíveis e imortais. — 1 Coríntios 15:44, 52

Não sabemos quanto tempo irá transcorrer depois de sua “transformação”, ou aperfeiçoamento como seres espirituais (plano **L**), antes que, formando uma companhia [congregação] inteira e completa, sejam glorificados (plano **K**) com o Senhor, e unidos com Ele com poder e grande glória. Entendemos que esta unificação e plena glorificação do inteiro corpo de Cristo com a Cabeça serão “as bodas do Cordeiro” e sua Noiva, quando esta, em sua totalidade, começar a participar no gozo ou alegria do seu Senhor.

Na tabela, as letras **n**, **m**, **p**, **q**, representam quatro classes distintas que em conjunto formam a inteira Igreja Evangélica nominal, que pretende ser o corpo de Cristo. Tanto a classe **n** como a **m** estão sobre o plano de geração do Espírito, **M**. Estas duas classes têm existido juntas durante a Era Evangélica. Ambas têm uma aliança com Deus por meio da qual seriam feitos sacrifícios vivos, e ambas foram aceitas “no Amado” e geradas do Espírito como “*novas criaturas*”. A diferença entre elas é esta: **n** representa os que estão cumprindo sua promessa e estão mortos com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, à vontade, aos propósitos e às ambições terrestres, enquanto que a classe **m** representa a companhia [congregação] mais numerosa, de filhos, gerados do espírito, que, embora tenham feito a mesma aliança, recusam-se a cumpri-la! A classe **n** se compõe dos vencedores que serão a Noiva de Cristo, a qual se assentará com o Senhor em seu trono de glória, plano **K**. Este é o “pequeno rebanho” aos quais o Pai agradou-se em dar-lhes o Reino. (Lucas 12:32) Estes da classe **m**, por causa do temor, deixam de entregar à morte a vontade humana. Não obstante, Deus ainda os ama, e portanto os trará pelo caminho da adversidade e da aflição ao plano **L**, o

O Plano das Eras

plano da perfeição espiritual. No entanto, eles terão perdido o direito ao plano **K**, o trono da glória, pelo fato de não serem vencedores. Se apreciarmos o amor do Pai, se desejarmos ser aprovados pelo Senhor, se aspirarmos ser membros de seu corpo, sua Noiva, e se quisermos nos assentar no seu trono, devemos cumprir nossa promessa de sacrifício fielmente e com plena vontade.

A maioria da Igreja *nominal* é representada pela seção **p**. Note que não estão no plano **M**, mas no plano **N**. Estão justificados, mas não se encontram santificados. Não se consagraram inteiramente a Deus e, portanto, não têm sido gerados do espírito. Entretanto, se encontram num plano mais elevado que o mundo, porque aceitam a Jesus como resgate pelos seus pecados, mas não têm aceitado a vocação celestial [“soberana vocação”] desta era, para se tornarem parte da família espiritual de Deus. Se continuarem na fé e se submeterem por completo às leis justas do Reino de Cristo, nos tempos da Restituição, obterão finalmente a semelhança do homem terrestre perfeito, Adão. Recuperarão em sua totalidade tudo o que perderam nele. Chegarão à mesma perfeição humana - mental, moral e física - e serão outra vez à imagem de Deus como Adão o foi, pois para tudo isso foram redimidos. E a sua posição de justificação, no plano **N**, como crentes na salvação por meio de Cristo, é uma bênção especial, a qual eles, por meio da fé, desfrutam antes do restante do mundo da humanidade (porque a todos será dado um pleno conhecimento da Verdade, na Era Milenar). Além disso, estes terão a vantagem de terem começado primeiro e que já progrediram um pouco na direção correta. Mas a classe **p** deixa de aproveitar-se do benefício real desta justificação pela fé, no tempo atual. Esta é concedida agora com o propósito especial de habilitar alguns a fazer um sacrifício agradável e virem a se tornar parte da classe **n** como membros do “corpo de Cristo”. Esses da classe **p** recebem a graça de Deus [a justificação] “*em vão*” (2 Coríntios 6:1), deixando de usá-la com o fim de seguirem adiante e de se apresentarem como sacrifícios agradáveis, durante este tempo no qual os sacrifícios são aceitáveis a Deus. O Apóstolo chama de

Plano das Eras

“irmãos” os desta classe, ainda que não sejam “santos” nem membros do “corpo” consagrado. (Romanos 12:1) No mesmo sentido, quando estiver restaurada, a inteira raça humana, todos os seus membros, serão para sempre irmãos do Cristo, e filhos de Deus, embora sejam de uma natureza diferente. Deus é o Pai de *todos* os que estão em harmonia com Ele, em todo plano e em toda natureza.

Outra classe em conexão com a Igreja nominal, que nunca exerceu fé em Cristo como sacrifício pelos pecados e que, por conseguinte não está justificada - nem está no plano **N** - é representada debaixo do plano, **N**, pela seção **q**: Estes são os “lobos disfarçados em ovelhas”, mas, que se rotulam como cristãos e são reconhecidos como membros da Igreja nominal. Não são verdadeiros crentes em Cristo como seu Redentor, pertencendo ao plano **R**, fazendo parte do mundo, estando fora de seu lugar na Igreja, sendo-lhes prejudicial. A Igreja tem existido nesta condição mista, com estas várias classes **n**, **m**, **p**, **q**, unindo-se e tomando todas elas o nome de cristãos, através da Era Evangélica. Como Cristo predisse, o reino nominal dos céus (a Igreja nominal) é semelhante a um campo semeado de trigo e de joio. Ele, porém disse: Deixai “crescer ambos juntos até a colheita”, o fim da era. No tempo da colheita Ele dirá aos ceifeiros (os “anjos” - mensageiros): Ajustai primeiro o joio, atai-o em feixes para o queimar; o trigo, porém, recolhei-o no meu celeiro — Mateus 13:30, 38, 41, 49

Estas palavras de nosso Senhor nos mostram que embora Ele tenha se proposto permitir que ambas as classes crescessem juntas durante a Era e que ambas as classes viessem a ser reconhecidas como membros da Igreja nominal, também tinha o propósito de estabelecer um tempo de separação entre estes elementos, no qual, aqueles que verdadeiramente formam sua Igreja, seus santos (**n**), aprovados e reconhecidos por Deus, se tornariam manifestos. — Mateus 13:39

O Plano das Eras

Durante a Era Evangélica, tanto a boa semente, como a falsa, o joio, estão crescendo lado a lado. “A boa semente são os filhos do reino”, os filhos espirituais nas classes **n** e **m**, enquanto que “o joio são os filhos do maligno”. Todos os da classe **q** e muitos da classe **p** são, portanto, “joio”. Visto que “ninguém pode servir a dois senhores”, sendo “servos desse mesmo a quem obedeceis”, sempre que e quando os membros da classe **p** não consagram seu serviço e nem seus talentos ao Senhor que os resgatou - um serviço razoável [racional] - e que evidentemente passem a dedicar muito de seu tempo e de seus talentos em clara oposição a Deus, passam a estar, portanto, a serviço do inimigo.

Agora veja na tabela a “colheita” ou fim da Era Evangélica. Note as duas partes em que está dividida - sete anos e trinta e três anos - o paralelo exato da colheita da Era Judaica. Esta colheita, como a Era Judaica, vem a ser primeiramente um tempo de prova e de separação sobre a Igreja, e mais tarde será um tempo de ira em que “as sete últimas pragas” serão derramadas sobre o mundo, inclusive na Igreja nominal. A Igreja Judaica no plano carnal, era a “sombra” ou modelo de tudo o que a Igreja Evangélica usufrui no plano espiritual. O que serviu de prova para o Israel segundo a carne, na colheita da sua era, era A VERDADE que então foi apresentada. A verdade, que devia ser conhecida naquele tempo, tornou-se a foice que separou os “verdadeiros israelitas” da Igreja Judaica nominal, e comparada com o número daqueles que professavam ser “verdadeiros israelitas”, a quantidade de trigo verdadeiro foi insignificante. Assim ocorre na colheita desta era. A colheita da Era Evangélica, do mesmo modo que na Era Judaica, estará sob a direção do ceifeiro principal, Jesus nosso Senhor, que para isso estará então presente. (Apocalipse 14:14) A primeira tarefa de nosso Senhor na colheita desta era será separar o verdadeiro do falso. Por causa de sua condição mista, o Senhor chama de “Babilônia” - confusão – a Igreja nominal. A colheita é o tempo marcado para separar as classes diferentes que existem nela, e para amadurecer e aperfeiçoar a classe **n**. Serão separados o trigo do joio, daquele que estiver maduro, daquele que não

estiver, e etc. Os da classe **n** são as “primícias” do trigo, e no tempo oportuno, depois que forem separados, chegarão a ser a Noiva de Cristo, a qual para sempre estará com o Senhor e será como Ele.

A separação deste pequeno rebanho da Babilônia é indicada pela figura **s**. Está nas vésperas de ser *um* com o Senhor, de levar seu nome e de participar de sua glória. O Cristo glorificado, Cabeça e corpo, é representado pela figura **w**. As figuras **t**, **u**, **v**, representam Babilônia - a Igreja nominal - caindo e esmiuçando-se durante “o tempo de tribulação” no “dia do Senhor”. Ainda que isto pareça ser algo terrível, porém, será verdadeiramente de grande vantagem para o trigo verdadeiro. Babilônia cai porque não é o que pretende ser. A Igreja nominal contém muitos hipócritas, que se associaram com ela por causa de sua honrosa posição aos olhos do mundo, os quais, pelo seu comportamento, estão convertendo Babilônia numa peste perante os olhos deste mundo. O Senhor sempre tem reconhecido seu verdadeiro caráter, mas segundo o seu propósito, os deixará, até o tempo da colheita, quando Ele “ajuntará [reunindo-os em feixes] do seu reino [da Igreja verdadeira] todos que servem de tropeço, e os que praticam o mal, e os lançarão na fomalha de fogo [angústia, *destrutiva* para seu sistema nominal e sua falsa profissão]. ... Então os justos [a classe **n**] resplandecerão como o sol no reino de seu Pai”. (Mateus 13:41-43, AL21). A tribulação que cairá sobre a Igreja será ocasionada em grande parte pelo aumento da incredulidade e do espiritismo de diferentes tipos. As provas serão extremamente severas, porque Babilônia tem muitas doutrinas contrárias à Palavra de Deus. Da mesma maneira que na colheita da Era Judaica a *cruz* de Cristo foi uma pedra de tropeço para os judeus, que esperavam glória e poder, e uma loucura para os gregos, cheios de sabedoria mundana, assim também na colheita da Era Evangélica novamente a mesma cruz servirá de pedra de tropeço, e rocha de escândalo.

O Plano das Eras

Todo aquele que edificou sobre Cristo qualquer outra coisa que não seja de ouro, prata, pedras preciosas da verdade, e um caráter correspondente, se encontrará acochado sobremaneira durante o tempo da ira (“fogo”), visto que toda madeira, feno e palha das doutrinas e práticas serão consumidas. Os que têm edificado sabiamente e que, em consequência, são possuidores do caráter aprovado são representados pela figura **s**. Enquanto que a figura **t** representa a “grande companhia” [“grande multidão”] gerada do Espírito, que têm edificado com madeira, feno e palha, e que apesar de ser “trigo” não terá amadurecido ainda a tempo de ajuntar-se às pirâmides (**s**). Estes como tais (**t**) perdem o prêmio do trono e da natureza divina, mas finalmente chegarão a nascer como seres espirituais de uma ordem inferior à ordem da natureza divina. Ainda que estes sejam verdadeiramente consagrados, o espírito do mundo os vence a tal ponto que estes deixam de entregar suas vidas em sacrifício. Mesmo na “colheita” enquanto que, por meio da *verdade*, estiver sendo efetuada a separação dos membros ainda viventes da Noiva, os ouvidos dos demais, inclusive os da classe **t**, estarão muito embotados para ouvir. Serão tardios para crer e tardios para agir nesse tempo de separação. Não há dúvida, que desanimarão grandemente quando, mais tarde, compreenderem que a seleção da Noiva já foi completada e que esta já estará unida com o Senhor, e que eles, por serem tão descuidados e estarem sobrecarregados, perderam o grande prêmio. Mas, ao começarem a discernir a beleza do plano de Deus, que é um plano de amor, tanto para eles como para toda a humanidade, se aliviará o seu pesar, e cantarão: “Aleluia! Porque já reina o Senhor nosso Deus, o Todo-Poderoso. Alegremo-nos, exultemos, e demos glória a ele; porque chegou o momento das bodas do Cordeiro, e sua noiva já se preparou.” (Apocalipse 19:6, 7, AL21) Note também a abundante provisão do Senhor, a mensagem a eles enviada - ainda que não sejais a Noiva do Cordeiro, podeis estar presentes à ceia das bodas: “Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro.” (Ap. 19:9) Esta companhia [multidão], no devido tempo e por meio das correções [disciplina] do Senhor, virá a estar em plena harmonia com Ele e com seu plano, e lavarão as

suas vestes para que possam ocupar um lugar próprio da Noiva (y), no plano espiritual L. — Apocalipse 7:14, 15

O tempo de tribulação, no caráter com o qual afetará o mundo, será depois que Babilônia tiver começado a cair e a desintegrar-se. Será um derrubamento de toda a sociedade e de todos os governos humanos, preparando o mundo para o reinado de justiça. Durante o tempo de tribulação, o Israel segundo a carne (e), que foi rejeitado até que a plenitude dos gentios tenha entrado, será restaurado ao favor de Deus, e a Igreja Evangélica, ou o Israel espiritual, será completado e glorificado. Durante a Era Milenar, Israel será a principal nação da Terra, sendo a cabeça de todos no plano terrestre de existência, e, para ela, em unidade e harmonia, gradualmente serão atraídos todos os obedientes.

Sua restauração à natureza humana perfeita, do mesmo modo que a do mundo em geral, será uma obra gradual, necessitando todo o Milênio para ser concluída. Durante esses mil anos do domínio de Cristo, os resultados da morte adâmica serão gradualmente destruídos ou extintos. Suas várias fases - as enfermidades, as dores, as fraquezas, e até mesmo o próprio túmulo, renderão obediência ao poder do Grande Restaurador, até que, no final dessa era, a grande pirâmide da nossa tabela tenha sido completada. O Cristo (representado por x) será a cabeça sobre todas as coisas - da grande companhia [grande multidão], dos anjos e dos homens - depois do Pai. Em seguida, segundo sua classe, estará a grande companhia [grande multidão], os seres espirituais (y), em seguida os anjos, depois o Israel segundo a carne (z), incluindo somente os verdadeiros israelitas, que serão a cabeça das nações da Terra, e em seguida a humanidade (w) restaurada até a existência perfeita, semelhante a Adão, a cabeça da raça humana, antes de pecar. Esta restauração se efetuará gradualmente durante a Era Milenar - “os tempos da restauração de todas as coisas” (Atos 3:21 – AL21), mas alguns serão exterminados dentre o povo. Primeiramente, todos os que com plena luz e oportunidade, durante cem anos recusem progredir

O Plano das Eras

rumo à justiça e à perfeição (Isaías 65:20), e em segundo lugar, os que havendo feito progresso à perfeição, se tornem infiéis na prova final no fim do milênio do reino de Cristo na Terra. (Apocalipse 20:9) Estes morrerão na segunda morte, da qual não é prometida nenhuma ressurreição e nem restauração. Somente é provida uma plena prova individual, já que apenas um resgate é dado. Lembremo-nos de que Cristo já não morre mais.

Quando vemos o grande plano de Deus para a exaltação da Igreja, e pelos canais dela, as bênçãos para Israel e para todas as famílias da Terra, por meio da restauração de todas as coisas, isso nos traz à mente o cântico dos anjos: “Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens.” Esta será a consumação do plano de Deus - “de tornar a congregar em Cristo todas as coisas”. Quem dirá então que o plano de Deus tem sido um fracasso? Quem dirá então que Ele não tem conseguido dominar sobre o mal para o bem, e fazendo com que até mesmo a ira ou a cólera dos homens e dos demônios resulte em seu louvor?

A figura da pirâmide não somente serve como ilustração dos seres perfeitos, mas também, com bastante propriedade, pode ser usada para representar a unidade da inteira criação, a qual, em cumprimento do plano de Deus, será uma quando a harmonia e a perfeição de todas as coisas forem obtidas sob a chefia de Cristo, a Cabeça, não somente da Igreja, que é o seu corpo, mas também de todas as coisas, tanto as que estão no céu como as que estão na terra. — Efésios 1:10

Cristo Jesus foi o “princípio”, a “cabeça”, “a pedra principal”, “a principal (superior) pedra angular” deste grande edifício que está apenas iniciado. Toda pedra que for colocada debaixo desta, precisa estar em harmonia com as linhas e os ângulos da superior. Não importa quantos tipos de pedras haja nesta estrutura, nem quantas naturezas distintas se encontrem entre os filhos de Deus, terrestres e celestiais, todos para serem eternamente aceitáveis a Ele, devem estar em conformidade com a imagem de Seu Filho.

Plano das Eras

Todos os que hão de compor este edifício devem participar do espírito de obediência a Deus, de amor a Ele e a todas as suas criaturas, (grandemente exemplificado por Jesus), em cumprimento da lei – Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.

De acordo com o esboço apresentado na Palavra de Deus com respeito à convergência de todas as coisas, tanto celestiais como terrestres, sob uma só cabeça, em seu processo de seleção, Cristo Jesus, a Cabeça, foi o primeiro. Em seguida a Igreja, que é seu corpo. Os anjos e as demais classes espirituais vindo logo depois. Em seguida os patriarcas, os profetas e o mundo. Começando pelos mais elevados, a ordem prosseguirá até que todos aqueles que *desejarem* tenham sido postos em harmonia e unidade.

Uma peculiaridade é que esta pedra provada, principal e angular posta em cima, lançada primeiro, é chamada de pedra *fundamental*. Isto ilustra o fato de que o fundamento de toda esperança para com Deus e da justiça está colocado, não na terra, mas no céu. Os que edificam debaixo dela e se unem a este fundamento celestial, são mantidos juntos a este por meio das leis de atração celestiais. E ainda que esta ordem seja exatamente oposta ao que é observado nas estruturas terrestres, quão apropriado é que a pedra, em cuja semelhança tem de ser construído todo o edifício, seja colocada primeiro. Também, quão apropriado é que encontremos nosso fundamento em cima e não embaixo, e que assim nós, como pedras viventes, venhamos a ser edificados nele em todas as coisas. Assim irá progredir a obra durante a Era Milenar, até que toda criatura, de toda natureza, no céu e na terra, venha a louvar e servir a Deus de acordo com uma linha de conduta e obediência perfeitas. O universo então estará limpo, pois nesse dia “acontecerá que toda a alma que não escutar esse profeta será exterminada dentre o povo” - na segunda morte.

— Atos 3:22, 23

O Plano das Eras
O TABERNÁCULO NO DESERTO

A mesma lição destacada na Tabela das Eras é ensinada aqui neste tipo divinamente planejado, cujas lições, em outro livro, [*Sombras do Tabernáculo* - já publicado em português] examinaremos mais amplamente. Pusemos a Tabela do Tabernáculo ao lado da Tabela das Eras para que seja devidamente notado que os diferentes planos ou níveis para o Santo dos Santos ensinam os mesmos passos já examinados detalhadamente. Fora do átrio do Tabernáculo se encontra o mundo inteiro no pecado, no plano de degradação **R**. Ao entrarmos pela “porta” para o “átrio”, chegamos a ser crentes ou pessoas justificadas, no plano **N**. Os que prosseguem na consagração, se apressam para a porta do Tabernáculo, e entrando nele (plano **M**), tornam-se sacerdotes. São fortalecidos com os “pães da proposição”, iluminados pelo “candelabro” e habilitados para oferecer incenso no “Altar de Ouro”, tornando-se aceitáveis a Deus por meio de Jesus Cristo. Finalmente, na primeira ressurreição, entram para a condição espiritual perfeita, ou para o “Santíssimo” (plano **L**) para estarem associados com Jesus na glória do reino, plano **K**.

Estudo XIII

OS REINOS DESTE MUNDO

O primeiro domínio — A perda do direito a ele — Sua redenção e restauração — O Reino típico de Deus — O usurpador — As duas fases do domínio atual — Os poderes existentes são ordenados por Deus — A visão de Nabucodonosor acerca deles — A visão de Daniel e sua interpretação — Os Reinos do mundo apresentados sob outro ponto de vista — A relação apropriada da Igreja para com os governos do tempo atual — Um breve exame do Direito Divino dos Reis — As falsas pretensões da Cristandade — O Quinto Império Universal proporciona melhor esperança.

NO PRIMEIRO capítulo da Revelação Divina, Deus declara seu propósito referente a sua criação terrestre e ao governo desta: “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra.”

Desta maneira o domínio da terra foi posto nas mãos da raça humana, representada em Adão, o primeiro homem, que era perfeito e, portanto, inteiramente apto para ser o senhor, governador ou rei da terra. Esta comissão para que se multiplicassem, enchessem, subjugassem e dominassem a terra, não foi dada apenas a Adão, mas para toda a humanidade:

O Plano das Eras

“*dominai*”, etc. Se a raça humana tivesse permanecido perfeita e sem pecado, este domínio nunca teria saído de suas mãos.

Notamos que nesta comissão não foi dado a ninguém o domínio ou autoridade sobre os demais, mas antes, a toda raça humana lhe foi conferido o domínio sobre a terra, para cultivá-la, para servir-se de seus produtos em comum acordo e para o bem geral. Não somente foi posta sua riqueza vegetal e mineral sob o domínio do homem, mas também todas as variedades de vida animal foram postas a sua disposição e serviço. Se a raça humana houvesse permanecido em seu estado de perfeição e tivesse cumprido o desígnio original do Criador, à proporção que seu número aumentasse, seria necessário que os homens se reunissem em comum acordo com o objetivo de sistematizar seus esforços, elaborando-se assim todos os meios para se fazer uma distribuição equitativa e prudente das bênçãos em comum. Em consequência de seu vasto aumento numérico, com o decurso do tempo, seria impossível reunirem-se para se consultarem uns aos outros. Em vista disso, seria necessário, aos vários grupos existentes, eleger dentre eles certos indivíduos, como seus representantes, tendo por objetivo agirem, tanto como um canal de comunicação para os seus sentimentos em comum, como também para atuarem em seu lugar. E se todos os homens fossem perfeitos, mental, moral e fisicamente, e amassem a Deus e as suas leis de modo supremo, e ao seu próximo como a si mesmos, não existiria a menor fricção em tal arranjo.

Visto desta maneira, o desígnio original do Criador relativo ao governo da terra foi o de uma República em sua forma, na qual todo indivíduo tomaria parte, sendo cada um, um soberano amplamente apto em todos os aspectos para exercer os deveres de seu ofício, tanto para o seu próprio bem, como também para o bem comum.

Neste domínio da terra conferido ao homem havia apenas uma condição sob a qual dependia a sua perpetuidade: tal condição era de que este governo, divinamente conferido, deveria ser sempre exercido em harmonia com o Supremo Governante do universo, cuja única lei, expressa de modo breve, é o AMOR. “O

Os Reinos deste Mundo

cumprimento da lei é o amor”. “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento... Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” — Romanos 13:10; Mateus 22:37-40

Referente a este grande favor conferido ao homem, Davi, em louvor a Deus, disse: “Pois pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos”. (Salmo 8:5, 6, ACF, AL21) Este domínio entregue à humanidade, na pessoa de Adão, foi o estabelecimento do Reino de Deus sobre a terra pela primeira vez. De modo que o homem exercia o domínio sobre a terra como representante de Deus, mas a sua desobediência ao Supremo Governante, não somente o fez perder a vida, mas também todos os seus direitos e privilégios como governante da terra e representante de Deus. Com isso, ele se tornou um rebelde destronado e condenado à morte. Em seguida, o reino de Deus sobre a terra deixou de existir, e daquele tempo em diante não voltou a ser estabelecido, exceto por um curto período de tempo e de uma maneira típica através do povo de Israel. Ainda quando estava no Éden, o homem perdeu os direitos da vida e do seu domínio, mas nenhum dos dois lhe foi tirado repentinamente. Enquanto o homem se encontra sob a condenação, lhe é permitido que exerça o domínio sobre a terra segundo suas próprias ideias e aptidões, até que chegue o tempo determinado por Deus para que tome posse do domínio que foi adquirido por Aquele a quem pertence de direito.

A morte de nosso Senhor redimiu ou comprou não apenas o homem, mas também toda sua herança original, incluindo o domínio da terra. Havendo-o comprado, o título está agora com Ele, e logo, no tempo oportuno, tomará posse de sua compra. (Efésios 1:14) Mas assim como Ele comprou o homem, não com o objetivo de tê-lo como escravo, mas para que pudesse restaurá-lo ao seu primeiro estado, o mesmo se deu para com a Terra: Ele comprou-a, juntamente com as bênçãos originais do homem, com o propósito de restaurá-las quando este estiver apto para fazer o uso devido delas em harmonia com a vontade de Deus. Por isso, o reinado do Messias sobre a Terra não será eterno, mas durará até

O Plano das Eras

que, com vara de ferro, tenha subjugado todas as rebeliões e insubordinações e tenha restaurado a raça humana caída à perfeição original. Daí então, estarão deste modo plenamente aptos para exercer o domínio sobre a Terra, como desde o princípio havia sido designado. Quando o domínio for restaurado desta maneira, será de novo o Reino de Deus sobre a Terra, sujeito ao homem como representante designado por Deus.

Durante a Era Judaica, Deus organizou o povo de Israel como seu reino, mas apenas de uma maneira típica, sob Moisés e os Juízes — uma espécie de República. E o governo, mais absoluto, estabelecido depois, especialmente sob Davi e Salomão, em alguns aspectos, foi típico do reino prometido no qual reinará o Messias. Muito diferente das demais nações que a rodeavam, a nação de Israel tinha Jeová por Rei, e seus governantes nominalmente, serviam sob sua direção, como vemos no Salmo 78:70, 71. Isto é claramente subentendido em 2 Crônicas 13:8 e em 1 Crônicas 29:23 onde se menciona Israel como o “reino do SENHOR”, e onde se diz que Salomão “se assentou no TRONO DO SENHOR, como rei, em lugar de Davi seu pai”, que reinou nesse mesmo trono durante os quarenta anos anteriores, após Saul, o primeiro rei.

Quando o povo de Israel pecava contra Deus, Ele os castigava repetidamente, até que, por fim, lhes tirou o reino por completo. Nos dias de Zedequias, o último da família de Davi que reinou no trono, o cetro do poder real foi removido. Nessa ocasião foi derrocado o reino típico de Deus.

A decisão de Deus referente a este assunto é expressa nas seguintes palavras: “E tu, ó profano e ímpio príncipe de Israel, cujo dia virá no tempo da extrema iniquidade; assim diz o Senhor DEUS: Tira o diadema, e remove a coroa; esta não será a mesma: ... Ao revés, ao revés, ao revés porei aquela coroa, e ela NÃO MAIS SERÁ, até que venha aquele a quem pertence de direito; a ele a darei.” (Ezequiel 21:25-27) Em cumprimento desta profecia, o rei de Babilônia lutou contra Israel, levou cativo o povo e removeu o seu rei. Embora mais tarde Ciro, o rei da Pérsia, tenha restaurado a sua existência nacional, passaram a estar subjugados pagando tributos aos impérios da Medo-Pérsia, Grécia e Roma,

Os Reinos deste Mundo

sucessivamente, até sua destruição final como nação no ano 70 d.C.. E assim, desde aquele tempo encontram-se espalhados entre todas as nações.

Desde a queda do homem, o reino de Israel foi o único que Deus reconheceu, até certo ponto, como que representando seu governo, suas leis, etc. Muitas nações haviam existido antes de Israel, mas nenhuma outra podia alegar legitimamente que Deus foi o seu fundador, ou que seus governantes eram seus representantes. Quando Zedequias foi despojado do diadema, e o reino de Israel foi derrocado, foi decretado que deveria permanecer assim, até que Cristo, o herdeiro legal do mundo, viesse a reclamá-lo. Assim, por inferência, os outros reinos no poder, até o restabelecimento do Reino de Deus, estão incluídos na expressão os “reinos do mundo” sob o domínio do “príncipe deste mundo”. Portanto, qualquer alegação que seja apresentada da parte deles, de serem um reino de Deus, é inteiramente falsa. Tampouco este Reino de Deus foi “ESTABELECIDO” no primeiro advento de Cristo. (Lucas 19:12) Desde aquele tempo, Deus está escolhendo do meio do mundo aqueles que serão considerados dignos de reinar com Cristo como co-herdeiros nesse trono. Cristo não receberá o reino, o poder e a glória, vindo assim a reinar como Senhor de todos, antes de seu segundo advento.

As Escrituras designam todos os reinos, exceto o de Israel, como reinos pagãos ou gentios, os “reinos do mundo”, sob “o príncipe deste mundo” — Satanás. A remoção do reino de Deus, nos dias de Zedequias, deixou o mundo sem nenhum governo que pudesse ser aprovado por Deus, ou de cujos assuntos ou leis, Ele se encarregasse de modo especial. Os governos gentios indiretamente são reconhecidos por Deus pelo fato de que Jesus declarou publicamente um decreto (Lucas 21:24) no qual, durante um intervalo de tempo, o controle de Jerusalém e do mundo inteiro seria exercido pelos governos gentios.

Este interregno ou período de tempo interveniente entre a deposição do cetro divino, juntamente com o governo, e a restauração dele com poder e grande glória em Cristo, é segundo as Escrituras, o que se chama de “Os Tempos dos Gentios”. Estes

O Plano das Eras

“tempos” ou anos, durante os quais se permite que os “reinos do mundo” governem, são fixos e de duração limitada, assim como o tempo no qual se dará o restabelecimento do Reino de Deus sob o Messias é igualmente fixado e determinado pelas Escrituras.

Embora estes governos gentios sejam uma coisa má, foram “ordenados” ou permitidos por Deus com um sábio propósito. (Romanos 13:1) Sua imperfeição e mau governo formam parte da lição geral acerca da excessiva maldade do pecado, comprovando assim a incapacidade do homem caído para governar a si mesmo, pelo menos até a ponto de se sentirem pessoalmente satisfeitos. Na maior parte dos casos, Deus lhes permite realizar seus propósitos de acordo com suas habilidades, intervindo apenas quando pretendem interferir em seus planos. Seu desígnio é de que, no devido tempo, todas as coisas cooperem juntamente para o bem, até que finalmente a ira ou “a cólera do homem redunde em [seu] louvor”. O restante das coisas que não venha a resultar em bem, que não ensina qualquer lição, e que não é de proveito algum, Ele o restringe ou o impede. — Salmo 76:10

A incapacidade do homem para estabelecer um governo perfeito é atribuível a sua própria fraqueza, e em sua condição caída e depravada. Destas fraquezas, que em si mesmas seriam o bastante para frustrar os esforços humanos na direção da implantação de um governo perfeito, tem-se aproveitado Satanás, aquele que foi o primeiro a tentar o homem para que se tornasse desleal ao Supremo Governante. Satanás continuamente está se aproveitando das fraquezas do homem, fazendo com que o bem pareça como algo mau e o mal como algo bom. Ele tem adulterado completamente o caráter e os planos de Deus, cegando deste modo os homens para que não saibam a verdade. Operando desta maneira, nos corações dos filhos da desobediência (Efésios 2:2), ele os conduz como cativos, de acordo com a sua vontade, tornando-se, como nosso Senhor e os apóstolos dizem — “o príncipe deste mundo”. (João 14:30; 12:31) Ele não é o príncipe deste mundo por direito, mas por usurpação, através da fraude, do engano e do domínio que exerce sobre os homens caídos. Por este motivo, sendo ele um usurpador,

Os Reinos deste Mundo

será sumariamente deposto. Se tivesse o direito legítimo de ser o príncipe deste mundo, não seria tratado desta forma.

Podemos observar então que o domínio da Terra, conforme é atualmente exercido, tem duas fases: uma visível e outra invisível. A primeira é a fase espiritual e a segunda fase é a humana. Desta forma, num grau considerável, os governos terrestres visíveis se encontram sob o domínio de um príncipe espiritual, Satanás. Pelo fato de Satanás ser o possuidor de tal controle é que ele podia fazer de nosso Senhor o supremo soberano visível da Terra, sob sua direção (Mateus 4:9). Quando os Tempos dos Gentios atingirem o seu fim, as duas fases do atual domínio terminarão, com Satanás sendo amarrado, e os reinos do mundo sendo também derrocados.

Toda a criação, cegada, caída, e gemente sob o peso da dor, século após século, incerta e vacilante, têm percorrido sua fatigante senda. A cada passo recebe um novo desengano, provando-se infrutíferos os seus mais intrépidos esforços. Entretanto, crendo estar muito próxima a era de ouro, sonhada por seus filósofos, sempre está em ardente expectativa por ela. Não se dando conta de que uma libertação mais grandiosa do que essa, pela qual suspira e aguarda, será efetivamente conduzida pelas mãos do desprezado Nazareno e de seus seguidores, que, como filhos de Deus, muito em breve serão revelados no poder do Reino, para libertá-la do cativeiro da corrupção. — Romanos 8:22, 19, 21

Com o objetivo de que seus filhos não ficassem nas trevas, tanto por causa de sua permissão dada para a existência dos governos maus do tempo atual, como também a respeito de seu propósito final de estabelecer um governo melhor depois que, sob sua providência dominante, estes reinos tenham servido ao propósito pelo qual foram permitidos, Deus, por meio de seus profetas, nos tem dado várias e excelentes visões panorâmicas dos “reinos do mundo”, fazendo isso cada vez mais, para nos encorajar, permitindo-nos ver, acerca destes reinos, sua derrocada que será, enfim, plenamente efetuada por meio de seu próprio reino eterno e justo, que será estabelecido sob o Messias, o Príncipe da Paz.

Que o atual esforço do homem para exercer o domínio não tem se constituído num desafio bem sucedido, contra a vontade e o

O Plano das Eras

poder de Jeová, mas tem ocorrido somente pela sua permissão, é demonstrado pela mensagem a Nabucodonosor, na qual Deus concede *permissão* aos quatro grandes impérios, Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma de governarem até o tempo do estabelecimento do Reino de Cristo. (Daniel 2:37-43) Isto indica quando há de terminar tal permissão dada para o exercício de seu domínio.

Enquanto vislumbramos estas visões proféticas, lembremo-nos de que elas se iniciam com Babilônia no tempo da derrocada do Reino de Israel, o Reino típico de Deus.

OS GOVERNOS DA TERRA NA VISÃO DE NABUCODONOSOR

Entre as coisas que foram escritas anteriormente, para “nosso ensino”, com o objetivo de que nós, dos quais se requer que estejamos sujeitos às autoridades existentes, pudéssemos, pela paciência e consolação das Escrituras, ter esperança (Romanos 15:4; 13:1), encontra-se o sonho de Nabucodonosor e a interpretação divina dada pelo Profeta. — Daniel 2:31-45

Daniel explicou o sonho da seguinte maneira: “Tu, ó rei, estavas vendo, e eis aqui uma grande estátua; esta estátua, que era imensa, cujo esplendor era excelente, e estava em pé diante de ti; e a sua aparência era terrível. A cabeça daquela estátua era de ouro fino; o seu peito e os seus braços de prata; o seu ventre e as suas coxas de cobre; as pernas de ferro; os seus pés em parte de ferro e em parte de barro. Estavas vendo isto, quando uma pedra foi cortada, sem auxílio de mão, a qual feriu a estátua nos pés de ferro e de barro, e os esmiuçou.

“Então foi juntamente esmiuçado o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro, os quais se fizeram como pragana das eiras do estio, e o vento os levou, e não se achou lugar algum para eles; mas a pedra, que feriu a estátua, se tornou grande monte, e encheu toda a terra.

“Este é o sonho; também a sua interpretação diremos na presença do rei. Tu, ó rei, és rei de reis; a quem *o Deus do céu tem dado* o reino, o poder, a força, e a glória [deste modo, os governos gentios

Os Reinos deste Mundo

ou poderes que têm existido, foram ordenados por Deus]. E onde quer que habitem os filhos de homens, na tua mão entregou os animais do campo, e as aves do céu, e fez que reinasse sobre todos eles; tu és a cabeça de ouro.

“Depois de ti se levantará outro reino, inferior ao teu; [representado pela prata]; e um terceiro reino, de bronze, o qual dominará sobre toda a terra. E o quarto reino será forte como ferro; pois, como o ferro, esmiúça e quebra tudo; [e] como o ferro que quebra todas as coisas, assim ele esmiuçará e fará em pedaços. E, quanto ao que viste dos pés e dos dedos, em parte de barro de oleiro, e em parte de ferro, isso será um reino dividido; contudo haverá nele alguma coisa da firmeza do ferro, pois viste o ferro misturado com barro de lodo. E como os dedos dos pés eram em parte de ferro e em parte de barro, assim por uma parte o reino será forte, e por outra será frágil.”

Entre os muitos impérios da terra que têm surgido, um estudante da história facilmente pode determinar quais são estes quatro grandes impérios descritos por Daniel. Eles são chamados de IMPÉRIOS UNIVERSAIS. São os seguintes: O primeiro, o de Babilônia, representado pela cabeça de ouro (Versículo 38); o segundo, representado pelo peito de prata, a Medo-Pérsia, conquistador do Império de Babilônia; o terceiro, representado pelo ventre de bronze, o Império da Grécia, conquistador do Império da Medo-Pérsia; o quarto, Roma, o reino forte, representado pelas pernas de ferro com pés de ferro misturado com barro. No tempo do nascimento do Senhor, três destes impérios já haviam passado, e o quarto, o Romano, exercia o poder universal conforme lemos: “Naqueles dias saiu um decreto da parte de César Augusto, para que *o mundo inteiro* fosse recenseado.” — Lucas 2:1, AL21

Roma, o império de ferro, foi o mais poderoso e duradouro em comparação com seus antecessores. De fato, o Império Romano, ainda existe, conforme representado pelas nações da Europa. Esta divisão é representada pelos dez dedos dos pés da imagem. A

O Plano das Eras

mistura do barro e do ferro nos pés representa a união da Igreja e do Estado. Esta mistura é designada nas Escrituras como “Babilônia”, confusão. Conforme veremos a seguir, o símbolo do verdadeiro Reino de Deus é a *pedra*, que “Babilônia” tem substituído com uma imitação de pedra — o barro de lodo — que está unindo os fragmentos que ainda restam do Império Romano [o ferro]. Este sistema misturado – Igreja e Estado – que é a Igreja nominal unida com os governos deste mundo, e que o Senhor chama de Babilônia ou confusão, tem a presunção de usar o nome de Cristandade, que significa, Reino de Cristo. Daniel explica: “Quanto ao que viste do ferro misturado com barro de lodo, misturar-se-ão como semente humana [a mistura da igreja e do mundo — Babilônia]; mas não se ligarão um ao outro, assim como o ferro não se mistura com o barro.” Não poderão amalgamar-se por completo. “Mas, nos dias desses reis [os reinos representados pelos dedos dos pés, os chamados ‘reinos de Cristo’, ou ‘Cristandade’], o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e este reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos esses reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre.” — Daniel 2:43, 44

Daniel não destaca aqui o tempo em que hão de terminar estes governos gentios, pois encontramos isto em outra parte. Mas toda a circunstância predita indica que seu fim já está próximo, sim, às portas. O sistema Papal há muito tempo afirma ser o reino que o Deus do céu tem prometido levantar, e que em cumprimento desta profecia esmiuçou e consumiu todos os outros reinos. Porém, a verdade é que a Igreja nominal apenas se uniu com os impérios terrestres como o barro com o ferro, de tal modo que o Papado nunca foi e nem tem sido o verdadeiro Reino de Deus, mas somente a sua falsificação. Uma das melhores provas de que o Papado não destruiu e nem consumiu os reinos terrestres, é o fato de que ainda existem. Desta forma, agora que o barro de lodo tem-se tornado quebradiço, seco, perdendo assim o seu poder de aderência, a ruína lhe ameaça, e em breve será esmiuçado quando for golpeado pelo verdadeiro reino, “a pedra”.

Os Reinos deste Mundo

Continuando com a interpretação, Daniel disse: “Da maneira que viste que do monte foi cortada uma pedra, sem auxílio de mãos, e ela esmiuçou o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro; o grande Deus fez saber ao rei o que há de ser depois disto. Certo é o sonho, e fiel a sua interpretação.” — Versículo 45

A pedra que do monte foi cortada, sem o auxílio de mãos, e que fere e espalha os governos gentios, representa a Igreja verdadeira, o reino de Deus. Durante a Era Evangélica, esta “pedra” (reino), tem estado em processo de formação. Está sendo “cortada”, lavrada e modelada para sua futura posição e grandeza, não por meio de mãos humanas, mas por meio do espírito da verdade, o poder invisível de Jeová. Quando estiver completa, e inteiramente cortada, ferirá e destruirá todos os reinos do mundo. A estátua não simboliza o povo, mas os governos, e estes serão destruídos para que o povo seja posto em liberdade. Nosso Senhor não veio ao mundo para destruir as vidas dos homens, mas com o objetivo de salvá-las. — João 3:17

Em vista de seu destino futuro, a pedra, que é cortada durante a sua preparação, poderia ser chamada de uma montanha em embrião. Da mesma forma, a Igreja poderia ser chamada de o Reino de Deus, como de fato se dá algumas vezes. Entretanto, a pedra não chegou a converter-se numa montanha ferindo assim a estátua. Vemos assim que a Igreja, no pleno sentido da palavra, somente virá a ser o Reino abrangendo toda a terra, quando “o dia do Senhor”, o “dia de indignação das nações”, ou o “tempo de tribulação”, tiver passado. Desta maneira, quando este Reino for estabelecido, todos os outros domínios virão a estar em subordinação.

Lembremo-nos agora da promessa feita por nosso Senhor aos vencedores da Igreja cristã: “Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono”. “E ao que vencer, e ao que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei poder sobre as nações, e com vara de ferro as regerà; e serão quebradas como vasos de

O Plano das Eras

oleiro; como também recebi de meu Pai.” (Apocalipse 3:21; 2:26, 27; Salmo 2:8-12) Quando a vara de ferro houver realizado plenamente a obra de destruição, a mão que feriu os sarará e desta forma *os povos* se voltarão para o Senhor. (Isaías 19:22; Jeremias 3:22, 23; Oséias 6:1; 14:4; Isaías 2:3) Ele então lhes dará uma grinalda em vez de cinzas, óleo de exultação em vez de pranto, vestimentas de louvor em vez de um espírito angustiado.

OS GOVERNOS TERRESTRES NA VISÃO DE DANIEL

Na visão que foi dada a Nabucodonosor notamos que os impérios terrestres, sob o ponto de vista do mundo, são uma exibição da glória, da grandeza e do poder humanos, embora também possamos ver uma sugestão de sua decadência e destruição final, conforme é evidenciado pela sua deterioração gradual iniciando com o ouro e terminando com a mistura do ferro com o barro.

A Igreja verdadeira, representada pela pedra retirada da montanha, durante a sua seleção, tem sido considerada pelo mundo como se não tivesse valor algum. Tem sido desprezada, e rejeitada pelos homens. Eles não têm visto nela beleza alguma que pudessem desejar. O mundo admira, ama, elogia e defende os governos e os governantes representados pela estátua, embora seja constantemente enganado, decepcionado, ferido e oprimido por eles. O mundo exalta por meio de verso e prosa, aos grandes e vitoriosos agentes desta estátua, seus Alexandres, seus Césares, seus Bonapartes, e outros cuja grandeza é evidenciada nas vítimas que deixaram estendidas em sua passagem, e cuja sede insaciável de poder deixou milhões de viúvas e órfãos. Este ainda é o espírito que distingue os “dez dedos” da estátua, conforme observamos atualmente nos exércitos treinados com mais de doze milhões de homens armados com todos os modernos engenhos bélicos, que são verdadeiras invenções diabólicas com o objetivo único de causar o extermínio uns dos outros sob o comando dos “poderes existentes”.*

* Nota: Lembre-se de que este livro foi escrito em 1886. No conflito mundial iniciado em 1914 viu-se muito bem demonstrado o “espírito” aqui 256

Os Reinos deste Mundo

“Pois agora consideramos felizes os orgulhosos; os que cometem maldade prosperam” estando instalados no poder. (Malaquias 3:15, AL21) Será então que percebemos que a destruição desta estátua com o choque da pedra, e o estabelecimento do reino de Deus, significa nada menos que a liberdade dos oprimidos e uma bênção para todos? Ainda que por algum tempo esta mudança cause distúrbios e tribulação, por fim produzirá o fruto pacífico da justiça.

Mas agora, tendo em mente uma visão diferente, fixemo-nos nestes mesmos quatro impérios universais sob o ponto de vista de Deus e dos que se encontram em harmonia com Ele, conforme pode ser notado na visão que foi dada ao amado profeta Daniel. Visto que, para nós, estes reinos parecem desprovidos de glória, brutais e bestiais, do mesmo modo, para Daniel, estes quatro impérios universais lhes foram mostrados como quatro grandes bestas ou animais ferozes. E perante sua visão, o vindouro Reino de Deus (a pedra), na mesma proporção, lhe foi mostrado como sendo mais grandioso do que quando foi visto por Nabucodonosor. Daniel disse: “Eu estava olhando na minha visão da noite, e eis que os quatro ventos do céu agitavam o mar grande. E quatro animais grandes, diferentes uns dos outros, subiam do mar. O primeiro era como leão, e tinha asas de águia; ... e eis aqui o segundo animal, semelhante a um urso, ... e eis aqui outro, semelhante a um leopardo, ... Depois disto eu continuei olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível e espantoso, e muito forte, o qual tinha dentes grandes de ferro; ele devorava e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele, e tinha dez chifres.” — Daniel 7:2-7

Os detalhes relativos aos três primeiros animais (Babilônia, o leão; Medo-Pérsia, o urso; e Grécia, o leopardo) com suas cabeças, patas, asas, etc., todos os quais são simbólicos, passaremos por alto

mencionado. Fazemos também constar que nos volumes 2 e 4 desta série, que pela primeira vez apareceram nos anos de 1889 e 1897, respectivamente, o autor repetidas vezes menciona o ano de 1914 em conexão com as três fases, (guerra, revolução e anarquia) do Grande Tempo de Tribulação predito nas Escrituras.

O Plano das Eras

como sendo menos importantes em nosso atual exame, nos concentrando apenas nos detalhes do quarto animal, Roma.

Acerca do quarto animal, Roma, Daniel disse: “Depois disto eu continuei olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível e espantoso, e muito forte, ... e tinha dez chifres. Estando eu a considerar os chifres, eis que, entre eles subiu outro chifre pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava grandes coisas.” — Daniel 7:7, 8

Aqui é mostrado o Império Romano, e as divisões de seu poder que são evidenciadas pelos dez chifres, sendo o chifre um símbolo de poder. O outro chifre, o pequeno, que subiu entre eles, tomando para si o poder de três deles, e reinando entre os outros, representa o pequeno princípio e a ascensão gradual ao poder, da Igreja de Roma, o chifre ou poder Papal. À medida que este foi obtendo influência, três das divisões, chifres ou poderes do Império Romano (Hérulos, Exarcado Oriental e Ostrogodos), foram afastados para deixar o campo livre para o seu estabelecimento como poder civil ou chifre. Este último chifre, o Papado, é especialmente destacado pelos seus olhos, que representam sua inteligência, e pela sua boca que se refere as suas declarações, pretensões, etc.

Daniel não fornece nenhum nome descritivo deste quarto animal que representa Roma. Embora acerca dos outros animais dissesse que eram semelhantes ao leão, ao urso e ao leopardo, o quarto era tão terrível e feroz que nenhum animal podia ser comparado com ele. João, o Revelador, contemplando em visão o mesmo animal (besta) simbólico, ou governo, não encontrou um nome para descrevê-lo, dando-lhe por fim vários, dentre eles, o de “Diabo”. (Apocalipse 12:9) Certamente que escolheu um nome bastante apropriado, pois visto à luz de suas sangrentas perseguições, o Império Romano tem sido verdadeiramente o mais diabólico de todos os governos terrestres. Mesmo na fase da mudança de Roma Pagã para a Roma Papal, evidenciou uma das principais características de Satanás, que se disfarça em anjo de luz, ao

Os Reinos deste Mundo

converter-se do paganismo alegando ser cristã, ou seja, o Reino de Cristo. (2 Coríntios 11:14)*

Depois de dar alguns detalhes referentes a esta última besta (quarto animal), que representava a Roma, e especialmente acerca de seu chifre papal, o Profeta disse que teria de ser formulado um juízo contra este chifre e que este começaria a perder seu domínio, sendo *consumido* por meio de um processo gradual, até que a besta ou animal fosse destruído.

Esta besta ou Império Romano, com seus chifres ou divisões, ainda existe, mas sua vida lhe será tirada pela revolta das massas populares e pela derrocada dos governos, no “dia do Senhor”, em preparação para o reconhecimento do governo celestial. Isto é demonstrado claramente em alguns textos, que serão examinados posteriormente. Todavia, a *destruição* do chifre Papal será primeiramente concluída. Seu poder e influência começaram a diminuir quando Napoleão levou o Papa prisioneiro para a França. Portanto, quando nem as ameaças dos Papas e nem as orações os livraram do poder de Bonaparte, ficou evidente para todas as nações e povos que a autoridade e poder divinos, que o Papado afirmava ter, não possuíam fundamento algum. Depois disso, o poder secular do Papado diminuiu rapidamente, até que em setembro de 1870, perdeu o último vestígio do poder secular [ou temporal] pelas mãos de Victor Emmanuel [rei da Itália].

Entretanto, durante todo esse tempo em que se efetuava “sua destruição”, [o Papado] conseguiu subsistir por dar vazão as suas grandiosas palavras blasfemas, sendo a última a que proferiu no ano de 1870, poucos meses antes de sua queda, quando declarou a *infallibilidade* dos Papas. Tudo isto está anotado na profecia:

* O fato de Roma ser chamada de “o Diabo” de maneira alguma é prova contra a existência de um diabo pessoal, antes, muito pelo contrário. Por haver tais bestas ou animais como leões, ursos e leopardos, com características que lhes são peculiares, é que se comparam os governos a eles. E justamente porque existe um Diabo, com características peculiares, é que se compara o quarto império universal com ele.

O Plano das Eras

“Então estive olhando [depois do decreto contra o ‘chifre’, depois de haver começado sua destruição], por causa da voz das GRANDES PALAVRAS que o chifre proferia”. — Daniel 7:11

Assim somos conduzidos, por meio da história, até aos nossos dias, sendo que, referente aos impérios da terra, tudo o que podemos esperar é a sua completa destruição. De acordo com as Escrituras, o que há de ocorrer em seguida, é descrito assim: “Estive olhando até que o animal (besta) foi morto, e o seu corpo desfeito, e entregue para ser queimado pelo fogo”. Tanto a morte, como também a queima e a própria besta ou animal, são simbólicos, significando a destruição total e sem esperança, dos governos atualmente organizados. No versículo 12 o profeta nos faz ver uma diferença entre o fim desta quarta besta ou animal e o fim das outras três. Sucessivamente, das três (Babilônia, Pérsia e Grécia), foi-lhes tirado na mesma ocasião o *domínio*, deixando de ser exercido o seu poderio sobre toda a terra. Entretanto, sua vida nacional não cessou ao mesmo tempo. A Grécia e a Pérsia ainda têm algo de vida, embora faça muito tempo que o poder universal tenha saído de suas mãos. Porém, este não será o caso com o Império Romano, a quarta e última besta ou animal. Este perderá o seu domínio e sua vida ao mesmo tempo: ele será totalmente destruído e juntamente com ele, os vestígios dos outros impérios também passarão. — Daniel 2:35

Não importa que meio ou instrumento será usado, a *causa* da queda será o estabelecimento sobre a Terra do QUINTO IMPÉRIO UNIVERSAL, o Reino de Deus, sob Cristo, a quem pertence o direito de exercício do poder. A mudança do reino retirado do quarto animal (besta) que tem o seu tempo designado “ordenado por Deus”, pelo quinto reino sob o Messias, ao chegar o tempo oportuno, é descrita pelo Profeta nas seguintes palavras: “E eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem; e dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele. E foi-lhe dado [ao Cristo, a cabeça e o corpo já completo], o domínio, e a glória, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino tal,

Os Reinos deste Mundo

que não será destruído”. O anjo deu a seguinte interpretação: “E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão, e lhe obedecerão.” — Daniel 7:13, 14, 27

Visto desta maneira, o domínio da terra será colocado por Jeová (o Ancião de Dias) nas mãos de Cristo, que sujeitará todas as coisas debaixo dos seus pés. (1 Coríntios 15:27) Assim entronizado, sobre o reino de Deus, Ele reinará até que tenha subjugado toda autoridade e poder que estiver em conflito com a vontade e a Lei de Jeová. Para efetuar esta grande missão é primeiramente necessário que sejam derrocados estes governos gentios, pois “os reinos do mundo”, assim como o príncipe deste mundo”, não se renderão pacificamente, mas antes, terão que ser subjugados e restringidos pela força. Por isso está escrito: “Para prenderem os seus reis com cadeias, e os seus nobres com grilhões de ferro; para executarem contra eles o juízo escrito: Esta é a glória de todos os santos”. — Salmo 149:8, 9, ECA

À medida que examinamos os governos atuais sob o ponto de vista de nosso Senhor e do profeta Daniel, e na proporção em que nos damos conta de seu caráter feroz, destrutivo, egoísta e bestial, nossos corações nutrem um intenso desejo pelo fim dos governos gentios, e cheios de regozijo vislumbram esse tempo de bênçãos em que os vencedores da era atual serão entronizados com sua Cabeça para governar, abençoar e restaurar a criação que geme. Sem dúvida que todos os filhos de Deus, de todo o coração, e junto com seu Senhor podem orar: “VENHA O TEU REINO, seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu”.

Cada um destes governos representados pela estátua e pelas bestas ou animais começaram a organizar-se antes que chegassem a exercer o poder como um império universal. Da mesma maneira, o verdadeiro Reino de Deus há muito tempo que existe, mas separado do mundo, não procura governá-lo, aguardando o seu devido tempo: o tempo determinado pelo Ancião de Dias. Assim como os outros, tem que ser “estabelecido” *antes* que possa exercer seu

poder para ferir e matar a besta ou reino que o precede. Portanto, bastante apropriada é a declaração: “Mas, nos dias destes reis [enquanto eles ainda exercem o poder], o Deus do céu levantará [estabelecerá em poder e autoridade] um reino.” E depois que for estabelecido, “esmiuçarà e consumirá todos esses reinos, e será estabelecido para sempre”. — (Daniel 2:44, ECA) Por conseguinte, por mais que possamos estar atentos a isto, devemos esperar que o Reino de Deus seja inaugurado *antes* da queda dos reinos do mundo, e que seu poder e seus ataques ocasionem a derrocada destes.

OS GOVERNOS DO TEMPO ATUAL SOB OUTRO PONTO DE VISTA

O direito e a autoridade suprema para governar pertencem e para sempre pertencerão a Jeová, o Criador, não importando quem Ele permita ou autorize exercer uma autoridade subordinada. Sob as imperfeições e fraquezas resultantes de sua infidelidade ao Rei dos reis, Adão logo se tornou fraco e impotente. Como monarca, começou a perder o poder por meio do qual, no princípio, pela força de sua vontade, ordenava e mantinha em sujeição a criação animal. A tal ponto perdeu o domínio de si mesmo que quando desejava fazer o bem, intervinham suas fraquezas para frustrá-lo, com o mal passando a operar nele, resultando em que o bem que desejava não o fazia, mas o mal que não queria, esse praticava.

Embora não tentemos desculpar a rebeldia da raça humana, não obstante, podemos nos simpatizar com seus inúteis esforços para governar a si mesmo e para obter o seu próprio bem-estar. Algo pode ser dito acerca do êxito alcançado nesta direção, pois, embora reconhecamos o verdadeiro caráter destes governos bestiais, por serem corruptos, estes superam em muito a sua total inexistência, resultando em algo muito melhor do que a desordem e a anarquia. Ainda que a anarquia provavelmente tivesse sido bastante aceitável ao “príncipe deste mundo”, este não é o caso com seus súditos, visto que seu poder não é absoluto. Antes, este poder [o de Satanás]

Os Reinos deste Mundo

é limitado ao ponto em que pode operar no meio da humanidade, e suas táticas têm sido, na sua maior parte, ter que se conformar aos ideais, às paixões e às ideias preconcebidas dos homens. O ideal humano era ter o seu próprio governo, independente de Deus, e quando Ele lhe permitiu experimentá-lo, Satanás se aproveitou da oportunidade para estender sua influência e seu domínio. Por causa do desejo de rejeitar o conhecimento de Deus (Romanos 1:28), o homem ficou exposto às influências deste astuto, poderoso e invisível adversário, e desde então, tem sido obrigado a lutar contra as suas maquinações, em adição as suas próprias fraquezas pessoais.

Sendo este o caso, vamos olhar novamente para os reinos do mundo, considerando-os agora como sendo os esforços da humanidade caída para governar-se a si mesma independente de Deus. Embora a corrupção e o egoísmo individuais tenham transtornado o curso da justiça de tal forma que ela, em seu verdadeiro sentido, raras vezes é administrada sob os reinos do mundo, até o momento, o objetivo evidente de todos os governos que foram organizados na terra, têm sido o de promover a justiça e o bem-estar dos povos.

Até que ponto este objetivo foi atingido, é outra questão. Mas esta era a pretensão de todos os governos, e devido a isso, os povos se deixaram governar, submetendo-se e sustentando a estes. Onde foram ignorados os princípios da justiça, e onde as massas tenham sido enganadas e cegadas com respeito a eles, guerras, comoções e revoluções têm sido o resultado.

As obscuras ações dos tiranos vis que obtiveram o poder dos governos do mundo, não representavam as leis e nem as instituições desses governos, mas ao usurparem a autoridade e empregá-la com fins tão egoístas, esses tiranos deram aos governos um caráter bestial. Todo governo possui diversas leis sábias, justas e benéficas adotadas com o objetivo de proteger a vida, a propriedade, proteger os interesses domésticos e comerciais, punir o

O Plano das Eras

crime, etc. Também têm cortes de apelação para resolver certas dificuldades, e nelas, até certo ponto pelo menos, é exercida a justiça. Mesmo levando-se em conta a imperfeição de seus funcionários, a vantagem e a necessidade que há de tais instituições é evidente. Apesar destes governos terem sido pouco satisfatórios, sem eles, os elementos maus da sociedade, sendo mais numerosos, teriam prevalecido sobre os melhores e o mais justos.

Portanto, embora reconheçamos o caráter bestial destes governos, representados assim por causa da exaltação ao poder de uma maioria de governantes iníquos, por meio das intrigas e enganos de Satanás, que atua mediante as fraquezas e tendências depravadas do homem, mesmo assim, nós os reconhecemos como os melhores esforços da pobre e caída humanidade para governar-se a si mesma. Século após século, Deus lhes tem permitido que façam o esforço e que se deem conta dos resultados. Mas depois de vários séculos de experiência, os resultados têm estado tão longe de ser satisfatórios hoje, como em qualquer outro período da história. Podemos dizer que o descontentamento é agora mais amplo e extenso do que nunca antes, não porque prevalece maior opressão e injustiça do que em outras épocas, mas porque de acordo com os desígnios divinos, os olhos dos homens estão sendo abertos através dos progressos da ciência.

Os diferentes governos, que de tempos em tempos foram estabelecidos no mundo, deram a conhecer a *capacidade limitada* do povo por eles representado, para governarem-se a si mesmos. Até onde havia os governos despóticos, o fato de que foram tolerados pelas massas, prova que os povos não eram aptos o suficiente para estabelecer e sustentar um governo melhor, embora muitos indivíduos fossem provavelmente capazes, e muito mais esclarecidos do que a maioria dos cidadãos.

Ao comparar a condição do mundo de hoje em dia com a de qualquer outro período anterior, percebemos uma diferença

Os Reinos deste Mundo

marcante no sentimento das massas. Onde quer que se ache disseminado o espírito de independência, os homens não são tão facilmente cegados, enganados ou conduzidos por meio de mandatários ou políticos, e, portanto, já não se submetem aos jugos de tempos anteriores. Esta mudança do sentimento público não tem sido gradual desde o princípio quando o homem tencionou governar-se a si mesmo, mas antes, claramente podemos discernir o seu início no século dezesseis, e seu progresso tem sido mais rápido no transcurso dos últimos cinquenta anos [isto é, até 1886, embora ainda hoje o seja]. Por conseguinte, esta mudança não se dá em consequência das experiências de tempos anteriores, mas antes, é o resultado natural do recente aumento do conhecimento e da sua ampla difusão entre as massas. A invenção da imprensa, aproximadamente no ano de 1440 d.C., e o consequente aumento de livros e periódicos, foram o ponto de partida e os preparativos iniciais para essa difusão do conhecimento. No século dezesseis começou a ser sentida a influência deste invento no despertar do público em geral, e os passos progressivos desde então nos são familiares. A ampla educação das massas tornou-se popular, e as invenções e os descobrimentos são ocorrências diárias. Estes progressos da ciência entre os homens, designados por Deus, sendo efetuados no tempo determinado, são uma das poderosas influências que agora estão restringindo a Satanás, diminuindo sua influência e limitando seu poder neste “Dia da *Preparação*” para o estabelecimento do reino de Deus sobre a Terra.

Os progressos da ciência em toda a direção despertam entre os homens um sentimento de respeito próprio, e também os fazem dar-se conta de seus direitos naturais e inalienáveis, os quais, não permitirão por muito mais tempo que sejam passados por alto ou menosprezados; ao contrário, poderão ir até ao extremo oposto. Daremos agora uma olhada em retrospectiva através dos séculos, e iremos notar como as nações têm escrito com sangue a história de seu descontentamento. Os profetas declaram que por causa dos progressos da ciência, um descontentamento mais amplo e

O Plano das Eras

contagioso será manifestado, dando lugar a uma revolução universal, resultando no desarranjo total de toda lei e ordem. Também nos dizem que a anarquia e a angústia que sobrevirá a todas as classes será o resultado, mas que no meio da confusão, o Deus do céu “SUSCITARÁ” seu Reino, que irá satisfazer os desejos de todas as nações. Fatigados e desanimados por causa da futilidade de seus esforços, e achando que suas últimas e mais desesperadas tentativas tem resultado na anarquia, os homens, prontamente e cheios de júbilo, darão boas-vindas e se prostrarão diante da autoridade celestial, reconhecendo seu estrito e justo governo. Desta maneira, a condição extrema do homem se tornará numa oportunidade para Deus, e virá “o Desejado de todas as nações” — o Reino de Deus com poder e grande glória. — Ageu 2:7, ARC, NVI nota.

Sabendo que este era o propósito divino, nem Jesus e nem os apóstolos envolveram-se de algum modo com os governos terrestres. Ao contrário, ensinaram a Igreja a submeter-se a estes poderes, embora muitas vezes sofressem sob o abuso de seu poder. Todos eles ensinaram a Igreja a obedecer às leis e a respeitar os que exerciam a autoridade por causa do seu ofício, ainda que pessoalmente não fossem dignos de estima. Ensinavam que deveriam ser pagos os tributos, e que não se opusesse nenhuma resistência às leis estabelecidas, exceto quando estivessem em contradição com as leis divinas. (Atos 4:19; 5:29; Romanos 13:1-7; Mateus 22:21) O Senhor, os apóstolos e a Igreja primitiva, se submeteram às leis, embora se mantivessem separados e não tomassem parte alguma nos governos do mundo.

Embora os poderes existentes, os governos deste mundo, tenham sido ordenados ou arranjados por Deus, para que a humanidade obtivesse assim uma experiência necessária sob eles, porém, a Igreja, os consagrados que aspiram officiar no futuro Reino de Deus, não deveriam cobiçar as honras e nem os lucros oferecidos por eles; tampouco deveriam opor-se a estes poderes. São concidadãos e

Os Reinos deste Mundo

herdeiros do reino celestial (Efésios 2:19), e como tais não deveriam esperar mais direitos e privilégios dos reinos do mundo do que os que são concedidos aos *estrangeiros*. Sua missão não é ajudar a melhorar a condição atual do mundo e nem se envolverem nas questões sociais da atualidade. Se tentassem tal coisa isto seria um desperdício de esforços, porque o curso deste mundo e o seu fim estão claramente indicados nas Escrituras e encontram-se sob o pleno domínio Daquele que, a seu próprio tempo, há de *nos dar* o reino. A influência da *verdadeira* Igreja tem sido sempre, e ainda o é, tão insignificante, que politicamente não é nem sequer digna de menção; e mesmo que tal influência se revestisse de certas proporções, devemos seguir o exemplo e o ensino de Jesus e de seus apóstolos. Estando certos de que o propósito de Deus é de que o mundo ponha à prova sua capacidade de governar a si mesmo, a Igreja embora esteja no mundo, não deve tornar-se parte *do* mundo. Somente em sua condição de separação, e deixando brilhar *sua luz* de tal modo que o espírito da verdade CONVENÇA o mundo, é que os santos podem exercer sua influência sobre ele. Desta maneira, ao invés de lançarem mão do método amplamente seguido de misturarem-se com a política e, junto com o mundo, maquinarem tramas para obter o poder, vendo-se assim obrigados a tomar parte nas contendas, nos pecados e na ampla degeneração, os santos devem, porém, reprová-lo e a desordem, apoiando toda lei justa, proclamando o prometido Reino de Deus e destacando as bênçãos esperadas sob ele. A futura Noiva do Príncipe da Paz, como representante do seu Senhor no mundo, ataviada em sua gloriosa castidade, deveria constituir-se num poder para a promoção do bem.

A Igreja de Deus deveria dedicar *toda sua atenção* e todos os seus esforços para pregar o Reino de Deus, e no avanço dos interesses deste Reino, de acordo com o plano indicado nas Escrituras. Se isto for feito fielmente, não haverá nem o tempo e nem o desejo de intrometer-se na política dos governos atuais. O Senhor não teve nem o tempo e nem o desejo de fazer isto;

tampouco o tiveram os apóstolos, nem quaisquer dos santificados que têm seguido seu nobre exemplo.

Pouco depois da morte dos apóstolos, a Igreja primitiva tornou-se presa desta mesma tentação. A pregação da vinda do Reino de Deus que destronaria todos os outros reinos terrestres, e a pregação acerca do Cristo crucificado como herdeiro desse Reino, não encontrou acolhida popular, mas atraiu sim, sobre ela, as perseguições, a infâmia e o desprezo. Houve alguns que pensaram em aprimorar o plano de Deus, ao invés de sofrer, fazendo com que a Igreja obtivesse uma posição de favor perante o mundo, por meio de acordos com os poderes terrestres. Como resultado, se desenvolveu o Papado, a Igreja de Roma, a qual, com o tempo, tornou-se rainha e amante das nações. — Apocalipse 17:3-5; 18:7

Tudo mudou com esta tática: em vez de sofrimentos, vieram as honras; ao invés da humildade veio o orgulho; o erro tomou o lugar da verdade, e deixando assim de ser perseguida, a Igreja tornou-se perseguidora dos que condenavam suas novas e ilegítimas honras. Logo começou a inventar novas teorias e sofismas para justificar sua conduta, primeiramente enganando-se a si mesma, e em seguida as nações, com a crença de que o prometido Reino Milenar de Cristo JÁ HAVIA COMEÇADO, e que Cristo, o Rei, era representado pelos papas, que sendo vigários seus, reinavam sobre os reis da terra. Ela conseguiu enganar todo o mundo com suas pretensões. Todas as nações “*se embriagaram*” com suas doutrinas errôneas (Apocalipse 17:2, AL21), sendo intimidadas com o ensino de que o tormento eterno estava a espera de todos aqueles que resistissem as suas alegações. Prontamente os reis da Europa foram coroados e destronados por meio de seus éditos e sob uma suposta autoridade da sua parte para fazerem isso.

Esta é a razão pela qual os reinos da Europa alegam ser reinos cristãos, afirmando que seus soberanos “reinem pela graça de Deus”, isto é, pela autoridade ou com o consentimento do Papado ou de alguma das seitas Protestantes. Ainda que os reformadores

Os Reinos deste Mundo

tenham abandonado muitas das pretensões do Papado no que se refere à jurisdição eclesiástica, e outros aspectos, não obstante, retiveram esta honra que os reis da terra haviam atribuído ao cristianismo. Por causa disso, os reformadores caíram no mesmo erro, e ao sancionar e constituir governos e reis, designando-os como sendo “reinos cristãos”, ou reinos de Cristo, exerceram a autoridade de monarcas. Esta é a razão pela qual, hoje em dia, ouvimos falar deste estranho enigma, “O MUNDO CRISTÃO”, um enigma realmente, quando o estudamos à luz dos estritos princípios do Evangelho! Referindo-se aos seus discípulos, nosso Senhor disse: “Não são do mundo, como eu do mundo não sou.” E o apóstolo Paulo nos faz a seguinte exortação: “E não vos amoldeis ao sistema deste mundo”. — João 17:16; Romanos 12:2, KJA

Deus nunca deu qualquer aprovação a estes reinos para que viessem a ser designados pelo nome de Cristo. Enganados pela Igreja nominal estas nações estão navegando sob falsas cores, pretendendo ser o que não são. A sua única autorização, além da que é conferida pelo voto popular, é a permissão **limitada** concedida por Deus e comunicada a Nabucodonosor, até que venha aquele a quem de direito pertence o domínio.

A afirmação de que estes reinos imperfeitos, com as suas leis imperfeitas e seus governantes, muitas vezes egoístas e viciosos, constituem “o reino do Senhor e de seu Ungido”, é um grosseiro libelo difamador do Príncipe da Paz, dos justos governantes do Reino Vindouro, e também do verdadeiro Reino de Cristo, diante do qual, muito em breve, todos os outros reinos deixarão de existir. — Isaías 32:1

Outro sério prejuízo resultante desse erro é o que tem desviado a atenção dos filhos de Deus do prometido reino celestial: o induzimento a uma associação indevida com os reinos terrestres com o objetivo de estabelecer com eles um relacionamento íntimo. Isto tem dado margem a que, descuidando do Evangelho referente ao verdadeiro Reino e às esperanças concentradas nele, dediquem, em troca, seus esforços para a tarefa quase infrutífera de enxertar as graças e as normas morais do cristianismo nestes troncos bravios e

mundanos. Sob esta ilusão, hoje em dia (em 1886) muitos se esforçam para que o nome de Deus seja incorporado na Constituição dos Estados Unidos, e *assim*, esta nação se torne “cristã”. Por muito tempo [na época da escrita deste livro] os presbiterianos reformados têm recusado votar e desempenhar algum cargo público neste governo, *porque* este não é um reino de Cristo. Desta maneira reconhecem quão impróprio é que os cristãos tomem parte em qualquer outro governo. Temos grande simpatia por este sentimento, mas não com a conclusão, de que se o *nome* de Deus fosse mencionado na Constituição, tal acontecimento converteria este governo dum reino do mundo em reino de Cristo, dando-lhes a liberdade de participarem nas eleições e de ocuparem postos de autoridade nele. Oh! Que insensatez! Quão grande o engano com o qual a “Mãe das meretrizes” (Apocalipse 17:2, [17:5], ARA) tem embriagado as nações! De modo similar, alguns alegam que os reinos da Europa foram transferidos do domínio de Satanás para Cristo, tornando-se assim “nações cristãs”.

É preciso saber que as melhores e as piores nações da Terra não são mais do que “reinos do mundo”, cujo exercício do domínio, concedido por Deus, em breve expirará, dando lugar ao sucessor ordenado, o Reino do Messias, o Quinto Império Universal da terra. (Daniel 2:44; 7:14, 17, 27) Se discernirmos isto, muito nos ajudará a estabelecer a verdade e a demolir o erro.

Mas de qualquer forma, as ações do Papado a este respeito, sancionadas pelos Reformadores Protestantes, passam sem despertar oposição alguma por parte do povo cristão. Apesar de que, como cristãos, o seu dever é o de apoiar o Reino de Cristo, eles se sentem compelidos a defender a causa dos cambaleantes reinos atuais da chamada Cristandade, cujo dia está rapidamente expirando. Por causa disso, suas simpatias amiúde se encontram do lado da opressão em vez de estarem do lado daquilo que é direito e da liberdade. Estes se encontram ao lado dos reinos do mundo e do príncipe deste mundo, em vez de se encontrarem ao lado do legítimo e verdadeiro reino vindouro, o de Cristo. — Apocalipse 17:14; 19:11-19

Os Reinos deste Mundo

A humanidade rapidamente está chegando à conclusão de que “os reinos do mundo” não demonstram grande semelhança a Cristo, e que suas alegações de serem autorizados por Ele dão muita margem à dúvida. Os homens começam a fazer uso de suas faculdades de raciocínio nesta e noutras questões. Em breve eles expressarão as suas convicções de modo mais violento, quando se aperceberem de que têm sido objeto de uma fraude perpetrada em nome do Deus de Justiça e do Príncipe da Paz. Na realidade, a tendência de muitos é de ir ao extremo de imaginar que o cristianismo em si, não é mais do que uma impostura sem fundamento algum, cujo único propósito, em união com os governantes, é o de manter sob seu punho de ferro as liberdades do povo.

Quem dera que os homens fossem sábios! Que aplicassem seus corações para entenderem a obra e o plano do Senhor! Se assim fosse, os reinos atuais gradualmente iriam desaparecendo, e uma reforma seria seguida de outra. Seriam também acrescentadas novas liberdades para as que já são usufruídas, até que a justiça e a verdade ficassem para sempre implantadas sobre a terra, prevalecendo sobre tudo. Mas os homens têm deixado de fazer tal coisa, e nem a podem fazer em sua condição caída. Por isso, transbordando de egoísmo, cada um tentará se sobrepor aos demais, tendo lugar o derrubamento de todos os reinos do mundo no grande “tempo de angústia (tribulação), qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo” [Daniel 12:2, ACF, AL21]. Aqueles que em vão se empenharem em aderir e apoiar a um domínio cujo fim chegará, quando vier Aquele a quem pertence de direito, o Senhor adverte, e lhes dá a entender, que estão lutando contra Ele. Podem estar bem seguros de que sofrerão derrota em tal conflito. Pois Ele diz:

“Por que se amotinam as nações, e os povos tramam em vão? Insurgem-se os reis da terra, e os príncipes conspiram contra Jeová e contra o seu ungido dizendo: Rompamos as suas ataduras, e lancemos de nós as suas cordas. Aquele que está sentado nos céus

O Plano das Eras

se rirá; o Senhor zombará deles. Então lhes falará na sua ira, e no seu furor os confundirá, [dizendo:] Eu, porém, *tenho estabelecido o meu Rei* em Sião, meu santo monte. ... Agora, pois, ó reis, sede prudentes; deixai-vos instruir, juízes da terra. Servi a Jeová com temor, e regozijai-vos com tremor. Beijai ao Filho (tornai-vos amigos do Ungido de Deus), para que não se ire, e pereçais no caminho; porque em breve se acenderá a sua ira. Felizes são todos os que nele se refugiam.” Salmo 2:1-6, 10-12, TB

Promessas Preciosas

Ouçam o que Deus tem dito:

Ó pequeno povo Meu,
Fraco, triste e aflito,
Eu construo vosso lar.
Da tribulação as cenas,
Nunca devem desconcertá-lo;
Clamai “glória” portas vossas,
E os muros “Salvação”.

Como as águas do córrego,
Alegrias fluirão.
Vossa fé Deus recompensa,
Todo seu prêmio dará.
Numa possessão tranquila,
Paz e justiça devem reinar,
Opressão nunca mais tereis,
Guerras nunca mais vereis.

Não vereis mais lua minguar,
Vosso Sol jamais se porá:
Aflições findam e em Mim,
Meio dia vós tereis sim:
Deus levantará a brilhar,
Noites em dias vos mudará;
Deus a vossa Glória será,
Luz eterna para vós se dará.

Estudo XIV

O REINO DE DEUS

A proeminência do tema — O caráter do Reino — O Reino durante a Era Evangélica — Ideias falsas corrigidas por Paulo — O resultado das falsas ideias acerca do Reino — As duas fases do Reino de Deus — A fase espiritual e sua obra — A fase terrestre e sua obra — A harmonia de suas operações — A glória da fase terrestre — A glória da fase celestial — A Aliança original da qual brotam estas ramificações — A fase terrestre do Reino será israelítica — As tribos perdidas — A Jerusalém Celestial — Israel, um povo típico — A perda e recuperação de Israel — As classes escolhidas — Os herdeiros do Reino — O regime de ferro — Uma ilustração do objetivo do Reino Milenar — Entregue o Reino ao Pai — O plano original de Deus concluído em sua totalidade.

TODO aquele que nunca examinou cuidadosamente este tema com uma Concordância ou Chave Bíblica juntamente com a Bíblia, ao fazê-lo, ficará surpreso ao notar quão destacado é este tema nas Escrituras. O Antigo Testamento é abundante em promessas e profecias nas quais o Reino de Deus, e seu Rei, o Messias, são figuras centrais. A esperança de todo o povo israelita (Lucas 3:15) era que Deus viesse a exaltar a sua nação sob o Messias, e quando o Senhor lhes sobreviesse, esperavam que fosse na qualidade de Rei, para estabelecer o prometido Reino de Deus sobre a terra.

João, precursor e mensageiro de nosso Senhor, iniciou o seu ministério com o seguinte anúncio: “Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus.” (Mateus 3:2) O Senhor começou o seu ministério exatamente com o mesmo anúncio (Mateus 4:17), e os apóstolos foram enviados para pregar a mesma mensagem. (Mateus 10:7; Lucas 9:2) Não apenas o reino foi o tema com o qual o Senhor iniciou o seu ministério, mas também, na realidade,

O Plano das Eras

foi o ponto principal de toda a sua pregação (Lucas 8:1; 4:43; 19:11), mencionando outros temas somente quando explicavam ou estavam em conexão com este mesmo assunto. A maioria de suas parábolas, ou ilustravam o reino sob diferentes pontos de vista e em seus diferentes aspectos, ou serviam para indicar a consagração completa a Deus como sendo algo essencial para se ter parte no reino, corrigindo assim o erro da parte dos judeus, que se julgavam seguros de obter o reino por serem filhos naturais de Abraão, e, por conseguinte, herdeiros naturais das promessas.

Nosso Senhor em suas palestras com seus discípulos fortaleceu e alentou as esperanças deles num reino vindouro, dizendo-lhes: “E eu vos destino o reino, como meu Pai mo destinou, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino, e vos assenteis sobre tronos, julgando [governando] as doze tribos de Israel.” (Lucas 22:29, 30) Também lhes disse: “Não temas, ó pequeno rebanho, porque a vosso Pai agradou dar-vos o reino.” (Lucas 12:32) No entanto, quando ao invés de ser coroado e entronizado, Aquele que reconheciam como rei fora crucificado, os discípulos sofreram uma amarga decepção. Dois deles, depois da ressurreição do Senhor, se expressaram deste modo ao suposto forasteiro no caminho de Emaús, pois segundo suas palavras, eles *havam esperado* “que fosse ele quem havia de redimir Israel” — libertando-os do jugo romano, e fazendo de Israel o Reino de Deus com poder e grande glória. Suas esperanças, porém, haviam sido frustradas pelos fatos contrários ocorridos poucos dias antes. Em virtude disso, Jesus lhes abriu o entendimento, provando-lhes com as Escrituras que seu *sacrifício* era necessário antes que o Reino pudesse ser estabelecido. — Lucas 24:21, 25-27

Deus poderia dar a Jesus o domínio da terra sem ter redimido o homem, porque “o Altíssimo domina sobre o reino dos homens, e o dá a quem quer”. (Daniel 4:32) Mas Deus tinha um desígnio superior do que aquilo que poderia ter sido realizado por meio de tal plano. Um reino nestas condições poderia trazer bênçãos que, apesar de boas, seriam apenas de caráter temporário, visto que a

O Reino de Deus

humanidade continuaria condenada à morte. Para tornar permanentes as bênçãos de seu reino, a raça humana primeiramente teria que ser resgatada da morte e libertada da condenação que recaiu sobre todos por causa de Adão.

É evidente que ao explicar as profecias aos seus discípulos, Jesus reviveu neles a esperança de um reino vindouro, pois ao deixá-los, perguntavam-lhe, dizendo: “Senhor, restaurarás tu *neste tempo* o reino a Israel?” Sua resposta, embora não muito explícita, não contradizia suas esperanças. Ele lhes respondeu dizendo: “Não vos pertence saber os *tempos* ou as *estações* [épocas, AL21], que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder.” — Atos 1:6, 7

Certamente que, no princípio, os discípulos, assim como a inteira nação judaica, abrigavam uma concepção imperfeita do Reino de Deus ao imaginarem que este seria um reino exclusivamente terrestre, do mesmo modo como hoje em dia muitos erram, no sentido oposto, ao pensarem que o reino é exclusivamente celestial. Muitas das parábolas e enigmas do nosso Senhor foram proferidos com a intenção de corrigir, no seu devido tempo, estas falsas ideias. Entretanto, Jesus sempre apresentou a ideia de um reino, um governo que se estabeleceria *na terra* para reinar entre os homens. Não somente inspirou neles a esperança de que participariam do reino, mas também lhes ensinou a orar pelo seu estabelecimento: “*Venha* o teu reino, seja feita a tua vontade, assim NA TERRA como no céu”.

Para aqueles dentre os judeus que eram sábios, segundo a sabedoria mundana, Jesus lhes parecia um fanático e impostor, e consideravam os seus discípulos como vítimas de uma alucinação. Não podiam negar seu tato, sua sabedoria, nem seus milagres, nem eram aptos para dar uma explicação razoável acerca da causa destes. No entanto, segundo seu ponto de vista incrédulo, as afirmações de ser Ele o herdeiro do mundo, que estabeleceria o reino prometido, que haveria de governá-lo, e que seus discípulos, todos eles dentre as classes mais humildes do povo, estariam

associados em seu governo, parecia algo demasiadamente absurdo para que dessem alguma importância. Roma, com seus guerreiros disciplinados, seus generais treinados e sua imensa riqueza, era a senhora do mundo e diariamente seu poder aumentava. Quem era, pois este nazareno? Quem eram estes pescadores sem dinheiro, nem influência, e que tinham apenas um escasso número de seguidores dentre o povo? Que valiam estes para que falassem em estabelecer o reino por tão longo tempo prometido, e que este seria o mais grandioso e cheio de poder que já se conhecera na terra?

Os fariseus querendo expor a suposta fraqueza das alegações de nosso Senhor, com o objetivo de enganar aos seus discípulos lhes perguntaram: Quando começará a *estabelecer-se* o reino de que tu falas? Quando chegarão os teus soldados? Quando aparecerá o reino de Deus? (Lucas 17:20-30) Se não tivessem sido tão preconceituosos contra ele, e cegados pela sua própria suposta sabedoria, a resposta de nosso Senhor lhes haveria dado uma nova visão do assunto. Ele lhes tornou bem claro que seu reino nunca apareceria da maneira que esperavam. O reino que Ele pregava, e para o qual convidava os seus discípulos a serem co-herdeiros, era invisível e por isso não deveriam abrigar a esperança de vê-lo. Respondeu-lhes: “O reino de Deus não vem com *aparência* exterior; nem dirão: Ei-lo aqui! ou: Ei-lo ali! pois o reino de Deus está [estará] entre vós.”* Ele simplesmente indicou que quando viesse o seu reino, este estaria presente e seria poderoso em toda a parte, mas que não seria visível em parte alguma. Assim, Ele lhes

* Na Versão Almeida Revista e Atualizada e na Almeida Revisada (IBB) se lê “dentro de vós”, sendo que tal tradução é incorreta. A Versão Almeida Corrigida Fiel e Almeida Séc. 21 traduzem esta parte como “entre vós”. A Versão da CNBB traz: “no meio de vós”. As duas últimas expressões são sinônimas. Insistir que o reino que Jesus declarava como estando prestes a estabelecer-se e que este, por sua vez, estava dentro dos corações dos fariseus, aos quais chamou de sepulcros caiados e hipócritas, seguramente não está de acordo com teoria alguma. Este reino, quando for estabelecido, estará “no meio de” ou “entre” todas as classes, governando e julgando a todos.

O Reino de Deus

deu uma ideia do reino espiritual que pregava. Entretanto, não estavam preparados para isso, e, portanto, não o receberam. Havia uma certa medida de verdade na expectativa dos judeus com respeito ao reino prometido que, conforme veremos, se realizará quando chegar o tempo devido. Entretanto, aqui o Senhor tão-somente se referia à fase espiritual do reino, que será invisível. E como esta fase do reino será a *primeira* a ser estabelecida, sua presença não será discernível, e por algum tempo passará despercebida. O privilégio de serem herdeiros nesta fase espiritual do Reino de Deus foi a única oferta que se fez então, e durante a Era Evangélica, que começou nessa ocasião, tem sido a única esperança da nossa vocação. Por isso, Jesus se referia exclusivamente a tal fase. (Lucas 16:16) Este ponto será mais fácil de ser entendido à medida que avancemos em nosso estudo.

Provavelmente este sentimento público adverso, especialmente da parte dos fariseus, foi o que motivou Nicodemos a ter com Jesus, de noite, com o desejo de decifrar o mistério, mas, aparentemente envergonhado em reconhecer publicamente que tais afirmações teriam algum valor para ele. A conversação entre o Senhor e Nicodemos (João 3), ainda que registrada parcialmente, nos dá uma compreensão mais clara e profunda sobre o caráter do Reino de Deus. Evidentemente serão mencionados aqui apenas os pontos principais da conversação, com o objetivo de que nos demos conta dela em sua totalidade. Podemos parafraseá-la como segue:

Nicodemos — “Rabi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais (milagres) que tu fazes, se Deus não for com ele.” Contudo, algumas de tuas palavras me parecem muito inconsistentes, e venho pedir-lhe uma explicação. Por exemplo, tu e teus discípulos tendes proclamado: “É chegado o reino dos céus”, mas não tens um exército, nem riquezas, nem influência, e segundo todas as aparências, essa é uma falsa afirmação, o que nos faz crer que enganas o povo. Os fariseus em geral o consideram como impostor, mas eu estou

O Plano das Eras

seguro de que deve haver algo de verdade em teus ensinamentos, “porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele”. O objetivo de minha visita é o de perguntar-lhe: De que tipo é, e de onde vem este reino que tu proclamamos? Quando e de que maneira será estabelecido?

Jesus — Teu pedido para obter uma informação completa referente ao reino dos céus não pode ser atendido agora para satisfazê-lo. Não que eu não esteja plenamente certo de todos os seus detalhes, mas na tua atual condição, não poderias entendê-la ou apreciá-la ainda que te expusesse em sua totalidade. “A menos que o homem não seja *gerado** do alto, não pode *ver* [grego — *eidom** — conhecer ou familiarizar-se com] o reino de Deus.”

* A palavra grega *gennao* (e seus derivados) que algumas vezes é traduzida por *gerado* e outras vezes por *nascido*, realmente abrange ambas as ideias, e deveria ser traduzida por qualquer uma destas duas palavras portuguesas, de acordo com o sentido da passagem na qual ocorra. As duas ideias, gerar e nascer, estão sempre presentes na palavra, de tal modo que ao se usar uma [gerar], sempre se implica na outra [nascer], visto que o nascimento é a consequência natural da geração, e a geração é o antecedente natural do nascimento. Quando o agente ativo com o qual se associa *gennao* é masculino, deve ser traduzido por *gerado*; quando é feminino, por *nascido*. Exemplos: 1 João 2:29; 3:9; 4:7; 5:1, 18. Nestas passagens *gennao* deveria ser traduzido por *gerado*, visto que Deus (masculino) é o agente ativo.

Entretanto, algumas vezes a tradução depende da natureza do ato, quer seja, masculino, quer seja feminino. Isto é ilustrado nos casos em que se usa de modo conjunto com *ek*, que significa *de*. Neste caso deveria ser traduzido por *nascido*. Em João 3:5, 6, *gennao* deveria ser traduzido por *nascido*, visto que ocorre a palavra *ek* — “da água”, “da carne”, “do espírito”.

♦ Esta mesma palavra grega é traduzida por *considerar* em Atos 15:6 nas versões ACF, ARC, IBB: “Congregaram-se, pois, os apóstolos e os anciãos para *considerar* [examinar, ARA] este assunto”. A mesma palavra é traduzida por *considerai* em Romanos 11:22 na versão ARA (‘*considera*’, ACF; AL; IBB): “*Considera* [conheça, entenda], pois a bondade e a severidade de Deus”; também em 1 João 3:1: “*Vede* [considere; saibas, entenda] quão grande amor nos tem concedido o Pai”.

O Reino de Deus

Os meus discípulos até o momento têm apenas ideias vagas sobre o caráter do reino que estão proclamando. Não posso explicá-lo a ti, assim como eles também não podem entendê-lo.

Todavia, Nicodemos, uma particularidade do proceder de Deus é de que antes de dar mais luz, Ele demanda obediência de acordo com a luz já possuída, e na seleção daqueles que hão de ser considerados dignos de participar do reino, é exigido da parte destes uma manifestação de fé. Estes devem sentir-se dispostos a ser, passo a passo, guiados por Deus, ainda que frequentemente não possam discernir com clareza, senão apenas um passo a frente deles. Estes devem andar pela fé e não pela vista.

Nicodemos — Não te entendo. O que queres dizer? “Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer?” Acaso queres dizer que o arrependimento pregado por João, o Batista, expresso pelo batismo em água, é um *nascimento* simbólico? Vejo que os teus discípulos pregam e batizam de modo similar. É este novo nascimento necessário para aqueles que desejam ver ou entrar no teu reino?

Jesus — Nossa nação é uma nação consagrada, tendo uma aliança. Quando saíram do Egito, na nuvem e no mar, todos foram batizados em Moisés. Deus os aceitou em Moisés, o mediador dessa aliança no Sinai. Mas eles têm se afastado de sua aliança, pois alguns estão levando uma vida de publicanos e pecadores, e muitos outros são hipócritas que a si mesmos se consideram justos. Por isso, a pregação de João e de meus discípulos é o *arrependimento* - voltar-se para Deus reconhecendo a aliança feita. O batismo de João sinaliza este arrependimento e reforma de coração e de vida, mas *não é o novo nascimento*. A menos que faça mais do que isto, não poderás ver o Reino. Somente verás o meu Reino se além da reforma simbolizada pelo batismo de João, receberes a geração e o nascimento do espírito. O arrependimento te porá novamente numa condição justificada, e nessa condição, facilmente me reconhecerás como o Messias, tipificado por

O Plano das Eras

Moisés. Se a mim te consagrares, serás *gerado* pelo Pai a uma nova vida, para a natureza divina, que sendo desenvolvida e vivificada, resultará em que, na primeira ressurreição, *nasças* como uma nova criatura, um ser espiritual. Como tal, não somente hás de vê-lo, mas também tomarás parte no Reino.

A mudança que efetuará este novo nascimento do espírito é verdadeiramente grande Nicodemos, pois o que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te surpreendas visto que primeiro te disse que tens de ser *gerado* do alto antes que possas entender, saber e apreciar as coisas espirituais das quais tu perguntas. “Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo.” Muito marcante é a diferença entre a tua condição atual, nascido da carne, e a condição destes nascidos do Espírito, que entrarão ou constituirão o Reino que apregôo. Para que possas ter uma ideia dos seres que constituirão este reino, quando houverem nascido do Espírito, te darei uma ilustração: “O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito.” Serão como o vento que sopra aqui e ali embora tu não possas vê-lo, e exerça influência ao teu redor. Esta é a melhor ilustração que posso te dar acerca dos que nascerão do Espírito na ressurreição, e daqueles que “entrarão” ou constituirão o Reino que apregôo atualmente. Serão invisíveis como o vento, e os não nascidos do Espírito, serão incapazes em se dar conta donde vêm e para onde vão.

Nicodemos — Como pode ser isso? - seres invisíveis!

Jesus — “Tu és mestre de Israel, e não sabes isto?” Não sabes que os seres espirituais podem estar presentes e ainda assim invisíveis? Tu que procuras ensinar a outros, nunca lestes acerca de Eliseu e seu servo, ou sobre a jumenta de Balaão, e muitos outros incidentes em que as Escrituras ilustram o princípio, de que os seres espirituais podem estar presentes entre os homens, e, no entanto invisíveis? Além disso, tu és dos fariseus, aqueles que

O Reino de Deus

professam crer em anjos como seres espirituais. Ademais, isto confirma o que te disse no princípio: A menos que o homem seja gerado do alto, não pode ver [conhecer, familiarizar-se com, entender de uma maneira razoável] o Reino de Deus nem as várias coisas relacionadas a ele.

Se quiseres entrar e ser co-herdeiro comigo neste reino que te anuncio, passo a passo deves seguir a luz. Ao fazê-lo assim, mais luz te será dada, tão prontamente conforme estiveres preparado para recebê-la. Estou te apregoando as coisas que podes entender e que são para serem entendidas agora, tenho também realizado milagres, me reconheces como um Mestre, vindo de Deus, mas não tens agido conforme esta fé, e nem te tens tornado publicamente meu seguidor e discípulo. Não deves esperar ver mais até que faças segundo o que tens visto. Se tu agires, Deus te dará mais luz e maiores demonstrações de seu favor para que possas dar o seguinte passo. “Na verdade, na verdade te digo que nós dizemos *o que sabemos*, e testificamos o que vimos; e [vós fariseus] não aceitais o nosso testemunho! Se vos falei de coisas terrestres, e não crestes, como creereis, se vos falar das celestiais?” Me seria inútil tentar falar-te das coisas celestiais, pois não te convenceriam, e a minha narração te pareceria cada vez mais tola. Se isso que te tenho ensinado, que é de caráter terrestre, e que te tenho ilustrado com coisas terrestres, que estão ao teu alcance podendo assim entendê-lo, não estão tendo o poder de convencer-te ao ponto em que abertamente venhas a tornar-se meu discípulo e seguidor, não te seriam mais convincentes as coisas celestiais caso viesse a falar delas, porque não as conheces, e como nenhum homem subiu ao céu, ninguém poderia confirmar o meu testemunho. Eu, somente eu que tenho descido do céu, posso entender as coisas celestiais. “Ora, ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem.”* Somente depois de ser

* As palavras “*que está no céu*” que aparecem em algumas versões da Bíblia (João 3:13) não se encontram nos manuscritos mais antigos e fidedignos.

gerado do Espírito é que se pode ter um conhecimento das coisas celestiais, e estas podem ser usufruídas apenas pelos seres nascidos do Espírito, como seres espirituais.

Vemos assim que ao explicar a natureza do reino aos que, por suas predisposições e educação, não podiam ter mais do que opiniões errôneas, acerca da fase terrestre deste, era exigida paciência da parte do Senhor. Entretanto, a eleição da classe do povo apropriado, para participação no reino do Messias prosseguia, ainda que apenas uns poucos tenham sido os escolhidos de Israel, a quem tal oferta foi feita, com exclusividade, por sete anos. Como Deus havia previsto, por causa de sua falta de preparação para ele, e pela sua falha em compreender e cumprir as condições exigidas, como nação, foi-lhes tirado o privilégio de participarem no reino do Messias, havendo-o aproveitado apenas um número reduzido. Logo em seguida, foi apresentado aos gentios, para que também fosse tomado dentre eles “um povo para o seu Nome”. Dentre estes, igualmente, apenas um número reduzido, “um pequeno rebanho”, têm apreciado tal privilégio, sendo contados dignos de serem co-herdeiros de seu reino e de sua glória.

Muito sério tem sido o erro introduzido na Igreja cristã nominal, de que, segundo o seu modo de entender, este reino se refere simplesmente à Igreja nominal em sua condição atual, e que sua obra é apenas uma obra da graça nos corações dos crentes. Este erro tem chegado a tal extremo, que a atual e ilegítima aliança da Igreja nominal com o mundo é considerada por muitos como o Reino de Deus na Terra. Certamente que, num certo sentido, a Igreja é atualmente o Reino de Deus, e, de fato, tem sido realizada a obra da graça nos corações dos crentes. Mas crer que isso é tudo, é negar que um verdadeiro e futuro Reino de Deus ainda está para ser estabelecido debaixo de todo o céu, sob o qual será feita a vontade de Deus assim como já é feita no céu. Significa também, anular e invalidar as mais diretas e destacadas promessas que, para

O Reino de Deus

nosso consolo e como auxílio para se vencer o mundo, nos foram dadas, a saber, por meio do Senhor, dos apóstolos e dos profetas.

Nas parábolas do Senhor, a Igreja frequentemente é denominada como sendo o reino, e o Apóstolo ao dizer que Deus nos tirou do poder das trevas, nos transportando para o reino do seu Filho amado, falava acerca dela como o reino sobre o qual Cristo agora reina. Nós, os que agora aceitamos a Cristo, reconhecemos que ele adquiriu o direito do domínio, e transbordamos de regozijo por voluntariamente lhe rendermos homenagem e obediência antes que, à força, estabeleça seu domínio no mundo. Reconhecemos a diferença que existe entre as leis justas que Ele implantará, e as deste reino de trevas que foi estabelecido pelo usurpador, atualmente príncipe deste mundo. A fê nas promessas de Deus transfere-lhe nossa submissão e lealdade. Reconhecemo-nos como súditos do novo Príncipe, e, por meio de sua graça e de seu favor, seremos co-herdeiros com Ele nesse reino que será estabelecido com poder e grande glória.

Mas isto, de maneira alguma anula as promessas de que finalmente o reino de Cristo virá a ser “de mar a mar, e desde o rio até as extremidades da terra” (Salmo 72:8) e que todos os domínios o servirão, obedecendo-lhe, dobrando-se assim, diante dele, todo joelho dos que estão nos céus e na terra. (Daniel 7:27; Filipenses 2:10) Antes, porém, a atual seleção do “pequeno rebanho” confirma estas promessas.

Ao examinarmos cuidadosamente as parábolas do Senhor, veremos claramente que elas ensinam como um acontecimento futuro a vinda ou estabelecimento do Reino de Deus com poder, certamente não terá lugar até a chegada do Rei. Isto pode ser visto na parábola de certo homem nobre que partiu para uma terra longínqua a fim de tomar posse de um reino e depois voltar, etc., que claramente localiza o estabelecimento do Reino na segunda vinda de Cristo (Lucas 19:11-15). Em confirmação disso, muitos anos depois, a mensagem enviada pelo Senhor à Igreja foi: “Sê fiel até a morte, e *dar-te-ei* a coroa da vida.” (Apocalipse 2:10) Deste

modo, logicamente se infere que os reis, que hão de estar associados com Ele quando for estabelecido o reino, não serão coroados e nem reinarão nesta vida.

Portanto, a Igreja no tempo atual não é o Reino de Deus estabelecido em poder e grande glória, mas somente o é em seu estado incipiente e embrionário. Tal fato é indicado por todos os textos do Novo Testamento que se referem a este ensino. Até agora, o reino dos céus é tomado à força por parte do mundo. Ao Rei maltrataram-no e crucificaram-no, e todos aqueles que seguem os seus passos, de uma maneira ou de outra, sofrerão perseguições e violência. Observamos, porém, que isto é um fato certo apenas quanto a Igreja *verdadeira*, mas não a respeito da igreja nominal. Não obstante, nos é feita a promessa de que se nós (a Igreja, o reino em embrião) sofreremos com Cristo, no tempo oportuno, quando Ele tomar para si o seu grande poder e começar a reinar, seremos glorificados e reinaremos com Ele.

Tiago (2:5), em harmonia com o ensino de nosso Senhor, nos disse que Deus tem escolhido os que são pobres e desprezados, segundo o ponto de vista do mundo, não para que reinem agora, mas como “*herdeiros do reino que prometeu*”. O Senhor disse: “Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!” (Marcos 10:23) É evidente que Ele não deu a entender que o reino é a Igreja nominal, que está reinando agora com o mundo, visto que os ricos não somente são aceitos, mas são forçados a entrar nela. Aos herdeiros do reino, Pedro exorta à paciência, à perseverança, à virtude e à fé dizendo-lhes: “Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis. Porque assim vos será amplamente concedida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.” — 2 Pedro 1:10, 11

Alguns creem que as palavras de Paulo em Romanos 14:17 se referem a um reino *figurativo*, mas quando são examinadas juntamente com o contexto, se manifesta claramente que esta passagem simplesmente significa o seguinte: Irmãos, nós, os que temos sido transportados para o reino do Filho amado de Deus, temos certos direitos quanto ao alimento e outras coisas, liberdades

O Reino de Deus

que não desfrutávamos como judeus sob a lei (verso 14). No entanto, é melhor não tirarmos proveito destas liberdades caso sejam motivos de tropeço ou entristeçam a consciência dos irmãos que ainda não se deram conta dessas liberdades. Ao fazermos uso de nossas liberdades, que não venhamos a dar margem causando assim dano ao nosso irmão por quem Cristo morreu, mas lembremo-nos de que os privilégios do reino, tanto agora como no futuro, consistem em maiores bênçãos do que a liberdade quanto ao alimento. Estas bênçãos são a nossa liberdade quanto a fazermos o bem, termos paz com Deus pelo nosso Senhor Jesus Cristo, e nossa alegria quanto a participarmos do Espírito Santo de Deus. Estas liberdades do reino (agora e para sempre) são tão grandiosas que as liberdades menores referentes ao alimento, podem muito bem ser sacrificadas, quando for necessário, em benefício de um irmão.

Deste modo não importa sob que ponto de vista bíblico encaremos este assunto, descobrimos que as Escrituras contradizem a ideia de que as promessas do reino são apenas enganosas e míticas, ou que as condições atuais são o cumprimento destas promessas.

Para a Igreja primitiva, as promessas de honra, e de serem co-herdeiros com Cristo, serviram de estímulo para que permanecessem fiéis sob as angústias e perseguições que de antemão se lhes havia dito que encontrariam. Dentre as palavras animadoras e cheias de consolo que encontramos no Apocalipse sendo dirigidas às sete igrejas, as seguintes palavras se destacam em esplendor e doçura: “Ao que vencer, eu lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no seu trono.” “Ao que vencer, eu lhe darei poder sobre as nações”.

Estas promessas não podem ser entendidas como se referindo a uma obra da graça que está sendo efetuada atualmente no coração. Tampouco se referem a um reino sobre as nações na vida atual, visto que aqueles que serão vencedores apenas o serão *morrendo* no serviço, para que possam ganhar assim as honras do reino. - Apocalipse 20:6

Quão certo é que a natureza humana procura evitar o sofrimento e está sempre disposta a buscar e tomar posse da honra e do poder! É por isso que observamos, mesmo no tempo dos apóstolos, alguns dos membros da Igreja dispostos a se apropriarem, na vida atual, das promessas de honra e poder futuros, e comecem a agir como se já houvesse chegado o tempo para que o mundo honrasse e obedecesse à Igreja. O apóstolo Paulo escreve corrigindo este erro, sabendo que tais ideias teriam um efeito prejudicial sobre a Igreja, por cultivar nela o orgulho, desviando-a do caminho do sacrifício. Disse-lhes ironicamente: “Já estais fartos! já estais ricos! sem nós reinais!” E logo com ardor acrescenta: “E quisera reinásseis para que também nós (os perseguidos apóstolos) viéssemos a reinar convosco!” (1 Coríntios 4:8) Estas pessoas desfrutavam do privilégio de serem cristãos enquanto se empenhavam em obter do cristianismo, e com ele, toda a honra que fosse possível. O Apóstolo sabia muito bem que se eles continuassem *fiéis* como seguidores do Senhor, não se encontrariam em tal condição. Portanto, Paulo lhes lembrou que se na verdade houvesse chegado o reino, por tanto tempo esperado, então ele se encontraria reinando tanto quanto eles. E visto que, por causa de sua fidelidade ele estava sofrendo pela verdade, isso provava que o reinado *deles* era prematuro, e um laço, em vez de ser algo do qual deveriam se vangloriar. Logo, com um toque irônico acrescenta: “Nós (apóstolos e fiéis seguidores) somos loucos por amor (causa) de Cristo, e vós sábios em Cristo; nós fracos, e vós fortes; vós ilustres, e nós vis [desprezíveis].” Não escrevo estas coisas meramente para vos envergonhar, mas tenho um objetivo maior e mais nobre — PARA VOS ADMOESTAR; pois o caminho de honras agora não conduz à glória nem à imortalidade que *há de ser* revelada. Apenas o sofrimento e a abnegação de si mesmo, constituem o caminho apertado que conduz à glória, honra, imortalidade e ao privilégio de serem co-herdeiros com Cristo no Reino. Exorto-vos, portanto, a que vos torneis *meus imitadores*. Sofrei, sede injuriados e perseguidos agora para que comigo possais participar da coroa da vida, a qual o Senhor, o justo Juiz, me dará *naquele dia*; e não somente a mim,

O Reino de Deus

mas também a todos os que amarem a sua vinda [aparecimento, NTJ]. — 1 Coríntios 4:10-17; 2 Timóteo 4:8

Mas, depois que a Igreja primitiva havia sofrido fielmente muitíssimas perseguições, começaram a ser propagadas teorias de que a missão da Igreja era conquistar o mundo, estabelecer o reino dos Céus sobre a Terra, e reinar sobre todas as nações *antes* da segunda vinda do Senhor. Isto serviu de base para a intriga mundana, a pompa, o orgulho, a ostentação e as cerimônias da Igreja, com a intenção de impressionar e cativar, inspirando assim temor no mundo, passo a passo conduzindo-a até as grandiosas alegações proferidas pelo Papado, visto que sendo eles o reino de Deus sobre a terra, teriam o direito de exigir o respeito e a obediência as suas leis e aos seus agentes, em todas as nações, povos e tribos. Sob esta falsa alegação (e aparentemente lograram enganar-se tanto a si mesmos como aos demais), o Papado, por algum tempo, coroava e destronava os reis por toda a Europa, e ainda hoje em dia pretende ter essa autoridade, apesar de achar-se agora incapacitado para pô-lo em prática.

O Protestantismo tem seguido a mesma ideia do Papado, pois também alega, embora uma maneira mais vaga, que de algum modo o reinado da Igreja segue progredindo. Do mesmo modo que os coríntios, seus aderentes já estão fartos! Já estão ricos! E já chegaram a reinar! Quão graficamente os descreve o nosso Senhor! (Apocalipse 3:17, 18) Tal coisa tem acontecido até ao ponto extremo em que os membros nominais da Igreja - os não realmente convertidos, que não são trigo na realidade, mas antes joio, a imitação do trigo - excedem grandemente o número dos verdadeiros discípulos de Cristo. Estes, decididamente se opõem à abnegação e ao verdadeiro sacrifício, não querendo sofrer perseguições pelo amor da justiça [pela verdade]. No mais, por pura formalidade, praticam certos tipos de jejum, e coisas do estilo. Na realidade, estão reinando com o mundo, e não estão se preparando para participar no verdadeiro reino, que será estabelecido pelo nosso Senhor em sua segunda presença.

Qualquer observador cuidadoso se dará conta da evidente incongruência entre esta opinião e os ensinamentos de Jesus e dos

O Plano das Eras

apóstolos. Eles ensinaram que não pode haver reino antes que venha o Rei. (Apocalipse 20:6; 3:21; 2 Timóteo 2:12) Consequentemente, o reino dos céus deve sofrer violência *até* esse tempo, em que será estabelecido com poder e grande glória.

AS DUAS FASES DO REINO DE DEUS

Embora seja verdade que o nosso Senhor disse, que o Reino de Deus *não vem* - não faz sua primeira aparição - com aparência exterior, entretanto, no tempo oportuno, por meio de sinais externos, visíveis e inequívocos, será manifestado a todos. Quando for plenamente estabelecido, consistirá de duas partes, a fase espiritual ou celestial e a fase humana ou terrestre. A fase espiritual sempre será invisível aos homens, visto que aqueles que hão de formá-la serão da natureza divina, espiritual, a qual nenhum dos homens tem visto, nem pode ver (1 Timóteo 6:16, IBB; João 1:18). Mas, seu poder e sua presença serão grandiosamente manifestados principalmente por meio de seus representantes humanos, que constituirão a fase terrestre do Reino de Deus.

Os santos vencedores da Era Evangélica - o Cristo, Cabeça e corpo - serão os que hão de compor a fase espiritual do reino, ao serem glorificados. Sua ressurreição e exaltação ao poder, irão preceder à ressurreição que ocorrerá para todos os demais, visto que, por meio desta classe, todos os outros serão abençoados. (Hebreus 11:39, 40) A ressurreição deles é a *primeira ressurreição*. (Apocalipse 20:5)* A grandiosa tarefa que

* Neste versículo (ARA) as palavras "*os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos*", são espúrias. Não se encontram nos manuscritos gregos mais antigos e de maior crédito, tais como o Sinaítico e o Vaticano n.ºs. 1209 e 1160. Tampouco se encontram no manuscrito Siríaco. Devemos nos lembrar que muitas passagens que se encontram nas cópias mais recentes [dos mss. gregos] são *interpolações* que não pertencem apropriadamente à Bíblia. Visto que é ordenado que não acrescentemos nada à Palavra de Deus, é nosso dever repudiar tais interpolações tão logo se comprove o seu falso caráter. As palavras indicadas provavelmente foram introduzidas no texto acidentalmente, no quinto século, visto que nenhum manuscrito de data anterior (quer seja grego, quer seja siríaco) contém esta cláusula. Provavelmente, no princípio, eram apenas um *comentário marginal* escrito por algum leitor, tentando dar

O Reino de Deus

empreenderá esta gloriosa companhia [congregação] ungida - o Cristo - requer a sua exaltação à natureza divina, e somente o poder divino poderá realizá-la. Sua obra estará relacionada não somente a este mundo, mas também a todas as coisas *no céu e na terra*, tanto entre os seres espirituais como entre os humanos. — Mateus 28:18; Colossenses 1:20; Efésios 1:10; Filipenses 2:10; 1 Coríntios 6:3

A tarefa da fase terrestre do Reino de Deus será limitada a este mundo e à humanidade. Os que hão de ser altamente honrados

sua opinião acerca do texto, sendo assim acrescentado ao texto por algum transcritor subsequente que não soube distinguir entre o texto e o comentário.

Entretanto, o repúdio desta cláusula não é essencial ao “Plano” que é apresentado aqui, visto que o restante dos mortos — o mundo em geral — no pleno sentido da palavra, não *viverá* outra vez até o final dos mil anos, no sentido em que Adão *viveu* antes de pecar e cair sob a sentença “*morrendo morrerás*”. A vida perfeita, sem fraquezas e nem agonia, é o único sentido em que Deus reconhece a palavra *vida*. Segundo seu ponto de vista [de Deus], o mundo inteiro tem perdido a vida, e pode ser considerado mais apropriadamente como que estando *morto* ao invés de *vivo*. — 2 Coríntios 5:14; Mateus 8:22

A palavra *ressurreição* (do grego *anastasis*) significa *levantamento*. Com referência ao homem, significa *levantá-lo* da condição na qual caiu, para a plena perfeição da vitalidade que perdeu por causa de Adão. A perfeição *da qual* nossa raça caiu, será a perfeição por meio da qual gradualmente será soerguida durante a Era Milenar, o tempo da restituição ou ressurreição (levantamento). A Era Milenar não é apenas uma era de prova, mas também de bênçãos, na qual, por meio da ressurreição ou restituição da *vida*, tudo o que *foi perdido* será restaurado àqueles que adquirirem conhecimento e quando lhes for apresentada a oportunidade de obedecerem com alegria. O processo da ressurreição será gradual, e exigirá toda essa era para o seu pleno cumprimento; ainda que o despertar para o usufruto de certa medida de raciocínio e vida, como os atuais, venha a ser possivelmente instantâneo. Por conseguinte, será apenas após o término dos mil anos que a raça humana virá a obter a plena medida de vida que perdeu em Adão. E visto que, tudo que não é vida perfeita é considerado como estando numa condição de morte parcial, deduzimos que, apesar de não serem autênticas as palavras em discussão, seria estritamente verdadeiro dizer, que o restante *dos mortos não viverá* outra vez (não voltarão a obter a plenitude de vida que perderam) até que os mil anos de restituição e bênção sejam completados.

O Plano das Eras

para tomar parte nela, serão os mais exaltados e glorificados por Deus dentre os homens. Estes compõem a classe da qual se faz referência no estudo VIII (Pág. 145), cujo dia do juízo foi antes da Era Evangélica. Havendo sido provados e achados fiéis, ao serem ressuscitados não serão conduzidos de novo ao juízo, mas imediatamente receberão a recompensa de sua fidelidade — instantaneamente serão ressuscitados à perfeição *humana* (todos os demais e os da classe espiritual, serão *gradualmente* erguidos até a perfeição durante a Era Milenar). Assim, a referida classe estará pronta desde então, para sua grande tarefa, como agentes humanos de Cristo na obra de restaurar e abençoar o restante da humanidade. Assim como a natureza espiritual é necessária para que se cumpra a obra de Cristo, igualmente, a natureza humana perfeita é apropriada para a futura execução da obra que será realizada entre os homens. Estes ministrarão entre os homens e poderão ser vistos por eles, ao mesmo tempo em que a glória de sua perfeição será um exemplo constante e um incentivo para que os demais procurem obter a mesma perfeição. O fato de que estes dignos da antiguidade [ou antigos dignos] se encontrarão na fase humana do reino, sendo assim vistos pela humanidade, é testemunhado pelas palavras de Jesus ao dirigir-se aos descrentes judeus que o rejeitavam, quando lhes disse: Vereis “Abraão, e Isaque, e Jacó, e todos os profetas no reino de Deus”. [Lucas 13:28] Não devemos passar por alto o fato de que o Mestre não fez menção, de que ele mesmo, ou os apóstolos seriam vistos juntamente com Abraão. Os homens poderão ver e misturar-se com a fase terrestre do reino, mas não com a espiritual, e é bem certo, que muitos se sentirão bastante desgostosos, por haverem desprezado tão grande honra.

Não nos é fornecida informação explícita quanto à maneira exata em que operarão harmoniosamente estas duas fases do reino celestial. No entanto, nos tratos de Deus com Israel, por meio de seus representantes, Moisés, Arão, Josué, os profetas, etc., temos uma ilustração da maneira em que *possivelmente* operarão, embora as manifestações futuras do poder divino venham a exceder em

O Reino de Deus

muito as dessa era típica, visto que a obra da era vindoura abrangerá o despertar de todos os mortos e a restauração dos *obedientes* à perfeição. Esta obra exigirá o estabelecimento de um governo perfeito entre os homens, com homens perfeitos em posições de poder, para que possam dirigir os negócios do Estado de uma maneira benéfica e apropriada. Será necessário também pôr em ação adequadas conveniências educacionais, assim como várias medidas filantrópicas. E esta nobre tarefa de elevar a raça humana, a passos firmes e certos (sob a direção dos membros espirituais invisíveis desse mesmo reino), é a mais alta honra designada aos dignos da antiguidade, e para desempenhar tal papel, virão preparados tão logo finalize a demolição dos reinos do mundo e Satanás, seu príncipe, tenha sido amarrado. Então como representantes do reino celestial, divinamente enaltecidos e honrados, receberão a honra e a cooperação de todos os homens.

A obtenção de um lugar na fase terrestre do reino de Deus será o auge de todos os desejos e aspirações legítimas do coração humano perfeito. A partir do momento em que se entre na posse de tal lugar, esta será uma porção gloriosa e satisfatória. Além disso, a glória irá acumulando-se à medida que o tempo avance e a bendita tarefa prosseguir. E quando, no fim dos mil anos, o Cristo (auxiliado em grande escala pela ação destes nobres colaboradores humanos) tiver cumprido a grandiosa obra da restituição, quando toda a raça humana (com exceção dos incorrigíveis - Mateus 25:46; Apocalipse 20:9) se encontrar perante a presença de Jeová, aprovada, sem mácula, nem ruga e nem qualquer outra coisa semelhante, estes que serviram como instrumentos para concluir tal obra resplandecerão “como as estrelas sempre e eternamente” (Daniel 12:3) dentre os demais homens, diante de Deus, de Cristo e dos anjos. Sua obra de amor jamais será esquecida pelos seus gratos companheiros. Ficarão eternamente guardadas na memória. - Salmo 112:6

Mas, por maior que seja a crescente glória desses homens perfeitos, que constituirão a fase terrestre do reino, a glória dos que

O Plano das Eras

constituem a fase celestial a sobrepujará. Ainda que por toda a eternidade os primeiros venham a resplandecer como as estrelas, os outros resplandecerão como o fulgor do firmamento - como o sol. (Daniel 12:3) Tanto as honras da terra, como as honras do céu, serão postas aos pés do Cristo. A mente humana pode ter uma ideia aproximada, mas não pode claramente conceber a glória que por inumeráveis eras da eternidade há de ser revelada em Cristo. — Romanos 8:18; Efésios 2:7-12

Por meio destas duas fases do reino será cumprida a promessa feita a Abraão: “Em ti e em tua descendência serão benditas todas as famílias da terra”. “Multiplicarei a tua descendência como as estrelas do céu, e como a areia que está na praia do mar” - uma descendência espiritual e uma descendência terrestre, ambas usadas por Deus como instrumentos para abençoar o mundo. As duas fases das promessas foram claramente vistas por Deus e por Ele designadas desde o princípio, mas apenas a fase terrestre foi discernida por Abraão. Ainda que Deus escolhesse dentre a descendência natural os principais da classe espiritual (os apóstolos e outros), e oferecesse a bênção principal, a espiritual, a todos os membros da nação de Israel que viveram no tempo oportuno para a vocação celestial, tudo isto foi favor sobre favor, muito mais do que Abraão pôde discernir acerca da Aliança.

Em Romanos 11:17 o apóstolo Paulo nos fala sobre a aliança feita com Abraão como sendo a raiz donde o Israel carnal cresceu *naturalmente*, mas na qual os crentes gentios foram *enxertados* quando os ramos naturais foram quebrados por causa da incredulidade. Isto prova o cumprimento dobrado da promessa em desenvolvimento das *duas descendências*, a terrestre (humana) e a celestial (espiritual) que constituirão as duas fases do reino. Esta aliança original tem duas ramificações, das quais cada uma, em sua ressurreição, dará o seu fruto perfeito, embora sejam diferentes - as classes humana e espiritual, no poder do reino. Na ordem do desenvolvimento, os que hão de ser governantes na fase terrestre foram primeiramente preparados, e em seguida os da fase celestial.

Mas na ordem de grandeza quanto à posição e ao tempo de posse no ofício, primeiramente serão os espirituais, e em seguida os terrestres. Entretanto, muitos que são os primeiros serão os últimos, e muitos que são os últimos serão os primeiros. — Mateus 19:30; Lucas 16:16

A promessa feita a Abraão, da qual Estevão faz referência em Atos 7:5, e na qual Israel confiava, era terrestre, referente à *terra*. Estevão disse que Deus “prometeu que lhe daria a posse dela”. E Deus disse a Abraão: “Levanta agora os teus olhos, e olha desde o lugar onde estás, para o lado do norte, e do sul, e do oriente e do ocidente; porque toda esta *terra* que vês, te hei de dar a ti, e à tua descendência, para sempre. E farei a tua descendência como o pó da terra; de maneira que se alguém puder contar o pó da terra, também a tua descendência será contada. Levanta-te, percorre essa terra, no seu comprimento e na sua largura; porque a ti a darei.” (Gênesis 13:14-17) Estevão indica que esta promessa *terá que* ser cumprida ao afirmar que Deus, apesar de ter oferecido a terra a Abraão, “não lhe deu nela [na terra] herança, nem ainda o espaço de um pé”.

O Apóstolo ao escrever acerca desta mesma classe de dignos da antiguidade - Abraão e outros - confirma a declaração feita por Estevão de que a promessa feita a Abraão ainda não se cumpriu. Logo depois assegura que estas promessas terrestres não podem cumprir-se, e nem se cumprirão até que sejam cumpridas as superiores promessas celestiais referentes ao Cristo (Cabeça e corpo). Disse que todos estes morreram em fê, contudo não alcançaram a promessa [“não obtiveram, contudo, a concretização da promessa” - ARA]; visto que Deus provera alguma coisa melhor a nosso respeito [o Cristo], para que *eles*, sem *nós*, não fossem aperfeiçoados. (Hebreus 11:13, 39, 40) Deste modo é indicado outra vez que o Redentor e Restaurador é espiritual, havendo ofertado sua vida humana como sacrifício por todos. Também é indicado que desta classe espiritual, que será enaltecida soberanamente, hão de emanar todas as bênçãos, ainda que, para

isso, seja concedida a alguns a honra de serem seus instrumentos ou agentes. — Romanos 12:1; Gálatas 3:29

Desta forma nos damos conta de que a fase terrestre do reino será israelítica. E em torno deste fato positivo estão reunidas numerosas profecias relacionadas com a proeminência desta nação no plano de Deus, para a futura bênção do mundo da humanidade, quando seu tabernáculo, agora jazendo no pó, será então reedificado, e Jerusalém se tornará objeto de louvor em toda a terra. Tanto os profetas como os apóstolos dizem claramente que quando chegarem os tempos da restauração, dentre todas as nações, Israel será a primeira que virá a estar em harmonia com o novo estado de coisas, que a Jerusalém terrestre será reedificada sobre suas antigas ruínas, e que seu governo, como no princípio, estará sob juízes ou príncipes. (Isaías 1:26; Salmo 45:16; Jeremias 30:18) De modo razoável, que mais poderia se esperar, senão que Israel se regozijasse primeiramente ao reconhecer os patriarcas e os profetas? Acaso poderíamos esperar menos, em vista de seu conhecimento da lei, e de sua prolongada disciplina debaixo desta, que os preparou para a submissão e obediência nesse tempo em que o reino será estabelecido com grande autoridade? Somos também informados, segundo está escrito, que quando Israel for a primeira das nações a ser reconhecida e abençoada, que “Jeová salvará primeiro as tendas de Judá”. - Zacarias 12:7, TB

Não consideraremos se é importante entrarmos em discussão quanto ao lugar onde se deve buscar as “tribos perdidas de Israel”. Alguns alegam que essas “tribos perdidas” genealogicamente constituem certas nações civilizadas dos nossos dias. Pode ser que isto seja correto, como também pode ser que não o seja. Embora algumas das provas que são apresentadas não careçam de fundamento, porém, em geral, não são mais do que inferências e conjecturas. E ainda que possa ser provado, de modo claro e convincente, que algumas das nações civilizadas descendem das tribos perdidas, isto *não* provaria ser *vantagem* alguma para eles sob a “celestial” “soberana vocação”, visto que desde sua rejeição

O Reino de Deus

como nação, não se faz distinção alguma entre judeu e grego, escravo e livre. Se tais conjecturas chegarem a ser comprovadas (pois ainda não foram), estariam em perfeita harmonia com as profecias e as promessas referentes a essa nação que ainda estão à espera de seu cumprimento, durante e sob a fase terrestre do reino.

O apego natural, assim como certa medida de persistente confiança nas promessas que por tanto tempo têm esperado, junto com todas as suas ideias naturais pré-concebidas, irão favorecer em muito uma rápida e ampla aceitação dos novos governantes por parte de Israel. Do mesmo modo, o costumeiro hábito de obediência, em certo grau à lei, também tornará mais favorável que venham a estar rapidamente em harmonia com os princípios do novo governo.

Assim como Jerusalém, sob o reino típico de Deus, foi a capital do império, novamente ela ocupará o mesmo posto e será “a cidade do grande Rei”. (Salmo 48:2; Mateus 5:35) Uma cidade simboliza um reino ou domínio, e assim o Reino de Deus é simbolizado pela Nova Jerusalém, o novo domínio descendo desde o céu até a terra. Primeiramente consistirá somente da classe espiritual, a Esposa de Cristo, a “Noiva adornada”, que gradualmente conforme João a viu, irá descendo do céu, isto é, gradualmente irá estabelecendo-se no poder à medida que os governos do tempo atual venham a ser esmiuçados no dia do Senhor. Entretanto, no tempo oportuno, a fase terrestre desta cidade ou governo será estabelecida e constituída pelos dignos da antiguidade. Não haverá duas cidades (governos), mas uma só cidade, um só governo celestial, aquela cidade esperada por Abraão: “A cidade que tem fundamentos” - um governo estabelecido de acordo com a justiça, fundado sobre a rocha firme da justiça de Cristo, o Redentor, sobre o preço do resgate que deu pelo homem, e sobre a firmeza da justiça divina, que atualmente não pode condenar o homem redimido, assim como também antes não podia escusar o culpado. - Romanos 8:31-34; 1 Coríntios 3:11

O Plano das Eras

Gloriosa cidade de Paz! Cujos muros oferecem proteção, salvação e bênçãos a todos os que entram nela, cujos fundamentos, firmemente colocados sobre a justiça, nunca serão abalados, cujo arquiteto e edificador é Deus! Sob o luminoso esplendor dos gloriosos raios que emanam desta cidade (reino) de Deus, as nações (os gentios) andarão pelo caminho santo, até chegarem à perfeição, vindo assim a estarem em plena harmonia com o Criador. — Apocalipse 21:24

Quando, conforme já vimos, no final do Milênio todos os da humanidade alcançarem a perfeição, e forem admitidos como membros do Reino de Deus, assim como foi designado no princípio, lhes será dado o domínio absoluto da terra, tornando-se cada homem um soberano - um rei. Isto é claramente demonstrado na simbólica profecia de João (Apocalipse 21:24-26*). Em sua visão não apenas viu as nações andando através da luz da gloriosa cidade, mas também viu os reis entrar nela em glória, não podendo entrar ali coisa alguma ou pessoa impura. Ninguém que anteriormente não tenha sido plenamente provado, ninguém que ame ou pratique o engano e a injustiça, poderá chegar a ser identificado com essa cidade ou governo. Somente àqueles que o Cordeiro reconhecer como dignos da vida eterna, dirá: “Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado”.

Portanto, apesar de que certamente a cidade de Jerusalém virá a ser reconstruída e que provavelmente chegará a ser a capital do mundo, devemos nos lembrar de que muitas das profecias que mencionam Jerusalém, juntamente com sua glória futura, se referem sob este símbolo, ao Reino de Deus que há de ser estabelecido com grande esplendor.

* No versículo 24 a expressão ‘dos salvos’ e a palavra ‘honra’ foram acrescentadas, pois não se encontram nos mais antigos e autênticos manuscritos bíblicos. [Nota: Veja a publicação, *Topical Index for Studies in the Scriptures and Other Helps*, em inglês, p. 338]

O Reino de Deus

Com respeito à futura glória da fase terrestre do reino, que se acha representada sob o nome de Jerusalém, os profetas, falando em termos ardorosos, clamam: “Clamai cantando, exultai juntamente, desertos de Jerusalém; porque o SENHOR (Jeová) consolou o seu povo, remiu a Jerusalém.” “Porque eis que crio para Jerusalém uma alegria, e para o seu povo gozo”. “Regozijai-vos com Jerusalém, e alegrai-vos por ela, ... e vos deleiteis com a abundância da sua glória. Porque assim diz o SENHOR: Eis que estenderei sobre ela a paz como um rio, e a glória dos gentios [nações, IBB] como um ribeiro que transborda”. “Naquele tempo chamarão a Jerusalém o trono do SENHOR; e todas as nações se ajuntarão a ela”. “E irão muitos povos e dirão: Vinde, subamos ao monte [reino] do SENHOR, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos nas suas veredas; porque de Sião [a fase espiritual] sairá a lei, e de Jerusalém [a fase terrestre] a palavra do SENHOR.” — Isaías 52:9; 65:18; 66:10-12; Jeremias 3:17; Isaías 2:3

Ao levarmos em conta as preciosas promessas de bênçãos futuras feitas a Israel, e enquanto esperamos o cumprimento exato destas para este povo, é bom lembrarmos que, como povo, são tanto típicos como também, apropriadamente, reais. Num certo aspecto são típicos da humanidade inteira. Sua Aliança da Lei - “obedecei e vivereis” - era típica da Nova Aliança que será estabelecida com o mundo durante o Milênio e as eras vindouras.

O sangue da expiação debaixo de sua aliança típica, e o sacerdócio que o espargia sobre os que compunham essa nação, tipificavam o sangue da Nova Aliança e o Sacerdócio Real, que durante o milênio do reino de Cristo na terra, fará uso desse sangue para purificar e abençoar todo o mundo. Assim, seu sacerdócio tipificava o Cristo, e a nação de Israel tipificava todos aqueles por quem o sacrifício verdadeiro foi efetivado, e sobre quem as verdadeiras bênçãos hão de ser derramadas - “todos os homens”, “todo o mundo”.

Lembre-mo-nos também ainda que as bênçãos futuras, do mesmo modo que as bênçãos do passado, serão primeiramente derramadas sobre os judeus, e em seguida sobre os gentios.

O Plano das Eras

Apenas no que diz respeito ao tempo é que os judeus terão a prioridade quanto ao favor divino. E isto, conforme já indicamos, será a consequência natural de sua experiência anterior sob a Lei, que no tempo oportuno terá cumprido seu propósito designado de trazê-los a Cristo. Ainda que no primeiro advento apenas um pequeno número deles foi conduzido a Cristo por meio da Lei, todavia, serão trazidos como povo no segundo advento, e como povo serão as primícias dentre as demais nações. Finalmente, todas as bênçãos prometidas a Israel, com exceção das pertencentes às classes escolhidas, serão não apenas cumpridas para com eles, mas também receberão o cumprimento tipificado - sobre todas as famílias da terra. Debaixo desse governo, Deus “recompensará cada um segundo as suas obras... glória, porém, e honra e paz a qualquer que pratica o bem; primeiramente ao judeu e também ao grego; porque, para com Deus, não há acepção de pessoas”. — Romanos 2:6, 10, 11

O apóstolo Paulo nos chama a atenção especialmente da certeza das promessas de Deus a Israel no futuro; também indica os favores que perderam por causa de sua incredulidade, e os que, todavia, ainda são certos. Diz: O que Israel busca isso *não alcançou* - o principal lugar na graça e no serviço divinos - por causa do orgulho, de sua incredulidade e dureza de coração. Paulo não se refere aqui a todas as gerações de Israel, desde o tempo de Abraão, mas às gerações existentes na primeira vinda. Suas palavras também poderiam ser aplicáveis a todas as suas gerações que têm vivido durante a Era Evangélica, a era em que o favor principal tem sido oferecido - a vocação celestial para participarem da natureza divina e serem co-herdeiros com Cristo. Israel, como povo, não reconheceu e nem se apegou a este favor. Embora Deus, por meio do Evangelho, tenha visitado os gentios e chamado muitos dentre eles, estes, assim como o Israel carnal deixarão de receber o prêmio celestial. Não obstante, uma classe, um remanescente, um pequeno rebanho, dentre todos os que têm sido chamados, dá atenção ao chamamento, e por meio do sacrifício e da obediência, fazem firme a sua vocação e eleição. Assim, o que Israel como povo não obteve, e aquilo que a Igreja cristã nominal

também deixa de obter, será dado à classe escolhida, o fiel “corpo de Cristo” - eleito ou escolhido (segundo a presciência de Deus) pela santificação do espírito e fé na verdade. — 2 Tessalonicenses 2:13; 1 Pedro 1:2

Embora Israel, por haver rejeitado o Messias, tenha perdido toda esta graça especial, todavia, Paulo mostra que isto não prova que foram inteiramente cortados da graça de Deus, visto que eles ainda têm o mesmo privilégio a ser desfrutado pelo restante da humanidade, de serem enxertados em Cristo e de receberem os favores espirituais, se ao ouvirem o chamado, o aceitarem com fé. Isto se dará porque, conforme Paulo afirma, Deus é poderoso para os enxertar novamente, como que enxertando os ramos do zambujeiro, caso se mostrem dispostos, e não permaneçam mais na incredulidade. — Romanos 11:23, 24

Além disso, Paulo argumenta que apesar de Israel ter perdido a bênção principal, “o que buscava”, o lugar mais proeminente no reino de Deus, porém, ainda está para serem cumpridas grandiosas promessas que serão realizadas neles, pois Paulo raciocina que, os dons e as vocações, as alianças e as promessas de Deus, não passarão sem que venham a ser cumpridas. Deus, que conhece o fim desde o princípio, sabia que Israel rejeitaria o Messias, e em vista disso, as inequívocas promessas que lhes fez, nos dão a garantia de que a nação de Israel ainda será usada no serviço de Deus, como agência ou canal para abençoar o mundo, embora “o que Israel busca, isso não o alcançou” - o favor principal. Em seguida Paulo demonstra que as promessas que Deus pactuou com Israel eram de tal natureza que não assinalavam definitivamente se, como povo, seriam a descendência celestial ou a descendência terrestre - se herdariam e realizariam os serviços superiores ou inferiores mencionados nas promessas. Deus manteve em segredo o superior favor espiritual até o tempo oportuno, e as promessas que lhes foram feitas mencionavam apenas os favores terrestres, embora também os tenha favorecido brindando-lhes com a primeira oportunidade de obter esse favor espiritual, concedendo-lhes desta maneira mais daquilo que lhes fora prometido. Resumindo: As promessas celestiais estavam ocultas nas terrestres.

O Plano das Eras

Estas promessas, disse Paulo, não podem falhar, e, portanto, o fato de que a primeira oferta deste favor oculto foi dirigida a Israel, e este cegamente o rejeitou, em nenhum grau anula ou invalida o outro caráter da promessa. Por causa disso, Paulo disse que, embora Israel como nação tenha sido rejeitada durante o tempo em que a Noiva de Cristo é eleita dentre judeus e gentios, entretanto, chegará o dia em que tendo sido completado o Libertador (o Cristo, Cabeça e corpo), o favor divino retornará ao Israel carnal, e o glorioso libertador desviará de Jacó* as impiedades; e assim todo Israel será salvo [recobrado ao favor], assim como está escrito pelo profeta. As palavras do Apóstolo são como segue: —

“Porque não quero, irmãos, que ignoreis este segredo (para que não presumais de vós mesmos): que o endurecimento veio em parte sobre Israel, *até* que a plenitude dos gentios haja entrado; [até que se tenha completado o número total de escolhidos dentre os gentios]. E assim todo o Israel será salvo, como está escrito: ‘De Sião virá o Libertador [o Cristo, Cabeça e corpo], e desviará de Jacó as impiedades (a impiedade ou incredulidade)’; ‘e esta será a minha aliança com eles, quando eu tirar os seus pecados.’ Assim que, quanto ao EVANGELHO, são inimigos por causa de vós; mas, quanto à eleição, amados por causa dos pais. Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento [irrevogáveis, AL21; NTJ]. Porque assim como vós [gentios] também antigamente fostes desobedientes a Deus, mas agora alcançastes misericórdia pela desobediência deles, assim também estes agora foram desobedientes, para também alcançarem [às mãos da Igreja glorificada] misericórdia pela misericórdia a vós demonstrada. Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência, para com todos usar de misericórdia. [Compare Romanos 5:17-19]. Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus!” — Romanos 11:25-33

* Na Bíblia o Israel espiritual jamais é denominado sob o nome de “Jacó.” Este nome aplica-se apenas ao Israel carnal.

O Reino de Deus
OS HERDEIROS DO REINO

“Quem subirá ao monte [o reino — o termo *monte* é usado como símbolo do reino] de Jeová? E quem estará no seu santo lugar [o templo]? Aquele que é limpo de mãos e puro de coração.” — Salmo 24:3, 4, TB

A cidade de Jerusalém estava edificada sobre o cume de um monte - um cume duplo, porque o vale de Tiropeom o dividia em duas partes. Porém, era uma só cidade rodeada por um muro e suas duas partes unidas por meio de pontes. Sobre um destes cumes estava edificado o Templo. Podemos entender isso como um símbolo da união das qualidades reais e sacerdotais da Igreja glorificada, o Reino de Deus sob as suas duas fases - o templo espiritual, não de origem humana, mas de uma nova natureza, espiritual (Hebreus 9:11) unido, mas ao mesmo tempo separado da fase terrestre.

Parece que Davi se refere aos dois lugares. Estar na cidade era considerado uma honra, mas muito maior honra era ascender ao santo templo, para o sagrado recinto no qual somente os sacerdotes podiam entrar. Davi indica que a pureza de vida e a sinceridade de coração são muito necessárias para todo aquele que deseja alcançar quaisquer destas honras. Os que desejam pertencer ao Sacerdócio Real são exortados a serem puros, da mesma maneira que o Sumo Sacerdote da nossa confissão é puro, para que deste modo possam ser considerados dignos de serem seus co-herdeiros. E todo aquele que nele tem esta esperança, purifica-se a si mesmo, assim como Ele é puro. Conforme indicamos, esta é a pureza de *propósito*, que é reconhecida em nós como uma pureza efetiva, por ser imputada em nós a pureza de Cristo, a qual, enquanto nos esforçamos para não andar *segundo* a carne, mas *segundo* o espírito, supre nossas inevitáveis fraquezas e nos compensa pelas nossas inevitáveis deficiências.

Porém, não nos esqueçamos de que a pureza, a sinceridade e a completa consagração a Deus são essenciais da parte de todo aquele que deseja entrar no Reino de Deus em quaisquer das duas fases. Este foi o caso com os dignos da antiguidade, aqueles que sob Cristo, herdarão a fase terrestre do Reino. Eles amavam a

O Plano das Eras

justiça e odiavam a iniquidade; ficavam contristados e demonstravam arrependimento quando chegavam a ser surpreendidos em algum delito, ou quando tropeçavam por causa de alguma fraqueza ou contínua tentação. Da mesma maneira que têm ocorrido com os fiéis da Era Evangélica, assim também se sucederá com todos os da Era Milenar, quando o Espírito de Deus, o espírito da verdade, for derramado sobre toda a carne. Os vencedores dessa era também necessitarão esforçar-se para desenvolver a pureza de coração e de vida, se, sob o plano de Deus, quiserem obter o direito de entrar na cidade - no reino preparado para eles desde a fundação do mundo - o domínio original restaurado.

O REGIME DE FERRO

Erroneamente muitos estão imaginando que quando for inaugurado o Reino Milenar de Cristo todos se sentirão satisfeitos sob seu governo. Este, porém, não será o caso. Seus regulamentos serão muito mais estritos do que os de governos anteriores, e as liberdades do povo serão muito mais restringidas até o ponto em que, na verdade, será irritante para muitos que atualmente estão clamando por mais liberdade. Será restringida por completo a liberdade para enganar, para fazer acusações falsas, para burlar e defraudar os outros. Será absolutamente negada a eles a liberdade quanto a abusar ou fazer outros abusarem da comida e da bebida, e igualmente quanto a corromperem os bons costumes, em qualquer grau. A ninguém será concedida a liberdade ou licença para praticar o mal de qualquer espécie. A única liberdade que será concedida será a verdadeira liberdade da glória dos filhos de Deus - a liberdade para fazer todo o bem que puderem em benefício de si mesmos e de outros, mas não será permitido nada que faça dano ou que cause destruição neste Santo Reino. (Isaías 11:9; Romanos 8:21) Por conseguinte, muitos serão da opinião de que esse governo é muito severo e que, por completo, está deitando por terra todos os seus hábitos e costumes anteriores, ao mesmo tempo em que realiza a demolição das atuais instituições fundadas sobre estes mesmos maus costumes e falsas ideias de liberdade. Por causa de sua firmeza e vigor, é simbolicamente qualificado [na

O Reino de Deus

Bíblia] como um regime de ferro - “E com vara de ferro as regerá”. (Compare com Apocalipse 2:26, 27; Salmo 2:8-12; 49:14) Assim, se cumprirão as palavras: E farei do juízo a linha de medir e da justiça, o prumo; e a saraiva [justos juízos] varrerá o refúgio da mentira, e as águas [a verdade] inundarão o esconderijo”, e tudo que está oculto será conhecido. — Isaías 28:17, AL21; Mateus 10:26

Muitos se rebelarão contra esse governo perfeito e equitativo porque no passado, sob o governo do atual príncipe, estavam acostumados a dominar sobre as demais pessoas e a viver completamente às custas de outros, sem render serviço algum em compensação. Aqueles que têm gasto sua vida em nada mais do que satisfazer o mais simples desejo e capricho, *naturalmente* serão castigados com muitos açoites antes que possam aprender as lições desse reino - a igualdade, a justiça e a retidão. (Salmo 89:32; Lucas 12:47, 48) Num tempo que já está bem próximo, esta lição será ensinada primeiramente à geração vivente. - Tiago 5

Que bênção é imaginar que quando o Príncipe da vida, sob o seu regime de ferro, colocar em vigor as leis da justiça e equidade, toda a raça humana se dará conta de que “a justiça exalta os povos, mas o pecado é a vergonha das nações”. (Provérbios 14:34) Chegarão ao conhecimento de que as leis e os planos de Deus são os melhores para todos, e finalmente aprenderão a *amar* a justiça e odiar a iniquidade. (Salmo 45:7; Hebreus 1:9) Todos os que sob esse reinado não aprenderem a amar o que é bom, serão considerados como indignos de vida eterna, sendo, portanto, exterminados dentre o povo. - Atos 3:23; Apocalipse 20:9; Salmo 11:5-7

O REINO SERÁ ETERNO

“Jeová será rei sobre toda a terra naquele dia”. (Zacarias 14:9, TB) O reino que Deus estabelecerá nas mãos de Cristo durante o milênio do reino de Cristo na Terra será o reino de Jeová, mas estará sob a direção e controle de Cristo como representante de Jeová, muito semelhante à maneira em que o governo dos Estados

Unidos tratou os Estados do Sul depois da rebelião*. Durante certo tempo não lhes foi permitido que governassem a si mesmos, e que elessem os seus próprios mandatários, para evitar que se negassem a cumprir as leis constitucionais da União. Em troca, e com o propósito de reconstruir o governo desses Estados, trazendo-os em sujeição e em completa harmonia com o governo central, foram nomeados e empossados diante deles, governadores investidos de plenos poderes. Da mesma maneira será o governo espiritual de Cristo sobre os assuntos da Terra: Este operará por um tempo limitado e com um propósito determinado, sendo concluído tão logo seu propósito tenha sido cumprido. Por causa de sua rebelião, o homem perdeu os direitos concedidos por Deus, entre os quais estava o direito à autonomia ou governo próprio, em harmonia com as leis divinas. Por meio de Cristo, Deus recuperou para o homem estes mesmos direitos, e lhe assegurou o privilégio não apenas de tornar ao seu primeiro estado, mas ao mesmo tempo, recuperar o seu posto anterior como rei da Terra. Entretanto, para que do modo mais apropriado possível fiquem indelevelmente gravadas as lições que foram adquiridas sob as experiências atuais, a tarefa de conduzir o homem ao seu estado original, conforme o desígnio de Deus, exige tanto a ação de um governo estrito e perfeito, como também a sua cooperação e todo o esforço possível para que seja efetivada a sua própria recuperação. Esta honra de completar a recuperação ou recobro do homem é conferida a Cristo, aquele que, por meio de sua morte, adquiriu esse direito, e que há de reinar: “Porque convém que reine *até que* haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés” — até que deixe de existir qualquer um que não reconheça, honre e renda obediência ao seu governo. Logo, havendo completado sua missão no tocante à reconstrução ou restituição da humanidade, Ele

* Nota: A rebelião aqui mencionada se refere à Guerra de Secessão, que foi uma guerra civil que, de abril de 1861 a abril de 1865, pôs em confronto os estados do sul e os estados do norte dos EUA. – *Enciclopédia Novo Século*, 2002, vol. 11, p. 1938.

O Reino de Deus

entregará o reino a Deus o Pai, e então a humanidade, como no princípio, se entenderá diretamente com Jeová, tendo sido realizada a plena e completa reconciliação pela mediação do homem Cristo Jesus. — 1 Coríntios 15:25, 24-28

Quando o reino for entregue ao Pai, continuará sendo o Reino de Deus, e as leis serão sempre as mesmas. Toda a humanidade então perfeitamente restaurada, estará em condições de render obediência absoluta e perfeita tanto na letra como no espírito. Tudo o que o homem pode fazer agora é demonstrar o espírito de obediência e esforçar-se para observar a lei de Deus. A plena letra dessa lei perfeita os condenaria imediatamente à morte se deixassem de render absoluta obediência. (2 Coríntios 3:6) Nossa aceitabilidade agora se dá unicamente por meio do resgate provido.

Até à verdadeira perfeição, “horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo”. (Hebreus 10:31) Ninguém pode ficar de pé diante da lei estrita de justiça; nem agora e nem antes de se obter a absoluta perfeição. Todos nós necessitamos da misericórdia livremente provida sob o mérito e sacrifício de Cristo. Mas quando Cristo entregar o Reino ao Pai, Ele os apresentará *sem mancha alguma*, aptos e capazes de usufruir a eterna felicidade sob a lei perfeita de Jeová. Todo temor haverá então desaparecido, e Jeová e suas criaturas restauradas, estarão em perfeita harmonia como no princípio.

Quando, no fim da Era Milenar, Cristo entregar o domínio da Terra ao seu Pai, o fará entregando-o à humanidade como representantes do Pai, pois desde o princípio foi designado que tivessem tal honra. (1 Coríntios 15:24; Mateus 25:34) Desse modo, o Reino de Deus durará para sempre. Por isso, lemos as palavras do Senhor: “Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita [os que, no transcurso do reino Milenar, por meio de sua harmonia e obediência tenham alcançado a posição de favor]: Vinde, benditos de meu Pai [vós a quem meu Pai deseja abençoar deste modo], possuí por herança o reino que VÓS está *preparado* desde a fundação do mundo.”

O Plano das Eras

Esta honra e este reino preparado para o homem, não deve ser confundido com o reino e honra, ainda mais elevados, preparados para o Cristo, que “Deus preordenou *antes* dos séculos para *nossa* glória” (1 Coríntios 2:7, AL21), e para a qual fomos escolhidos em Cristo *antes* da fundação do mundo. Apesar de que, conforme já vimos, a intervenção *especial* e o reinado de Cristo sobre a Terra de fato irão terminar, não devemos chegar à conclusão de que o domínio, a glória e o poder de Cristo cessarão a partir de então. Não, pois Cristo estará associado para sempre com toda a glória e poder divinos à mão direita do favor de Jeová. E sua Esposa e coherdeira participará eternamente da sua crescente glória. Que obras maravilhosas em outros mundos estão sendo aguardadas pelo uso do poder deste enaltecido agente de Jeová, não podemos aqui conjecturar. Apenas chamamos a atenção quanto à infinidade da atividade do poder divino, e da imensidão do universo.

Certamente, não importa em que fase do reino se concentre nosso interesse, este reino será “o desejado de todas as nações”, porque todas as nações hão de ser abençoadas debaixo dele. Desta forma, todos podem desejar ardentemente a chegada desse tempo, e todos podem muito bem orar: “Venha o teu reino, seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu.” Por ele, em sua ignorância e cegueira, enquanto geme sob o peso da dor, toda a criação por longo tempo está à espera - aguardando com ardente expectativa a revelação dos filhos de Deus, o reino que irá aniquilar o mal, por completo, ao curar e abençoar todas as nações.
- Romanos 8:19; 16:20

Estudo XV

O DIA DE JEOVÁ

“O Dia de Jeová”, o “Dia da Vingança”, o “Dia da Ira” — Um tempo de grande tribulação — Sua causa — O testemunho da Bíblia referente a esse tempo — Evidências de que seu fogo, e o furacão, assim como os abalos e o derretimento, são simbólicos — O testemunho de Davi — O testemunho do Revelador — A situação atual e o prospectivo futuro sob o ponto de vista dos partidos opostos do Capital e do Trabalho — Um remédio que não será eficaz — O erguimento do véu e a difusão de luz precisamente nos tempos oportunos — As provas disto — A condição dos Santos durante a Tribulação, e sua própria atitude a este respeito.

O “DIA DE JEOVÁ” é o título dado ao período no qual o Reino de Deus, debaixo de Cristo, gradualmente se “estabelecerá” na Terra, ao mesmo tempo em que os reinos do mundo irão desaparecendo, e o poder e a influência de Satanás sobre os homens estarão entrando num processo de restrição. Em várias partes da Bíblia é descrito como um dia repleto de tribulação, angústia e perplexidade sobre a humanidade. É improvável que uma revolução revestida de tais proporções e destinada a realizar mudanças tão colossais, deixasse de ocasionar sérios distúrbios. As pequenas revoluções têm causado em várias ocasiões transtornos, e esta, muito maior do que qualquer outra será um tempo de tribulação, como nunca houve, desde que existiu nação até aquele tempo, e nem jamais haverá. — Daniel 12:1; Mateus 24:21, 22

É chamado de o “Dia de Jeová” porque, embora Cristo investido de seu poder e com seu título real se ache presente como o Representante de Jeová tomando o encargo de todos os assuntos, durante este dia de tribulação e de angústia Ele será mais como que o General de Jeová, sujeitando todas as coisas, além de estar desempenhando sua missão de Príncipe da Paz, abençoando toda a humanidade. Porém, enquanto as falsas teorias e sistemas falsos e imperfeitos estiverem se desmoronando, o estandarte do novo Rei

O Plano das Eras

será erguido, e finalmente este será reconhecido e aclamado por todos como o Rei dos reis. Em harmonia com isso, os profetas apresentam a tarefa de *estabelecer* o domínio de Cristo, como obra de Jeová: “*Te darei as nações como herança, e os confins da terra como tua propriedade*”. (Salmo 2:8, NVI) “Mas nos dias desses reis, o Deus do céu levantará um reino”. (Daniel 2:44) Daniel também mostra que o Ancião de Dias se assentou, e diante Dele trouxeram alguém como o Filho do homem, *sendo-lhe dado* domínio, com todos os domínios servindo-o e obedecendo-o. (Daniel 7:9, 13, 14, 22, 27) Mas, além de tudo isso, há a declaração do apóstolo Paulo de que quando Cristo concluir o objetivo do seu reino, “então também o mesmo Filho se sujeitará àquele (o Pai) que TODAS AS COISAS LHE SUJEITOU”. — 1 Coríntios 15:28

Este período é chamado de “o Dia da Vingança do nosso Deus” e “o Dia da sua Ira”. (Isaiás 61:2; 63:1-4; Salmo 110:5) Porém, se encontram num sério erro os que somente vislumbram a ideia de ira, ou os que supõem alguma perversidade da parte de Deus. O Criador tem estabelecido certas leis em harmonia com as quais são realizadas as suas obras, e seja quem for que, por uma ou outra razão, entre em conflito com tais leis, colhe a penalidade ou a ira de acordo com as suas próprias ações. Com muito poucas exceções, a humanidade tem rejeitado continuamente as instruções dadas por Deus, e conforme já vimos, Ele lhes tem permitido seguir seu próprio curso, consentindo em que, juntamente com seus preceitos, o rejeitem segundo a inclinação de seu próprio coração. (Romanos 1:28) Por causa disso, Deus limitou seu cuidado especial para com Abraão e sua descendência, os quais professavam sentir o desejo de prosseguir em seu serviço e seus caminhos. A dureza de coração e a falta de sinceridade dos judeus para com Deus, como nação, não apenas resultou em não receberem ao Messias, mas também ao mesmo tempo, e como consequência lógica, os preparou e os conduziu ao grande tempo de tribulação que pôs fim a sua existência nacional.

A luz difundida no mundo durante a Era Evangélica, pela verdadeira Igreja de Cristo (a classe cujos nomes estão escritos nos

O Dia de Jeová

céus), tem erguido diante dos olhos do mundo civilizado um testemunho da diferença que existe entre a retidão e a injustiça, entre o bem e o mal, e tornado conhecido que está chegando o tempo em que um será recompensado e outro receberá o seu merecido castigo. (João 16:8-11; Atos 24:25) Se os homens houvessem atendido as instruções do Senhor, o testemunho haveria tido uma vasta influência sobre eles, mas voluntariamente e como sempre, poucos têm tirado proveito dos conselhos oferecidos pelas Escrituras, e, como consequência desta negligência, virá sobre eles a tribulação do Dia de Jeová. Além disso, essa tribulação pode ser qualificada como sendo a “ira de Deus”, porque se existe lugar para ela é devido ao pouco caso que tem sido feito quanto aos seus conselhos, vindo assim como recompensa da injustiça. Vendo o assunto sob outro ponto de vista, percebemos, entretanto, que a tribulação que está sobrevindo ao mundo é o resultado natural e legítimo do pecado, resultado que Deus previu, e do qual poderia ter sido livrado, se houvessem prestado atenção aos seus conselhos.

Enquanto que para a Igreja, a mensagem de Deus tem sido: “Apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo” (Romanos 12:1), para o mundo sua mensagem é: “Guarda a tua língua do mal, e os teus lábios de falarem o engano. Aparta-te do mal, e faze o bem; procura a paz, e segue-a.” (Salmo 34:13, 14) Poucos têm sido aqueles que têm dado ouvidos a alguma das duas mensagens. Somente um pequeno rebanho tem se sacrificado, e quanto ao mundo, apesar de destacar a norma, “a honestidade é a melhor tática”, a maioria, porém, tem deixado de pô-la em prática. Em vez disso, têm escutado a voz da avareza, a qual aconselha que se obtenha o máximo possível de riquezas, honra e poder deste mundo, sem levar em conta a maneira, e nem quem perde com a ganância. Em poucas palavras, a tribulação do Dia do Senhor não viria, nem poderia vir, se os princípios da lei de Deus fossem observados até um grau considerável. Esta lei, brevemente resumida, é: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e ao teu próximo como a ti mesmo. (Mateus 22:37-39) Pelo fato de que a mente depravada ou carnal se opõe a esta lei de Deus e não se sujeita a ela, a tribulação virá como consequência natural, assim como a colheita vem depois da sementeira.

O Plano das Eras

Longe de amar o próximo como a si mesmo, a mente depravada ou carnal sempre tem sido egoísta e ávida, amiúde inclinada à violência e ao assassinato com o fim de apoderar-se das possessões alheias. Não importa a maneira em que se exercite o princípio egoísta, ele sempre é o mesmo, ainda que em algumas ocasiões se ache dominado ou governado pelas circunstâncias hereditárias, pela educação e pelo meio em que vivemos. Em todas as idades ou eras do mundo esse princípio tem sido sempre o mesmo, e o será até que, por meio da *força* exercida durante o regime de ferro sob o Messias, o amor substitua a violência e a insaciável cobiça, decidindo aquilo que é JUSTO e pondo-o *em vigência*, até que todos possam ter a oportunidade de familiarizar-se com os benefícios superiores do regime de justiça e amor, em contraste com o da violência e egoísmo, e também, até que sob a influência da luz do sol da verdade e da justiça, o coração egoísta e endurecido do homem volte novamente a ser semelhante àquele que Deus declarou como sendo “muito bom” - um coração de carne. - Ezequiel 36:26

Olhando em retrospectiva, podemos ver, sem dificuldades, a maneira em que a amorosa e bondosa disposição humana, à imagem de Deus, converteu-se numa disposição egoísta e endurecida. Assim que o homem, por causa de sua desobediência, perdeu o favor divino e foi apartado de seu lugar edênico onde lhe eram supridas, de modo abundante, todas as suas necessidades, se lhe confrontaram as circunstâncias que tendiam a promover nele a dureza e o egoísmo. Quando, sob a condenação, os nossos primeiros pais abandonaram o Éden, começaram as lutas pela vida, tentando prolongar sua existência até o limite mais extremo, com espinhos, abrolhos e um solo estéril vindo ao seu encontro. De acordo com a declaração de Jeová, sua luta contra estes produziu neles o cansaço e cobriu-lhes o rosto de suor. Gradualmente, por causa do pouco exercício delas, as qualidades mentais e morais começaram a diminuir, e, em contraste, as qualidades inferiores, constantemente exercitadas, adquiriram um espaço cada vez maior. Ganhar o sustento veio a ser o principal desejo e empenho na vida, e seu ganho pelo trabalho se converteu numa norma pela qual se computavam todos os demais interesses, e desta maneira Mamom

310

O Dia de Jeová

(vocábulo de origem semítica que personifica as riquezas), se constituiu em amo e senhor do homem. Sendo assim, é de se admirar que a humanidade, sob tais circunstâncias, tenha se tornado egoísta, cobiçosa e disposta a lançar mão do alheio, empenhando-se todos em alcançar o maior número de coisas necessárias em primeiro lugar, e em seguida obter as honras e luxo oferecidos por Mamom? Satanás não fez outra coisa senão aproveitar-se desta tendência natural.

Por causa das várias influências (entre elas, a ignorância, o preconceito racial e o orgulho nacional), durante as eras passadas, em geral, as riquezas do mundo se encontravam nas mãos de uns poucos - a classe dominante - aos quais as massas têm rendido uma obediência servil como sendo os seus representantes nacionais, sentindo-se orgulhosos de suas riquezas como se fossem suas de modo representativo. Entretanto, à medida que estava se aproximando o tempo que Jeová tem designado para abençoar o mundo por meio de uma restauração pelas mãos do Messias, fazendo uso das facilidades e invenções modernas, Deus começou a erguer o véu da ignorância e da superstição. Isto tem ocasionado um soerguimento das massas e diminuído grandemente o poder dos governantes da Terra. Hoje a riqueza do mundo não se encontra por mais tempo nas mãos de reis, mas principalmente nas mãos do povo.

Apesar de certamente serem as riquezas a causa de muitos males, é verdade também que proporcionam algumas bênçãos, visto que, com seus recursos, os ricos estão em condições de obter melhor educação. Mas isto os têm erguido intelectualmente sobre a classe mais pobre, pondo-os em condições de associar-se com a classe governante. É a isto que se deve a existência de uma aristocracia que, apoiada pelo dinheiro e pela educação, prossegue em sua cobiçosa luta para obter tudo o que é possível, e para manter-se a todo o custo na vanguarda.

Mas à medida que o conhecimento é propagado e o povo passa a tirar proveito das facilidades educacionais tão abundantes agora, as massas começam a *pensar* por si mesmas. E, deste modo, já donos de *um pouco* de conhecimento (às vezes algo perigoso), o qual eleva sua auto-estima e seu egoísmo, imaginam ter encontrado os

O Plano das Eras

meios e as maneiras pelas quais os interesses e as circunstâncias de todos os homens, especialmente os seus próprios, podem ser protegidos e fomentados às custas da minoria em cujas mãos se acham atualmente as riquezas. Muitos deles sinceramente creem, sem dúvida alguma, que os interesses conflitantes entre os adoradores de Mamom (eles de um lado e do outro os capitalistas), podem de modo fácil e satisfatório ser conciliados. Sem dúvida, um grande número pensa que se fossem ricos seriam muito benevolentes, estando assim prontos para amar o próximo como a si mesmos. Mas é evidente que estão totalmente enganados, porque muito poucos hoje manifestam tal espírito; e quem não é fiel no uso de um pouco das coisas deste mundo, não o será ao ter maiores riquezas. Os fatos provam o que dissemos acima, porque não passa despercebido que dentre os que fazem parte da classe rica, os mais empedernidos e egoístas são os que repentinamente vieram de uma condição mais humilde de vida.

Porém, ainda que de modo algum devamos defender, mas sempre reprovar a cobiça e o egoísmo da parte de todas as classes, é apropriado que nos demos conta de que as provisões que têm sido feitas para os enfermos, os inválidos e os pobres, conforme representados pelos vários asilos de diferentes tipos, hospitais, bibliotecas públicas, escolas e diversas outras instituições para o benefício e comodidade das massas, são mantidos, na sua maior parte, com os impostos e os donativos dos ricos. Tais instituições regularmente devem sua existência a certos membros benévolos e generosos dentre os ricos, sendo algo que as classes mais pobres, quer seja por falta de tempo ou de interesse, quer seja em alguns casos por carecer da necessária educação, não poderiam manter operando de maneira satisfatória.

O dia atual, entretanto, é testemunha de uma crescente oposição entre o capital e o trabalho - um crescente rancor, da parte da classe operária, e um crescente sentimento entre os ricos de que nada, a não ser o braço forte da lei, conseguirá dar a devida proteção ao que eles creem ser *seus direitos*. Por esta razão, o capital busca mais e mais o apoio dos governantes. As massas de assalariados, em contraste, começam a crer que as leis e os governos foram planejados com o único objetivo de auxiliar os capitalistas e de

312

privar os pobres da liberdade. E pensando assim, que seus interesses poderiam ser mais bem atendidos, começam, de certa forma, a se inclinarem para o Comunismo e a Anarquia, sem se darem conta de que o pior de todos os governos, e o mais dispendioso, é muito melhor do que nenhum.

Muitos textos das Escrituras claramente indicam que semelhante luta há de caracterizar o tempo de tribulação sob o qual desaparecerão os atuais sistemas civis, sociais e religiosos, e que por causa da imperfeição mental, moral e física do homem, os progressos da ciência e da liberdade resultarão em tal catástrofe. Sobre estes textos iremos nos referir na ocasião oportuna. No momento, apenas desejamos chamar à atenção a alguns dentre eles, tornando bem claro ao leitor que em muitas profecias do Antigo Testamento, em que extensamente se trata do Egito, Babilônia e Israel, além de um cumprimento literal é indicado outro que se reveste de maiores proporções. Por exemplo: Se além da literal, não reconhecêssemos uma Babilônia antitípica e simbólica, as predições de sua queda poderiam ser consideradas como sendo muito extravagantes. O livro de Apocalipse contém predições escritas muito tempo depois de se achar em ruínas a Babilônia literal, e, portanto, são aplicáveis somente à simbólica. As palavras dos profetas, aparentemente dirigidas de uma maneira direta à Babilônia literal, por causa de sua similaridade para com as palavras do Apocalipse, deixam entrever que, num sentido especial, aplicam-se à Babilônia simbólica. Em seu cumprimento mais amplo, nestas profecias, o Egito representa o mundo, Babilônia, a Igreja nominal que a si mesma se dá o nome de cristianismo, e como já dissemos, Israel com frequência representa o mundo inteiro tal qual se encontrará em sua condição *justificada*, composto de seu glorioso Sacerdócio Real, seus santos levitas e o povo de crentes cheios do espírito de adoração, justificados por meio do sacrifício da expiação, e trazidos a uma condição de reconciliação com Deus. À nação de Israel estão prometidas as bênçãos, ao Egito as pragas e para a poderosa Babilônia uma destruição completa, absoluta e eterna, assim como “uma pedra e uma grande mó, lançada no mar” (Apocalipse 18:21), para nunca mais ser

estabelecida, mas, pelo contrário, ser considerada eternamente como algo detestável.

Deste dia de tribulação e de angústia nos fala o apóstolo Tiago, indicando que este será o resultado das diferenças entre o capital e o trabalho. Suas palavras são: “Agora, prestai atenção, vós ricos. Chorai e lamentai, por causa das desgraças que virão sobre vós. Vossas riquezas estão podres, [têm perdido seu valor], e vossas roupas, roídas pela traça. Vosso ouro e vossa prata estão enferrujados, e a ferrugem testemunhará contra vós e devorará vossa carne como fogo. Tendes juntado tesouros nos últimos dias. O salário que desonestamente [por causa da vossa cobiça] deixastes de pagar aos trabalhadores que colheram os vossos campos, clama; os clamores dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor dos exércitos.” (Tiago 5:1-4, AL21) A seguir, acrescenta que a classe que entrará na tribulação estava acostumada ao luxo, na sua maior parte obtido às custas dos outros, entre os quais estão incluídos alguns justos que, por não oferecerem resistência alguma, têm tido sua vida ainda mais oprimida. Aos “irmãos” o Apóstolo insta para que suportem pacientemente sua sorte qualquer que esta seja, olhando adiante à espera da libertação por meio do Senhor. Este estado de coisas já pode ser discernido como estando em rápida aproximação, e dentre aqueles do mundo que já estão despertos, haverá “homens desmaiando de terror, na expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo”. Todos estão certos de que em nossos dias a tendência é a diminuição dos salários, com exceção feita daqueles lugares em que os preços são mantidos artificialmente, ou se fazem subir por meio dos sindicatos dos trabalhadores, greves, etc.. Com tudo isso em mente, e tendo em conta o sentimento atual das massas, todos podem ver que é somente uma questão de tempo para que se chegue ao limite da tolerância, e o resultado não pode ser outro senão uma revolução. Isto causará alarme entre os capitalistas, os quais prontamente retirarão seus capitais dos negócios e das empresas fabris para ajuntá-los em cofres e em outros locais seguros, onde, para grande desgosto de seus donos, verão serem consumidos com os gastos exigidos para resguardá-los em tal estado improdutivo. Isto por sua vez causará, sem dúvida, a bancarrota, o pânico financeiro e a depressão mercantil, visto que

O Dia de Jeová

agora, qualquer negócio de certa magnitude, na sua maior parte, é conduzido através do crédito. O resultado natural disso será deixar sem ocupação alguma milhares de pessoas que só contam com seu salário para se manterem. Desta maneira, o mundo se encherá de desempregados, e de indivíduos cujas necessidades desafiarão toda lei. Acontecerá então o que é descrito pelo profeta (Ezequiel 7:10-19), em resumo a seguir: Que não se alegre o comprador, e não se entristeça o vendedor; pois a ira está sobre toda a multidão deles e não haverá segurança para os seus próprios bens. Todas as mãos se enfraquecerão se tornarão débeis e impotentes para desviar a angústia. A sua prata será lançada pelas ruas, e o seu ouro será como imundícia; nem a sua prata nem o seu ouro os poderão livrar no dia do furor de Jeová.

Não devemos nos esquecer de que embora os últimos quarenta anos da existência nacional de Israel tenham sido um dia de tribulação e de angústia, um “dia de vingança” sobre esse povo, terminando com a derrocada absoluta da nação, este dia de indignação, entretanto, foi apenas uma sombra ou tipo de uma maior e mais extensa tribulação que há de sobrevir ao cristianismo nominal. Isto é comprovado pelo fato de que a história desse povo, durante seu tempo de favor, como demonstraremos conclusivamente daqui para frente, foi um tipo da Era Evangélica. Facilmente, por meio do que já dissemos, todos poderão se aperceber de quão apropriadamente estas profecias referentes ao dia do Senhor devem ser, e são endereçadas um tanto quanto diretamente a Israel e a Jerusalém, ainda que o contexto revele claramente que toda a humanidade está incluída em seu pleno cumprimento.

Consideremos outro testemunho profético (Sofonias 1:7-9, 14-18): “O SENHOR (Jeová, TB) preparou o sacrificio, e santificou os seus convidados. [Compare com Apocalipse 19:17.] Acontecerá que, no dia do sacrificio do SENHOR (Jeová), castigarei os príncipes (oficiais, IBB), e os filhos do rei, e todos os que se vestem de trajes estrangeiros. Castigarei naquele dia todo aquele que salta sobre o limiar [os saqueadores], que enche de violência e engano a casa dos seus senhores. ... [isto demonstra que neste tempo de tribulação não somente haverá um desmoronamento das riquezas e

do poder, mas também sobre aqueles que serão os instrumentos da ocasião, depois de haverem servido aos fins designados pela providência divina para demolir os sistemas atuais, virá a devida punição pelo seu proceder igualmente injusto e iníquo, pois a época da vindoura tribulação envolverá todas as classes trazendo sofrimentos sobre todos].

“O grande dia do SENHOR (dia de Jeová, TB) está perto, sim, está perto e se apressa muito; amarga é a voz do dia do SENHOR; clamará ali o poderoso. Aquele dia será um de indignação, dia de tribulação e de angústia, dia de alvoroço e de assolação, dia de trevas e de escuridão [de incertezas e pressentimentos, assim como as aflições atuais], dia de nuvens [tribulações] e de densas trevas, dia de trombeta [a sétima trombeta *simbólica* que soará durante este tempo de tribulação; também chamada de a trombeta de Deus por estar em conexão com os *acontecimentos* deste dia do Senhor] e de alarido [grito de guerra], contra as cidades fortificadas e contra as torres altas [ou seja, denúncias clamorosas e antagônicas aos fortes e bem entrincheirados governos]. E angustiarei os homens, que andarão como cegos [andando às apalpadelas em incerteza, não sabendo que curso seguir], porque pecaram contra o SENHOR; e o seu sangue se derramará como o pó, e a sua carne será como esterco. Nem a sua prata nem o seu ouro os poderá livrar no dia da indignação do SENHOR [ainda que anteriormente o dinheiro proporcionasse conforto e toda forma de luxos]; mas pelo FOGO do seu *zelo* toda esta terra será consumida, porque certamente fará de todos os [ricos] moradores da terra uma destruição total e apressada.” Esta destruição acabará com muitos dos ricos no sentido de que eles deixarão de ser ricos, ainda que, sem dúvida alguma, envolverá também a perda de muitas vidas dentre todas as classes sociais.

Não tentaremos seguir aos profetas na descrição que, sob vários pontos de vista, fazem da tribulação desse dia. No entanto, consideraremos brevemente um detalhe apresentado pelo profeta que acabamos de mencionar. Este detalhe é o FOGO do zelo de Jeová *devorando* toda a terra. Ao mesmo fogo e etc., Sofonias se refere novamente (Sofonias 3:8, 9) dizendo: “Portanto esperai-me, diz o SENHOR (Jeová, TB), no dia em que eu me levantar para o

O Dia de Jeová

despojo; porque o meu decreto é ajuntar as nações [os povos] e congregar os reinos, para sobre eles [os reinos] derramar a minha indignação, e todo o ardor da minha ira; [o ajuntamento dos povos de todas as nacionalidades, no interesse comum de opor-se aos governos atuais, está aumentando, e o resultado será a união dos reinos [países] em torno da questão da segurança em comum, de tal modo que a angústia sobrevirá a todas as nações, com todas elas caindo], porque toda esta terra toda será consumida pelo *fogo* do meu zelo. Porque *então*, [depois de ser efetuada esta destruição dos reinos, depois da destruição da atual ordem social com o fogo da tribulação e da angústia] darei uma linguagem pura aos povos, (uma língua pura, TB) [a Palavra pura, sem estar contaminada com as tradições humanas], para que todos invoquem o nome do SENHOR (Jeová, TB), e o sirvam com um mesmo consenso.”

Este fogo do zelo de Jeová é um símbolo muito apropriado e representativo da intensidade da tribulação e da destruição que há de ocorrer sobre toda a terra. Que este não será um fogo literal, como alguns supõem, facilmente se deduz pelo fato de que quando o fogo tiver passado, ainda subsistirão *os povos* e estes hão de ser abençoados. Que os sobreviventes não serão os santos, como alguns poderiam insinuar, é também evidente, porque antes de servirem ao Senhor e invocá-lo com o mesmo espírito, esses terão que passar pelo tempo de tribulação, recebendo então “lábios puros”, visto que os santos já o invocam e estão convertidos.*

* Mencionamos isto com o propósito de derrubar o argumento de alguns que consideram o fogo como sendo literal e que a terra literal é que será derretida. Para harmonizar sua teoria, afirmam que “*os povos*” aqui mencionados são os santos, os quais, depois que a terra tiver se derretido e esfriado, voltarão a habitá-la edificando casas, habitando-as, plantando vinhas, comendo por sua vez os seus frutos, desfrutando assim, por longo tempo, das obras de suas mãos. Eles consideram a vida atual como alguns anos de preparação e experiência para poderem herdar a terra. Porém, se esquecem de que essa experiência seria totalmente perdida no transcurso dos mil anos ou mais de suas experiências *no ar* (pois neste período teriam experiências novas e diferentes), enquanto estivessem esperando que a terra esfriasse, de acordo com sua doutrina. Este é um grave erro ocasionado por uma interpretação demasiadamente literal das figuras, parábolas, símbolos e enigmas do nosso Senhor, dos apóstolos e dos profetas. Prosseguindo no mesmo erro, ainda sustentam que depois do fogo

O Plano das Eras

Nas Escrituras, quando se usa a palavra *terra* de uma maneira simbólica, ela representa a sociedade. Os *montes* representam os reinos. Pelo termo *céus* se dá a entender os poderes do domínio espiritual ou religioso. Os *mares* representam as turbulentas e descontentes massas da humanidade. O *fogo* indica a destruição de tudo àquilo que nele é lançado, quer seja joio, escória, terra (organização social), quer seja qualquer outra coisa. Quando é adicionado ao *fogo* simbólico o *enxofre*, a ideia de destruição é intensificada, porque não existe nada tão destruidor para toda forma de vida do que a fumaça do enxofre.

Se mantivermos em mente os símbolos anteriores, ao examinarmos a simbólica profecia de Pedro (2 Pedro 3:6, 7), com respeito ao Dia da Ira, descobriremos que esta profecia está de acordo com o testemunho dos profetas já mencionados. Suas palavras são: “Pelas quais coisas pereceu o mundo de então, coberto com as águas do dilúvio; [nem os céus literais e nem a terra literal deixaram então de existir, mas sim, a dispensação ou ordem de coisas existentes antes do dilúvio], mas os céus e a terra que agora existem, [a atual dispensação] pela mesma palavra [de autoridade divina] se reservam como tesouro, e se guardam para o fogo”. O fato de que a água foi literal, tem feito alguns alegar que o fogo também deve ser literal; porém não é possível se chegar a esta conclusão. O anterior templo de Deus foi, na realidade, construído com pedras, entretanto, isto não põe de lado o fato de que a Igreja, que por sua vez compõe o verdadeiro templo, e que está sendo edificada sobre uma estrutura espiritual, um templo santo, não seja formada por materiais terrestres. A arca de Noé embora, na realidade, tenha sido construída de madeira, é ao mesmo tempo típica de Cristo, junto com o poder que se acha nele, em virtude do qual reorganizará e restabelecerá a sociedade humana.

“Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite [sem ser percebido]; no qual os céus [os atuais poderes do ar, dos quais Satanás é o chefe ou príncipe] passarão com grande estrondo, e os

não haverá mais montanhas e nem mares, deixando de perceber que tudo isso, assim como o fogo, são apenas expressões simbólicas.

O Dia de Jeová

elementos, ardendo, se desfarão, e a terra [organização social], e as obras que nela há [orgulho, graduações, aristocracia, realeza], se queimarão (serão descobertas, AL21)... os céus, em fogo se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão. Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus [os novos poderes espirituais — o reino de Cristo] e nova terra” [a sociedade terrestre organizada sobre novas bases: as bases do amor e da justiça, em vez da força e da opressão]. — 2 Pedro 3:6,7; 10-13

Devemos nos lembrar que alguns dos apóstolos foram ao mesmo tempo profetas, especialmente Pedro, Paulo e João. Ainda que como apóstolos fossem mensageiros de Deus que em benefício da Igreja expunham as coisas proclamadas de antemão pelos outros profetas, também foram usados como tais para predizer as coisas vindouras, as quais, à medida que o tempo oportuno para o seu cumprimento vai chegando, se tornam o sustento (alimento) no tempo apropriado para a família da fé, e que para a devida distribuição, ao chegar a ocasião oportuna, Deus levanta servos apropriados ou intérpretes. (Leia as palavras do Senhor sobre este acontecimento em Mateus 24:45, 46.) Como profetas, os apóstolos sentiram o ímpeto de escrever certas coisas que, não sendo o tempo *oportuno* para isso, a duras penas podiam apreciar, e do mesmo modo ocorreu com os profetas do Antigo Testamento (1 Pedro 1:12, 13), ainda que, como eles, suas palavras fossem guiadas e dirigidas de tal modo que vieram a ter um profundo significado do qual não se aperceberam ao usá-las. Deste modo, e sem dar margem à dúvida, percebemos que a Igreja sempre é alimentada e dirigida pelo mesmo Deus, qualquer que seja o seu porta-voz ou canal empregado para efetuar a comunicação. O entendimento disso resulta em maior confiança e segurança na Palavra de Deus, apesar das imperfeições de alguns de seus porta-vozes.

O profeta Malaquias (4:1) falando sob o mesmo símbolo a respeito deste Dia do Senhor, disse: “Pois eis que aquele dia vem ardendo como fornalha; todos os *soberbos*, e todos os que cometem impiedade, serão como a palha; e o dia que está para vir os abrasará, ... de sorte que lhes não deixará nem raiz nem ramo.” O

O Plano das Eras

orgulho e toda outra causa básica, por meio da qual poderia brotar novamente a soberba e a opressão, serão totalmente consumidas por meio do grande tempo de tribulação e de angústia no dia do Senhor, e por meio da subsequente disciplina aplicada durante a Era Milenar, das quais a última está descrita no texto de Apocalipse 20:9.

Embora o orgulho (em todas as suas formas pecaminosas e detestáveis) venha a ser completamente extirpado, e assim todos os orgulhosos e os que praticam a iniquidade virão a ser destruídos, não precisamos concluir disso que não possa ser alentada alguma esperança de reforma por parte dos membros de tal classe. Não; graças a Deus, enquanto estiver ardendo este *fogo* de justa indignação, o Juiz concederá a oportunidade para *arrebatar alguns deles* (Judas 23), e somente os que rejeitarem a ajuda, perecerão juntamente com seu orgulho, por haverem tornado-o parte de seu caráter, recusando a reforma e negando-se a corrigir o seu proceder.

O mesmo profeta apresenta outra descrição deste dia (Malaquias 3:1-3), em que novamente, sob a figura do fogo, nos mostra como os *filhos de Deus* serão purificados, abençoados e achegados a Ele, depois de *destruir* neles a escória do erro. Suas palavras são como segue: “E o mensageiro da aliança, a quem vós desejais, eis que ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos. Mas quem suportará o dia da sua vinda? E quem *subsistirá* [passará pela prova], quando ele aparecer? Porque ele será como o fogo do ourives ... assentar-se-á como fundidor e purificador de prata; e purificará os filhos de Levi [típicos dos crentes, dos quais, os mais proeminentes são os que formam o Sacerdócio Real], e os refinará como ouro e como prata, então ao SENHOR (Jeová, TB) trarão oferta em justiça.”

Paulo se refere ao mesmo fogo e a este processo refinador que há de ocorrer entre os crentes no dia do Senhor (1 Coríntios 3:12-15), de tal modo que não dá margem à menor dúvida com respeito à *destruição* de todos os erros por meio do fogo simbólico, sendo efetuada assim a purificação da fé. Depois de indicar que apenas está se referindo aos que têm edificado sua fé sobre o único fundamento reconhecido – a obra de redenção consumada por

O Dia de Jeová

Cristo Jesus – ele disse: “E, se alguém sobre *este* fundamento formar um edifício [caráter] de ouro, prata, pedras preciosas [verdades divinas e um caráter correspondente, ou] madeira, feno, palha [tradições errôneas e um caráter correspondentemente inseguro], a obra de cada um se manifestará; na verdade O DIA a declarará, porque pelo FOGO será descoberta; e o fogo provará qual seja a obra de cada um.” [2 Pedro 1:5-11] Certamente, ainda que haja alguém cheio de ideias preconcebidas prontamente terá de admitir que o fogo, para provar uma obra espiritual, não pode ser literal. O fogo é um símbolo muito apropriado para indicar a destruição total das coisas aqui representadas pela madeira, feno e palha. Tal fogo será impotente para destruir a fé e o desenvolvimento do caráter edificadas com o ouro, a prata e as pedras preciosas da verdade divina, e que como fundamento têm a rocha do sacrifício resgatador oferecido por Cristo.

O Apóstolo nos indica isso dizendo: “Se a obra que alguém edificou nessa parte [sobre Cristo] permanecer, esse receberá *galardão* [seu galardão ou recompensa será proporcional à fidelidade em edificar e fazer uso da verdade para o desenvolvimento de um caráter verdadeiro - revestindo-se de toda a armadura de Deus]. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento [prejuízo por perder a recompensa por causa da infidelidade]; mas o tal será salvo, todavia como pelo fogo.” Todos os que edificam sobre a rocha fundamental do resgate oferecido por Cristo, podem sentir-se seguros, porque jamais será confundido aquele que confia em Sua justiça e méritos, aceitando-os como o manto que cobre as suas imperfeições. Aqueles que depois de chegarem a um conhecimento claro e completo de suas obras, e, apesar disso, *conscientemente* o rejeitarem, estarão expostos a sofrer a segunda morte. - Hebreus 6:4-8; 10:26-31

A tribulação e a angústia do dia do Senhor são descritas simbolicamente, ainda de outro modo. Em Hebreus 12:26-29, o Apóstolo mostra que a inauguração da Aliança da Lei no Sinai tipificou a Nova Aliança com o mundo, na aurora da Era Milenar ou reino de Cristo. Disse que, em tipo, a voz de Deus abalou [fez

O Plano das Eras

tremer] a terra literal; mas agora ele tem prometido, dizendo: “Ainda uma vez [para concluir] comoverei, não só a terra, senão também o céu.” Com respeito a isso o Apóstolo dá a seguinte explicação: “E esta palavra: Ainda uma vez, mostra a mudança das coisas abaláveis, como coisas feitas [falsas, postíças, não verdadeiras], para que as imóveis permaneçam [somente as verdadeiras, as justas, as legítimas]. Por isso, tendo recebido um reino que não pode ser abalado, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus agradavelmente, com reverência e piedade (temor, AL21), porque [como está escrito] o nosso Deus é um fogo consumidor.” Vemos assim, como o apóstolo faz uso de um furacão simbólico para representar a tribulação e angústia deste dia do Senhor, a qual ele e outros profetas, em diferentes partes a mencionam sob o simbolismo do fogo. Os mesmos acontecimentos destacados aqui e que são descritos sob o símbolo do fogo, indicam a completa varredura do refúgio de toda a falsa teoria, tanto entre os crentes como entre os do mundo, o desvanecimento das ideias errôneas com respeito à Palavra, ao plano e caráter de Deus, e a demolição dos erros referentes às questões sociais e civis do mundo. A remoção destas maquinações destruidoras, as quais o homem tem aceitado devido aos seus próprios desejos depravados e por causa das astúcias de Satanás, o astuto inimigo da justiça, será uma coisa benéfica para todos, ainda que, ao serem removidas, não deixarão de ocasionar sérios transtornos a todos aqueles que se acharem de algum modo identificados com elas. Será um fogo extremamente ardente, um impetuoso vendaval e uma noite tenebrosa de indizível angústia. Mas apesar de tudo isso, será o precursor dos gloriosos resplendores desse Reino de Justiça que não pode ser abalado, desse dia Milenar em que o Sol da Justiça brilhará em resplendor e poder, e curando a um agonizante, mas já redimido mundo. — Compare Malaquias 4:2 com Mateus 13:43.

Davi, o profeta, que Deus, por meio de seus Salmos, alegrou-se em usar para predizer tantas coisas referentes ao nosso Senhor no seu primeiro advento, nos fornece também algumas descrições vívidas deste dia de tribulação, por meio do qual será introduzido seu reino cheio de glória. Ele em suas descrições usa estes vários

O Dia de Jeová

símbolos - fogo, furacão e trevas - alternadamente e de modo intercambiável. Por exemplo, no Salmo 50:3, disse: “Virá o nosso Deus, e não se calará; um fogo se irá consumindo diante dele, e haverá grande tormenta ao redor dele.” No Salmo 97:2-6: “Nuvens e escuridão estão ao redor dele; justiça e juízo são a base do seu trono. Um fogo vai adiante dele, e abrasa os seus inimigos em redor. Os seus relâmpagos iluminam o mundo; a terra viu e tremeu. Os montes derretem como cera na presença do SENHOR, na presença do Senhor de toda a terra. Os [novos] céus [então] anunciam a sua justiça, e todos os povos veem a sua glória.” No Salmo 46:6: “Os gentios se embraveceram; os reinos se moveram; ele levantou a sua voz e a terra se derreteu.” Novamente no Salmo 110:2-6: “Domina no meio dos teus inimigos. ... O Senhor, à tua direita, ferirá os reis no dia da sua ira. Julgará entre os gentios (nações, AL21); tudo encherá de corpos mortos; ferirá os cabeças [governantes] de muitos países (por toda a terra, AL21).” Também no Salmo 46:1-5: “Deus é o *nosso* refúgio... Portanto não *temeremos*, ainda que a terra [a sociedade] se mude, e ainda que os montes [os reinos] se transportem para o meio dos mares [atirados com violência pelas massas turbulentas]. Ainda que as águas [quando estão enfurecidas] rujam e se perturbem, ainda que os montes se abalem pela sua braveza. ... Deus a ajudará [a Noiva, o fiel ‘pequeno rebanho’], já ao romper da manhã.” No mesmo Salmo, versículos 6-10, ele se refere a mesma história sob outros símbolos: “Os gentios se embraveceram; os reinos se moveram; ele levantou a sua voz, e a terra [sociedade] se derreteu. O SENHOR (Jeová, TB) dos Exércitos está *conosco*; o Deus de Jacó é o nosso refúgio”. Em seguida, contemplando o tempo de tribulação como se já tivesse passado, acrescenta: “Vinde, contemplai as obras do SENHOR, que desolações tem feito na terra! ... Aquietai-vos [desisti do vosso proceder anterior, ó povo] e sabeis [vinde ao conhecimento] que eu sou Deus; serei exaltado entre os gentios (as nações, AL21) serei exaltado sobre a terra.” A “nova terra” ou a nova ordem e arranjo social, exaltarà a Deus e sua lei, como sendo superior e tendo tudo sob seu controle.

O Plano das Eras

Outro testemunho que confirma o fato de que o dia do Senhor será um grande dia de tribulação e de destruição de toda forma do mal [entretanto, *não* um tempo de fogo literal consumindo a terra], encontramos na última profecia simbólica da Bíblia. Referindo-se ao tempo em que o Senhor será investido de grande poder para reinar, o *furacão* e o *fogo* são assim descritos: “E iraram-se as nações, e veio a tua ira”. (Apocalipse 11:17, 18) E mais adiante: “E da sua boca saía uma aguda espada, para ferir com ela as nações; e ele as regerá com vara de ferro; e ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso. ... E vi a besta [simbólica], e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo, e ao seu exército. E a besta foi presa, e com ela o falso profeta. ... Estes dois foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre.” — Apocalipse 19:15, 19, 20

Não podemos deter-nos aqui para examinar os símbolos “besta”, “falso profeta”, “imagem”, “lago de fogo”, “cavalo”, etc., pois isso faremos num volume posterior. No momento, desejamos apenas que todos se apercebam de como a grande BATALHA simbólica, e a vindima das uvas da vinha da terra, aqui descritas como as últimas cenas da era atual e a inauguração da Era Milenar (Apocalipse 20:1-3), não são senão outros símbolos utilizados para descrever o mesmo acontecimento, o grande tempo de tribulação simbolicamente qualificado pelo fogo, furacão, terremoto, etc. Com relação às figuras usadas no Apocalipse, a batalha e o lagar, seria bom consultar e notar a surpreendente harmonia de Joel 2:9-16, e de Isaías 13:1-11, ao descrever os mesmos fatos por meio de figuras semelhantes. A variedade de figuras simbólicas que são utilizadas nos ajuda a apreciar, de uma maneira mais cabal, todos os aspectos gerais do grande e glorioso dia do Senhor.

A SITUAÇÃO ATUAL (ESCRITO EM 1886)

Deixemos de lado as indicações proféticas a respeito desse dia, para examinarmos mais particularmente os aspectos atuais dos acontecimentos no mundo, conforme os vemos tomando forma na preparação de um grande conflito que se aproxima rapidamente, e

O Dia de Jeová

que ao alcançar seu terrível auge, terá de ser necessariamente breve, pois de outro modo a raça humana seria exterminada. Já podem ser discernidos os dois lados rivais que hão de tomar parte nesta luta. De um lado encontram-se a arrogância, o orgulho, e a riqueza; do outro, a ampla pobreza, a ignorância e o fanatismo, e acrescentando-se a isso, uma profunda convicção de terem sido alvos de injustiça. Ambos impulsionados por motivações egoístas, já estão organizando suas forças em todas as partes do mundo civilizado. Com nossos olhos ungidos pela verdade, aonde quer que dirijamos o olhar, observamos que o rugiente mar e as furiosas ondas já estão fustigando os montes, como se evidencia pelas ameaças e pelos atentados dos anarquistas e descontentes cujo número constantemente aumenta. Podemos ver também que a *fricção* entre as várias facções ou elementos da sociedade se aproxima rapidamente do ponto descrito pelos profetas, quando a terra (sociedade) estará se consumindo no fogo, e os elementos entrarão num processo de combustão e dissolução por causa do calor gerado por ambas as partes.

Naturalmente é difícil para o povo ver as coisas sob um ponto de vista contrário aos seus próprios interesses, seus hábitos e educação, não importando qual seja o lado da controvérsia em que se encontre. Os ricos têm uma profunda e arraigada crença de que possuem o direito de ter algo mais do que sua parte correspondente aos bens deste mundo, como também o direito de adquirirem, pelo menor custo possível, tanto o trabalho de outros como os seus próprios confortos, e por último, o direito de desfrutarem de seus esforços, e de usarem sua inteligência para realizar os seus negócios de tal maneira gerando-lhes mais ganância para aumentarem sua riqueza já acumulada, sem se importarem com qualquer um que, por força das circunstâncias, se ache compelido a passar por esta vida, desprovido dos confortos que são oferecidos, ou esteja sofrendo privações dos bens necessários. A maneira como alguns ricos raciocinam é a seguinte: Uma coisa é inevitável: a lei da oferta e da procura precisa imperar. Sempre tem havido ricos e pobres no mundo. Se pela manhã as riquezas fossem proporcionalmente divididas, alguns, por falta de previsão ou esbanjamento, se

O Plano das Eras

tornariam pobres antes de chegar a noite, enquanto que outros, mais cuidadosos e prudentes, se tornariam ricos. Ademais, e não sem razão deduzem: 'É de se esperar que homens de maior capacidade intelectual organizem vastos empreendimentos, empreguem milhares de pessoas e enfrentem o risco de sofrerem grandes perdas, a menos que haja a esperança de obterem certos lucros e vantagens?'

Por outro lado dirão os trabalhadores: Vemos que apesar da classe operária desfrutar de vantagens que não usufruíam em tempos anteriores, e apesar de receberem melhores salários, podendo procurar assim maiores comodidades, contudo, tal classe desfruta de tudo isso por direito, do qual por longo tempo, até certo ponto, havia sido privada. Atualmente, e de modo justo, desfruta da parte que lhe corresponde das vantagens, das invenções, dos descobrimentos e dos progressos da ciência em nossos dias. Reconhecemos que o trabalho é digno, e que, acompanhado de bom senso, educação, honradez de caráter e princípios retos, é tão digno e tem tantos direitos como qualquer categoria profissional. Ao contrário, em nosso conceito, a ociosidade é um descrédito e algo vergonhoso para todo o homem, não importando seu talento e nem sua posição social. Para que uma pessoa mereça o apreço e respeito dos demais, deve ser-lhes útil de algum modo. Ainda que nos apercebamos da nossa atual condição melhorada e avançada, tanto socialmente, como intelectualmente e financeiramente, também nos damos conta de que é mais o resultado das circunstâncias do que dos esforços feitos da nossa parte ou daqueles que nos empregam. Vemos que a nossa condição aprimorada, e a de todos os demais homens é consequência do grande aumento da inteligência, das invenções, e de outros avanços que têm ocorrido especialmente nos últimos cinquenta anos. Tão rapidamente estas coisas vieram a ocorrer, que pelo fluxo desta onda, tanto o trabalho como o capital foram erguidos e postos num nível muito mais elevado. Se tivéssemos a certeza de que esta onda continuaria avançando e beneficiando a todos, nos sentiríamos satisfeitos; mas estamos intranquilos por dar-nos conta de que este não é o caso, porque notamos que o refluxo da maré já começou, e que ainda que

tal onda tenha conduzido muitos à riqueza, e que estes se encontrem assim firmes e seguros no ribeiro da comodidade, luxo e opulência, contudo as massas não se acham estáveis e nem seguras, mas ao contrário, se acham expostas ao risco de serem arrebatadas a uma condição mais triste do que a anterior. Portanto, nos sentimos dispostos a agarrar qualquer coisa que nos venha à mão com o objetivo de nos estabelecermos sobre um fundamento sólido, e antes que seja demasiado tarde, a esta condição atual junto com o correspondente avanço no futuro.

Apresentando o assunto de outra forma, dizem os profissionais e a classe operária: Apesar da humanidade em geral ter participado grandemente das bênçãos de nossos dias, discernimos, no entanto, que muitos em razão de possuírem maior talento nos negócios, por herança, ou por meio de fraude e falta de honestidade, passaram a ser possuidores de milhares ou milhões de dólares, não apenas tendo sobre os demais *esta* vantagem, mas também auxiliados pelas invenções mecânicas, etc., encontram-se em condições de prosseguir aumentando suas riquezas na proporção em que decrescem os salários da classe operária. Prevemos que por não serem tomadas medidas preventivas, por parte das crescentes fileiras da classe operária, contra o poder sempre crescente dos monopólios, combinados com as máquinas que diminuem o trabalho manual, seremos tragados totalmente e a sangue frio pela inexorável lei da oferta e da procura. Contra este desastre, em perspectiva, mas não contra as condições atuais, é que estamos nos organizando e buscando medidas de proteção. Devido ao aumento natural e à imigração, incessantemente cresce o nosso número, e a cada dia se acha um novo método de diminuir o emprego do trabalho manual, substituindo-o pelo trabalho das máquinas. Como consequência disso, a cada dia é maior o número dos que buscam emprego, e em troca, a oferta de seus serviços decresce. Se a lei da oferta e da procura for deixada prosseguir em seu curso, a classe operária seria, muito em breve, colocada no ponto da escala em que se encontrava a cem anos atrás, deixando todas as vantagens dos nossos dias nas mãos do capital. *Isto* é o que estamos tentando impedir.

O Plano das Eras

Por longo tempo tem sido discernido que a menos que estas múltiplas bênçãos venham a ser restringidas por meio de leis sábias e equitativas, estas se transformariam num positivo prejuízo. No entanto, a *rapidez* com que uma invenção tem se seguido à outra, e a conseqüente e crescente demanda de trabalhadores para produzirem máquinas que reduzem o trabalho, têm sido tão grandes que o resultado final, é que ao invés de um tempo de progresso, o mundo tem sido testemunha de uma inflação de valores, salários, capital, créditos (dívidas) e ideias, acerca das quais, gradualmente, já começamos a sentir a reação.

Nos últimos anos foram produzidas imensas quantidades de ferramentas e utensílios agrícolas de todos os tipos, os quais põem um homem em condições de fazer o trabalho de cinco em relação aos tempos anteriores. Isto tem produzido um duplo efeito: Em primeiro lugar, são cultivados três vezes mais acres de terra, o que proporciona ocupação somente para três de um grupo de cinco pessoas, sendo que as outras duas ficam sem fazer nada e passam a competir por outro trabalho. Em segundo lugar, os três que prosseguem na tarefa com o uso de tais máquinas produzem uma colheita tão grande como a que teriam produzido quinze homens sem elas. Estas mesmas mudanças e outras maiores ocorrem em várias outras partes e por meio do mesmo poder em ação, como por exemplo, na indústria do aço. Tal indústria tem alcançado proporções tão imensas que o número de empregados tem aumentado grandemente, apesar do fato das máquinas terem posto um homem em condições de fazer uma quantidade de trabalho igual ao de doze homens em tempos anteriores. Um dos resultados será que, com o tempo, a capacidade aumentada destas indústrias excederá a enorme demanda atual, e que esta em vez de aumentar com toda probabilidade diminuirá. Já vemos que o mundo está se enchendo de ferrovias, superando as necessidades de nossos dias, e que os reparos anuais provavelmente poderiam ser atendidos com menos da metade dos estabelecimentos agora em existência.

Assim, pois, estamos nos confrontando com a condição peculiar de uma produção excessiva que motivará certa inércia tanto do

capital como do trabalho, ao mesmo tempo em que muitas pessoas precisam de um emprego que lhes deem condições de proporcionarem para si as coisas necessárias, juntamente com alguns luxos, o que tenderia, até certo ponto, a remediar o excesso de produção. A tendência para o excesso de produção e a falta de emprego é algo que está aumentando e que exige um remédio eficaz, em busca do qual andam os doutores desta ordem social, mas do qual o enfermo se negará a tomar.

De modo que (continuam os assalariados), enquanto nos damos conta de que a produção começa a exceder a procura, vemos, ao mesmo tempo, que a concorrência reduz os lucros do capital e das máquinas, o que, em toda parte do mundo, causa temor aos ricos, diminuindo-lhes seus lucros, e, em certos casos, ocasionando-lhes perdas. Cremos, não obstante, que a classe que mais benefícios obtiveram por causa do tempo em que o mundo marchou de “vento em popa” e da inflação, é a que *deverá* sofrer proporcionalmente tal reação, em vez das massas. Com este fim, e, por meio da legislação, onde isto é possível, ou fazendo-se uso da força nos países onde que, por uma razão ou outra, não se presta atenção à voz do povo e nem se protegem os interesses das massas, a classe operária está tomando medidas para obter os seguintes resultados:

Com o fim de empregar mais operários sem aumentar a produção, e para equilibrar a prospectiva superprodução, provendo assim a um número maior de compradores os recursos necessários para a compra dos objetos manufaturados, etc., propomos a redução da jornada diária de trabalho na proporção em que o trabalho seja pesado e difícil, sem diminuir por isso os salários. Propomos também a fixação de um limite para a taxa de juros sobre o capital, promovendo assim a redução das taxas atuais, incitando-se assim certa *indulgência*, por parte daqueles que concedem empréstimos aos devedores ou a classe mais pobre, sob pena de ficarem com seu capital inativo. Com respeito às companhias ferroviárias, propomos que sejam tomadas uma das medidas a seguir: Que sejam tomadas medidas para que se tornem propriedade pública e que sejam operadas por empregados do governo, ou que a legislação restrinja

O Plano das Eras

as suas liberdades e limite os seus preços, forçando a sua operação sob bases que resultem num serviço melhor para o público. Conforme as coisas atualmente caminham, as ferrovias construídas durante um período de valores inflacionados, em vez de reduzirem seu capital, em conformidade com a queda dos valores experimentada por outros ramos comerciais, têm aumentado duas ou três vezes mais a reserva de capital originalmente empregada (o que comumente é chamado de “*dar água*” às ações), sem valor real algum sendo acrescentado. Isto ocorre porque grandes empresas ferroviárias se esforçam em pagar juros e dividendos sobre ações e bônus de empréstimo, que em média representam valores três ou quatro vezes maiores do que as ferrovias *novas* custariam hoje em dia. Em consequência, o público sofre. Dos agricultores é cobrado um preço excessivo pela carga, e em certas ocasiões lhes é mais vantajoso queimar o grão como combustível. Por esta razão, e sem utilidade alguma para os produtores, o público paga preços exorbitantes pelos gêneros alimentícios. Para remediar a situação propomos que as ferrovias paguem a seus acionistas ao redor de quatro por cento de seu valor efetivo, em vez de quatro a oito por cento sobre três ou quatro vezes o seu valor real, como é feito agora pela maior parte das empresas, impedindo a competição entre elas por meio de certas manipulações secretas, para as quais todas se unem em cartel.

Sabemos muito bem (dizem os operários) que aos olhos dos que possuem essas ações aguadas, assim como qualquer outro tipo de ações, esta redução de valores em seu capital aplicado lhes parecerá como algo terrível, como se lhes fossem arrebatar algo de sua propriedade. Não de se sentir seriamente violados em seus *direitos* (?) de utilizarem as concessões dadas pelo povo para obter deles imensos lucros baseados em valores fictícios, tornando-se evidente que resistirão de todas as maneiras que lhes for possível. Ao nosso parecer deveriam sentir-se agradecidos de que o público seja tão tolerante e que não os obrigue a restituir os milhões de dólares já obtidos desta forma. Estamos convencidos de que tem chegado a época em que as massas da humanidade têm de participar mais equitativamente das graças deste dia de bênçãos. Para isso é

necessário o estabelecimento de leis das quais toda corporação voraz, repleta de dinheiro e de poder derivado do público, seja *obrigada*, por lei, a servir-lhe por preços razoáveis. De nenhum outro modo estas bênçãos da Providência podem ser asseguradas para as massas. Ao mesmo tempo em que consideramos as grandes corporações, representando o capital, como produzindo algo benéfico até em alto grau, e redundando no bem comum, vemos, no entanto, que elas têm ultrapassado os limites do benefício até o ponto de terem se tornado amos do povo, e se não forem refreadas, reduzirão os operários à escravidão e à miséria. Estas corporações compostas de certo número de indivíduos um tanto quanto ricos, avançam em direção a ocuparem, em relação ao povo norte-americano, a mesma posição que os lordes da Grã Bretanha e de toda a Europa ocupavam em relação às massas, sendo a única diferença que maior poder se encontra ao alcance das corporações.

Para evitar que nossos propósitos sejam frustrados – continuam os operários – necessitamos estar organizados. É indispensável que tenhamos a cooperação das massas ou nunca poderemos levar a cabo alguma ação contra tão imenso poder e influência. E ainda que estejamos organizados em sindicatos, etc., não deve ser interpretado, de maneira alguma, que nossa união tem vislumbres de anarquia ou injustiça de qualquer tipo. Nós, as massas do povo, desejamos apenas proteger nossos direitos e os direitos de nossos filhos, demarcando limites razoáveis para aqueles cujo capital e poder, por não tomarmos estas medidas, poderão triturar-nos, embora quando utilizados de modo apropriado e com os devidos limites, seriam uma grande bênção. Em poucas palavras – concluem dizendo – poremos *em vigor* a regra de ouro: “E como quereis que os homens vos façam, da mesma maneira lhes fazei vós, também.” [Lucas 6:31]

Que felicidade traria a todos os interessados, se este método tão razoável e moderado fosse coroado com êxito! Se os ricos se sentissem satisfeitos com o que têm obtido até agora e cooperassem com a grande maioria da humanidade em seus esforços para alcançar a melhoria geral e permanente das condições de todas as classes! Se os operários se contentassem com demandas tão

O Plano das Eras

razoáveis! Se a regra de ouro, de amor e de justiça pudesse, desta maneira, ser posta em prática! Entretanto, os homens na sua condição atual não observarão tal regra sem serem compelidos a ela. Ainda que entre os profissionais do mundo se encontrem alguns que sustentam tais ideias justas e moderadas, entretanto, a maioria não pensa desta maneira, mas antes são extremados, injustos e arrogantes em suas ideias e demandas, sem levar em conta a razão. Cada concessão da parte dos capitalistas apenas aumentará as demandas dos trabalhadores, e toda pessoa experiente sabe que a arrogância e o espírito dominante por parte dos pobres e ignorantes são duplamente severos. Mas, mesmo entre a classe capitalista também existem alguns que nutrem ampla simpatia para com as classes operárias, e com muito prazer exerceriam sua simpatia implantando as condições necessárias para efetuar as reformas exigidas. Mas estes, em grau considerável, compõem a minoria e carecem de poder no que se refere ao manejo das grandes corporações e num grau maior ainda em seus próprios negócios. Se estes são comerciantes ou fabricantes, não podem reduzir a jornada diária de trabalho e nem aumentar os salários de seus empregados, porque a concorrência poderia colocar no mercado os mesmos artigos por um preço mais reduzido, expondo-se de imediato a um contratempo financeiro em que seriam envolvidos não somente eles, mas também seus empregados e seus próprios credores.

Vemos, pois, que a causa natural da grande tribulação deste “Dia de Jeová” é o egoísmo, e uma cegueira total para tudo aquilo que não seja os seus próprios interesses, que têm se apoderado de ambos os lados em disputa. Os operários se organizarão e unificarão seus interesses, mas o egoísmo destruirá a união. E assim, todos, movidos primariamente por esse princípio, conspirarão e formarão planos nesta direção. A maioria, ignorante e cheia de arrogância obterá o controle, e a melhor classe será impotente para manter sob seu controle aquilo que sua inteligência organizou. Os capitalistas chegarão à convicção de que quanto mais concessões fizerem, maiores serão as demandas, tomando assim de imediato a resolução de resistir a todas elas. O resultado será uma rebelião: no meio do alarme e da confusão geral, o capital será

O Dia de Jeová

retirado das empresas públicas e privadas, o que ocasionará a depressão dos negócios e um pânico financeiro generalizado. Milhares de homens ficarão sem emprego, e por causa disso, chegarão ao desespero. Então, a lei e a ordem serão mudadas — os montes serão inundados por esse turbulento mar. Esta será a maneira em que a terra se derreterá e os céus governamentais (a Igreja e o Estado) passarão; todos os soberbos e todos os que cometem impiedade, serão como o restolho. Então clamarão amargamente os poderosos, os ricos chorarão e prantearão, e o temor e a angústia estará sobre toda a multidão. Mesmo nos nossos dias alguns homens sábios e perspicazes, ao se darem conta das coisas que sobrevirão ao mundo, sentem os seus corações invadidos pelo terror como nosso Senhor predisse. (Lucas 21:26) As Escrituras indicam que neste choque geral, a Igreja nominal (incluindo todas as denominações), irá gradualmente aproximando-se mais e mais para o lado dos governos e dos ricos, perdendo desta maneira muito de sua influência sobre o povo e finalmente, cairá junto com os governos, e assim os céus [o domínio eclesiástico], ardendo, se dissolverão, passando com grande estrondo.

Toda esta tribulação porá o mundo em condições de se dar conta de que não importa quão bons e sábios sejam os planos e arranjos que o homem possa elaborar, estes são vãos e inúteis enquanto a ignorância e o egoísmo estiverem predominando. Também convencerá a todos de que a única maneira prática de corrigir as dificuldades é por meio do estabelecimento de um governo forte e justo, que subjugué todas as classes e ponha em ação os princípios da justiça até que de uma maneira gradual, sob circunstâncias favoráveis, o coração de pedra do gênero humano deixe de ser endurecido e torne a refletir a imagem original de Deus. Isto é o que precisamente o Criador tem prometido realizar em benefício de todos por meio do Reinado Milenar de Cristo, introduzido por Jeová, através dos castigos e lições deste dia de tribulação e de angústia. — Ezequiel 11:19; 36:25, 36; Jeremias 31:29-34; Sofonias 3:9; Salmo 46:8-10

Embora este tempo de tribulação venha como resultado natural e inevitável da condição caída do homem e de seu egoísmo, algo que

O Plano das Eras

foi previsto e predito por Jeová, sabedor de antemão de que suas instruções e leis seriam desatendidas pela maioria, até que esta, por meio da experiência e da compulsão, seja forçada à obediência, não obstante, todos aqueles que se dão conta do atual estado de coisas, numa atitude de preparação, deveriam arranjar e ordenar seus assuntos em conformidade com tal estado. A todos os *mansos*, tanto entre aqueles que no mundo são humildes, como aqueles que compõem o corpo de Cristo, lhes dizemos: “Buscai ao SENHOR (a Jeová, TB), vós todos os mansos da terra, que tendes posto por obra o seu juízo [a sua vontade]; buscai a justiça, buscai a mansidão; pode ser que sejais escondidos no dia da ira do SENHOR.” (Sofonias 2:3) Ninguém escapará por completo da tribulação, mas os que buscam a justiça e se regozijam na mansidão, terão muitas vantagens sobre os demais. Sua maneira de viver, seus hábitos de pensar e de agir, bem como a sua simpatia pelo que é justo, são qualidades que os habilitarão a compreender a situação e também a apreciar a descrição bíblica desta tribulação e seus resultados. Tudo isso contribuirá para diminuir os seus sofrimentos, especialmente nos que diz respeito aos temores que oprimem e aos amargos pressentimentos.

O desenvolvimento dos acontecimentos neste Dia de Jeová será muito enganoso para os que não receberam a informação fornecida nas Escrituras. Virá repentinamente, assim como a praga é consumida pelo fogo (Sofonias 2:2). Em comparação com o longo tempo transcorrido e sua lenta operação, porém, este dia não será como um repentino relâmpago rasgando um tranquilo céu, conforme a maneira mui errônea que alguns supõem, dando vazão às suas teorias equivocadas, de que tudo o que está escrito com relação ao Dia de Jeová será cumprido num dia de vinte e quatro horas. Este dia virá como “o ladrão de noite”, no sentido de que sua aproximação será furtiva e não observada pelo mundo em geral. A tribulação deste dia será espasmódica, uma série de convulsões, mais severas e frequentes à medida que o dia se aproxima da convulsão final. É isto que o Apóstolo deu a entender quando disse: “Como as *dores de parto* àquela que está grávida”. (1 Tessalonicenses 5:2, 3) O alívio virá somente com o nascimento da NOVA ORDEM de coisas — os novos céus (o domínio espiritual

334

de Cristo), e uma nova terra (a sociedade reorganizada) nos quais habita a justiça (2 Pedro 3:10, 13), — nos quais, em vez do egoísmo e da força, o amor e a justiça serão a lei.

Toda vez que uma das dores desta nova era ataca a atual organização política, seu poder e sua coragem tornam-se menores e o sofrimento é mais intenso. Tudo o que os doutores da sociedade (economistas e políticos) poderão fazer, para o alívio do paciente, será auxiliar e dirigir com prudência o inevitável nascimento em curso, preparando gradualmente o caminho para tal evento. Ainda que desejem, não poderão frustrá-lo, pois Deus decretou sua realização. Não obstante, muitos dos médicos da sociedade atual estarão na mais absoluta ignorância acerca do verdadeiro mal do paciente e das inevitáveis necessidades do caso. Estes tentarão implantar medidas repressivas, e a cada intenso acesso de dor lhe sucederá um período de calma, tendo a intenção de se aproveitarem disso para fortalecer as condições de resistência, aumentando desta maneira a tribulação e a angústia. Ainda que não possam retardar por muito tempo o nascimento, por causa da sua incompetência em tratar do caso, apressarão a morte do enfermo, que será inevitável, pois a antiga ordem de coisas terá de morrer na tarefa de dar à luz à nova.

Deixando de lado a vigorosa ilustração apresentada pelo Apóstolo, falaremos sem rodeios: Os esforços das massas para lançar fora o jugo do capital e do maquinismo moderno serão *prematuros*. Seus arranjos e planos serão insuficientes e incompletos, do mesmo modo quando, de tempos em tempos, tentam forçar o caminho e romper as ligaduras da “lei da oferta e da procura” que já são demasiadamente estreitas para eles. Cada tentativa mal sucedida dará base à classe capitalista para abrigar uma arrogante confiança, afirmando que terá condições de manter a nova ordem dentro dos limites atuais. As coisas seguirão deste modo até que o poder restritivo dos governos e das organizações tenha alcançado o seu limite extremo, rompendo-se repentinamente o tecido do organismo social. Desta forma, toda lei e ordem desaparecerão, e difundida a ampla e contagiosa anarquia haverá o cumprimento de *tudo* aquilo que foi predito pelos profetas com

O Plano das Eras

referência a um tempo de tribulação, “qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo”, e graças a Deus não haverá de se repetir, porque o Senhor acrescenta que “nem tampouco há de haver”. [Daniel 12:1; Mateus 24:21]

A libertação de Israel do jugo egípcio, e das pragas que caíram sobre os egípcios, parece ilustrar a vindoura emancipação do mundo pelas mãos de ALGUÉM maior que Moisés, a quem ele tipificou. Será uma libertação do poder de Satanás e de todo meio que ele colocou em ação para escravizar o homem no pecado e no erro. Da mesma maneira que as pragas do Egito tiveram um efeito endurecedor cada vez que estas eram removidas, igualmente o alívio temporário das dores deste Dia do Senhor, fará com que alguns se tornem endurecidos. Estes dirão aos pobres o mesmo que disseram os egípcios a Israel, “vós sois ociosos”, e, por conseguinte, descontentes! Provavelmente imitarão aos egípcios até a ponto de aumentar-lhes a carga. (Êxodo 5:4-23) Mas estes, assim como Faraó à meia noite da última praga, se sentirão um tanto quanto abatidos, por não terem agido desde o princípio de uma maneira mais prudente e moderada. (Êxodo 12:30-33) Para tornar mais evidente a semelhança, chamamos atenção ao fato de que as tribulações e angústias do “dia do Senhor” são qualificadas como as “sete taças da ira” ou as “sete últimas pragas”, e que somente após à última destas pragas é que haverá de ocorrer o *grande terremoto* (revolução), em que todos os montes (reinos) desaparecerão. — Apocalipse 16:17-20

Outro ponto digno de atenção com respeito a este dia de tribulação, é que este está vindo precisamente no seu *devido* tempo — o tempo determinado por Deus. No volume seguinte a esta obra serão apresentadas evidências extraídas do testemunho da lei e dos profetas do Antigo Testamento, bem como de Jesus e dos profetas apostólicos do Novo Testamento. Tais testemunhos expõem às claras e de modo categórico que, de acordo com a cronologia, este tempo de tribulação está situado nos princípios do glorioso Reinado Milenar do Messias. Estes preparativos necessários para a vindoura obra de restauração, durante o Milênio, é o que apressam a tribulação.

O Dia de Jeová

Se o desenvolvimento do maquinismo que evita o trabalho manual tivesse ocorrido muito tempo antes da época determinada para a inauguração do governo justo e poderoso de Cristo, o ócio, que resultaria disso, teria provocado estragos maiores do que aqueles ocasionados pelos seis mil anos em que o pecado tem operado entre a humanidade, e, desta maneira, a bênção proporcionada por tais avanços modernos teria se tornado num verdadeiro prejuízo para a raça humana. A experiência tem dado margem ao provérbio: “A preguiça é a mãe de todos os vícios”, apoiando assim a sabedoria do decreto divino: “No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra”. Como todas as decisões de Deus, esta é benevolente e sábia, e foi intencionada para o bem final de suas criaturas. A tribulação do dia do Senhor que já começa a evidenciar-se, confirma a sabedoria daquilo que foi determinado por Deus, porque conforme temos observado, ela ocorrerá como resultado da produção excessiva por causa do maquinismo que facilita o trabalho, e por causa da impotência em conformar-se às novas circunstâncias, por parte dos vários elementos da sociedade devido ao seu egoísmo mútuo.

O fato de Jeová estar erguendo o véu da ignorância e deixando gradualmente que a luz da inteligência e das invenções chegue até a humanidade, exatamente de acordo com a maneira indicada, no tempo determinado e conforme os resultados preditos, é um argumento irrefutável para comprovar que este é o tempo oportuno de Deus para a inauguração da nova ordem de coisas. (Daniel 12:4, 1) Se os progressos da ciência tivessem chegado antes, a tribulação teria vindo de modo antecipado, e mesmo que a sociedade se reorganizasse após o furacão e a dissolução dessa ordem, *não* teria sido obtido como resultado uma nova terra [um arranjo social] onde prevaleceria e habitaria a justiça, mas ao contrário, uma terra ou arranjo de coisas em que o pecado e o vício seriam muito mais abundantes do que agora. A distribuição equitativa dos benefícios derivados do maquinismo moderno, com o tempo, teria causado a redução das horas de trabalho, e assim, o homem caído com os seus gostos depravados, e sem a sua salvaguarda original, longe de dedicar a sua liberdade e o seu tempo ao aprimoramento intelectual,

moral e físico, teria sido conduzido (como demonstra a história do passado) à libertinagem e ao vício.

O erguimento parcial do véu, *atualmente*, tem tornado possível hoje inumeráveis conveniências e facilidades desfrutadas pela humanidade, fornecendo assim, no alvorecer da gloriosa era da restituição, a época para o cultivo das faculdades intelectuais, para o refinamento moral, para o desenvolvimento físico, e também para serem efetivados os preparativos (alimentação e vestuário) para a recepção daqueles que, de tempos em tempos, sairão dos seus túmulos. Além disso, este erguimento parcial do véu hoje, coloca o tempo de tribulação precisamente num período em que será mais benéfico para a humanidade, durante a aurora do Milênio, quando, segundo o que foi determinado por Deus, e depois de ter-lhes ensinado a lição acerca de sua incapacidade de governarem a si mesmos, aquele que a todos redimiu começará a derramar suas bênçãos sobre todos, através de seu regime de ferro. E assim, com pleno conhecimento e disposição de prestar-lhes ajuda, os tornará aptos para que sejam restaurados à perfeição original e à vida eterna.

O DEVER E O PRIVILÉGIO DOS SANTOS

Uma questão importante é levantada a respeito do dever dos santos durante o tempo de tribulação, e acerca da atitude apropriada perante as duas classes oponentes que estão atualmente em evidência. É possível que alguns dos membros de Cristo ainda venham a estar na carne durante parte deste tempo ardente. A posição deles, entretanto, diferirá da posição de todos os demais, não no sentido de que serão milagrosamente preservados (embora lhes seja claramente prometido que certamente terão o seu pão e a sua água), mas no sentido de que, sendo eles instruídos pela palavra de Deus, não sentirão a mesma ansiedade e nem o inquietante temor sem fim, que, sem dúvida, afligirá o mundo. Eles se darão conta de que a tribulação é a preparação, de acordo com o plano de Deus, para que o mundo seja abençoado. Serão revigorados e confortados através desse tempo de angústia. Isto é enfaticamente descrito no Salmo 91 e em Isaías 33:2-14, 15-24.

Deste modo, confortados e abençoados pelas consoladoras promessas do livro divino, o principal dever dos santos será o de mostrar ao mundo que, embora estejam no meio da tribulação e descontentamento geral, bem como participando dos sofrimentos resultantes, eles estarão alegres, cheios de regozijo e esperança, tendo em mente o glorioso resultado predito na Palavra de Deus.

O Apóstolo escreveu que “é grande ganho a piedade com *contentamento*”. Este fato, que sempre tem sido verdadeiro, terá duplo sentido e força no dia do Senhor, quando o descontentamento for a principal doença disseminada entre todas as classes do mundo. Os santos deveriam ser uma notável exceção. Jamais se viu uma época em que o descontentamento tenha reinado de tal modo, apesar dos homens estarem desfrutando de tantas bênçãos e favores como nunca antes. Para onde quer que olhemos, quer seja para os palácios dos ricos que ostentam todo tipo de confortos e suntuosidade das quais Salomão, apesar de todo o seu esplendor, nem sequer sonhou, quer seja para o confortável lar de um simples operário, em que se evidencia bom gosto, conforto, arte e até mesmo luxo, vemos que, no que diz respeito à variedade e abundância de comodidades e facilidades, o tempo atual supera em muito qualquer outro período desde a criação. Mas, apesar de tudo isso, o povo se sente descontente e *infeliz*. É um fato inegável que os desejos de um coração depravado e egoísta não conhecem limites. O egoísmo tem se apossado de todos a tal ponto, que quando olhamos ao nosso redor, percebemos o mundo inteiro correndo loucamente e fazendo esforços que nunca foram vistos para agarrar-se à riqueza. Somente alguns poucos conseguem atingir a meta de seus intensos desejos. Já os demais ficam cheios de inveja e amargura, porque eles mesmos não são os afortunados, e por isso, todos passam a se sentir mais descontentes e infelizes do que em épocas anteriores.

Mas os santos não deveriam tomar parte nessa luta. Seu voto de consagração tem por objetivo correr, lutar e lançar mão de algo muito mais superior, um prêmio celestial. Esta é a razão pela qual todo aquele que tem feito semelhante voto se distancia de toda ambição terrena e não se empenha pelas coisas terrestres, exceto

O Plano das Eras

por aquilo que seja apropriado para ser buscado, as coisas que são *dignas e necessárias*. Se prestarmos atenção à conduta e ao exemplo do Mestre e dos apóstolos, não poderemos agir de outra forma.

Sendo assim, além da sua piedade, os santos possuem *contentamento*, não porque carecem de ambições, mas porque as tem dirigido para o alto e se encontram absortos na tarefa de ajuntar tesouros no céu, buscando serem ricos para com Deus. Por este motivo, e devido ao conhecimento que possuem dos planos do Criador, conforme estão revelados em sua Palavra, os santos se sentem contentes, não importa quão pouco das coisas terrestres Deus lhes permita possuir. Estes podem alegremente cantar:

“Seja qual for a minha sorte,
eu sei que Deus me guiará.”

Mas lamentavelmente nem todos os filhos de Deus desfrutam de tal condição. Muitos têm sido surpreendidos pelo descontentamento dominante no mundo e a si mesmos se privam das alegrias da vida, tudo porque têm deixado de lado os passos do Senhor por dirigirem seus pés para o mundo, tomando parte nele, *buscando* as coisas terrestres, mas muitas vezes sem ter êxito algum em obtê-las. Desta maneira participam do descontentamento geral, deixando de sentir a paz e a satisfação que o mundo não pode dar e nem consegue arrebatar.

Sabendo disso, admoestamos aos santos, para que abandonem a luta da cobiça, vaidade e descontentamento, para, em contraste, lutar pelas riquezas superiores e pela paz que elas nos dão. Ao mesmo tempo lembramos a estes as palavras do Apóstolo:

“Mas é grande ganho a piedade com contentamento. Porque nada trouxemos para este mundo, e manifesto é que nada podemos levar dele. Tendo, porém, [*o necessário*] sustento, e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes. Mas os que querem ser ricos [tendo êxito ou não] caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que *submergem* os homens na perdição e ruína. Porque o amor ao dinheiro [tanto da parte dos ricos como dos pobres] é a raiz de toda a espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a

O Dia de Jeová

si mesmos com muitas dores. Mas tu, ó homem de Deus, fuge destas coisas, e segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a paciência, a mansidão. Milita a *boa milícia* da fé, toma posse da vida eterna, para a qual também foste chamado, tendo já feito boa confissão diante de muitas testemunhas.” — 1 Timóteo 6:6-12

Se o exemplo dos santos for de contentamento, de feliz esperança e de humilde submissão às provas atuais, então, sustentados pela inquebrantável esperança do glorioso tempo vindouro, tais exemplos vivos serão, por si mesmos, valiosas lições para o mundo. E reforçando tais exemplos, os conselhos que os santos vierem a dar àqueles com quem estão associados, devem estar em harmonia com sua fé. Sua influência deve ser como um unguento curativo e bálsamo calmante. Nenhuma oportunidade deveria deixar de ser usada para indicar a todos o glorioso tempo vindouro, e anunciar o entrante Reino de Deus, mostrando-lhes assim a verdadeira causa e o único remédio da angustiosa condição atual. — Lucas 3:14; Hebreus 13:5; Filipenses 4:11

A pobre humanidade geme debaixo do peso não apenas das suas doenças reais, mas também das imaginárias, e especialmente, por causa do descontentamento produzido pelo egoísmo, pelo orgulho, pela ambição desmedida, e por tudo aquilo que aflige e atormenta os homens, visto que não conseguem se sentir plenamente satisfeitos. Portanto, compreendendo ambos os lados da situação, é nosso dever aconselhar a todos aqueles que quiserem ouvir, que estejam contentes com o que tem, esperando pacientemente o tempo que Deus tem determinado para fazer vir, até eles, as múltiplas bênçãos providas pelo seu amor e pela sua sabedoria.

Se instigarmos e inflamarmos as mágoas, reais ou imaginárias, só causaremos prejuízo aos que deveríamos ajudar e bendizer, e, por conseguinte, aumentaremos o seu descontentamento e sofrimento. Mas, se ao contrário, cumprirmos a nossa missão de pregar as boas novas de um *resgate* dado por TODOS, e as correspondentes *bênçãos* que a TODOS serão proporcionadas, seremos verdadeiros mensageiros do Reino — seus embaixadores da paz. Como está escrito: “Quão formosos são, sobre os montes [reinos], os pés [os

O Plano das Eras

últimos membros do corpo de Cristo] do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz, do que anuncia o bem!” — Isaías 52:7

As tribulações deste “Dia de Jeová” proporcionarão oportunidades para a proclamação da mensagem das boas novas vindouras, como poucas vezes surgiram. Bem-aventurados os que seguem os passos do Mestre, e fazem como o bom samaritano que cobre as feridas e derrama nelas o azeite do consolo e o vinho da alegria. A estes lhes é assegurado que sua obra não é em vão; porque, “havendo os teus juízos na terra, os moradores do mundo *aprendem justiça*”. — Isaías 26:9

A simpatia do povo do Senhor, do mesmo modo que a do Pai celestial, deve estar em total harmonia com a criação que geme, que luta para libertar-se de todo jugo opressor. Embora devam, assim como Ele, se lembrar com compaixão e simpatia daqueles que são membros das classes em oposição que desejam ser justos e generosos, cujos esforços, porém, são dificultados pelas fraquezas de sua natureza caída, por causa do meio em que vivem, e também por causa de sua associação e dependência de outros. Mas o povo do Senhor não deve abrigar simpatia alguma para com os desejos e esforços arrogantes e insaciáveis de quaisquer membros destas classes. Suas palavras devem ser cheias de calma e moderação, sempre promovendo a paz, a não ser que um princípio esteja sendo atacado. Devem lembrar-se de que a batalha é do Senhor e que tanto a política como as questões sociais não têm solução definitiva alguma a oferecer, à parte da solução predita na Palavra de Deus. Portanto, o dever primordial dos consagrados é o de estar em alerta para não se posicionarem do lado que possa estorvar o caminho do carro de Jeová, mas ao invés disso, devem “estar quietos, e verem o livramento do SENHOR”, no sentido de claramente compreenderem que não devem ter parte alguma no conflito por este ser a obra de Jeová, realizada através de outros meios. Em vez de se deterem em tais coisas, devem avançar no desempenho da missão que lhes foi conferida, proclamando o reino celestial que está às portas, como o único remédio para todas as classes e sua única esperança.

Estudo XVI

PENSAMENTOS FINAIS

Nosso dever para com a verdade — Seu preço — Seu valor — Seu proveito.

NOS ESTUDOS anteriores vimos que tanto a luz da natureza como a da revelação, demonstram claramente o fato de que um Deus sábio, justo e Todo-Poderoso, é o Criador de todas as coisas, e que Ele é o supremo e legítimo Senhor de todos. Que tanto os seres animados como as coisas inanimadas estão sujeitas ao seu poder, e que a Bíblia é a revelação de seu caráter e de seus planos até ao ponto em que Ele espontaneamente decide revelá-los ao homem. Segundo a Bíblia, somos informados que apesar do mal predominar atualmente entre algumas de suas criaturas, somente continuará a existir por um tempo limitado, até certo ponto com sua permissão, visto que estão envolvidos sábios propósitos que Ele tem em perspectiva. Temos percebido também que apesar das trevas cobrirem a terra, e a escuridão os povos, no tempo oportuno, a luz de Deus dissipará toda a obscuridade, e a sua glória encherá toda a terra.

Observamos que este grande plano, para atingir o estágio de progresso em que se encontra, exigiu várias eras, e que ainda é necessária outra era para sua conclusão. Também que durante todas as obscuras eras passadas, quando parecia que Deus quase que havia se esquecido de suas criaturas, o plano de sua bênção futura estava desenvolvendo-se de modo silencioso, mas grandioso, ainda que, com um objetivo sábio, os mistérios de seu plano tenham sido ocultados dos homens durante essas eras. Vimos também que o dia que está para alvorecer sobre todos, vem a ser o dia do juízo ou prova para o mundo, e que toda preparação prévia tem sido feita com o objetivo de dar à

O Plano das Eras

humanidade em geral uma oportunidade tão favorável, conforme seja possível, quando então *individualmente* serão submetidos à prova para obterem a vida eterna. No longo período de seis mil anos a raça humana multiplicou-se grandemente, e suas experiências penosas e sofrimentos, sob o domínio do mal, lhes têm proporcionado uma valiosa experiência que poderão utilizar quando forem postos em juízo [julgamento]. Apesar de estar sendo permitido que a raça humana em geral sofra desta maneira durante seis mil anos, entretanto, cada um de seus membros tem percorrido sua carreira num curto espaço de tempo.

Pudemos notar que enquanto a raça humana sofria esta disciplina necessária, no tempo oportuno, Deus enviou seu Filho para resgatá-la. Embora a grande maioria da humanidade não tenha reconhecido o Redentor em sua humilhação, e não tenha acreditado que o Ungido do Senhor tivesse vindo *daquela maneira* para livrá-la, não obstante, dentre aqueles cujos corações eram inclinados a Deus e que acreditavam em suas promessas, Ele estava escolhendo durante essas idades ou eras passadas, duas classes que hão de receber as honras de seu reino — as honras de tomar parte na execução do plano divino. Notamos também que estas duas companhias escolhidas constituirão as duas fases do Reino de Deus. E por meio dos profetas nós nos inteiramos de que este reino, em breve, será estabelecido sobre a terra e que sob sua sábia e justa administração serão benditas todas as famílias da terra com uma oportunidade plenamente favorável para que provem ser dignos da vida eterna. Ademais, aprendemos que, como resultado de sua redenção por meio do precioso sangue de Cristo, será aberta uma estrada, um caminho que será chamado de o Caminho Santo, para que possam andar por ele os resgatados do Senhor (toda a humanidade — Hebreus 2:9), e que esta estrada será um caminho público, e, comparativamente, de fácil acesso para todos aqueles que ardentemente desejarem revestir-se de pureza e santidade, e que por fim, estará livre de todas as pedras de tropeço, das ciladas, das seduções e de todos os laços que terão sido removidos, para que todos os que caminharem nesta estrada

possam ser abençoados para alcançarem a perfeição e a vida eterna.

É evidente que este juízo, ou governo, não começará senão até que Cristo, que foi designado por Jeová para ser o Juiz ou Governador do mundo, tenha vindo pela segunda vez — não num estado de humilhação, mas com poder e grande glória, e nem para redimir novamente o mundo, mas para julgar [governar] o mundo com justiça. Ainda que de antemão possam ser feitos muitos preparativos para isto, não pode ser dado início a um processo antes que o juiz esteja presente e a corte em sessão na hora marcada. Então quando o Rei se assentar no trono de sua glória, e diante dele forem reunidas todas as nações, ele as julgará durante essa era de acordo com as suas obras, abrindo diante delas os livros (da Bíblia), enchendo assim a terra com o conhecimento de Jeová. Por meio da conduta que demonstrarem debaixo de toda essa graça e auxílio, ele decidirá quem serão os dignos de obterem a vida eterna nas eras de glória e alegria que virão em seguida. — Mateus 25:31; Apocalipse 20:11-13

Deste modo, notamos que a segunda vinda do Messias, para estabelecer seu reino sobre a terra, é um acontecimento acerca do qual todas as classes da humanidade podem ter esperança. É um evento que, quando for claramente compreendido, encherá todos os corações de satisfação e alegria. Este é o dia em que “o pequeno rebanho” de santos consagrados ao Senhor terão grande motivo de regozijo. É o grande dia em que, com grande alegria, a virgem desposada, a Igreja, virá a ser a Noiva, a Esposa do Cordeiro. Quando ela subir do deserto, apoiada em seu Amado, tomará posse de sua gloriosa herança. É o dia em que a verdadeira Igreja glorificada com sua Cabeça será investida de poder e autoridade divinos, dando início assim à grandiosa obra em benefício do mundo, cujo resultado será a completa restauração de todas as coisas. Também para a pobre humanidade será um dia de regozijo, no qual seu grande adversário será amarrado, sendo rompidas as correntes que por seis mil anos os têm mantido

prisioneiros, e com a terra se enchendo do conhecimento de Jeová, assim como as águas cobrem o mar.

O conhecimento destas coisas, e as evidências de que estão mesmo muito perto, às portas, deveria exercer uma poderosa influência sobre todos, especialmente sobre os filhos consagrados de Deus, que buscam o prêmio da natureza divina. A estes, que erguem suas cabeças e que se regozijam ao saber que sua redenção se aproxima, admoestamos para que deixem de lado todo o embaraço, e o pecado que tão de perto nos rodeia, e que corram com perseverança a carreira que nos é proposta, esquecendo-se de si mesmos e de suas fraquezas e imperfeições, sabendo que todas elas estão plenamente cobertas com os méritos do resgate, dado por Cristo Jesus nosso Senhor, sabendo também que seus sacrifícios e atos de abnegação são agradáveis a Deus apenas por meio de nosso Senhor e Redentor. Lembremo-nos de que o poder suficiente que Deus nos tem prometido, por meio do qual, através de seu uso, poderemos chegar a ser “vencedores”, está provido em sua Palavra. É um poder derivado do *conhecimento* de seu caráter, de seus planos e das condições sob as quais poderemos participar neles. Pedro o expressa dizendo: “Graça e paz vos sejam multiplicadas, pelo *conhecimento* de Deus, e de Jesus nosso Senhor; visto como o seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade, *pelo conhecimento* daquele que nos chamou pela sua glória e virtude; pelas quais ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que POR ELAS fiquéis participantes da natureza divina.” — 2 Pedro 1:2-4

Mas para se obter este conhecimento e poder, que Deus está disposto a proporcionar a todo aquele que corre em busca do prêmio celestial, será posta à prova a sinceridade de nossos votos de consagração. Se haveis consagrado ao Senhor todo o vosso tempo e todas as vossas aptidões, agora a questão é: Quanto lhe estais dando? Ainda quereis, de acordo com vosso pacto de consagração, abandonar tudo — vossos planos e métodos, vossas teorias e as teorias de outros — para, em troca, aceitar o plano de Deus, seu tempo e sua maneira para concluir esta grandiosa obra?

Pensamentos Finais

Quereis fazer isto mesmo às custas das amizades terrestres e dos laços sociais? Do tempo que poderias empregar em outros assuntos, quereis dedicar parte dele para a investigação destes temas gloriosos que tanto alentam o coração dos verdadeiros consagrados, apesar de saber que custará certas privações? Se não haveis consagrado tudo, ou se ao fazê-lo pensastes cumpri-lo pela metade, não sentireis prazer em dedicar o tempo e o esforço necessário para pesquisar diligentemente sua Palavra como quem busca um tesouro escondido, para assim obter o poder indispensável para superar todas as provas de fé peculiares ao tempo atual (a aurora do Milênio), que superam as provas de qualquer outro tempo.

Mas não creiais que a oferta terminará com a dedicação do tempo e energia necessários para este estudo: algo mais é requerido. Será posta à prova a sinceridade de vosso próprio sacrifício, para saber se sois dignos ou indignos de ser membros desse “pequeno rebanho”, a Igreja vencedora, que receberá as honras do reino. Se estudardes a Palavra de Deus diligentemente, e receberdes suas verdades com um coração nobre, sincero e consagrado, isso gerará em vós tal amor para com Deus e seu plano, e tal desejo de anunciar as boas novas, de proclamar o Evangelho, que esta será vossa única motivação, o motivo que absorverá o resto de vossa vida. E isto, não somente vos separará *em espírito* do mundo e de muitos cristãos nominais, mas também vos separará deles totalmente. Eles pensarão que sois cismáticos e se afastarão da vossa companhia, sendo rejeitados e considerados como loucos por amor de Cristo; porque eles não nos conhecem, assim como tampouco conheceram o Senhor. 2 Coríntios 4:8-10; Lucas 6:22; 1 João 3:1; 1 Coríntios 3:18

Quereis prosseguir em conhecer ao Senhor mesmo através de boa ou má reputação? Quereis abandonar tudo e seguir por onde quer que Ele vos guie com sua Palavra? Quereis deixar de satisfazer os desejos de vossos amigos e vossos próprios anelos? Esperamos que muitos dos consagrados em cujas mãos chegue este volume, ao lê-lo, se sintam avivados com novo zelo e fervor

O Plano das Eras

de espírito, por meio de uma compreensão mais clara do plano divino, podendo dizer: “Pela graça de Deus, seguiremos conhecendo e servindo ao Senhor, sem retroceder diante das coisas que este sacrifício implique”. Como os nobres discípulos de Beréia (Atos 17:11), que estes se dediquem com constância a examinar o que foi apresentado nas páginas anteriores. (Fazendo-o no espírito dos discípulos de Beréia, pois este volume os bereanos não leram, embora tenham examinado o Antigo Testamento, do qual muitos dos ensinamentos estão neste volume.) Que o examinem e provem, não por meio das tradições contraditórias e dos credos humanos, mas com o único, inequívoco e divino fundamento no qual toda fé deve basear-se — a Palavra do próprio Deus. Com o objetivo de facilitar tal investigação é que temos citado tantos textos da Bíblia.

Será inútil procurar harmonizar o plano divino demonstrado aqui com muitas das ideias previamente sustentadas, que eram tidas como estando baseadas na Bíblia, embora nunca tenham sido provadas como tais. Cada um pode observar que o plano divino está completo e em harmonia consigo mesmo em cada uma de suas partes, e que está em perfeito acordo com o caráter que as Escrituras atribuem ao seu grande Autor. Esta é uma demonstração maravilhosa de sabedoria, justiça, amor e poder. Leva consigo as evidências de um desígnio sobre-humano, sobrepujando o poder da inventividade humana, e, quase que, muito além do entendimento humano.

Não há dúvida de que surgirão perguntas acerca de certos pontos, exigindo uma solução de acordo com o plano aqui apresentado. Um cuidadoso estudo da Bíblia solucionará imediatamente muitas destas perguntas, e confiantemente podemos dizer a cada um: Nenhuma pergunta que alguém possa fazer ficará sem uma resposta satisfatória e em completa harmonia com as opiniões que temos apresentado neste livro. Os volumes subsequentes desenvolverão as diferentes ramificações deste plano, exibindo a cada passo a harmonia sem par da qual só a *verdade* pode jactar-se. E que isto fique bem claro: Que nenhum

outro sistema de teologia pretende ou tem intentado harmonizar consigo mesmo *tudo* o que a Bíblia nos ensina. No entanto, nada menos do que isso tencionamos com as opiniões expostas aqui nesta obra. Esta harmonia, não somente com a Bíblia, mas também com o caráter de Deus e com o senso comum santificado, sem dúvida alguma, haverá de atrair a atenção do leitor consciencioso, enchendo-o de admiração, ao mesmo tempo de esperança, e de uma confiança absoluta. Certamente que isso é maravilhoso, mas é precisamente o que deveríamos esperar da VERDADE e do infinitamente sábio e benéfico plano de Deus.

Embora a Bíblia esteja sendo dada a conhecer sob este ponto de vista, e continue trazendo à tona coisas maravilhosas à luz do dia atual (Salmo 119:18), ao resplandecer sobre os diferentes credos e tradições dos homens, produz nestes um efeito contrário. Até mesmo os seus próprios apoiadores os reconhecem como sendo disformes e imperfeitos, embora prefiram apoiá-los ou ignorá-los, e que por causa da vergonha que estes credos lhes causam, tratam deles muito raramente. Muitos têm estendido esta vergonha até mesmo à própria Bíblia, crendo que ela apóia os credos e tradições humanas, sustentando semelhantes ideias deturpadas como se fossem de origem divina. Em consequência, vemos a liberdade com a qual vários dos chamados pensadores avançados começam a negar certas partes da Bíblia como não estando de acordo com o seu ponto de vista pessoal. Quão surpreendente, pois é a providência divina que, ao mesmo tempo em face de tais atitudes, abre diante de nossos olhos este plano verdadeiramente glorioso e totalmente harmônico — um plano que não rejeita parte alguma da Bíblia, mas antes, reúne toda ela em perfeita harmonia. A verdade, quando enviada ao seu tempo devido, se transforma em *sustento* para a família da fé, fornecida com o objetivo de que esta família possa avançar e crescer. (Mateus 24:45) Quando passamos a compreender o caráter da verdade, devemos entender que, todo aquele que entra em contato com ela adquire uma responsabilidade correspondente. Receba-a bem procurando agir em conformidade com ela, ou rejeite-a desprezando-a. Passá-la por alto não nos exime da

O Plano das Eras

responsabilidade. Se a aceitamos, também nos pomos em responsabilidade PARA COM ELA, porque ela é para TODA a família da fé, e todo aquele que a recebe, torna-se o seu devedor. E se desejas ser um servo fiel, debes disseminá-la aos demais membros da família de Deus. Resplandeça a vossa luz! Portanto, se a luz que em há ti são trevas, quão grandes são tais trevas! Ponde a luz no alto! Erguei o estandarte aos povos!



ÍNDICE DOS TEXTOS BÍBLICOS CITADOS NOS ESTUDOS DAS ESCRITURAS, SÉRIE I

GÊNESIS		19:17.....55	15:3.....111
1:26, 31.....174	19:32.....53	I REIS	
1:27.....171	19:33, 34.....50, 53	18:4, 10, 17, 18.....54	
2:4.....139	24:22.....50	18:40.....55	
2:9, 16, 17.....209	25:9, 13-23, 27-30.....50	19:10.....54	
2:17.....140, 154	25:36, 37.....50	I CRÔNICAS	
3:15.....57, 98	26:14-16.....50	16:16, 17.....78	
3:22.....120, 209	NÚMEROS		16:31-34.....147
5.....160	11:16, 17, 24-30.....47	29:23.....248	
5:1.....201	26:52-56.....50	II CRÔNICAS	
7:13.....221	DEUTERONÔMIO		13:8.....248
12:3.....58	1:15.....47	NEEMIAS	
13:14-17.....293	1:16, 17.....49	2:17.....125	
18:1, 2.....183	1:17.....48	6:7.....55	
18:18.....58	5:1-5.....55	JÓ	
19:24.....110	9:9-11.....53	14:10, 21.....209, 210	
19:36-38.....42	12:19.....52	38:7.....220	
22:18.....58	14:27.....52	SALMOS	
26:4.....58	18:15.....78	1:1.....25	
38.....43	18:15, 19.....58	2:1-6, 10-12.....272	
49:10.....43	22:10.....51	2:8.....308	
49:28.....78	24:14, 15.....53	2:8-12.....256, 303	
ÊXODO		5:4.....118	
5:4-23.....336	25:4.....51	8:4-8.....191	
12:30-33.....336	26:5.....78	8:5.....175	
12:49.....50	28:1-14.....125	8:5, 6.....247	
18:13-26.....47	28:15-32.....125	8:5-8.....174, 179	
19:17-25.....55	31:9-27.....43	10:6.....125	
21:26, 27.....53	31:10-13.....50	11:5-7.....303	
22:21-24.....53	JOSUÉ		16:10.....58
22:25.....50	23:6-11, 12, 16.....125	17:15.....222	
23:4, 5.....51	JUÍZES		24:3, 4.....301
23:9.....53	3:9-11.....142	25:14.....171	
23:12.....51	6:11, 12.....183	27:5.....125	
24:12.....53	13:20.....183	30:5.....9	
26:30.....53	I SAMUEL		34:7.....182
LEVÍTICO		10:19.....125	34:13, 14.....309
1:1.....54	8:6-22.....48		
19:13.....53	10:19.....125		
19:14.....53			

Índice de Textos

34:19.....	125
34:20.....	58
37:9.....	67
37:35.....	68
39:11.....	209
41:1.....	125
45:7.....	303
45:16.....	294
46:1-5.....	323
46:6.....	323
46:6-10.....	323
46:8-10.....	333
48:2.....	295
49:7, 15.....	172
49:14.....	60, 303
50:3.....	323
50:5.....	142
72:7.....	67
72:8.....	283
76:10.....	250
77:18.....	171
78:70, 71.....	248
88:3.....	125
89:32.....	303
91.....	338
94:13.....	125
97:2-6.....	323
97:11.....	20
98:9.....	143
107:26.....	125
107:39.....	125
110:1.....	92
110:2-6.....	323
110:5.....	308
112:6.....	291
119:18.....	349
119:105.....	20
141:5.....	125
149:8, 9.....	261

PROVÉRBIOS

4:18.....	20
15:3.....	145

ECCLESIASTES

1:4.....	69
7:14.....	125

7:29.....	171
9:10.....	106, 210
11:3.....	105
12:14.....	145

ISAÍAS

1:18.....	20, 58
1:19.....	67
1:26.....	294
2:3.....	256, 297
8:20.....	163
11:9.....	75, 217, 302
13:1-11.....	324
14:14.....	189
14:24-27.....	66
19:22.....	256
21:12.....	21
26:9.....	342
28:17.....	303
28:21.....	61
32:1.....	269
33:2-14, 15-24.....	338
35:1-6.....	161
35:8.....	215
35:8, 9.....	205, 215
35:9.....	217
35:10.....	218
40:5.....	59
42:1-7.....	59
42:7.....	25
45:7.....	125
45:11, 12, 18.....	191
45:17.....	67
46:9-11.....	66
49:6.....	59
52:7.....	342
52:9.....	297
53:4.....	230
53:3-6.....	58
53:8, 9, 11.....	58
53:11.....	132
53:12.....	58
55:8, 9.....	10
55:11.....	95
60:2,3.....	18
61:1.....	112
61:2.....	218, 308

62:10.....	217
63:1-4.....	308
65:18.....	297
65:20.....	144, 242
66:10-12.....	297

JEREMIAS

3:17.....	297
3:22, 23.....	256
16:19.....	59
24:5-7.....	109
30:18.....	294
31:28.....	109
31:29, 30.....	109, 143
31:29-34.....	333
31:31.....	142
31:34.....	75, 215
32:40-42.....	109
33:6-16.....	109
38:6.....	54
48:16.....	125
51:2.....	125

LAMENTAÇÕES

1:21.....	125
-----------	-----

EZEQUIEL

7:10-19.....	315
11:19.....	333
16:48-54, 55.....	112
16:48-63.....	111
18:4.....	128, 143
21:25-27.....	248
36:25, 36.....	333
36:26.....	310
37:11-14.....	108

DANIEL

2:31-45.....	252
2:35.....	260
2:37-43.....	252, 253
2:44.....	262, 270, 308
2:43, 44, 45.....	254, 255
4:32.....	274
7:2-7.....	257
7:7, 8.....	258
7:9, 13, 14, 22, 27.....	308
7:11, 12.....	260

Índice de Textos

7:13, 27.....	261
7:14, 17, 27.....	270
7:27.....	283
9:24-27.....	223
9:26.....	58
10:6, 10, 15, 17.....	183
10:13.....	184
12:1.....	307
12:1, 4, 10.....	168
12:3.....	291, 292
12:4, 1.....	337

OSÉIAS

6:1.....	256
14:4.....	256

JOEL

2:9-16.....	324
-------------	-----

AMÓS

3:2.....	97, 221
3:6.....	125

MIQUÉIAS

5:2.....	58
----------	----

HABACUQUE

2:1-3, 13, 14.....	61
3:2-11.....	61

SOFONIAS

1:7-9, 14-18.....	315
2:2, 3.....	334
3:8, 9.....	316, 333

AGEU

2:7.....	266
----------	-----

ZACARIAS

1:15.....	125
9:11.....	112
11:12.....	58
14:1, 6, 7.....	61
14:9.....	303

MALAQUIAS

1:11.....	59
3:1-3.....	320
3:15.....	67, 257
3:15, 18.....	217
4:1.....	69, 319
4:2.....	210, 322

MATEUS

1:2-16.....	42
1:21.....	107
3:2.....	273
3:16, 17.....	179
4:9.....	251
4:17.....	273
5:35.....	295
7:13, 14.....	205
7:15.....	55
8:16, 17.....	230
8:22.....	150, 289
10:5, 6.....	72, 97
10:7.....	273
10:26.....	303
11:23, 24.....	110
12:40.....	61
13:43.....	86, 322
13:38, 39, 41, 49.....	237
13:41-43.....	239
13:52.....	24
14:5.....	55
15:2-9.....	55
15:24.....	72, 97
16:27.....	103
19:30.....	293
22:21.....	266
22:37-39.....	309
22:37-40.....	247
23:38.....	72, 223
24:14.....	91
24:21, 22.....	307
24:38, 39.....	61
24:45.....	349
24:45, 46.....	319
25:31.....	345
25:31-46.....	138, 144
25:34.....	305
25:46.....	291
26:64.....	93
28:18.....	289
28:20.....	89

MARCOS

3:22-27.....	69
5:30.....	230
10:23.....	284

12:30, 31.....	45
----------------	----

LUCAS

2:1.....	253
2:10.....	104
2:10, 11.....	107
2:32.....	59
3:14.....	341
3:15.....	273
3:17, 21, 22.....	229
3:22.....	224
3:23, 31, 33, 34.....	42
3:38.....	225
4:1, 18.....	224
4:19.....	218
4:43.....	274
6:19.....	230
6:22.....	347
8:1.....	274
8:10.....	128
9:2.....	273
10:27.....	136
12:32.....	72, 235, 274
12:42.....	24
12:47, 48.....	303
13:30.....	293
14:11.....	189
14:23.....	195
16:16.....	277, 293
17:20-30.....	276
17:26.....	61
17:29.....	110
19:10.....	177
19:11.....	274
19:11-15.....	283
19:12.....	249
19:44.....	79
21:24.....	249
21:26.....	333
21:34, 35.....	90
22:29, 30.....	274
24:21.....	80
24:21, 25-27.....	274

JOÃO

1:9.....	104
1:14.....	178

Índice de Textos

1:18.....	288	10:28.....	27	8:33, 34.....	157
1:29.....	103, 157	10:37, 38.....	223	9:16.....	190
3.....	277	10:38.....	81, 224	9:20, 21.....	190
3:5, 6.....	278	10:45.....	224	9:20.....	187
3:6.....	182	11:1-3.....	27	10:13, 14.....	101
3:8.....	231	11:1-18.....	59	11:2.....	108
3:13.....	282	11:9.....	80	11:17.....	292
3:16.....	104	15:6.....	278	11:22.....	278
3:17.....	255	15:14.....	92	11:23, 24.....	299
3:36.....	107	15:14-16.....	81	11:25, 26.....	108
5:22.....	137, 142	17:11.....	348	11:25-33.....	300
5:26.....	186, 187, 211	17:31.....	137, 139	11:26-29.....	113
5:28, 29.....	147	24:25.....	309	11:28-33.....	108
5:44.....	214	26:9.....	12	12:1.....	142, 196, 226, 237, 294, 309
12:31.....	250			12:2.....	198, 269
14:3.....	89	ROMANOS		13:1.....	250, 252
14:26.....	80	1:28.....	263, 308	13:1-7.....	266
14:30.....	68, 250	2:6, 10, 11.....	298	13.....	247
15:5.....	82	2:14.....	101	14:9.....	142, 149
16:8-11.....	309	3:10.....	20	14:14, 17.....	284, 285
16:12, 13.....	22, 80	3:10, 19, 20.....	101	15:4.....	252
16:13.....	11	5:1, 8.....	232	16:20.....	98, 306
16:33.....	214	5:10, 12, 17-19, 21.....	162		
17:5.....	203	5:12.....	171	I CORÍNTIOS	
17:16.....	269	5:12, 17-19.....	124, 128	2:6-14.....	84
17:22.....	211	5:14.....	124	2:7.....	306
19:36.....	58	5:17.....	61	2:8.....	iii, 85
20:19, 26.....	231	5:17-19.....	58, 131, 300	2:13.....	182
		5:18, 19.....	108, 156, 177	2:14.....	181
ATOS		6:8.....	202, 213	3:11.....	295
1:6.....	93	6:10, 11.....	197	3:12-15.....	320
1:6, 7.....	80, 275	6:23.....	128	3:18.....	347
2:31.....	58	8:9.....	227	4:5.....	21
3:17.....	iii	8:11.....	197	4:8.....	286
3:20.....	154	8:13, 14.....	213	4:10-17.....	287
3:19-21.....	73, 108, 162, 191, 222	8:17.....	59, 86, 196, 212	5:5.....	214
3:20, 21.....	89	8:18.....	292	6:2.....	146
3:21.....	94, 241	8:19.....	306	6:3.....	289
3:22.....	78, 243	8:19-22.....	88, 162	12:12-28.....	82
3:23.....	107, 243, 303	8:21.....	302	14:1-6.....	55
4:12.....	101	8:21, 22.....	147	15:13-22.....	60
4:19.....	266	8:22, 19.....	98, 251	15:21.....	178
5:29.....	266	8:23-25.....	197	15:22.....	106, 129
5:31.....	142	8:24.....	107	15:24.....	305
7:5.....	293	8:28-31.....	193	15:25.....	144
9:7.....	184	8:30.....	194	15:25, 26.....	121, 222
		8:31-34.....	295		

Índice de Textos

15:25-28..... 305	2:7..... 219	2:12..... 196, 288
15:27..... 261	2:7-12..... 292	2:13..... 118
15:28..... 308	2:8..... 100	3:1-4..... 90
15:38, 44..... 191	2:19..... 267	3:1, 13..... 75
15:38-49..... 181	3:4-6..... 26	3:12..... 68
15:44, 52..... 200, 235	3:9..... 88	3:13..... 90
15:49..... 198	4:11-16..... 12	3:15..... 21
15:53, 54..... 186	5:25-30..... 82	3:15-17..... 25
	6:12..... 68	4:8..... 215, 287
II CORÍNTIOS	FILIPENSES	TITO
1:21..... 81	2:7, 8..... 178	1:12..... 55
3:6..... 305	2:8, 9..... 84, 178, 179	HEBREUS
4:8-10..... 347	2:10..... 283, 289	1:3..... 211
4:17..... 211	3:8-15..... 218	1:3-5..... 176
5:14..... 289	3:21..... 92	1:4..... 203
5:17..... 227	4:11..... 341	1:9..... 303
6:1..... 236	COLOSSENSES	1:14..... 182
6:2..... 139	1:18..... 82, 197	2:5..... 67, 220
8:12..... 143	1:20..... 289	2:7..... 175
11:3..... 61	1:26..... 77	2:7-9..... 179
11:14..... 259	1:27..... 81, 211	2:9..... 97, 104, 344
12:2-4..... 70	3:4..... 86	2:14..... 121, 187
12:4..... 27	I TESSALONICENSES	2:16..... 178
12:7..... 68	2:16..... 229	3:1..... 222
12:9..... 214	5:2, 3..... 334	3:5, 6..... 145
GÁLATAS	II TESSALONICENSES	3:8, 9..... 139
1:4..... 67	2:13..... 299	4:1..... 195
2:2..... 27	2:14..... 211	5:14..... 24
2:2, 12, 14..... 80	I TIMÓTEO	6:4-8..... 321
2:11-14..... 27	2:3-6..... 126	6:6..... 198
3:15-18..... 84	2:4..... 106	6:18..... 118
3:16..... 84	2:4-6..... 131	7:19..... 225, 229
3:27, 29..... 85	2:5, 6..... 104	9:11..... 301
3:29..... 82, 97, 294	2:6..... 178	9:11-20..... 79
4..... 85	2:14..... 61, 123, 124	10:1..... 222, 229
4:28..... 85	4:10..... 106	10:4..... 221
EFÉSIOS	5:24..... 145	10:8-18..... 79
1:4, 5..... 193	6:6-12..... 341	10:16..... 142
1:9, 10, 17, 18..... 26	6:14-16..... 210	10:20..... 207
1:10..... 219, 242, 289	6:15..... 139	10:26-31..... 321
1:11..... 73, 167	6:16..... 186, 288	10:31..... 305
1:13, 14..... 197, 202	II TIMÓTEO	10:38, 39..... 107
1:14..... 247	1:10..... 22, 204, 206	11:13, 39, 40..... 293
1:20, 21..... 134	2:11, 12..... 86, 212	11:19..... 155
1:22..... 82		11:32-38..... 54
2:2..... 68, 250		

Índice de Textos

11:39, 40.....	288
11:40.....	93
12:1.....	25
12:26-29.....	321
13:5.....	341

TIAGO

1:18.....	194, 196
2:5.....	284
2:10.....	101
2:23.....	228
4:4.....	214
5:1-4.....	314
5.....	303

I PEDRO

1:2.....	299
1:3.....	80, 196
1:10.....	84
1:10-13.....	26
1:11.....	79
1:12.....	13, 57
1:12, 13.....	319
1:19.....	103
2:2.....	24
2:4-6.....	83
2:9.....	81
2:21.....	196
3:15.....	25
3:18.....	156
3:20.....	61
5:4.....	215
5:5, 6.....	84
5:10.....	211

II PEDRO

1:2-4.....	346
1:1-4.....	186, 196, 203, 222
1:5-11.....	321
1:10, 11.....	284
1:19.....	25
2:1.....	55
2:9.....	103
2:16.....	61
3:6.....	67
3:6,7.....	319
3:7.....	67

3:10-13.....	319
3:10,13.....	335
3:13.....	67

I JOÃO

1:9.....	157
2:1.....	137
2:2.....	157
2:15.....	214
2:27.....	81
2:29.....	278
3:1.....	85, 278, 347
3:2.....	182, 200, 211
3:9.....	278
4:7.....	278
4:8.....	104
5:1,18.....	278
5:18.....	196

JUDAS

11.....	61
23.....	320

APOCALIPSE

1:3.....	28
1:7.....	90
2:10.....	284
2:26, 27.....	256, 303
3:17, 18.....	287
3:21.....	91, 223, 256, 288
4:11.....	118
5:12.....	60
7:9-17.....	214
7:14, 15.....	241
10:7.....	87
11:15.....	68
11:17, 18.....	324
11:18.....	94
12:9.....	61, 258
14:1.....	195
14:14.....	238
16:17-20.....	336
17:2.....	268, 270
17:3-5.....	268
17:14.....	195, 270
18:7.....	268
18:21.....	313
19:6, 7, 9.....	240, 241

19:7.....	87, 98
19:11-19.....	270
19:15, 19.....	324
19:17.....	315
20:1-3.....	324
20:2.....	61, 69
20:3.....	146
20:4.....	73, 91
20:5.....	288
20:6.....	197, 285, 288
20:9.....	242, 291, 303, 320
20:11-13.....	345
20:15.....	144
21:1.....	70
21:3-5.....	162
21:4.....	73, 192
21:8.....	107, 144
21:24-26.....	296
22:12-20.....	90
22:17.....	97, 98, 157

Publicações a Aurora disponíveis em português

Solicite estas publicações abaixo que o ajudarão a encontrar um significado mais profundo nas páginas de sua Bíblia:

Esperança para Um Mundo Cheio de Temor

Nos tempos atuais, a humanidade se pergunta acerca de seu futuro. Serei destruído? Este livreto de 32 páginas mostra como as Escrituras proveem a promessa de uma verdadeira esperança de vida e paz para toda a humanidade.

Deus e a Razão

Este livreto de 108 páginas tem por objetivo ajudar aos que se esforçam em dar-se conta do significado da presente angústia no mundo e seu resultado final. Hoje em dia há muitas pessoas sustentando que, para nós, a única salvação é nos voltarmos para Deus e a Bíblia. "Deus e a Razão" indica o que isso significa e destaca as promessas divinas que afirmam que está se aproximando o tempo quando Deus implantará na terra ordem e paz, e que a saúde e a vida eterna eliminarão as enfermidades e a morte.

Por que Deus Permite o Mal?

Este livreto explica por que Deus permite o mal na Terra, e indica também o remédio provido pelo Todo-poderoso, por meio de Cristo Jesus, para salvar a humanidade de sua triste condição, conduzindo-a a um novo mundo ou ordem de coisas, aqui na Terra, na qual será possível obter harmonia com Deus e alcançar vida eterna numa Terra perfeita, usufruindo saúde e regozijo eternos.

O Plano Divino das Eras

Todos os planos humanos têm falhado, porém Deus tem um Plano! Este livro, baseado na Bíblia, enfatiza de que maneira Deus se propõe a cumprir seu Plano Divino para a humanidade. Escrito por Charles T. Russell, "O Plano Divino das Eras", enriquecerá sua fé e seu conhecimento acerca dos propósitos de Deus nas suas 356 páginas.

Sombras do Tabernáculo dos "Melhores Sacrifícios"

Este livro de 101 páginas apresenta o significado dos serviços sacrificiais do Tabernáculo erguido por Moisés. Com perguntas para estudo pessoal ou em grupo.

O Reino Milenar de Cristo

Leia a respeito do glorioso plano de Deus de restaurar a Terra e a todos os seus habitantes à beleza e à perfeição como no princípio neste livreto de 45 páginas.

ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DA BÍBLIA AURORA

199 Railroad Avenue, East Rutherford, NJ 07073, USA

www.dawnbible.com

e-mail: dawnbible@aol.com

